

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

CRISTIANE SILVA FONTES

O PROCESSO DE (RE)TRADUÇÃO:  
UM ESTUDO QUALI-QUANTITATIVO BASEADO  
EM UM EXPERIMENTO NO PAR INGLÊS/PORTUGUÊS

BELO HORIZONTE/MG

2020

CRISTIANE SILVA FONTES

O PROCESSO DE (RE)TRADUÇÃO:  
UM ESTUDO QUALI-QUANTITATIVO BASEADO  
EM UM EXPERIMENTO NO PAR INGLÊS/PORTUGUÊS

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Linguística Aplicada  
Linha de pesquisa: Estudos da Tradução

Orientadora: Prof. Dra. Adriana Silvina Pagano  
Coorientador: Prof. Dr. Igor A. Lourenço da Silva

BELO HORIZONTE – MG

2020

Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário Israel José da Silva – CRB/6 - 2128

F683p Fontes, Cristiane Silva.  
O processo de (re)tradução [manuscrito : um estudo quali-quantitativo baseado em um experimento no par inglês-português / Cristiane Silva Fontes. – 2020.  
293 f., enc. : il., tabs., grafs., p&b., color.  
Orientadora: Adriana Silvina Pagano.  
Coorientador: Igor A. Lourenço da Silva.  
Área de concentração: Linguística Aplicada.  
Linha de pesquisa: Estudos da Tradução.  
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.  
Bibliografia: f. 204-212.  
Anexos: f. 213-227.  
Apêndices: f. 229-293.

1. Tradução e interpretação – Teses. 2. Cognição – Teses. I. Pagano, Adriana Silvina. II. Silva, Igor Antônio Lourenço da. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. IV. Título.

CDD : 418.02



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

### FOLHA DE APROVAÇÃO

**O PROCESSO DE (RE)TRADUÇÃO: UM ESTUDO QUALI-QUANTITATIVO BASEADO EM UM  
EXPERIMENTO NO PAR INGLÊS-PORTUGUÊS**

**CRISTIANE SILVA FONTES**

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDO LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA APLICADA, linha de pesquisa Estudos da Tradução.

Aprovada em 13 de agosto de 2020, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Adriana Silvina Pagano - Orientadora

UFMG

Prof(a). Igor Antônio Lourenço da Silva - Coorientador

UFU

Prof(a). Gleiton Malta Magalhães

UnB

Prof(a). José Luiz Vila Real Gonçalves

UFOP

Prof(a). Kícila Ferregueti de Oliveira

UFMG

Prof(a). Norma Barbosa de Lima Fonseca

IFSP-Sorocaba



Belo Horizonte, 13 de agosto de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Igor Antônio Lourenço da Silva, Usuário Externo**, em 13/08/2020, às 19:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gleiton Malta Magalhães, Usuário Externo**, em 13/08/2020, às 19:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **José Luiz Vila Real Gonçalves, Usuário Externo**, em 13/08/2020, às 19:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Kicila Ferre g u e t t i de Oliveira, Professora Magistério Superior-Substituta**, em 13/08/2020, às 20:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Norma Barbosa de Lima Fonseca, Usuário Externo**, em 13/08/2020, às 21:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Silvina Pagano, Professora do Magistério Superior**, em 13/08/2020, às 22:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0198530** e o código CRC **AD6F1B44**.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por ter me dado força, coragem e perseverança para superar tantas dificuldades e completar esta jornada. Afinal, foram cinco anos, quase 22 mil quilômetros rodados e infinitas horas de estudo e dedicação.

Aos meus orientadores, Profa. Dra. Adriana Pagano e Prof. Dr. Igor A. L. Da Silva, quero deixar uma palavra de gratidão, por toda paciência, generosidade, empenho, profissionalismo, humildade e dedicação com que me guiaram por todo esse tempo. Não há palavras que expressem tudo o que vocês significam na minha vida profissional e acadêmica. Muito obrigada por compreenderem minhas falhas, muitas das quais são frutos de noites sem dormir e de uma fadiga física, mental e emocional.

Aos meus pais, Carlos e Gessi, que de uma forma ou de outra se fizeram presentes e me incentivaram bastante.

Às minhas irmãs, Fá e Pri, que, acompanharam tudo de perto e suportaram todos os momentos de estresse. Vocês fazem parte desta vitória!

Ao meu irmão Leonardo e minha cunhadinha Bebela, muito obrigada por me acolherem com tanto carinho, me hospedarem e terem feito minhas quintas-feiras mais leves, sempre com um jantarzinho delicioso e muita conversa boa. Serei eternamente grata por tudo que fizeram por mim.

Ao André, por ser muito mais que meu marido. Obrigada pela amizade e companheirismo, por estar sempre ao meu lado, com uma palavra de incentivo e carinho, mesmo quando nem eu me aguentava.

Ao meu bebê Theo, que, com tão pouca idade, suportou a ‘ausência’ e a impaciência da mamãe. Em breve serei todinha sua.

À minha tia Iraí, sou grata pela companhia nas viagens a BH. Sei que eram simplesmente para eu não ir sozinha. Sua presença me acalmava bastante.

À minha cunhadinha Dany, agradeço as longas conversas e desabafos. Obrigada pelas experiências compartilhadas e por ter me dado tanta força. Agora, sim, está acabando, Dany!

Aos amigos do LETRA, meu muito obrigada pela ajuda, acolhimento e apoio. Obrigada pelas conversas, pelos cafés e por acalmar meu coração quando eu achava que não iria conseguir. Com vocês aprendi muito, principalmente que conhecimento vale mais quando compartilhado.

À querida Norma, mal posso expressar agradecimentos por toda sua disponibilidade em contribuir com este estudo e com minha formação. Obrigada pelo carinho, pelos bolos maravilhosos, por compartilhar todos os sentimentos e momentos que experienciamos durante um doutoramento. Você é uma amiga para a vida!

A todos os voluntários que se disponibilizaram para as coletas e tornaram possível este estudo.

Ao companheirismo e compreensão de todos meus alunos, familiares e amigos (em especial à Maria Ângela), que sempre estiveram na torcida, ajudando cada um à sua maneira.

À FALE/UFMG, por ter me proporcionado um ambiente de pesquisa público e de qualidade.

Ao IFMG, que me proporcionou momentos de dedicação exclusiva ao doutorado.

Enfim, agradeço a todos que mesmo de longe torceram pelo meu sucesso.

## RESUMO

Esta tese, desenvolvida no Laboratório Experimental de Tradução (LETRA), da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), afilia-se ao campo disciplinar dos Estudos da Tradução, mais especificamente aos estudos descritivos orientados ao processo (HOLMES, 1972). Busca, por meio de estudo experimental, abordar a (re)tradução, entendida como uma tarefa de produção textual numa língua de chegada a partir dos subsídios fornecidos por um texto em uma língua de partida e por tradução(ões) prévia(s) desse mesmo texto na língua de chegada. A pesquisa toma como ponto de partida o trabalho seminal de Malta (2015), que propõe um modelo de (re)tradução baseado nos resultados de uma análise agregada dos dados de dispêndio de esforço cognitivo e transição do olhar pelos insumos fornecidos (*i.e.*, texto-fonte, tradução prévia 1 e tradução prévia 2) e pelo texto-alvo em produção durante o processo de (re)tradução. O objetivo é testar – com base em uma amostra no par linguístico inglês/português brasileiro e a partir de uma análise qualitativa dos dados agregados e individualizados de participantes – o modelo de (re)tradução de Malta (2015). Foram coletados e analisados dados de desempenho/comportamento e de alocação de esforço cognitivo de oito tradutores profissionais e oito estudantes de tradução na execução de uma tarefa de (re)tradução. Os métodos e instrumentos de coleta de dados foram: rastreamento ocular; registro de acionamentos de teclado e *mouse*; e protocolos retrospectivos livres e guiados. Os textos utilizados como insumo foram o excerto inicial do romance *Emma*, de Jane Austen (1815), originalmente escrito em inglês, e duas traduções desse excerto previamente publicadas para o português brasileiro. Foram investigados, de formas individual e agregada, a distribuição da atenção visual, o fluxo de processamento e a alocação de esforço cognitivo de cada participante com base em número de visitas; percentual de tempo para execução da tarefa; transições visuais entre áreas de interesse; e contagem, duração média e tempo total das fixações. Os resultados corroboraram parcialmente o modelo de Malta (2015). Considerando-se os dados agregados, observaram-se maior atenção visual e maior esforço cognitivo no texto-alvo. Não obstante, considerando-se a análise segregada dos dados, constatou-se uma necessidade de atualização do modelo de (re)tradução, o qual originalmente tem início no texto-fonte; com base nos dados de cinco participantes, observou-se a necessidade de conferir às traduções prévias igual possibilidade de antecedência no fluxo de processamento da informação para fins de (re)tradução. Os resultados desta pesquisa têm potencial de lançar luz tanto sobre a (re)tradução quanto sobre o processo de tradução e revisão em geral.

**Palavras-chave:** processo tradutório, (re)tradução, esforço cognitivo, rastreamento ocular, inglês/português.

## ABSTRACT

This dissertation, carried out at the Laboratory for Experimentation in Translation (LETRA), at Faculdade de Letras (FALE), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), is affiliated to the discipline of Translation Studies, more specifically to process-oriented, descriptive translation studies (HOLMES, 1972). It builds on an experimental study to approach (re)translation, i.e., a task of text production in a target language based on two types of inputs, a text in a source language and previous translation(s) of that text in the target language. This study draws on Malta's (2015) seminal research which posits a (re)translation model based on the results of an aggregate analysis of data on the allocation of cognitive effort and processing flow across the inputs provided (i.e., source text, previous translation 1, and previous translation 2) and the target text that emerged during the (re)translation processes. This study aims to test Malta's (re)translation model based on a sample involving the English - Brazilian Portuguese language pair and based on a qualitative and quantitative analysis of the participants' aggregate and individual data. To this end, data collection and analysis targeted the performance/behavior and the allocation of cognitive effort data of eight professional translators and eight translation students while performing a (re)translation task. The methods and instruments of data collection included: eye tracking, keylogging, and free and guided retrospective protocols. The texts used as input were an excerpt from Jane Austen's novel *Emma* (1815) and two of its published translations in Brazilian Portuguese. Aggregate and individual analyses targeted the participants' distribution of visual attention, processing flow and allocation of cognitive effort based on metrics used in translation process research, namely: number of visits; percentage to total task time; visual transitions across areas of interest; and fixation counting, average duration and total time. The results partially corroborate Malta's model for aggregate analysis of the data; however, the qualitative analysis of the non-aggregated data pointed to translator behaviors absent or even unaccounted for in his model. The aggregate analysis showed that visual attention and cognitive effort are higher for processing the target text, followed by the source text and the previous translations in this order, which is consistent with Malta (2015). However, the non-aggregate analysis pointed to the need to refine the (re)translation model, which originally starts from the source text; based on data of five participants, the previous translations proved to be as relevant as the source text in the information processing flow for (re)translation purposes. The results have the potential to shed light on both (re)translation and translation and revision processes in general.

**Keywords:** translation process, (re)translation, cognitive effort, eye tracking, English / Portuguese.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo de (re)tradução sob uma perspectiva processual .....	29
Figura 2 – Modelo reestruturado de (re)tradução sob uma perspectiva processual.....	31
Figura 3 – Captura de Tela do <i>software</i> Tobii Studio 3.2.2© com áreas de interesse (TF, TA, T1, T2, em diferentes cores).....	61
Figura 4 – Disposição das traduções prévias na tela .....	62
Figura 5 – Captura de tela da tarefa de cópia .....	63
Figura 6 – Captura de tela do <i>software</i> Tobii Studio 3.2.2© com a instrução para a tarefa de (re)tradução .....	64
Figura 7 – Captura de tela do <i>software</i> de edição de planilhas com exemplo de contagem de fixação e criação de sequência linear das transições visuais de acesso de A01 (adaptado).....	69
Figura 8 – Captura de tela do <i>software</i> de edição de planilhas com exemplo da sequência linear das transições visuais nas AOIs.....	71
Figura 9 – Exemplo de um modelo de tomada de decisão.....	76
Figura 10 – <i>Gaze plot</i> da fase de orientação de A14.....	124
Figura 11 – <i>Gaze plot</i> da fase de orientação de P03.....	135
Figura 12 – <i>Gaze plot</i> do processo de revisão de P03 .....	146
Figura 13 – <i>Gaze plot</i> da fase de orientação de P04.....	149
Figura 14 – <i>Gaze plot</i> da fase de revisão de P04 .....	154
Figura 15 – <i>Gaze plot</i> da fase de orientação de P07.....	158
Figura 16 – <i>Gaze plot</i> da fase de revisão de P07 .....	163
Figura 17 – <i>Gaze plot</i> da fase de orientação de P08.....	165
Figura 18 – <i>Gaze plot</i> da fase de revisão de P08 .....	173
Figura 19 – Modelo de (re)tradução de Malta.....	189
Figura 20 – Esquema das fases dos processos de tradução e (re)tradução.....	191
Figura 21 – Modelo de tradução (fase de orientação) .....	192
Figura 22 – Modelo de (re)tradução (fase de orientação).....	193
Figura 23 – Modelo de tradução (fase de redação) .....	194
Figura 24 – Modelo de (re)tradução (fase de redação).....	195
Figura 25 – Modelo de tradução e (re)tradução (fase de revisão).....	196

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Valor percentual do número visitas de todos os participantes por área de interesse .....	81
Gráfico 2 – Valores percentuais, por área de interesse, para o número visitas dos alunos e profissionais, para G1 (com T1 à esquerda) e G2 (com T1 à direita) e para os participantes em geral	83
Gráfico 3 – Valor percentual de visitas dos participante às microáreas de interesse (MAOIs).....	87
Gráfico 4 – Valor percentual das transições visuais dos participantes entre as áreas de interesse (TF – texto-fonte, TA – texto-alvo, T1 e T2 – traduções prévias).....	90
Gráfico 5 – Valor percentual das transições visuais, entre as áreas de interesse (TF – texto-fonte, TA – texto-alvo, T1 e T2 – traduções prévias), por perfil (alunos, profissionais), disposição das traduções prévias na tela (G1, com T1 à esquerda; G2, T1 à direita) e participantes em geral.....	94
Gráfico 6 – Valor percentual das fixações dos participantes por área de interesse.....	97
Gráfico 7 – Percentual de fixações por áreas de interesse considerando o perfil de participantes (alunos e profissionais) e a disposição das traduções prévias na tela (G1, com T1 à esquerda; G2, com T1 à direita) .....	100
Gráfico 8 – Valor percentual do número de fixações por MAOI .....	102
Gráfico 9 – Duração média das fixações nas áreas de interesse .....	105
Gráfico 10 – Duração média das fixações, em milissegundos nas áreas de interesse por perfil (alunos, profissionais) e por disposição das traduções prévias na tela (G1, com T1 à esquerda; G2, com T1 à direita).....	108
Gráfico 11 – Duração média das fixações nas microáreas de interesse.....	109
Gráfico 12 – Valor percentual de cada área de interesse em relação ao tempo total das fixações dos participantes.....	112
Gráfico 13 – Valor percentual do tempo total de fixações nas áreas de interesse por perfil (estudantes, profissionais) e por posição das traduções prévias na tela (G1, G2) .....	114
Gráfico 14 – Valor percentual do tempo total das fixações dos participantes por microárea de interesse (MAOI).....	115

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Pressupostos, objetivos específicos e embasamento teórico desta pesquisa.....	16
Quadro 2 – Perspectivas sobre retradução distintas daquelas de Berman (1990) .....	22
Quadro 3 – Métricas de esforço cognitivo baseadas em rastreamento ocular mais frequentes nas pesquisas processuais da tradução (continua) .....	42
Quadro 4 – Perfil dos participantes da pesquisa.....	55
Quadro 5 – Textos utilizados no experimento .....	57
Quadro 6 – Diferenças léxico-gramaticas entre os insumos .....	58
Quadro 7 – Análise da frase preposicional na escala de ordem (texto -fonte).....	59
Quadro 8 – Análise da frase preposicional na escala de ordem (T1) .....	59
Quadro 9 – Análise da frase preposicional na escala de ordem (T2) .....	60
Quadro 10 – Participantes com resultados discrepantes em relação ao conjunto de amostra.....	75
Quadro 11 – Soluções tradutórias para a microárea de interesse “ <i>with a comfortable home and happy disposition</i> ” .....	121
Quadro 12 – Processos de leitura da fase de orientação de A14 .....	123
Quadro 13 – Processos de leitura e escrita da fase de redação de A14 (continua) .....	125
Quadro 14 – Processos de leitura e escrita da fase de redação de A14 (continua) .....	131
Quadro 15 – Processos de leitura da fase de orientação de P03 (continua) .....	133
Quadro 16 – Processos de leitura e escrita da fase de redação de P03 (continua) .....	136
Quadro 17 – Processos de leitura e escrita da fase de revisão de P03 (continua) .....	142
Quadro 18 – Processos de leitura da fase de orientação de P04 .....	148
Quadro 19 – Processos de leitura e escrita da fase de redação de P04 (continua) .....	149
Quadro 20 – Processos de leitura e escrita da fase de redação de P04 .....	154
Quadro 21 – Processos de leitura da fase de orientação de P07 (continua) .....	155
Quadro 22 – Processos de leitura e escrita da fase de redação de P07 (continua) .....	159
Quadro 23 – Processos de leitura e escrita da fase de revisão de P07 (continua) .....	162
Quadro 24 – Processos de leitura da fase de orientação de P08 .....	164
Quadro 25 – Processos de leitura e escrita da fase de redação de P08 (continua) .....	165
Quadro 26 – Processos de leitura e escrita da fase de revisão de P08 (continua) .....	172

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Qualidade dos dados de rastreamento ocular (Tobii, MFD, GTS e GSF) .....	68
Tabela 2 – Número de visitas por participante e por área de interesse (AOI).....	80
Tabela 3 – Número de visitas por perfil (alunos e profissionais), disposição das traduções prévias (G1, com T1 à esquerda; G2, com T1 à direita) e área de interesse (AOI) .....	83
Tabela 4 – Número visitas por participante às microáreas de interesse (MAOIs).....	86
Tabela 5 – Matriz de transição entre texto-fonte (TF), texto-alvo (TA) e traduções prévias (T1, T2) .	88
Tabela 6 – Número de transições entre as áreas de interesse .....	90
Tabela 7 – Número de transições entre as áreas de interesse conforme o perfil dos participantes e a disposição das traduções prévias na tela.....	93
Tabela 8 – Número total de fixações por participante e por área de interesse (AOI).....	96
Tabela 9 – Número de fixações nas áreas de interesse (AOI) por perfil de participantes (alunos e profissionais) e por disposição das traduções prévias na tela (G1, com T1 à esquerda; G2, com T1 à direita).....	99
Tabela 10 – Número total de fixações por participante e microárea de interesse (MAOI).....	101
Tabela 11 – Duração média de fixações por participante e por área de interesse (AOI), em milissegundos .....	104
Tabela 12– Duração média de fixações, em milissegundos, nas áreas de interesse (AOI) por perfil (estudantes e profissionais) e por disposição das traduções prévias na tela (G1, com a T1 à esquerda; G2, com T1 à direita).....	107
Tabela 13– Duração média de fixações, em milissegundos, por microárea de interesse (MAOI) .....	109
Tabela 14 – Tempo total das fixações, em milissegundos, por participante e por área de interesse (AOI) .....	111
Tabela 15 – Tempo total das fixações, em ms, em cada área de interesse (AOI) por perfil (alunos, profissionais) e por disposição das traduções prévias na tela (G1, G2).....	113
Tabela 16 – Tempo total das fixações, em milissegundos, por participante e microárea de interesse (MAOI).....	115
Tabela 17 – Nível de semelhança entre traduções prévias (T1, T2) e textos-alvo por participante.....	118
Tabela 18 – Nível de semelhança entre traduções prévias (T1, T2) e textos-alvo por participante no que diz respeito às microáreas de interesse .....	120
Tabela 19 – Tempo absoluto e percentual das fases do processo de (re)tradução .....	176



## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AOI	área(s) de interesse (do inglês, <i>areas of interesting</i> )
FALE	Faculdade de Letras
G	grupo
HR	hipótese da retradução
I-VT	filtro do rastreador ocular (do inglês, <i>velocity-threshold identification</i> )
L1	língua 1
L2	língua 2
LETRA	Laboratório Experimental de Tradução
LSF	Linguística Sistêmico-Funcional
MAOI	microárea(s) de interesse
TF	texto-fonte
TA	texto-alvo
T1	tradução prévia 1
T2	tradução prévia 2
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UnB	Universidade de Brasília
UT	unidade de tradução

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>19</b>
1.1	RETRADUÇÃO	20
2.1	ABORDAGEM PROCESSUAL DE TAREFAS DE (RE)TRADUÇÃO	29
2.2	ABORDAGEM PROCESSUAL DA TRADUÇÃO	36
2.3	CRITÉRIOS PARA DELIMITAÇÃO DE PROBLEMAS DE TRADUÇÃO	45
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>49</b>
3.1	METODOLOGIA DE COLETA DE DADOS	50
3.1.1	LOCAL DE COLETA	51
3.1.2	INSTRUMENTOS DE COLETA	51
3.1.3	PARTICIPANTES	53
3.1.4	TEXTOS	56
3.1.5	TAREFA DE (RE)TRADUÇÃO	61
3.1.6	EXECUÇÃO DA TAREFA DE (RE)TRADUÇÃO	63
3.2	METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS DADOS	65
3.2.1	ANÁLISE DA QUALIDADE DOS DADOS DE RASTREAMENTO OCULAR	65
3.2.2	ANÁLISE DOS DADOS DE RASTREAMENTO OCULAR	69
3.2.3	ANÁLISE DAS SIMILARIDADES ENTRE OS TEXTOS	73
3.2.4	ANÁLISE QUALITATIVA TRIANGULADA	73
3.2.5	REVISITAÇÃO DO MODELO DE (RE)TRADUÇÃO	76
<b>4</b>	<b>RESULTADOS</b>	<b>78</b>
4.1	ANÁLISE AGREGADA DOS DADOS DE RASTREAMENTO OCULAR	79
4.1.1	DISTRIBUIÇÃO DA ATENÇÃO (VISITAS)	80
4.1.2	FLUXO DE PROCESSAMENTO	88
4.1.3	DISPÊNDIO DE ESFORÇO COGNITIVO	95
4.1.4	SÍNTESE DOS RESULTADOS QUANTITATIVOS	116
4.2	ANÁLISE DO NÍVEL DE SEMELHANÇA ENTRE TRADUÇÕES PRÉVIAS E TEXTOS-ALVO	117
4.3	ANÁLISE QUALITATIVA DOS DADOS	122
4.3.1	A14	123
4.3.2	P03	132
4.3.3	P04	147
4.3.4	P07	155
4.3.5	P08	164
4.3.6	SÍNTESE DOS RESULTADOS QUALITATIVOS	174
<b>5</b>	<b>DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	<b>178</b>
5.1	DISCUTINDO OS RESULTADOS DA ANÁLISE QUANTITATIVA AGREGADA	179
5.2	DISCUTINDO OS RESULTADOS DA ANÁLISE QUALITATIVA SEGREGADA	182
5.3	REPENSANDO O MODELO PROCESSUAL DE (RE)TRADUÇÃO	184
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	<b>198</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>203</b>
	<b>ANEXOS</b>	<b>213</b>
	ANEXO A - QUESTIONÁRIO DE PERFIL DE PARTICIPANTES	214
	ANEXO B – ROTEIRO DE PERGUNTAS DO PROTOCOLO GUIADO	218
	ANEXO C – CRITÉRIOS PARA PADRONIZAÇÃO DE TRANSCRIÇÕES DE PROTOCOLOS RETROSPECTIVOS	219
	ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	220
	ANEXO E – TESTES ESTATÍSTICOS	222
	<b>APÊNDICES</b>	<b>228</b>
	APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DOS PROTOCOLOS LIVRES	229
	APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DOS PROTOCOLOS GUIADOS	252

# **1 INTRODUÇÃO**

**E**sta tese, desenvolvida no Laboratório Experimental de Tradução (LETRA), da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), afilia-se ao campo disciplinar dos Estudos da Tradução, mais especificamente aos estudos descritivos orientados ao processo tradutório (HOLMES, 1972). Busca, por meio de estudo empírico-experimental, abordar a (re)tradução, ou seja, uma tarefa de produção textual numa língua de chegada a partir dos subsídios fornecidos por um texto em uma língua de partida e por tradução(ões) prévia(s) desse mesmo texto na língua de chegada, podendo o tradutor tomar decisões que vão desde copiar parte ou totalidade de uma tradução prévia<sup>1</sup> até realizar uma nova tradução que desconsidera a(s) tradução(ões) prévia(s) (cf. MALTA, 2015).

O conceito de (re)tradução enquanto processo toma como ponto de partida estudos que analisam a retradução enquanto produto ou fenômeno (e.g., BERMAN, 1990, 2007; BENSIMON, 1990; LEFEVERE, 1992; GAMBIER, 1994; DU-NOUR, 1995; KUJAMAKI, 1998; 2001; PYM, 1998; TYMOCZKO, 1999; OITTINEN, 1997; 2000; CHESTERMAN, 2000, PALOPOSKI; KOSKINEN, 2001, 2010; SUSAN-SARAJEVA, 2003; DESMIDT, 2009; O'DRISCOLL, 2009; DEANE, 2011; DASTJERDI; MOHAMMADI, 2013). Esses estudos entendem como retradução qualquer prática (ou resultado) de tradução de um texto que já foi traduzido pelo menos uma vez para a mesma língua de chegada, independentemente de o tradutor ter tido conhecimento dessa tradução ou tê-la de fato utilizado durante o seu exercício tradutório.

O conceito de (re)tradução, com essa grafia em que os parênteses destacam o prefixo, significa que o estudo desse objeto é abordado sob uma perspectiva orientada ao processo, admitindo-se as diferentes maneiras como a tarefa pode ser executada. O conceito de retradução, na sua grafia tradicional, sem parênteses, refere-se (i) ao produto, considerando basicamente que se trata de qualquer tradução posterior à primeira numa mesma língua alvo, ou (ii) ao processo, tendo como enfoque a existência de diversas traduções de uma mesma obra. Ao considerar que, do ponto de vista operacional e cognitivo, a existência de uma tradução prévia pode suscitar uma miríade de impactos nos diversos momentos de tomada de decisão para realização da tarefa, o retradutor, sabendo da existência de uma tradução prévia, produz um novo texto de chegada seguindo um projeto tradutório próprio ou diretrizes editoriais.

---

<sup>1</sup> Trata-se de termo utilizado por Malta (2015, p. 21): “Traduções prévias é o termo que será utilizado para referir-se especificamente às traduções constantes do leiaute da tarefa proposta neste estudo, evitando confusão com o termo traduções.”

Embora existam pesquisas processuais envolvendo tarefas semelhantes (*i.e.*, pós-edição e revisão), muito pouco se sabe acerca da tomada de decisão na (re)tradução e até que ponto as traduções prévias influenciam a produção de um novo texto-alvo. Sob essa perspectiva, mostra-se válido investigar a (re)tradução sob o viés processual, como proposto por Malta (2015). Em seu trabalho seminal, o referido autor elaborou um desenho experimental intencionalmente baseado no modelo de “progressão histórica”, segundo o qual novas traduções buscam recuperar aspectos do original que se “perderam” na(s) primeira(s) tradução(ões).

Mais especificamente, o leiaute da tarefa desse modelo apresenta o texto-fonte (TF) no topo da tela, juntamente com duas traduções prévias (T1 e T2) nas posições laterais (*i.e.*, direita ou esquerda) e um espaço para produção do texto-alvo (TA). O participante, sem saber qual das duas traduções prévias foi publicada primeiro, podia escolher qualquer uma das duas, ambas ou nenhuma como auxílio para sua produção textual.

Malta (2015) propôs um modelo de (re)tradução que se baseou em uma análise agregada dos dados de dispêndio de esforço cognitivo e de transição do olhar pelos insumos fornecidos (*i.e.*, TF, tradução prévia 1 e tradução prévia 2) e pelo TA que emergia durante o processo de (re)tradução no par linguístico espanhol argentino/português brasileiro de 14 participantes, professores de espanhol e estudantes de tradução. O autor apontou, por meio desse modelo, que, em condições experimentais, a (re)tradução consiste, basicamente, no uso das traduções prévias como “suporte” para o processamento do TF e subsequente produção do TA ou para a confirmação de soluções já processadas. Em outras palavras, o modelo, pautado numa análise majoritariamente agrupada dos participantes, ou seja, uma análise unificada dos dados, confere proeminência ao TA e ao TF, dispondo as traduções prévias como instâncias secundárias no processo de (re)tradução.

Embora seja consistente com os métodos de coleta e análise de dados adotados pelo autor, tal modelo carece de validação a partir de amostras que contemplem participantes e pares linguísticos distintos e de análises que repliquem os métodos de Malta (2015) ao mesmo tempo que questionem os procedimentos até então adotados (cf. RAND; WILENSKY, 2006). Por exemplo, ao analisar os processos de seus participantes de forma agregada, Malta (2015) baseou-se em padrões de comportamento comuns aos participantes. Todavia, entre participantes individuais, entre outros participantes ou em outro par linguístico, padrões distintos daqueles observados por Malta (2015) podem emergir, sobretudo quando se altera a forma de tratamento dos dados, ou seja, do agregado para o individual/segregado. Assim, pressupõe-se que a replicação do desenho experimental de

Malta (2015) pode consistir em uma forma de elucidar padrões de comportamento que não foram analisados pelo referido autor dentre as possibilidades de subprocessos existentes quando da realização de uma tarefa de (re)tradução.

Até onde se pôde constatar, a abordagem da (re)tradução como um processo de execução de uma tarefa foi seminalmente proposta por Malta (2015) e só teve seu desenho experimental replicado e analisado, também exclusivamente de forma quantitativa e agregada, por Duarte (2016) para o par linguístico português/francês. O presente estudo tem por **objetivo geral** testar – com base em uma amostra no par linguístico inglês/português brasileiro e a partir de uma análise quali-quantitativa dos dados agregados e individualizados dos participantes – o modelo de (re)tradução que Malta (2015) postulou a partir de resultados de uma análise quantitativa dos dados agregados. Busca-se responder às seguintes **perguntas de pesquisa**:

1. Em que medida uma análise quantitativa agregada dos dados de (re)tradução no par linguístico inglês/português corrobora o modelo de Malta (2015)?
2. Em que medida uma análise qualitativa individual dos dados de (re)tradução no par linguístico inglês/português corrobora o modelo de Malta (2015).
3. A partir das respostas identificadas para as perguntas acima, é necessário refinar o modelo de Malta (2015)? Em caso positivo, como seria o refinamento do modelo?

Essas perguntas se pautam nos pressupostos expostos no Quadro 1 e se traduzem nos **objetivos específicos** ali explicitados.

Quadro 1 – Pressupostos, objetivos específicos e embasamento teórico desta pesquisa

Pergunta	Pressupostos	Objetivo específico	Referências
1.	A validação de um modelo requer a replicação das suas bases experimentais. Fenômenos tradutórios são influenciados por diversos fatores, inclusive o par linguístico. O modelo de Malta (2015) foi aplicado uma única vez a um segundo experimento com um novo par linguístico (português/francês), mas não houve alteração na forma de tratamento dos dados.	Realizar um experimento que replica aquele conduzido por Malta, porém em um novo par linguístico, e analisar os dados resultantes de forma similar àquela que originou o modelo.	Rand e Wilensky (2006), Jakobsen (2002), Pym (2003), Duarte (2016), Hvelplund (2017).
2.	Novas formas de observação dos mesmos dados ou dos dados replicados podem alterar o modelo. Pesquisas sobre o processo de tradução – e, por decorrência, sobre o processo de (re)tradução – obtêm dados relevantes a partir de amostras grandes, mas não podem ou não devem prescindir de análises qualitativas de fenômenos pontuais que escapam ao analista quando observa os dados coletivamente. O modelo de Malta (2015) não captura comportamentos contemplados na literatura sobre retradução ( <i>e.g.</i> , angústia da influência) ou em discussões do mercado editorial ( <i>e.g.</i> , plágio).	Analisar os dados do novo experimento com um enfoque distinto, pautado na análise qualitativa e individualizada dos dados dos participantes em cada fase do processo de (re)tradução.	Rand e Wilensky (2006), Alves, Pagano e da Silva (2014), Venuti (2004), Bottman (2020).
3.	Novas evidências que não são comportadas pelo modelo sob escrutínio ensejam o seu refinamento ou reformulação.	Dependendo dos resultados encontrados, reformular ou refinar o modelo de Malta (2015) as leituras dos insumos e do texto-alvo em produção, bem como as revisões do texto-alvo.	Jakobsen (2002), Dragsted (2004), Da Silva (2007, 2012), Jakobsen e Jensen (2008).

Fonte: elaborado pela autora.

Para desenvolver esta pesquisa, coletaram-se e analisaram-se dados de desempenho/comportamento e de alocação de esforço cognitivo de oito tradutores profissionais e oito estudantes de tradução na execução de uma tarefa de (re)tradução no par linguístico inglês/português. A distribuição desses dois grupos foi feita a partir de um questionário prospectivo acerca do perfil de cada participante e serviu ao propósito de determinar diferenças e semelhanças no comportamento agrupado e individual de estudantes e profissionais de tradução durante uma tarefa de (re)tradução. Os métodos e instrumentos de coleta de dados foram: rastreamento ocular com o aporte do *hardware* Tobii T60© e seu *software* proprietário Tobii Studio v. 3.2.2©; registro de acionamentos de teclado e *mouse*

pelo *software* livre Translog-II (CARL, 2012a); e protocolos retrospectivos livres e guiados. Os textos utilizados como insumo foram um excerto do romance *Emma*, de Jane Austen (1815), originalmente escrito em inglês, e duas traduções desse excerto previamente publicadas para o português brasileiro: a primeira, em 1996, realizada por Ivo Barroso; e a segunda, em 2011, realizada por Doris Goettems. Na análise de dados, investigaram-se, de forma individual e agregada, a distribuição da atenção visual, o fluxo de processamento e a alocação de esforço cognitivo de cada participante com base em métricas utilizadas nos estudos processuais, a saber: número de visitas; percentual de tempo para execução da tarefa; transições visuais entre áreas de interesse; e contagem, duração média e tempo total das fixações (HVELPLUND 2011, 2014; ALVES; PAGANO; DA SILVA, 2009; JAKOBSEN; JENSEN, 2008; MALTA, 2015).

Os resultados desta pesquisa têm potencial de lançar luz tanto sobre a (re)tradução quanto sobre o processo de tradução e revisão em geral, principalmente quando se parte da perspectiva de que traduzir envolve ter de lidar com múltiplos insumos, e não mera ou exclusivamente com um texto-fonte e o texto-alvo em produção. É o que se constata, por exemplo, quando se utilizam sistemas de memória de tradução, se pós-editam textos resultantes de tradução automática ou se fazem consultas a materiais de referência, como *corpora*, dicionários e sítios eletrônicos.

A presente tese estrutura-se em seis capítulos, incluindo esta Introdução, em que se contextualiza o trabalho e se identificam os objetivos da pesquisa. No Capítulo 2, em que se apresenta a revisão teórica, destacam-se os estudos sobre retradução, os estudos processuais da tradução e os estudos empíricos da (re)tradução enquanto tarefa específica. Ademais, apresentam-se alguns conceitos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) utilizados para analisar as orações dos insumos e determinar as áreas de interesse (AOIs) deste estudo. No Capítulo 3, descreve-se a metodologia de pesquisa, detalhando-se o experimento e os métodos de coleta dos dados, o que inclui a apresentação dos participantes, dos insumos, dos instrumentos e dos materiais de pesquisa. Explicitam-se também os critérios de definição das microáreas de interesse, bem como os procedimentos de análise dos dados. No Capítulo 4, analisam-se os dados de rastreamento ocular e os dados dos protocolos retrospectivos. No Capítulo 5, discutem-se os resultados buscando-se interpretá-los à luz dos resultados de Malta (2015) e de Duarte (2016), que aplicaram metodologia similar para uma tarefa de (re)tradução no par-linguístico português brasileiro/espanhol argentino e português brasileiro/francês, respectivamente. Por fim, apresentam-se as Conclusões, momento em que se retomam os objetivos deste trabalho, se explicitam suas



limitações e se fazem sugestões para pesquisas futuras, seguidas das Referências, dos Anexos e dos Apêndices.

# **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

**E**ste capítulo apresenta a fundamentação teórica em quatro seções. A primeira versa sobre a retradução. A segunda apresenta estudos processuais da (re)tradução enquanto tarefa específica. A terceira aborda os estudos processuais da tradução e tem como enfoque o esforço cognitivo despendido nos processos de tomada de decisão e solução de problemas durante a execução de uma tarefa. Por fim, a quarta aborda critérios utilizados para a delimitação de problema(s) tradutório(s).

## 1.1 Retradução

A retradução enquanto uma área de estudo ganhou ímpeto com Berman (1990), em seu artigo “La retraduction comme espace de la traduction”, publicado no número 4 da revista *Palimpsestes*. Segundo o autor, pode-se falar em retradução quando houver uma nova tradução de uma obra já traduzida para determinada língua-alvo, ou seja, quaisquer traduções subsequentes de um mesmo texto entram no espaço da retradução.

Berman (1990) e Bensimon (1990) afirmam que há grandes diferenças entre as primeiras traduções e as suas retraduições. A primeira tradução é incompleta e falha, sendo caracterizada como uma “domesticação de um trabalho estrangeiro”<sup>2</sup> (BENSIMON, 1990, p. ix-xiii), como se os tradutores, para garantirem a aceitabilidade do leitor, introduzissem a obra em determinada cultura-alvo tentando diminuir a distância entre ela e a cultura-fonte. Por sua vez, as retraduições, consoante Berman (1990; 2007), encontram-se em uma posição privilegiada, tanto em relação ao texto-fonte (TF) quanto em relação à primeira tradução. As retraduições, ao seguirem uma perspectiva mais “estrangeirizadora”, aproximam-se mais do TF que a primeira tradução, podendo destacar o que havia sido excluído dessa primeira tradução e explorar ainda mais aquilo que já estava presente. Em outras palavras, a retradução tende a ser orientada ao TF, preocupando-se com aspectos característicos da cultura-fonte.

As diferenças observadas entre tradução e retradução, a questão da incompletude textual da primeira tradução e sua domesticação, bem como a proximidade entre retradução, texto retraduzido e TF, deram origem à hipótese da retradução (HR), levantada seminalmente por Berman (1990) e retomada mais tarde por Gambier (1994). Mais especificamente, a HR aventava que a primeira tradução é mais naturalizadora: integra a obra à cultura-alvo buscando reduzir as diferenças socioculturais suscitadas pelo TF. Por sua vez, a retradução seria “um

---

<sup>2</sup> Tradução da autora para: “*domestication d'une main-d'œuvre étrangère*”.

retorno ao texto-fonte” (GAMBIER, 1994, p. 414)<sup>3</sup>. Todo esse processo de produção de tradução e retraduições supostamente perpassa por uma progressão histórica (*history-as-progress model*), na qual as traduções mais recentes tendem a buscar no original aquilo que foi negligenciado ou extraído nas primeiras versões (GAMBIER, 1994). Adiciona-se ainda que pesquisas – principalmente aquelas publicadas na década de 1990 – que se alinhavam às premissas de Berman (1990), como Gambier (1994) e Bensimon (1990), acreditavam haver um envelhecimento das traduções, tanto na linguagem como nas regras vigentes, justificando-se assim a necessidade de uma retradução.

A partir dos anos 2000, a retradução, tal qual preconizada por Berman (1990), começou a ser questionada e ressignificada porque a proposta do referido autor não era mais suficiente para justificar todas as retraduições. Diversos trabalhos, como Skibinska (2007), Chevrel (2010), Gambier (2012), Monti (2012), Mattos (2014) e Amaral (2019), foram publicados com o objetivo de redimensionar a retradução. O Quadro 2 apresenta uma síntese do posicionamento desses autores em ordem cronológica.

---

<sup>3</sup> Tradução da autora para: “*un retour au texte-source*”

Quadro 2 – Perspectivas sobre retradução distintas daquelas de Berman (1990)

Autor	Perspectiva sobre a retradução
Skibisnka (2007)	Uma retradução acontece por diversas razões ( <i>e.g.</i> , históricas, que demandam a atualização da obra; mercadológicas; e editoriais)
Chevrel (2010)	A retradução é uma forma de ressignificar um autor na cultura-alvo: “[as retraduições] contribuem para ancorar sempre mais a obra estrangeira no patrimônio nacional receptor” <sup>4</sup> (p. 17)
Gambier (2012)	As retraduições são compreendidas, significadas e ressignificadas de maneiras diferentes – por exemplo, a partir da publicação do original juntamente com uma nova edição retraduzida, a partir da solicitação específica de algum editor ou até mesmo por causa de erros lexicais, semânticos e/ou sintáticos. Uma retradução deve feita dentro do seu próprio contexto histórico, pois fatores políticos, editoriais e mercadológicos, particularidades específicas do público leitor, a percepção e interpretação da obra pelos tradutores, bem como a época de produção da retradução, influenciam diretamente as características que compõem uma obra na língua de chegada.
Monti (2012)	A retradução também ocorre por exigências editoriais ou de mercado. Além disso, “quando uma obra está em domínio público, solicitar uma nova tradução pode ser mais barato para um editor que comprar os direitos de uma tradução existente” <sup>5</sup> (p. 17-18).
Mattos (2014)	A retradução é uma maneira de acrescentar diferentes leituras e escrituras de determinado texto-fonte em uma cultura-alvo, não simplesmente a substituição de textos já traduzidos. É uma relação entre texto-fonte e outras traduções desse mesmo texto-fonte que estabelecem maneiras diferentes de (re)lê-lo e (re)escrevê-lo.
Amaral (2017)	Pode-se adotar uma perspectiva multilíngue da retradução. A retradução de uma obra perpassa os limites determinados por uma única língua-alvo.

Fonte: elaborado pela autora.

Com as diferentes interpretações acerca das retraduições, a essência do retorno ao TF defendido por Gambier (1994) e a temporalidade, caducidade e incompletude argumentadas por Berman (1990) passam a ter perspectivas adicionais, complementada e ressignificada pela explosão de pesquisas pós anos 2000.

Diversos estudos subsequentes buscaram testar ou mesmo questionar a HR; porém, os resultados se mostram divergentes. São os casos de Paloposki e Koskinen (2001; 2010), Desmidt (2009), Deane-cox (2014) e Dastjerdi e Mohammadi (2013), Susan-Sarajeva (2014) Widman (2016), Kitanovska-Kimovska (2017), bem como Canlı e Karadağ (2018), dentre outros. Faz-se, a seguir, uma breve descrição dos trabalhos desses autores.

A partir dos apontamentos de Berman e Bensimon (1990) sobre a HR, Paloposki e Koskinen (2001; 2010) afirmam que qualquer hipótese deve ser considerada, validada ou refutada por meio de evidências empíricas e, no caso da HR, enfatizam a necessidade de se examiná-la sob uma perspectiva mais ampla e empírica. Além disso, defendem a ideia de se

<sup>4</sup> Tradução da autora para: “[les retraductions] contribuent à ancrer toujours davantage l’oeuvre étrangère dans le patrimoine national du pays d’accueil”.

<sup>5</sup> Tradução da autora para: “lorsque une oeuvre est dans le domaine public, la commande d’une nouvelle traduction peut revenir moins chère à un éditeur que l’achat des droits d’une traduction existante”.

considerarem ferramentas e *softwares* de memórias de tradução utilizadas durante as traduções/retraduções, bem como fatores relacionados a patrocinadores e editores.

No estudo de 2001, Paloposki e Koskinen abordam a HR analisando dados de traduções e retraduições para o finlandês de obras como: *The Vicar of Wakefield*, de Oliver Goldsmith (1766), e *The Thousand and One Nights* (original com data incerta e autores diversos). A primeira tradução de *The Vicar of Wakefield*, realizada por Gustaf Erik Eurén e publicada em 1859, apesar de ter sido elogiada pela audiência, recebeu algumas críticas pelo uso excessivo de pronomes pessoais e por sofrer influência do léxico sueco. Já a retradução, de 1905, foi realizada por Samuli Suomalainen, tradutor renomado cujo principal público-alvo eram jovens. Dessa forma, a retradução teve um enfoque mais adaptativo à audiência que um retorno ao TF. Outros aspectos que diferenciam as duas obras são a tomada de decisão dos tradutores diante de palavras que não existem no finlandês e a semelhança ou não da estrutura sintática e lexical da tradução com a obra original: o tradutor utilizou palavras emprestadas de outro idioma para traduzir os vocábulos não existentes no finlandês e produziu uma obra com léxico e sintaxe mais próximas do original; por sua vez, o retradutor omitiu palavras para as quais não havia correspondentes formais no finlandês e não se preocupou em fazer uma retradução que se aproximasse do original, utilizando adaptações.

No caso de *The Thousand and One Nights*, não se sabe ao certo o primeiro tradutor, mas o primeiro que traduziu para uma língua europeia entre os anos 1704-1717 foi Antoine Galland. Sua obra foi retraduzida (traduções indiretas) para diversos outros idiomas. Segundo Paloposki e Koskinen (2001), em muitas retraduições de *The Thousand and One Nights*, não houve um retorno ao TF, mas sim uma tentativa de ser diferente. As primeiras traduções para o finlandês apareceram em 1831; em seguida, vieram outras em 1856-1957, 1874-1878 e 1878-1880. No entanto, todas essas retraduições não foram baseadas no original – diferentes histórias eram selecionadas mediante considerações sobre o público-alvo ou por conta da disponibilidade da obra.

Paloposki e Koskinen (2001) constataram que retraduições surgem a partir de observações históricas e, em alguns casos, ancoram-se no momento literário vivenciado na época. As autoras também apontam que uma retradução “normalmente não pode ser mais estrangeirizadora (ou precisa em relação ao TF) do que aquilo que será compreendido na cultura-alvo”.<sup>6</sup> Ademais, é necessário considerar o meio técnico em que as retraduições foram

---

<sup>6</sup> Tradução da autora para: “*it is normally not possible to be more foreignizing (or accurate in relation to the source text) in the retranslation that what will be understood in the target culture*”.

produzidas e ponderar as mudanças e diferentes percepções dos textos originais. Com o estudo de 2001, Paloposki e Koskinen “não encontraram suporte para a HR: não existem características inerentes de que o processo de retradução determinaria uma mudança de estratégias mais domesticadoras para estratégias mais estrangeirizadoras”<sup>7</sup> (PALOPOSKI; KOSKINEN, 2001, p. 36).

Paloposki e Koskinen (2010) apresentam um estudo sobre a retradução como um reprocesso, afirmando que compilar trabalhos retraduzidos é mais complexo que fazer um levantamento bibliográfico de traduções. Nessa pesquisa, as autoras testam a HR em três grupos de dados do contexto finlandês: dados sincrônicos (retraduções e revisões do ano 2000), dados diacrônicos (mapeamento da história da retradução de clássicos de 1999 e 1887) e estudos de caso. Os resultados apontam para a necessidade de compreender a retradução como um fenômeno e que sua origem advém de uma multiplicidade de fatores. Para as autoras, a retradução não é uma questão de causa e efeito, mas produzir textos que se apoiem em outras traduções traz à tona questões como plágio e direitos autorais. As autoras afirmam que não se pode assegurar que uma retradução surge porque a versão anterior está obsoleta: apesar de haver variação, em alguns casos tanto a retradução quanto a reimpressão podem surgir a partir de livros de versões publicadas na mesma época. Além disso, por questão de custos, nem tudo pode ser retraduzido; por conseguinte, a reimpressão surge como uma opção e, muitas vezes, a escolha entre retraduzir ou reimprimir é feita aleatoriamente, a depender do perfil de cada editor.

Assim como Paloposki e Koskinen (2001), Desmidt (2009) questiona a validade da HR do ponto de vista empírico. A pesquisadora explorou empiricamente, 52 versões para o alemão e 18 versões para o holandês do livro infantil sueco *Nils Holgersson's Wonderful Journey Through Sweeden*, de Selma Lagerlöf, publicadas entre 1907 e 1999. Seu principal objetivo era verificar se e em que medida a HR se aplica às versões estudadas. Os resultados refutaram a HR – segundo Desmidt (2009), “apesar de versões mais recentes terem tido uma consideração maior pelo original, um conflito entre normas não permitiu que a hipótese se sustentasse: não foi uma obediência ao original, mas sim às normas literárias, pedagógicas e econômicas que ganhou terreno”<sup>8</sup> (p. 669).

---

<sup>7</sup> Tradução da autora para: “do not find sufficient support for the retranslation hypothesis: There are no inherent qualities in the process of retranslating that would dictate a move from domesticating strategies towards more foreignizing strategies”.

<sup>8</sup> Tradução da autora para: “though some more recent versions showed consideration for the original, a clash of norms ultimately did not allow the hypothesis to hold good: not allegiance to the original, but literary, pedagogical and economical norms gained the upper hand.”

Dastjerdi e Mohammadi (2013) apresentam um estudo comparativo de três capítulos da obra *Pride and Prejudice* (1813), de Jane Austen. Nessa pesquisa, as autoras analisaram a primeira tradução, de Mosaahed (1955), e a retradução, de Pooraanfar e Adel (2007), com o objetivo de testar a validade da HR e analisar até que ponto a primeira tradução e a retradução “preservaram” as características estilísticas gerais do TF. A análise do texto-fonte, da tradução e da retradução se baseou em três das características estilísticas de Baker (2000), a saber: (i) proporção entre palavras diferentes e total de palavras (*type/token ratio*); (ii) tamanho médio da sentença; e (iii) representação do discurso. Os resultados para a primeira característica apontaram que a primeira tradução estava mais orientada à cultura-alvo, com aspectos estilísticos característicos da época da tradução e da diversidade lexical do tradutor, numa tentativa de naturalizar o estilo de escrita do TF; já a retradução abarcou traços mais relacionados ao TF, destacando as particularidades do original, o que corroboraria a premissa de Berman (1990). No que se refere ao segundo aspecto, tamanho das sentenças, tanto a tradução quanto a retradução utilizaram estratégias semelhantes; entretanto, a primeira tradução adotou um estilo que minimizava o estrangeirismo do TF, enquanto a retradução priorizou as características de Austen no texto original. No que concerne ao terceiro aspecto, a representação do discurso, os resultados apontaram para um retorno ao TF por parte do retradutor, com estratégias de tradução que mostrassem o estilo de Austen, ao passo que Mosaahed não optou por uma representação do discurso que remetesse ao estilo do original. Com base nos resultados obtidos, Dastjerdi e Mohammadi (2013) confirmaram a HR de Berman (1990).

Em contrapartida, outro estudo que obteve resultados indicadores de que a HR é uma hipótese falha é o de Deane-Cox (2014), que avaliou a noção de proximidade (*closeness*) tanto no eixo linguístico quanto no eixo cultural. A autora examinou – com base na gramática sistêmico-funcional, na narratologia e na estilística – os aspectos linguísticos de oito retraduições de *Madame Bovary*, de Flaubert, e oito retraduições de *La Mare au diable* de George Sand. Segundo a autora, essas duas obras auxiliaram na avaliação de como as características narrativas dos textos-fonte foram interpretadas nas sucessivas retraduições. Os resultados refutam a HR: a retradução se mostrou como um fenômeno muito mais social e cultural que textual, ou seja, uma retradução não deve se basear apenas em características textuais e lexicais. Deane-Cox (2014, p. 191) constatou que as retraduições têm sido concebidas como “um fenômeno fragmentado, em que cada texto atua independentemente de, ou contra, outros textos. Entretanto, ampliando o leque de referências para incluir o *corpus* de uma (re)tradução,



adiciona-se uma nova dimensão ao mapa conceitual<sup>9</sup>. Essa nova visão revela padrões diferenciados de comportamento que dependem da canonicidade do TF, ou seja, quando o original é legitimado como clássico, a retradução assume uma posição positiva e rejuvenescedora. Entretanto, quando o original tem uma posição canônica duvidosa, a retradução pode ter um efeito negativo, agravando seu envelhecimento.

Widman (2016) analisa quantitativamente a HR por meio do Método das Modalidades de Tradução. Esse método permite comparar o texto original e sua(s) tradução(s) e verificar a tendência domesticadora ou estrangeirizadora das palavras em relação ao TF, obtendo-se assim o grau de diferenciação linguística entre as palavras dos textos. Mais especificamente, a pesquisadora comparou duas traduções, para a língua inglesa, do livro *A Paixão Segundo G. H.*, de Clarice Lispector (1964) – uma de 1988, traduzida por Ronald W. de Sousa; e outra de 2012, retraduzida por Idra Novey. Os resultados sugerem que a tradução e a retradução são bastante “literais” e que as poucas diferenças que têm em relação ao original parecem advir da subjetividade dos tradutores e/ou de questões editoriais. No que tange à HR, o estudo não rejeita a hipótese, já que houve uma maior quantidade de palavras domesticadas na tradução que na retradução.

Kitanovska-Kimovska (2017), com o objetivo de testar a HR, analisa a relação de proximidade entre o TF – *Hamlet*, de Shakespeare – e três traduções para o macedônio: uma tradução indireta a partir do russo (feita por Shopov e publicada em 1960), uma tradução direta (assinada por Bogomeil Gjuzel e publicada em 1989) e uma outra tradução direta (realizada por Fragi Mihajlovski e publicada em 2008). A pesquisadora compara os textos observando o número de palavras dos textos-alvo que recorreram a características lexicais similares àquelas empregadas por Shakespeare. Essa análise lexical baseia-se nos processos de formação de palavras, que podem ser: (i) conversão, na qual uma palavra nova se origina de uma palavra primitiva; e (ii) composição, na qual uma palavra tem significado próprio e é formada a partir de duas ou mais palavras simples ou radicais. Os resultados mostram que, no original, Shakespeare utilizou 27 conversões, enquanto, nas traduções, esse processo foi diferente: Shopov (1960) não utilizou conversão alguma; Gjuzel (1989) empregou apenas uma; e Mihajlovski (2008) recorreu a cinco. Em se tratando de composição, Shakespeare utilizou 34, ao passo que Shopov (1960) empregou uma; Gjuzel (1989), seis; e Mihajlovski (2008), 16. Os

---

<sup>9</sup> Tradução da autora para: “*a fragmented phenomenon, with each text acting independently from, or against, other texts. However, by enlarging the frame of reference to include the accumulated history of a given corpus of (re)translations, a new dimension is added to the conceptual map.*”

achados apontam para diferentes perfis de tradução que corroboram a HR: a primeira e a segunda traduções são mais estrangeirizadoras, enquanto a terceira se aproximou mais do TF.

Canlı e Karadağ (2018) apresentam um estudo comparativo de três traduções para o turco a partir do romance *Sanctuary* (1931), de William Faulkner – de Ender Gürol (1961), Özar Sunar (1967) e Necla Aytür (2007). O trabalho se baseia em dois princípios bermanianos, a saber: (i) os pressupostos da ‘HR’ de que a retradução se aproxima mais do TF que a primeira tradução; e (ii) o conceito de “tradução como processo de estrangeirização”<sup>10</sup>, segundo o qual um TF será sempre estrangeiro. Para comparar as três traduções e averiguar como um texto estrangeiro é recebido em uma cultura-alvo, Canlı e Karadağ (2018) pautam-se nas “tendências deformadoras”<sup>11</sup> de Berman (2000) para identificar quais partes do texto traduzido se desviam do conceito original do TF, tendo em vista que, no sistema bermaniano, o conteúdo original de um TF deve ser “preservado” no texto-alvo (TA). Os autores concluíram que sete das dez tendências deformadoras de Berman (2000) foram detectadas nas três traduções analisadas, o que sugere que os tradutores, além de tentarem eliminar o estrangeirismo do TF, privam os leitores de informações essenciais contidas no TF, como: (i) a tradução das palavras “*man*” (homem) e “*boy*” (garoto) por “*people*” (pessoas); (ii) a tradução de “*rape*” (estupro) por “*assault*” (agressão, ataque); (iii) a tradução de uma metáfora que indicaria a perda de controle de um personagem do sexo masculino quando alcoolizado só foi abordada corretamente por um dos tradutores; (iv) os subtextos criados para a tradução das palavras “*poor bastard*” (pobre bastardo), “*web*” (rede), “*step-in*” (interferir) e “*whore*” (prostituta) caracterizariam a imagem de uma mulher, e apenas uma tradução fez essa descrição de forma correta; (v) a expressão idiomática *pie-faced-man* (pessoa estúpida) foi traduzida literalmente por dois tradutores (*i.e.*, em referência ao formato do rosto), e apenas um terceiro tradutor optou por uma expressão que remetesse à função do original; (vi) a expressão idiomática *to be on the road* (estar a caminho) foi traduzida incorretamente pelos três tradutores, apesar de existir uma expressão equivalente em turco. O estudo de Canlı e Karadağ (2018) enfoca na ocorrência das tendências deformadoras de Berman (2000) nas três traduções apresentadas. Não há uma tentativa de corroborar ou refutar a HR, mas sim analisar como o texto-fonte é recepcionado na tradução e nas retraduições, bem como quais seriam os indícios de deformidade em cada texto.

---

<sup>10</sup> Tradução da autora para: “*Translation as the trial for the foreign*”.

<sup>11</sup> Tradução da autora para: “*deforming tendencies*”.

As retraduições, como produto ou como fenômeno, também podem ser abordadas sob outras perspectivas. Apresentam-se a seguir os apontamentos de Venuti (2004) e Bottman (2020).

Venuti (2004) discorre sobre os valores culturais atribuídos às traduções. O autor argumenta que, quando se insere determinado texto em uma cultura-alvo, a tradução – mesmo que o tradutor “mantenha” o máximo de equivalência semântica entre o texto traduzido e o texto original – traz consigo traços e características fundamentalmente domésticas. No caso das retraduições, Venuti (2004) argumenta que um texto retraduzido apresenta traços duplamente domésticos, ou seja, ele carrega características e valores da cultura-alvo, na qual está sendo inserido, bem como os valores e a cultura das versões previamente traduzidas.

Venuti (2004) acrescenta que existem retraduições, como a da Bíblia, em que as técnicas e estratégias utilizadas respondem a interesses diversos, viabilizando-se que os leitores da cultura-alvo interpretem os textos sagrados de acordo com os próprios valores desses leitores ou das instituições. Ademais, busca-se, com a retradução, uma interpretação diferente daquela já traduzida em versões anteriores, as quais já não são mais aceitas, seja por apresentarem algum erro ou por falta de clareza linguística.

De acordo com Venuti (2004), a tradução é uma ação intencional, ou seja, o tradutor anseia por reescrever um texto em outra língua, com as especificidades que os leitores desejam. Segundo o autor, qualquer tradução é direcionada a uma ação planejada. As intenções, motivações e decisões dos tradutores destinam-se aos leitores da língua-alvo: mesmo que elas precisem estar de acordo com normas linguísticas e culturais ou valores da cultura-alvo, as retraduições podem tentar manter, revisar ou subverter as normas e a instituição na qual estão inseridas.

Venuti (2004) acrescenta que o objetivo de um tradutor é apresentar para a cultura-alvo uma interpretação nova e diferente de textos estrangeiros. Para o autor, o conhecimento do tradutor vai além das interpretações já registradas nas traduções e retraduições da obra estrangeira, o tradutor precisa estar ciente das normas linguísticas e culturais que deram origem a essas interpretações. Além disso, Venuti (2004) acrescenta que o retradutor pode inclusive optar por uma produção mais autoral, inédita, diferente daquilo que já havia sido traduzido.

Bottmann (2020) apresenta, de forma cronológica, um levantamento bibliográfico de traduções, reimpressões e retraduições de cinco escritoras canônicas para o português brasileiro no período de 1916 a 2019: as irmãs Brontë (Anne, Charlotte e Emily), Katherine Mansfield e Virginia Woolf. Segundo Bottmann (2020), a partir dos anos 1930, houve diversas reedições e retraduições que consistiam em meras cópias de traduções prévias. Um exemplo foi

a obra *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë, que teve uma sucessão de publicações e que foi alvo de fraude editorial (*i.e.*, uma das retraduições foi uma cópia praticamente exata de uma outra tradução publicada anteriormente). Outro exemplo é o *Morro dos ventos uivantes*, de Emily Brontë, que, em 2007, foi “retraduzida” com pouquíssimas modificações e teve a tradução atribuída a outra pessoa que não o responsável pela tradução-fonte. Bottmann (2020) conclui que houve um crescimento significativo no número de retraduições e reedições de obras literárias no Brasil, o que suscita várias questões a serem exploradas na academia e no mercado, inclusive no que diz respeito aos plágios.

Todos os estudos citados nesta seção lidam com a retradução como produto ou como processo. Como tal, a retradução constitui uma prática que carece da atuação de diversos agentes, com destaque para o retradutor, que, sabendo (ou não) da existência de uma tradução prévia, executa a tarefa de produzir um novo TA seguindo um projeto tradutório próprio ou diretrizes editoriais. Sob essa perspectiva, mostra-se válido investigar a (re)tradução sob o viés processual, como proposto por Malta (2015). Esse é o foco da próxima seção.

## 2.1 Abordagem Processual de Tarefas de (Re)tradução

A (re)tradução guarda semelhanças e diferenças com outros processos, como a tradução, a pós-edição e a revisão, tanto no que diz respeito à sua prática como no que tange aos desenhos experimentais. São essas qualidades que a tornam uma tarefa ou processo único, mas ao mesmo tempo comparável em alguma medida com outros investigados nos estudos cognitivos da tradução.

Em se tratando de tradução humana, fornece-se um TF em uma língua para que seja adotado como insumo para a produção de um TA em outra língua por um ser humano (MALTA, 2015). Na pós-edição, o TA produzido por um sistema de tradução automática é editado, modificado ou corrigido por um ser humano, que, preferencialmente, deverá fazer o menor número possível de intervenções (MALTA, 2015). Na revisão, o TA produzido por um ser humano originalmente numa língua ou por meio de tradução é submetido a um ser humano para que efetue correções de digitação, conteúdo, pontuação, formatação, dentre outras (MALTA, 2015). Tanto na pós-edição quanto na revisão, a tarefa pode ser bilíngue ou monolíngue, ou seja, com ou sem acesso ao TF (FONSECA, 2016).

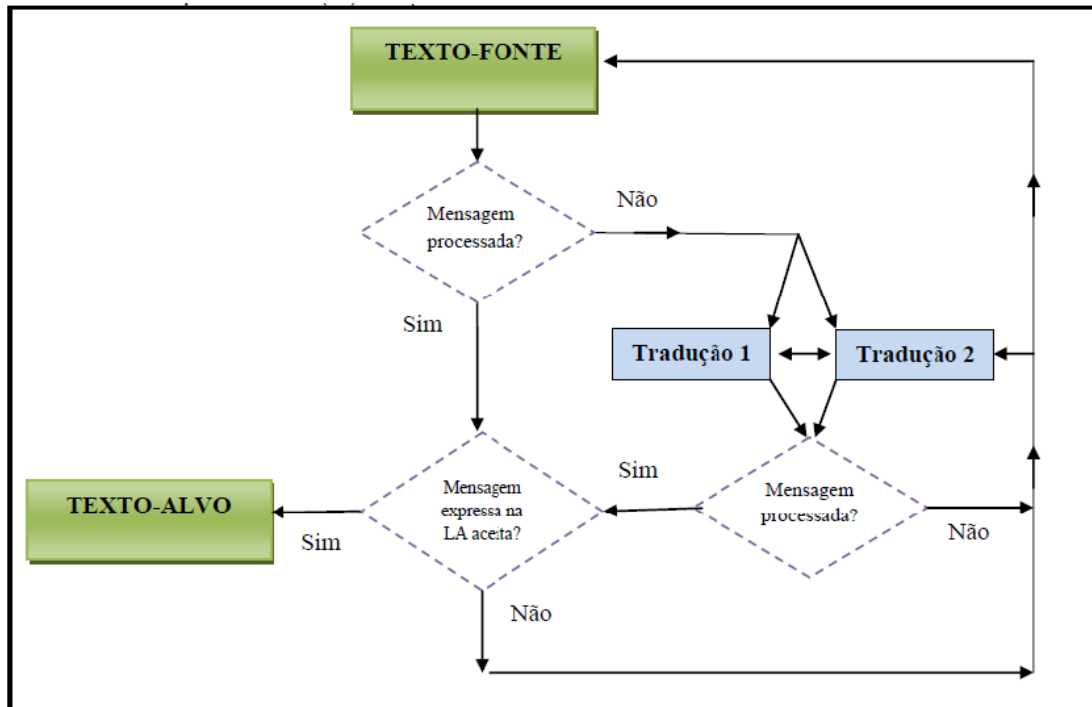
Por sua vez, na (re)tradução, um ser humano tem acesso não apenas ao TF, mas também a pelo menos uma tradução humana prévia desse TF para a língua-alvo (MALTA, 2015). Note-se que a (re)tradução se aproxima da tradução, da pós-edição bilíngue e da revisão:

no primeiro caso, por também requerer a produção de um TA em uma língua diferente daquela do TF; no segundo e no terceiro casos, por também requerer acesso a um produto já existente, ainda que venha a passar por alterações. Em contrapartida, a (re)tradução diferencia-se de todas as demais tarefas por requerer que se lide com um insumo na língua-fonte e pelo menos dois insumos na língua-alvo, todos os quais potencialmente “disputam” a atenção do tradutor e exigem mais ou menos esforço cognitivo em sua compreensão individual ou no estabelecimento, pelo tradutor, de um contraste entre eles (MALTA, 2015).

Conforme mencionado na Introdução, a grafia (re)tradução é introduzida por Malta (2015) como forma de explicitar que, nesse tipo de tarefa, é possível tanto ignorar as traduções prévias e realizar a tradução do zero quanto adotar uma ou mais traduções prévias como fontes únicas ou conjuntas de tomadas de decisão, considerando ou não o TF. O referido autor sugere que, nesse tipo de tarefa, o retradutor recorre às traduções como um apoio para auxiliá-lo na produção do TA ou as utiliza para confirmar/contrastar a mensagem processada. Malta (2015) descreve esses dois componentes por meio de um modelo, conforme exibido na Figura 1.

Segundo esse modelo, o retradutor inicia o processo pelo TF (aqui entendido como o texto na íntegra ou em partes). Caso entenda que o TF é suficiente para o processamento da mensagem e que, subsequentemente, a solução a que ele chegou é aceitável na língua-alvo, o retradutor produz o TA (aqui também entendido como o texto na íntegra ou em partes). Do contrário, caso encontre dificuldades de compreensão do TF ou necessidade de conferência, inspiração ou contraste de suas possíveis soluções com relação às traduções prévias, o retradutor recorre a estas para então decidir-se por uma solução que julgue aceitável na língua-alvo. O modelo admite inúmeras retomadas do TF e das traduções prévias, que são acessados pelo tradutor continuamente ao longo de todo o processo, ou seja, funciona como um ciclo que só é concluído quando o tradutor dá por encerrada a tarefa de (re)tradução.

Figura 1 – Modelo de (re)tradução sob uma perspectiva processual



Fonte: MALTA, 2015, p. 192.

Para se chegar a esse modelo, Malta (2015) realizou uma pesquisa experimental que se baseou, em parte, na metodologia proposta por Hvelplund (2017)<sup>12</sup>, o qual abordou, em pesquisa com rastreamento ocular (*eye tracking*), a execução de uma tarefa de dublagem com o subsídio de múltiplos insumos na tela. Portanto, antes de se adentrar nos resultados da pesquisa de Malta (2015), valem alguns esclarecimentos sobre pesquisas com rastreamento ocular e algumas considerações metodológicas sobre a pesquisa de Hvelplund (2017).

A pesquisa que utiliza a técnica de *eye tracking* parte da hipótese da relação olho-mente (*eye-mind assumption*), de Just e Carpenter (1980), segundo a qual há uma associação direta e imediata entre a fixação (*i.e.*, posição praticamente estável do/s olho/s em dado instante) e o processamento cognitivo, ou seja, aquilo que está sendo fixado durante dado momento é aquilo que está sendo cognitivamente processado pelo indivíduo. Sob essa lógica, admite-se que, por meio das fixações (sobre a tela do computador, por exemplo), é possível inferir a existência do processamento de uma informação específica. Essa lógica, portanto, fornece subsídios para se investigarem diversos aspectos do olhar caracterizados pelas fixações

<sup>12</sup> A aparente incoerência cronológica entre Malta (2015) e Hvelplund (2017) se explica pelo fato de o manuscrito deste ser anterior à tese de doutorado daquele, mas a publicação efetivamente ter se dado somente anos depois, em 2017.

propriamente ditas e pelos movimentos a elas referentes ao longo do tempo, como é o caso das transições visuais entre áreas de interesse (AOIs) (por exemplo, do TF para o TA) e da distribuição da atenção (*i.e.*, identificação de áreas com mais tempo de olhar durante um processo ou tarefa).

Hvelplund (2017) pesquisou aspectos do processo de tradução para dublagem entre sete estudantes de pós-graduação da Universidade de Copenhague. A tarefa consistia em traduzir, do inglês para o dinamarquês, a sinopse de um desenho animado para um grupo de crianças de sete a 14 anos. Solicitou-se aos participantes que criassem um TA em dinamarquês que posteriormente seria gravado por atores em um estúdio. Os insumos do experimento eram: um TF de 284 palavras, disposto na parte superior esquerda da tela; um dicionário *on-line*, que ficava na parte superior direita; e um filme, localizado na parte inferior direita, abaixo do dicionário. Além desses insumos, havia um espaço, na parte inferior esquerda da tela, em que o participante deveria produzir o TA. O objetivo da pesquisa era investigar processos cognitivos da tradução para dublagem, que, segundo o autor, consiste em uma tarefa bastante diferente de outros tipos de traduções, já que envolve, além do texto escrito, informações acústicas e visuais.

Dentre os indicadores investigados por Hvelplund (2017) estavam: a duração média das fixações, para analisar o esforço cognitivo, assumindo que, quanto maior a duração, maior o esforço cognitivo; as transições visuais entre as AOIs (desvios de atenção), para analisar o fluxo de processamento; e o tempo percentual em cada elemento da tela, para verificar a distribuição da atenção durante o processo de tradução para dublagem. Hvelplund (2017) observou que a duração média das fixações foi maior no TA e concluiu que a execução de rotinas processuais que envolvam digitação e processamento de informações audiovisuais para a produção de um TA demanda maior esforço cognitivo que os demais processos acionados na tradução para dublagem. O fluxo de processamento é definido pelo autor como a sequência do processamento nos diferentes elementos da tela e ocorre por meio de transições visuais entre as AOIs (TF, TA e filme). O pesquisador concluiu que as transições que partiam do filme para o TA foram as que tiveram maior índice percentual (80,2%), o segundo maior fluxo ocorreu entre TF-TA-TF (65,4% das vezes), enquanto as transições que recaíam no material audiovisual ocorreram em menor quantidade (34,6%). Hvelplund (2017) afirma que o processamento do TA é o “nexo” do processamento de informação durante uma tarefa de tradução para dublagem. Na análise da distribuição da atenção, o autor considerou qual elemento da tela e por quanto tempo cada um deles foi visualizado pelo tradutor e observou que o TA teve 47,5% de atenção visual em relação ao tempo total de execução da tarefa.

Com base em parte do desenho experimental de Hvelplund (2017), Malta (2015)<sup>13</sup> pesquisou o processo de (re)tradução de um trecho de 98 palavras do conto *Casa Tomada*, de Julio Cortázar (1946), conforme realizado por dez estudantes de tradução e quatro professores de espanhol, no par linguístico espanhol argentino/português brasileiro. Adotando a perspectiva metodológica da triangulação (ALVES, 2001, 2003; JAKOBSEN 1999) – ou seja, a utilização “simultânea de diferentes procedimentos de coleta de dados”<sup>14</sup> (ALVES, 2003, p. 3) para estudar o mesmo fenômeno –, Malta (2015) solicitou aos participantes da sua pesquisa que realizassem a tarefa de (re)tradução mediante acesso a três textos de insumo: o TF e duas traduções prévias – uma de Alicia Ramal (2005) e outra de Heloísa Jahn (2013). Malta (2015) analisou: a duração média total das fixações ( $\geq 180$ ms), por AOI e por microárea de interesse (MAOI); o número total de fixações, por AOI e por MAOI; o número e a duração de visitas, por AOI e por MAOI; o número de transições entre AOIs; o número e a duração das pausas de produção textual (2,4s); o tempo despendido em cada fase do processo tradutório (orientação, redação e revisão<sup>15</sup>); e a segmentação textual em termos de número de microunidades de tradução.<sup>16</sup> As microáreas de interesse correspondem a porções menores dos insumos que possivelmente se configuram como problemas de tradução, dadas as diferentes instanciações das traduções prévias, com distintas interpretações, para um mesmo TF (cf. Seções 2.4 e 3.1).

Segundo Malta (2015), sempre que o olhar do participante transita de uma AOI para outra, ocorrem “visitas” à área-alvo – por exemplo, se o olhar estava no TF e depois recaiu sobre uma das traduções prévias (*e.g.*, TP1), o participante transitou entre duas AOIs (*i.e.*, houve uma transição visual) fazendo uma visita à TP1. De acordo com Malta (2015), a diferença entre as visitas e as transições visuais reside no fato de que as visitas se referem apenas à área de interesse a que o tradutor recorreu e as transições visuais referem-se à duas áreas de interesse, a área-fonte e a área-alvo.

Observando os dados agregados (*i.e.*, médios) dos participantes, Malta (2015) constatou maior dispêndio de esforço cognitivo (aferido em termos de duração média das fixações, número de fixações, bem como número e duração de visitas) no TA, depois no TF e, ocasionalmente, nas duas traduções prévias utilizadas como insumo. Similarmente, a ordem de prevalência da atenção visual nessas áreas foi a mesma que aquela encontrada para o dispêndio

---

<sup>13</sup> Cf. nota de rodapé n. 12.

<sup>14</sup> Tradução da autora para: “*by means of the concurrent use of different data elicitation procedures*”.

<sup>15</sup> A definição dessas fases se encontra na Seção 2.3.

<sup>16</sup> Essas variáveis e a configuração do experimento de Malta serão explicitadas no Capítulo 3.



de esforço cognitivo. No que diz respeito às fases do processo tradutório, a fase da redação, além de ter tido um maior número de pausas, foi a que mais consumiu tempo dos participantes, tanto para a escrita quanto para as pausas; em seguida, vieram, nesta ordem, as fases de orientação e de revisão. Outrossim, os participantes optaram por uma abordagem mais “autoral” de suas traduções, evitando as traduções prévias como fonte de cópia ou de inspiração.

Seguindo os moldes da pesquisa de Malta (2015), Duarte (2016) investigou a alocação de esforço cognitivo em AOIs e MAOIs por 11 estudantes de francês do último ano de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A tarefa consistiu em (re)traduzir o primeiro parágrafo do romance *L'étranger* (1942), de Albert Camus, tendo acesso a duas de suas traduções prévias para o português brasileiro: a de Antônio Quadros, publicada em 1942; e a de Valérie Rumjanek, publicada cerca de quinze anos depois, em 1957.

Assim como Malta (2015), Duarte (2016) adotou a metodologia de triangulação de dados na coleta, que envolveu, nesta ordem: (i) aplicação de questionários sobre o perfil dos participantes; (ii) realização de uma tarefa de (re)tradução com rastreamento ocular e registro de acionamentos de teclado e *mouse* por meio do Translog-II; e (iii) produção de protocolos verbais retrospectivos livres e guiados. Para analisar o esforço cognitivo, a autora investigou o número e a duração de visitas, as transições visuais, bem como o número e a duração média das fixações.

Os resultados das AOIs analisadas por Duarte (2016), que também enfocou nos dados agregados dos participantes, corroboram aqueles obtidos por Malta (2015) no que diz respeito ao maior dispêndio de esforço cognitivo no TA e menor atenção visual nas traduções prévias. Assim, parece que se reitera o papel do TA como “nexo no processamento de informações”<sup>17</sup> (HVELPLUND, 2017, p. 6), seja para traduções ou retraduições, e o papel auxiliar/acessório das traduções prévias (MALTA, 2015). Ademais, Duarte (2016) também encontrou uma tendência entre os participantes de produzir uma tradução “autoral”, ou seja, menos similar àquelas dos insumos fornecidos. No entanto, a autora encontrou resultados divergentes dos de Malta (2015) no que diz respeito à alocação de esforço cognitivo nas MAOI do TF e do TA – mais especificamente, nos estudos de Duarte (2016), não houve diferença significativa na alocação de esforço cognitivo nas MAOI do TA nem do TF.

Malta, Fontes e Da Silva (2019) revisitaram as pesquisas de Malta (2015) e de Duarte (2016), juntamente com dados preliminares do presente estudo, observando algumas congruências nos resultados obtidos. Nos três estudos, ao se considerarem os dados agrupados,

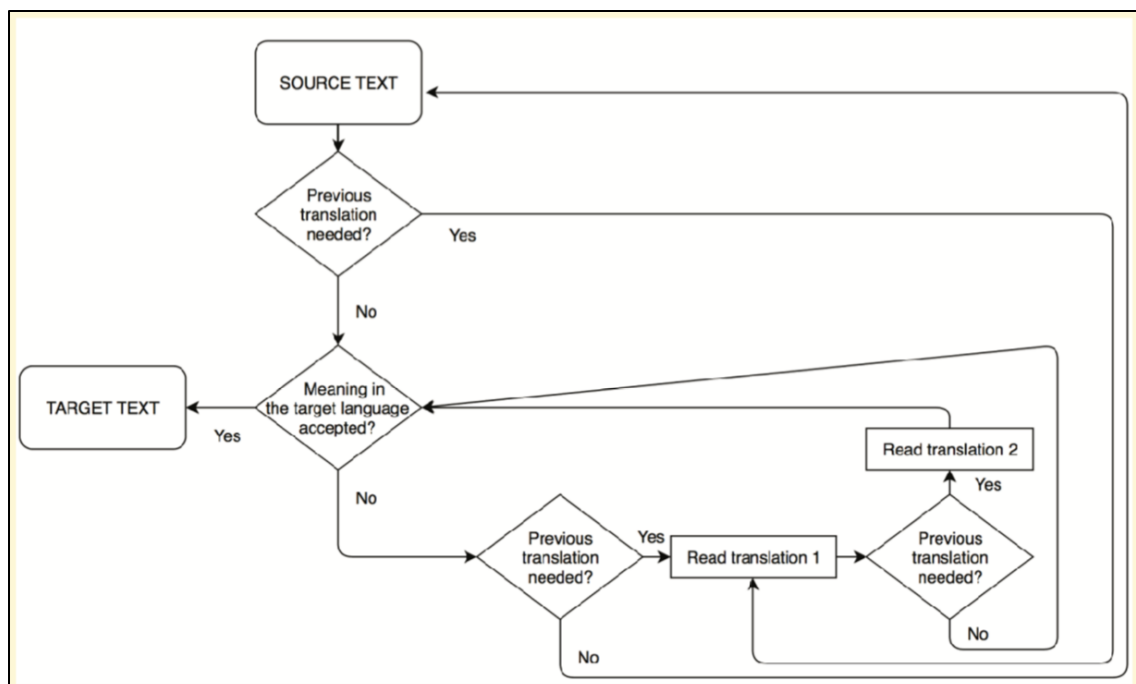
---

<sup>17</sup> Tradução da autora para: “*the nexus of processing effort*”.

observaram-se: (i) prevalência de atenção visual nas áreas de interesse do TA e do TF, com as traduções prévias exercendo um papel secundário na tarefa; e (ii) comportamento similar entre os participantes, independentemente do par linguístico, no que tange a visitar e fixar mais as áreas do TA e do TF que as áreas das traduções prévias. Os autores apontam que, em uma tarefa de (re)tradução, é possível observar uma matriz de transição do olhar dos participantes nas áreas de interesse, com o fluxo começando geralmente com a leitura do TF, seguida pela leitura/produção do TA. Os autores também afirmaram que: (i) a maioria das transições ocorreu do TA para o TF; (ii) em relação às traduções prévias, as transições foram mais frequentes a partir do TA que a partir do TF para essas traduções; e (iii) as transições oriundas das traduções prévias tenderam a se dirigir para o TA.

Conforme revela a Figura 2, Malta, Fontes e Da Silva (2019) apresentaram uma nova versão para o modelo disposto na Figura 1. Basicamente, partindo de uma análise agregada de três estudos tomados individualmente e em conjunto, essa nova versão consiste em um novo visual para o primeiro modelo, de modo que os aspectos anteriores se mantêm no que diz respeito à proeminência do TF como primeiro insumo, ao uso secundário das traduções prévias como forma de resolução de problemas e à indicação do TA como saída esperada de todo o processo quando o retradutor aceita (*i.e.*, dá como solucionado) o significado a ser léxico-gramaticalmente instanciado na língua-alvo.

Figura 2 – Modelo reestruturado de (re)tradução sob uma perspectiva processual



Tanto Malta (2015) quanto Duarte (2016) utilizaram protocolos verbais retrospectivos como subsídios para suas análises do processo. Os protocolos verbais consistem na verbalização do pensamento durante (*i.e.*, protocolo concomitante) ou após (*i.e.*, protocolo retrospectivo) o processamento da tarefa de tradução, permitindo analisar a metarreflexão dos participantes, ou seja, a capacidade de reflexão sobre o próprio processo (ALVES, 2005; DA SILVA, 2015). Os protocolos verbais podem ser: livres, quando o participante fala sobre qualquer aspecto do processo tradutório que julgar pertinente (*e.g.*, pontos de dificuldade, decisões tomadas, estratégias); ou guiados, quando o pesquisador incita o participante a responder perguntas ou discorrer sobre aspectos específicos de sua tradução. Em ambos os casos, é possível fornecer uma reprodução acelerada do processo tradutório para que o participante lembre com mais facilidade dos eventos.

Os resultados de Malta (2015), mais bem explicitados em Malta (2019) no que diz aos protocolos retrospectivos, enfatizam a importância da utilização desses dados, já que fornecem informações que dificilmente seriam obtidas com outros meios de coleta de dados. Os resultados obtidos com o uso dos protocolos corroboraram os dados de rastreamento e revelaram que os participantes executaram a tradução num sentido mais autoral. No estudo de Duarte (2016), os protocolos auxiliaram a corroborar a hipótese de Malta (2015) de que os participantes tentaram evitar copiar as traduções prévias, preferindo um sentido mais autoral, o que refletiu em um dispêndio de menor esforço cognitivo nas traduções prévias do que nos demais insumos.

Como a (re)tradução enquanto processo compartilha de pressupostos teóricos e de reflexões desenvolvidas no âmbito das pesquisas do processo tradutório, a próxima seção traz alguns elementos da abordagem processual da tradução que contribuem para análise do objeto desta tese.

## **2.2 Abordagem Processual da Tradução**

A abordagem processual da tradução investiga tanto a compreensão quanto a produção textual de indivíduos dos mais diversos perfis quando da realização de tarefas de tradução e congêneres. Em entrevista concedida em 2016 a Da Silva e Liparini Campos (2018), o Prof. Dr. Arnt Lykke Jakobsen, criador das versões iniciais do Translog, apresenta os recursos metodológicos e os objetivos da abordagem processual da tradução. De acordo com Jakobsen, os estudos processuais têm o intuito de pesquisar aspectos comportamentais do olhar e das mãos do tradutor para inferir o que ocorre na mente do indivíduo à medida que lê o TF e produz o

TA (DA SILVA; LIPARINI CAMPOS, 2018). Mesmo não sendo passíveis de observação direta, esses processos mentais podem ser inferidos e discutidos à luz de dados comportamentais coletados com rigor (DA SILVA; LIPARINI CAMPOS, 2018).

Jakobsen afirma que o programa Translog, desenvolvido por ele em 1995, e o rastreador ocular, que registra os movimentos do olhar pela tela do computador, “permitem ao pesquisador investigar os processos de leitura e escrita empregados pelo tradutor, bem como a maneira como as atividades atinentes a esses processos se coadunam”<sup>18</sup> (DA SILVA; LIPARINI CAMPOS, 2018, p. 246). Segundo ele, triangular os dados do Translog e do rastreador ocular com aqueles dos protocolos verbais intensifica as suposições e hipóteses acerca do processamento cognitivo do tradutor durante uma tarefa de tradução.

Desde o surgimento da abordagem processual da tradução, com Krings (1986), diversos estudos foram publicados, utilizando diferentes perspectivas de pesquisa. Dentre esses estudos, são pertinentes para os propósitos da pesquisa aqui delineada:

- Jakobsen (2002), Machado (2007), Gotelipe (2007), Buchweitz e Alves (2006), que tratam de fases do processo tradutório e/ou recursividade;
- Alves (2000, 2005), Dragsted (2004), Pagano e Da Silva (2008), Da Silva (2012) que tratam de unidades de tradução, pausas, ritmo cognitivo e/ou segmentação; e
- Jakobsen e Jensen (2008), Alves, Pagano e Da Silva (2009, 2011), Hvelplund (2011), que tratam de padrões de leitura em tradução.

A seguir, apresenta-se brevemente cada um desses trabalhos. Inicia-se pelas fases do processo de tradução.

Jakobsen (2002) conduziu um experimento com oito tradutores, quatro profissionais e quatro semiprofissionais no Departamento de Inglês da Copenhagen Business School. A tarefa consistia na tradução de dois textos inglês/dinamarquês e de outros dois textos dinamarquês/inglês, num total de quatro textos para cada participante. O experimento visava investigar as semelhanças e as diferenças entre cada tradutor e entre o grupo dos profissionais e o dos semiprofissionais. O autor analisou o que denominou de fases do processo tradutório: (i) orientação (*i.e.*, do início da tarefa até imediatamente antes da digitação do primeiro caractere); (ii) redação (*i.e.*, da digitação do primeiro caractere até a digitação, pela primeira

---

<sup>18</sup> Tradução da autora para: “[...] permits the researcher to study both the reading and writing processes a translator engages in, as well as the way in which reading and writing activities are coordinated”.

vez, do correspondente ao último caractere ou pontuação do TF); e (iii) revisão (*i.e.*, o restante do processo até a conclusão da tarefa).

Segundo Jakobsen (2002), na fase da orientação o tradutor se familiariza com o texto, se planeja e se prepara cognitivamente para a compreensão da obra e início da produção do TA. Na redação, fase em que o tradutor redige o TA, duas situações podem ocorrer: (i) a orientação *on-line*, ou seja, pausa feita pelo tradutor para se (re)orientar, provavelmente diante de alguma dúvida ou problema; e (ii) a revisão *online*, ou seja, quando o tradutor para de produzir para revisar o que já foi feito, o que geralmente não implica leitura linear, uma vez que o tradutor precisa retomar algum ponto específico do TA para reescrever ou até refazer alguma tradução com que não tenha ficado satisfeito. Na terceira e última fase, a de revisão final, o tradutor revê toda sua produção para, às vezes, resolver algum problema de tradução ou, então, validar a solução apresentada.

Em sua análise empírica, Jakobsen (2002) constatou que o dispêndio de esforços temporal e cognitivo foi diferente entre os grupos e em cada fase: na orientação, os tradutores profissionais despenderam mais tempo que os semiprofissionais; na redação, os profissionais produziram mais rapidamente, com textos mais longos, soluções mais consistentes e com menos correções; e na revisão, apesar de as quantidades de teclas de navegação acionadas terem sido semelhantes, os profissionais fizeram quase duas vezes menos edições textuais que os semiprofissionais, o que indica maior incerteza por parte dos semiprofissionais já ao final da fase de redação.

Machado (2007) analisou a fase de orientação de cinco tradutores profissionais no par linguístico inglês/português quando da realização de tarefas dentro e fora de sistemas de memória automática. A autora, amparada em Jakobsen (2002), apontou que, quando se enfoca nessa fase, é possível observar o planejamento do indivíduo antes da fase de redação (*i.e.*, orientação inicial) e ao longo da redação e da revisão (*i.e.*, orientação em tempo real, ou *on-line*); a duração, natureza e qualidade das pausas; e os mecanismos de apoio interno e externo.

De acordo com Machado (2007) e Alves (1997), apoio interno refere-se a mecanismos internos de reflexão, de inferências e/ou de conhecimento anterior, pelos quais o tradutor busca na sua memória significados que o levem a tomar decisões e/ou solucionar problemas tradutórios. Por sua vez, os apoios externos acontecem quando o tradutor se depara com algum problema de tradução e o apoio interno não foi suficiente para resolver a dificuldade; assim, o indivíduo precisa recorrer a alguma fonte paralela de pesquisa, como internet, livros e/ou dicionários para solucionar o problema (MACHADO, 2007; ALVES, 1997). Os resultados de

Machado (2007) mostraram que a fase de orientação inicial foi quase inexistente e que, quando o tradutor não se dedicava à orientação antes de iniciar seu processo de tradução, a orientação inevitavelmente tinha de ocorrer nas fases de redação e revisão, acarretando num maior número de pausas e necessidade de apoio externo ou interno.

Em trabalho com dados extraídos das mesmas tarefas solicitadas por Machado (2007), Gotelipe (2007) analisou, empiricamente, a revisão ao longo do processo tradutório. Seu objetivo foi examinar os comportamentos de revisão durante a fase de redação (*i.e.*, em tempo real, ou revisão *on-line*) e após a fase de redação (*i.e.*, revisão final). A autora constatou que: (i) o sistema de memórias reduziu em 60% o tempo despendido para a realização da revisão final e diminuiu o número de pausas em 80% dos casos; (ii) a quantidade de buscas por apoio externo quando da execução da tarefa em um sistema de memória de tradução foi inferior àquela observada em tarefas realizadas fora desse sistema; e (iii) com o sistema de memória de tradução, a resolução dos problemas tradutórios se deu majoritariamente durante a fase de redação, sendo consideravelmente reduzido o tempo de revisão final. No que se refere à utilização de apoio interno ou externo durante a fase de revisão, Gotelipe (2007) afirma que, no sistema de memória de tradução, o apoio externo foi constante e houve um aumento significativo na utilização do apoio interno. Além disso, na fase de revisão final, houve um ínfimo uso de apoio externo, o que, segundo Gotelipe (2007), é indicativo de que a solução de problemas se deu durante a fase de redação.

Um aspecto importante da revisão é a recursividade, definida por Buchweitz e Alves (2006) como a inserção e eliminação de letras e/ou palavras para produção de um TA mais conciso e coerente. Os autores analisaram dados processuais de dois grupos de tradutores, com diferentes níveis de experiência acadêmica e profissional, que executaram uma tarefa de tradução direta e outra de tradução inversa no par linguístico inglês <=> português brasileiro. Observaram que ambos os grupos despenderam mais tempo na direção inversa e que os tradutores mais experientes tiveram mais movimentos recursivos na tarefa de tradução inversa do que na tarefa direta, enquanto os tradutores menos experientes apresentaram uma diferença irrelevante na recursividade.

Do ponto de vista processual, um conceito importante para se compreender como a tarefa tradutória é realizada de diferentes maneiras pelos tradutores é o conceito de “unidade de tradução” (UT). Alves (2000) define UT como segmentos de um TF de tamanhos diversos (palavras ou frases) a que o tradutor dedica atenção durante uma tradução. Em outras palavras, dois tradutores, ao traduzirem um mesmo texto, não necessariamente concentrarão sua atenção em segmentos idênticos em extensão e natureza.

Segundo Dragsted (2004), uma das formas de se definir uma UT – de forma indireta a partir de dados processuais – é baseado nos segmentos localizados entre pausas ao longo do processo de produção textual, podendo as UTs variar em tamanho e qualidade segundo o nível de experiência do tradutor e o nível de dificuldade ou complexidade do TF. A autora, em seu estudo, considera que a segmentação em ordens mais elevadas (*e.g.*, oração ou sentença) tendem a indicar que o indivíduo tem uma maior capacidade de gerenciar seu processo tradutório (normalmente, entre profissionais) e/ou que o TF apresenta menor nível de dificuldade; em contrapartida, a segmentação em ordens mais baixa (*e.g.*, palavra ou grupo) tende a indicar menor capacidade de gerenciamento do processo tradutório (normalmente, entre estudantes) e/ou TF com maior nível de dificuldade.

De forma similar a Dragsted (2004), Da Silva (2007) e Pagano e Da Silva (2008) também analisaram a segmentação em tarefas de tradução; porém, enfocaram em indivíduos não tradutores, isto é, em pesquisadores que realizam traduções como parte de suas atividades de pesquisa. Os autores afirmaram que o desempenho dos participantes variou bastante, mas foi possível delinear um comportamento padrão: (i) o planejamento executado na fase de orientação foi fundamental para a qualidade do texto; e (ii) os participantes, no geral, segmentaram no nível do grupo, mas foram capazes de representar a tarefa em níveis mais elevados, ou seja, ao falar sobre a tarefa e seu planejamento, levaram em consideração questões suprassentenciais ou relativas à oração, ao complexo oracional ou ao texto como um todo.

Uma questão considerável acerca do comportamento, esforço cognitivo e tomada de decisão é apresentada por Da Silva (2012) diante de uma tarefa de tradução, de 32 participantes divididos proporcionalmente em dois grupos: 16 tradutores profissionais (brasileiros e alemães) e 16 especialistas de uma determinada área de conhecimento não tradutores (brasileiros e alemães). A tarefa consistia em traduzir do inglês para sua língua materna um texto com problemas relacionados a significados metafóricos do texto-fonte que demandavam esforço cognitivo sobretudo para “desmetaforizar instâncias metafóricas” (DA SILVA, 2012, p. 8). As ferramentas utilizadas pelo autor foram o Translog©, (JAKOBSEN; SCHOU, 1999) para registrar os dados de tempo e movimento de teclado e *mouse*, e os relatos retrospectivos, que forneceram informações qualitativas acerca do porquê de determinadas decisões. Com esses dados, Da Silva (2012) investigou as diversas opções de tradução dos participantes até que eles chegassem a uma solução definitiva e analisou o quão metafóricas eram essas soluções. O autor observou também o impacto das tomadas de decisão dos participantes no que se referia ao nível de implicitude e explicitude do texto-alvo e as relações retóricas estabelecidas. De acordo com Da Silva (2012, p. 21),

[o] texto traduzido, ao evidenciar, na língua de chegada, o que está implícito no texto de partida, apresenta realizações léxico-gramaticais em determinada ordem (*rank*) que não necessariamente é análoga à do texto de partida, de modo que a comparação entre o texto de partida e o texto de chegada aponta para um outro tipo de procedimento que não a “tradução literal”

Segundo Da Silva (2012), essa explicitação das metáforas no texto-alvo estão associadas ao que Catford (1965) chama de mudanças de unidades (*unit shifts*): diante de uma desmetaforização (descondensação de significados) de informações implícitas no texto-fonte, o indivíduo as traduz para o texto-alvo em diferentes realizações léxico-gramaticais. Além disso, Da Silva (2012) afirma que nem sempre o tradutor consegue remetaforizar o segmento no mesmo nível de semelhança do texto-fonte.

De acordo com os resultados de Da Silva (2012), a tradução da metáfora gramatical em si não demanda mais esforço cognitivo do tradutor. Para o autor, a tradução da metáfora cujo produto se assemelha ao texto-fonte é tido como procedimento padrão, mas nos casos em que a tradução não tem semelhança com o texto-fonte há um maior dispêndio de esforço cognitivo.

Outro conceito relevante que é abstraído a partir da observação das pausas é o de ritmo cognitivo. Segundo Alves (2005, p. 8), trata-se do “padrão de alternância entre as fases de redação e pausas dos escritores” – mais especificamente, por meio do número, localização, frequência e tempo de duração das pausas, é possível identificar padrões rítmicos do processo tradutório de diferentes grupos de tradutores. O autor menciona que, além de identificar padrões, as pausas podem caracterizar a tomada de decisão dos tradutores (*i.e.*, delimitar uma decisão provisória ou apontar o adiamento de alguma outra decisão) e indicar a necessidade de apoio interno e/ou apoio externo. Alves (2005) aponta que os tradutores experitos produzem textos mais coesos e coerentes, ao passo que tradutores novatos tendem a escrever de forma mais errática e inconsistente.

De acordo com Alves (2005), o nível de expertise do tradutor tem impacto na capacidade de monitoramento do processamento tradutório. Essa afirmação pôde ser confirmada diante da observação do comportamento dos três participantes (T1, T2, T3) do estudo de Alves (2005). No que se refere à fase de orientação, o participante considerado mais experito (T3) foi aquele que dedicou mais tempo para se orientar, ler o TF e se preparar cognitivamente para a fase de redação. Os outros dois participantes (T1 e T2) despenderam muito pouco tempo na orientação inicial, o que, conseqüentemente, afetou a produção. Na fase de redação, T1 se preocupou excessivamente com a tradução de itens lexicais, ou seja, apresentou uma segmentação textual baseada na tradução por palavras e problemas tradutórios



concentrados em pontos específicos. A incapacidade de monitorar seu processo e a falta de domínio sobre tradução fez com que T1 mantivesse um comportamento errático durante toda a tarefa. T2 fez uma redação com muito poucas pausas, teve uma produção e digitação contínua e, dado seu conhecimento sobre o assunto do texto traduzido, apontou uma preocupação em utilizar a terminologia específica; entretanto, T2 teve um processamento inadequado por falta de monitoramento e revisão superficial. Por sua vez, T3 produziu um texto com alto grau de coesão e coerência, permitindo uma leitura fluida; seu fluxo da produção apresentou uma digitação contínua, com poucas pausas. T3 apresentou dúvidas de tradução; porém, diferentemente de T1 e T2, utilizou a fase de revisão para solucionar esses problemas.

Em meados dos anos 2000, introduziu-se o rastreamento ocular como método de coleta de dados sobre o processo tradutório. Desde então, é possível observar que algumas métricas relacionadas ao esforço cognitivo que se tornaram mais frequentes em pesquisas processuais da tradução. O Quadro 3 apresenta essas métricas e alguns trabalhos que utilizaram essas variáveis.

Quadro 3 – Métricas de esforço cognitivo baseadas em rastreamento ocular mais frequentes nas pesquisas processuais da tradução (continua)

Métricas	Definição	Autores
Número de fixações (total)	Quantidade de vezes que os olhos do participante se fixaram em determinado ponto da tela do rastreador. “Fixações são períodos em que os olhos permanecem praticamente parados. Normalmente é definida por dois parâmetros: tempo mínimo necessário para ser considerada uma fixação (100 ms) e amplitude do movimento máximo aceito para ser considerada uma fixação (raio de 50 <i>pixels</i> , quadrado de 40x40 <i>pixels</i> ou dois graus), mas também pode ser definida em relação à sua velocidade máxima (menor que 100 graus/segundo), dependendo do algoritmo usado para identificar as fixações.” (GIANNOTTO, 2009, p. 74, <i>apud</i> MALTA, 2015)	O’Brien (2009); Jakobsen e Jensen (2008); Pavlovic e Jensen (2009); Alves, Pagano e Da Silva (2009; 2011); Alves, Gonçalves e Szpak (2014); Hvelplund (2015a; 2015b); Sekino (2015)
Tempo de duração da <i>gaze</i> (total)	“Gaze é sequência de fixações sucessivas em uma AOI. A duração da <i>gaze</i> é obtida pela soma da duração das fixações que a compõem, e sua posição é a posição média dessas fixações. Uma <i>gaze</i> pode ser composta por diversas fixações e pequenas sacadas, sendo que a primeira fixação que caia fora da AOI marca o fim da <i>gaze</i> .” (GIANNOTTO, 2009, p. 74)	Jakobsen e Jensen (2008); Pavlovic e Jensen (2009); Alves, Pagano e Da Silva (2009; 2011); Hvelplund (2011, 2014)
Duração média da fixação (total)	É o tempo médio durante o qual os olhos permanecem praticamente parados em determinado ponto.	Jakobsen e Jensen (2008); Pavlovic e Jensen (2009); Hvelplund (2011, 2014, 2015a; 2015b); Sjørup

Quadro 3 – Métricas de esforço cognitivo baseadas em rastreamento ocular mais frequentes nas pesquisas processuais da tradução (continua)

Métricas	Definição	Autores
		(2011, 2013); Sekino (2015)
Área de interesse (AOI)	“São regiões do sistema ou do produto em teste na qual o pesquisador ou a equipe de desenvolvimento possui algum interesse especial.” (GIANNOTTO, 2009, p. 57)	Giannotto (2009); Malta (2015); Jakobsen e Jensen (2008)
Dilatação de pupila	“A pupila consiste de uma pequena abertura circular situada no centro da íris, normalmente com um diâmetro que varia entre 1 e 9 mm, por meio da qual passam os raios luminosos. A pupila contrai-se ou dilata-se por ação dos seus músculos constritor e dilatador sob a influência de reflexos como luminosidade, cafeína, certos fármacos e eventos cognitivos” (KOGLIN, 2015, p. 41). O tamanho da pupila representa variações na carga cognitiva do participante. Quanto maior a pupila, maior o esforço.	O’Brien (2006, 2009); Pavlovic e Jensen (2009); Hvelplund (2011, 2014, 2015a, 2015b); Koglin (2015)
Número de visitas	Corresponde à quantidade de vezes em que olhar do recai sobre determinada área durante a transição do olhar entre as AOI.	Jakobsen e Jensen (2008); Hvelplund (2011, 2017); Malta (2015)
Duração das sacadas (transições)	Sacadas são movimentos rápidos usados para reposicionar a fóvea de um ponto de interesse a outro. Quando são usados algoritmos de detecção de fixação, é representada implicitamente pela distância de uma fixação a outra (GIANNOTTO, 2009, p. 74).	Jakobsen e Jensen (2008)

Fonte: adaptado de Malta (2015, p. 31)

Um dos primeiros trabalhos que utilizou dados de rastreamento é o de Jakobsen e Jensen (2008), que analisaram os movimentos do olhar de seis tradutores profissionais e seis estudantes de tradução dinamarqueses em quatro tarefas de leitura com propósitos distintos: (i) para compreensão; (ii) para tradução; (iii) para tradução oral (à prima vista); e (iv) para tradução escrita. Os objetivos da pesquisa foram: (a) detectar possíveis diferenças entre a leitura para compreensão e para tradução; (b) observar a distribuição da atenção visual nas diferentes propostas de leitura; e (c) analisar e comparar a atenção visual dedicada ao TF e ao TA durante a tradução escrita e a tradução oral. Os resultados apontaram para um progressivo aumento no número e na duração das fixações considerando-se os propósitos de leitura (i) a (iv). Na tarefa de tradução escrita, houve uma maior incidência de atenção visual no TF entre os estudantes, mas o inverso entre os profissionais.

Também usando rastreamento ocular, Hvelplund (2011) analisou a alocação de esforço cognitivo de 12 tradutores profissionais e 12 estudantes de tradução, no par linguístico inglês => dinamarquês, durante a execução de tarefas de tradução de textos com variados níveis de complexidade textual. Para analisar esses fatores, o autor considerou: (i) a duração combinada das unidades de atenção, que reflete a distribuição global dos recursos cognitivos; (ii) a duração das unidades de atenção individuais, que representa a forma como o tradutor administra os recursos cognitivos; e (iii) o tamanho da pupila durante a tradução das unidades de atenção individuais, que retrata o esforço cognitivo. A análise da duração das unidades de atenção revelou que, provavelmente pela maior consciência sobre a realização da tarefa, os tradutores profissionais experientes foram capazes de alocar os recursos cognitivos com maior flexibilidade tanto no TF quanto no TA. No que se refere ao tamanho da pupila, a análise indicou que os estudantes despenderam maior esforço cognitivo que os profissionais. No que concerne à distribuição de esforço cognitivo nas áreas do TA e TF, Hvelplund (2011) constatou que a reformulação do TA demanda mais tempo e esforço cognitivo que compreender o TF. Além disso, de acordo com Hvelplund (2011), as unidades de atenção do TA são significativamente mais longas que as do TF, isto é, o processamento do TF é mais rápido porque as análises lexicais e proposicionais da compreensão do TF demandam menos esforço cognitivo que organizar e produzir o TA.

Em um estudo mais recente, Malta (2017) utiliza dados de rastreamento e de registro de *mouse* e teclado de 20 estudantes do 3º semestre do curso de bacharelado em Tradução – Espanhol da Universidade de Brasília. O objetivo da pesquisa foi elaborar uma proposta de unidade didática<sup>19</sup> (UD) que abarcasse a prática da leitura para tradução em discentes, conscientizando-os da relevância das três fases do processo tradutório. Malta (2017) constatou que, apesar de os dados de rastreamento terem apontado para uma maior atenção visual no TA, sugerindo uma produção mais durável, os dados de registro de *mouse* e teclado não corroboraram esse resultado. De acordo com o autor, houve certa deficiência na fase da revisão e o tempo despendido na orientação foi relativamente curto, resultando numa maior atividade cognitiva na fase de redação. No que se refere aos dados de tempo, a fase de redação foi a que demandou mais dos estudantes (60%), seguida das fases de revisão (27,37%) e

---

<sup>19</sup> “Unidade didática é uma das unidades propostas em um disciplina prática de tradução. Busca consolidar e aprimorar os conhecimentos adquiridos anteriormente em outra disciplina prática, porém de nível mais básico. Dentre os objetivos da unidade estão: desenvolver e melhorar a competência de leitura para tradução, desenvolver estratégias de segmentação textual com vistas à tradução, desenvolver e melhorar estratégias para a resolução de problemas de tradução, aprender e diferenciar sistemas linguísticos, manejar o conceito de Unidades de Tradução”. (MALTA, 2017 p. 52)

orientação (13,44%). Segundo Malta (2017), os resultados obtidos convergem com os dados de outras pesquisas que apontam para um maior dispêndio de tempo na fase de redação. Malta (2017) constatou que, com a aplicação da UD, foi possível, dentre outros, delinear uma prática de tradução que conscientizasse os estudantes acerca da leitura para tradução em todas suas fases e identificar possíveis lacunas e problemas tradutórios.

Cabe também mencionar que algumas pesquisas sobre o processo tradutório se interessam pela identificação de padrões de comportamento caracterizadores de expertise. Uma definição de expertise no âmbito dos estudos processuais da tradução se refere ao desempenho consistentemente superior, ou excepcional, em determinado domínio, com domínio sendo algum tipo de atividade qualificada (Shreve, 2006), que pode ser informal (*e.g.*, costura ou culinária) ou formal (*e.g.*, biologia ou xadrez) (CHI, 2006). A demonstração desse desempenho consistentemente superior pode se dar em um conjunto de tarefas representativas reproduzíveis em qualquer domínio e é assumida como resultado de prática deliberada, ou seja, o envolvimento em atividades de treinamento especialmente projetadas para o desenvolvimento e manutenção consistente de altos níveis de desempenho. (ERICSSON; CHARNESSE, 1997). Um ponto importante sobre a expertise é que ela não se transfere entre domínios, ou seja, não é de se esperar, por exemplo, que um tradutor experto em uma área específica seja considerado experto em outra área (DA SILVA, 2020).

Uma vez apresentados alguns dos conceitos adotados em pesquisas processuais da tradução, passa-se, na próxima seção, para breves apontamentos sobre critérios para delimitação de problemas de tradução.

### 2.3 Delimitação de Problemas de Tradução

Dentre os estudos processuais que investigam a tradução em pesquisas experimentais e que tomam como foco pontos específicos do TF potencialmente acionadores de problemas de tradução, cita-se o grupo PACTE (Processo de Aquisição e Avaliação da Competência Tradutória)<sup>20</sup>. Em suas pesquisas, para estudar problemas de tradução e tomadas de decisão, PACTE (2002a, 2002b, 2005a, 2005b, 2011) parte do que chama de “pontos ricos” (*“rich points”*). Trata-se de “segmentos específicos do texto-fonte que apresentam problemas de tradução”<sup>21</sup> (PACTE, 2011, p. 36).

<sup>20</sup> Em catalão, *“Procés d’Adquisició de la Competència Traductora i Avaluació”*.

<sup>21</sup> Tradução da autora para: *“specific source-text segments that contained translation problems”*.

Os problemas de tradução encontrados nesses pontos ricos podem ser de natureza linguística, extralinguística ou textual, bem como relacionados com intencionalidade (*i.e.*, dificuldade de entender uma informação no TF), ao *brief* (instrução da tarefa) e/ou ao leitor do TA. A identificação dos pontos ricos consiste em uma estratégia de pesquisa relevante, uma vez que os prováveis problemas tradutórios existentes no texto são definidos aprioristicamente, podendo as soluções de tradução ser analisadas a fim de identificar o comportamento do tradutor diante de um problema tradutório.

PACTE não menciona critérios linguísticos para identificação dos pontos ricos. No entanto, uma abordagem mais robusta poderia se embasar em uma teoria da linguagem, como a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), tal qual realizado por Alves, Pagano e Da Silva (2014), Da Silva (2012), Da Silva e Pagano (2017) e Pagano e Da Silva (2010). Esses autores utilizam o conceito de metáfora gramatical (cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) para manipular pontos dos textos de partida e, assim, poder investigar como o tradutor lida com passagens mais metafóricas (*i.e.*, mais densas, implícitas) ou mais congruentes (*i.e.*, menos densas, explícitas) no texto de partida.

A vantagem de se utilizar a LSF é que esta permite a comparação de sistemas linguísticos distintos e esclarece, por meio das opções de cada um sistema, as escolhas tradutórias disponíveis para o tradutor. Uma forma de se operacionalizar isso é por meio dos conceitos de equivalência e mudança (*shift*), conforme apresentados a seguir.

Catford (1965) propõe um modelo de tradução que se baseia nas noções de equivalência de tradução (*translation equivalence*) e de mudança (*shift*). Segundo o autor, a equivalência em tradução envolve dois conceitos: (i) equivalência textual (*textual equivalence*), referente a “qualquer texto ou porção de texto da LM [língua-meta] que [...] se observe ser, numa ocasião específica, o equivalente de determinado texto ou porção de texto da LF [língua-fonte]” (CATFORD, 1980, p. 29); e (ii) correspondência formal (*formal correspondence*), referente a “qualquer categoria da LM (unidade, classe, estrutura, elemento de estrutura etc.) que se possa dizer que ocupa, tanto quanto possível, na ‘economia’ da LM, o ‘mesmo’ lugar que determinada categoria da LF ocupa na LF” (CATFORD, 1980, p. 29). A noção de equivalência textual é importante para a identificar a relação de tradução entre dois textos ou porções de texto. Na investigação das instanciações, é possível identificar aqueles casos em que há correspondências formais ou, do contrário, *shift*. Conforme aponta Catford (1965), as equivalências textuais podem ser estabelecidas em qualquer ordem (*rank*), de sorte que, em um texto longo, pode haver diversos tipos de mudanças (*shifts*) no significado formal, como, por

exemplo, quando um Pré-Modificador + Núcleo na língua-fonte é instanciado como Núcleo + Pós-Modificador na língua-alvo (e.g., “*comfortable home*” e “casa confortável”).

Mudanças ou *shifts* têm lugar, consoante Catford (1965), quando não se verifica correspondência formal entre texto-fonte e texto-alvo. Em outras palavras, mudanças são identificadas em instâncias de equivalência textual, nas quais não há correspondentes formais entre texto-fonte e texto-alvo. Segundo Catford (1965, p. 85-86), a mudança de nível ocorre quando um item do TF é traduzido em um nível linguístico diferente na língua-alvo, ou seja, de gramática para léxico ou vice-versa (e.g., tradução do dêitico “*this*”, em “*this article*”, pelo artigo + adjetivo “o presente”, em “o presente artigo”); e de categoria, quando há uma mudança de estrutura (i.e., na posição e/ou na quantidade dos elementos na oração), de classe gramatical, de unidade (i.e., na escala da ordem) e/ou intrassistema (i.e., o sistema da língua-alvo apresenta opções léxico-gramaticais similares às do sistema da língua-fonte, mas a tradução não evidencia correspondência formal).

Em se tratando do processo, a noção de equivalência de tradução pode ser contemplada da seguinte forma, conforme Tirkkonen-Condit (2005), baseada em Ivir (1981, p. 51), por sua vez pautado em Catford (1965):

O tradutor começa a sua busca por equivalência de tradução a partir de uma correspondência formal; é somente no momento em que não há um correspondente formal de significado idêntico ou o mesmo não é capaz de garantir equivalência que o tradutor recorre a correspondentes formais com significados não tão idênticos ou a mudanças (*shifts*) estruturais e semânticas que acabam totalmente com a correspondência formal. Porém, mesmo neste último caso, o tradutor faz uso de correspondência formal como mecanismo de averiguação de significado – para saber, por assim dizer, o que ele está fazendo.<sup>22</sup>

Em seu estudo, Matthiessen (2001) revisa as propostas de Catford (1965) no que se refere ao conceito de mudanças e afirma que é necessária uma atualização considerando os novos conceitos teóricos da LSF. Em seu texto, o autor aborda a tradução em todos os ambientes (environments) possíveis, com enfoque na tradução interlinguística. Para ele, a linguagem se organiza em várias dimensões (dimensions), que “definem manifestações particulares [...] entre

---

<sup>22</sup> Tradução de Da Silva (2012) para: “*The translator begins his search for translation equivalence from formal correspondence, and it is only when the identical-meaning formal correspondent is either not available or not able to ensure equivalence that he resorts to formal correspondents with not-quite-identical meanings or to structural and semantic shifts which destroy formal correspondence altogether. But even in the latter case he makes use of formal correspondence as a check on meaning - to know what he is doing, so to speak*”.

um ‘ambiente mais amplo’ e um ‘ambiente mais restrito’<sup>23</sup> (MATTHIESSEN, 2001, p. 74). Essas diversas DIMENSÕES permitem definir as mudanças (*shifts*) e equivalências de tradução.

Valendo-se das definições de Matthiessen (2001), esta tese aborda o conceito de *shift* sob a perspectiva metafuncional, ou seja, Matthiessen (2001) afirma que em uma tradução, apesar de a linguagem ser metafuncionalmente congruente, podem ocorrer mudanças (*shifts*) de metafunção quando um significado construído ideacionalmente na língua fonte é construído em outra metafunção na língua alvo, ou mudanças (*shifts*) dentro das metafunções, a saber, mudanças (*shifts*) na ordem: o significado metafuncional é mantido, porém muda-se a ordem (oração, grupo, palavra, morfema); no sistema: a ordem e a metafunção são mantidas e as mudanças ocorrem no sistema e na estrutura: a metafunção, a ordem e o sistema são mantidos mas a realização na estrutura é diferente.

Uma vez apresentados os fundamentos teóricos desta tese, passa-se, no próximo capítulo, à metodologia da mesma.

---

<sup>23</sup> Tradução da autora para: “*dimensions as defining particular manifestations [...] between ‘wider environment’ and ‘narrower environment’*”.

# **3 METODOLOGIA**



**E**ste capítulo descreve a metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa no âmbito do Laboratório Experimental de Tradução (LETRA) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Os dados obtidos por meio dos instrumentos de coleta foram triangulados a fim de se obter uma visão mais ampla da (re)tradução e, ao mesmo tempo, viabilizar que os resultados encontrados a partir de um instrumento fossem corroborados ou refutados por aqueles elicitados por meio de outros instrumentos. A triangulação consiste em utilizar, “simultaneamente, diferentes procedimentos de coleta de dados”<sup>24</sup> (ALVES; GONÇALVES, 2003, p. 3), numa perspectiva de complementaridade.

A metodologia utilizada nesta tese é descrita em duas seções, quais sejam: (i) metodologia de coleta de dados, na qual são detalhados o processo de seleção dos participantes e dos textos para o experimento, bem como a tarefa e os instrumentos de coleta de dados; e (ii) metodologia de análise de dados, explicitando-se as medidas utilizadas para aferição da distribuição da atenção, do fluxo de processamento e do esforço cognitivo dos participantes durante a execução da tarefa, bem como os procedimentos adotados para a análise qualitativa de participantes *outliers*.

### 3.1 Metodologia de Coleta de Dados

Esta seção apresenta detalhadamente as decisões metodológicas para a coleta de dados referentes à (re)tradução, decisões essas que seguiram em boa medida aquelas de Malta (2015), já que, para atender ao objetivo geral desta pesquisa – testar e refinar, com base em uma amostra no par linguístico inglês/português e a partir de uma análise quali-quantitativa dos dados agregados e individualizados dos participantes, o modelo de (re)tradução que Malta (2015) propôs a partir dos resultados de uma análise quantitativa dos dados agregados –, era necessário replicar o trabalho do autor. Todos os procedimentos aqui descritos foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (Parecer n. ETIC 532-06; Número registro COEP: 0255.0.203.000-05). A coleta somente foi realizada após os participantes terem sido esclarecidos sobre todos os aspectos da pesquisa e, em seguida, assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo D).

---

<sup>24</sup> Tradução da autora para: “[...] by means of the concurrent use of different data elicitation procedures.”

### 3.1.1 Local de coleta

A coleta dos dados dos participantes deste estudo foi realizada no Laboratório Experimental de Tradução (LETRA), localizado na sala 3051C, da Faculdade de Letras (FALE), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no período de 12 a 25 de abril de 2015. No laboratório, há uma sala de coletas de 10 m<sup>2</sup>, especificamente projetada para a coleta de dados processuais, a qual conta com uma cadeira fixa, iluminação artificial controlada e uma bancada com o monitor/*hardware* de rastreamento ocular Tobii T60©, ligado a um computador da marca Samsung, sistema operacional Windows 7 Professional, memória RAM 16 GB, processador Intel Core i7-4770, resolução de tela 1280 x 1024 *pixels*.

### 3.1.2 Instrumentos de coleta

Para a coleta dos dados, foram utilizados diferentes instrumentos em três etapas, a saber: na primeira etapa, empregou-se um questionário prospectivo *on-line* para levantamento de informações sobre os participantes; na segunda etapa, de execução da tarefa de (re)tradução antecedida por um teste de cópia para fins de familiarização, usaram-se (i) o monitor/*hardware* de rastreamento ocular Tobii T60©, (ii) o *software* proprietário Tobii Studio© (v. 3.2.2) e (iii) o *software* livre Translog-II© (v. 2.0); na terceira etapa, adotaram-se protocolos retrospectivos livres e guiados. Descreve-se a seguir, sucintamente, cada um desses instrumentos.

O questionário prospectivo *on-line*, adaptado de Fonseca (2016), foi produzido na aplicação *Survey* do Google e distribuído por *e-mail* aos participantes antes da realização da tarefa de (re)tradução. O questionário consistia de 37 perguntas sobre o perfil dos participantes, orientadas sobretudo para informações linguísticas, acadêmicas e profissionais (cf. Anexo A). Estimou-se um tempo médio de 15 minutos para preenchimento do questionário.

O monitor de 17 polegadas (16 *bits*, resolução 1280 x 1024 *pixels*) / *hardware* de rastreamento ocular Tobii T60 é um rastreador não intrusivo do tipo remoto que possibilita a movimentação do participante durante a coleta de dados, com uma liberdade de 44x22x30 cm.<sup>25</sup> Apresenta precisão de 0,5 graus, desvio (*drift*) de < 0,3 graus, taxa de dados de 60 Hz. Permite coleta de dados de um dos olhos ou de ambos (opção desta pesquisa) e faz seleção automática de pupila clara ou escura. É baseado num sistema infravermelho para captura do olhar e conta

---

<sup>25</sup> Cf. EYETRACKING. Tobii T60© & T120 Eye Trackers. Disponível em: [https://eyetracking.ch/wordpress/wp-content/uploads/2012/01/Tobii\\_T60\\_T120\\_Leaflet.pdf](https://eyetracking.ch/wordpress/wp-content/uploads/2012/01/Tobii_T60_T120_Leaflet.pdf). Acesso em: 30 jan. 2020.

com câmera embutida (não utilizada nesta pesquisa) e alto-falantes. Os participantes foram sentados a uma distância de aproximadamente 50 cm do monitor. Em termos gerais, o equipamento, junto com o *software* Tobii Studio© – desenvolvido pela mesma empresa do rastreador ocular –, identifica e armazena, em coordenadas e milissegundos, os dados acerca do olhar do participante sobre a tela do computador (*e.g.*, fixações e visitas).

O *software* Translog-II© foi acionado concomitantemente com o *software* Tobii Studio©, em uma configuração a ser apresentada na Subseção 3.1.5. Trata-se de um *software* de acesso livre desenvolvido pelo Centro de Tecnologia e Inovações em Tradução (CRITT/CBS)<sup>26</sup> para registrar em tempo real todos os acionamentos de teclado e *mouse*, acompanhados de seus respectivos tempos de execução (*timestamps*). O programa possui dois componentes: o Translog User e o Translog Supervisor. O primeiro registra o processo de produção textual, e o segundo possibilita (i) a visualização do processo tradutório por meio da função *replay* e (ii) a identificação de alguns dados sobre o processo tradutório (*e.g.*, tempo total de realização da tarefa). O arquivo gerado pelo Translog User, em .XML, é passível de tratamento para produção de análises correlacionando escrita e olhar quando se tem um texto-fonte e um texto-alvo na própria interface do Translog-II; no entanto, esse recurso não se encontra disponível quando da utilização de três textos de insumo, todos externos à interface do Translog-II (cf. Subseção 3.1.5).

Os protocolos livres e guiados consistem em técnicas introspectivas de coleta de dados. Foram aplicados imediatamente após a tarefa de (re)tradução, ou seja, foram protocolos retrospectivos. O objetivo de sua utilização foi obter dados qualitativos acerca do processo tradutório e das estratégias e tomadas de decisão, considerando-se a capacidade de metarreflexão dos participantes (cf. GONÇALVES, 2001).

No caso dos protocolos livres, solicitou-se aos participantes que assistissem ao seu processo tradutório, acelerado a uma velocidade de 500%, por meio do *replay* do Translog-II e verbalizassem tudo o que lhes viesse à mente, como motivações para suas escolhas e dificuldades de realização da tarefa. Mais especificamente, foi dada a seguinte orientação:

Você assistirá à gravação de todo o seu processo tradutório, todas suas ações, decisões, palavras que você apagou e até mudanças que fez. Gostaria que você falasse, verbalizasse, tudo que estava acontecendo a cada momento, no que você estava pensando, porque decidiu usar determinada palavra, suas dúvidas. Enfim, você deverá descrever seu processo à medida que assistir à gravação, inclusive os momentos em que, aparentemente, não estiver acontecendo nada.

---

<sup>26</sup> Disponível em: <https://sites.google.com/site/centretranslationinnovation/translog-ii>.

No caso dos protocolos guiados, solicitou-se aos participantes que visualizassem novamente a tela, com a versão final do texto-alvo, e respondessem a perguntas preestabelecidas pela pesquisadora (cf. Anexos B e C, Apêndice B). Mais explicitamente, essas perguntas buscaram fazer com o que os participantes falassem sobre a tarefa, sobre os textos no sentido global e sobre aspectos pontuais do texto.

Os protocolos livres e guiados de cada participante foram transcritos pela própria pesquisadora. A metodologia de transcrição baseada em Castro (2016) encontra-se no Anexo C, e as transcrições de cada um dos relatos encontram-se nos Apêndices A e B.

### **3.1.3 Participantes**

Para recrutamento dos participantes, a pesquisadora, em março de 2015, distribuiu aleatoriamente um convite impresso com informações sobre a pesquisa aos estudantes do CENEX (Centro de Extensão) e às turmas das diferentes habilitações em Letras da FALE/UFMG. Nesse convite, solicitava-se a todos os interessados que entrassem em contato pelo *e-mail* disponibilizado. Após receber a confirmação de participação dos estudantes, a pesquisadora enviou a cada um deles um *e-mail* com o *link* do questionário prospectivo e com a solicitação de agendamento da melhor data e horário para comparecimento ao LETRA e realização da tarefa de (re)tradução.

Além dos estudantes, a pesquisadora estendeu o convite a alguns membros do LETRA e ex-alunos da pós-graduação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (POSLIN/FALE/UFMG) com os quais o LETRA mantém contato. Esses participantes foram considerados tradutores profissionais e não tinham qualquer conhecimento acerca dos objetivos do estudo. Todos receberam o convite via *e-mail* e foram instruídos a seguirem as mesmas orientações dadas aos estudantes.

Ao todo, foram recrutadas 24 pessoas, distribuídas em dois grupos (nove tradutores profissionais e 15 estudantes), para participar desta pesquisa. Todos os participantes convidados preencheram o questionário prospectivo *on-line* e compareceram para a realização do experimento. Nenhum desses participantes, mesmo no caso dos profissionais, tinha experiência prévia na tarefa de (re)tradução; porém, considerando o desenho experimental estabelecido especificamente para o desenvolvimento desta pesquisa (cf. Subseção 3.1.5), não se esperava qualquer experiência nesse tipo de tarefa e nas condições propostas. A escolha desses dois perfis se deu por conveniência de acesso e tentou reproduzir, em parte, o trabalho de Malta, que

também comparou dois perfis distintos (*i.e.*, estudantes e professores de espanhol), recrutados por conveniência (LAKATOS; MARCONI, 2010).

Para que os dados de rastreamento sejam analisados de forma confiável, é necessário que eles tenham uma boa qualidade (cf. HVELPLUND, 2014). Dessa forma, procedeu-se a uma avaliação de sua qualidade com base em três critérios, conforme apresentados na Subseção 3.2.1. Permaneceram no estudo apenas os participantes cujos dados atendessem a pelo menos dois desses três critérios (cf. HVELPLUND, 2011; FONSECA, 2016). Dessa maneira, após a análise da qualidade dos dados de rastreamento, foram excluídos cinco dos 24 participantes iniciais (um profissional e quatro estudantes).

Em seguida, procedeu-se a um agrupamento dos participantes com base no perfil registrado em suas respostas ao questionário prospectivo *on-line*. Dos 19 participantes cujos dados foram considerados válidos, oito são tradutores profissionais, ao passo que oito são estudantes de Letras, dois são estudantes de cinema e um é estudante de história. A partir dessas informações, decidiu-se por incluir na análise apenas os dados dos oito estudantes de tradução a fim de se obter maior homogeneidade no grupo de estudantes. Sendo assim, permaneceram na amostra final 16 participantes – oito tradutores profissionais e oito estudantes de tradução.

Os estudantes cursavam, à época, períodos distintos na faculdade, mas todos já tinham cursado pelo menos uma disciplina sobre tradução. Os profissionais eram aqueles participantes que, além de se autodeclararem tradutores profissionais, faziam traduções semanalmente e tinham experiência em tradução por um período superior a dois anos. Todos os participantes tinham o inglês como L2, embora com diferentes níveis de proficiência autodeclarada. Compreendeu-se, contudo, que essa diferença não seria, num primeiro momento, relevante para os resultados em razão dos objetivos desta pesquisa e da especificidade da tarefa.<sup>27</sup>

O Quadro 4 apresenta algumas informações fornecidas pelos participantes no questionário prospectivo. O código P, seguido de um número aleatório, refere-se aos tradutores profissionais, ao passo que o código A, seguido de um número aleatório, representa os alunos.

---

<sup>27</sup> A homogeneidade era, obviamente, desejável em diversos parâmetros a fim de não se produzirem variáveis intervenientes no estudo. No entanto, considerando os objetivos desta pesquisa e a própria heterogeneidade nos perfis avaliados por Malta (2015), optou-se por permanecer com os 16 participantes. Em se considerando os objetivos específicos, esses participantes poderiam, inclusive, apresentar comportamentos relevantes para a análise qualitativa.

Quadro 4 – Perfil dos participantes da pesquisa

<b>Participant e(s)</b>	<b>Idade (anos)</b>	<b>Certificado de proficiência</b>	<b>Experiência em tradução (em anos)</b>	<b>Frequência com a qual realiza traduções</b>	<b>Tipo de tradução mais desenvolvido em tarefas profissionais</b>
P01	48	TOEFL, TOEIC	2-4	Diariamente	Tradução técnica
P02	33	FCE e TOEFL	6-10	Até 10 h por semana	Tradução acadêmica
P03	31	Nenhum	Mais de 10	Até 10 h por semana	Tradução técnica
P04	31	CAE – Cambridge	2-4	Até 10 h por semana	Tradução acadêmica
P05	31	Nenhum	6-10	Diariamente	Tradução técnica
P06	31	CAE – Cambridge	6-10	Até 10 h por semana	Tradução acadêmica
P07	41	CPE	4-6	Até 10 h por semana	Tradução acadêmica
P08	35	TOEIC	2-4	Até 10 h por semana	Tradução acadêmica/ Simultânea/ Consecutiva
P09	42	Nenhum	6-10	Até 10 h por semana	Tradução acadêmica
A01	30	TOEFL ITP, TOEIC	1-2	Nenhuma	Tradução acadêmica
A02	35	TOEFL ITP	1-2	Nenhuma	Revistas em quadrinhos
A04	22	Nenhum	1-2	Nenhuma	Tradução acadêmica
A06	27	Nenhum	Nenhuma	Nenhuma	Nenhuma
A09	27	Nenhum	Nenhuma	Nenhuma	Nenhuma
A11	36	Nenhum	1-2	Nenhuma	Tradução acadêmica
A12	23	Nenhum	1-2	Nenhuma	Tradução acadêmica
A14	27	Nenhum	1-2	Nenhuma	Tradução acadêmica
A03	26	Nenhum	1-2	Nenhuma	Tradução acadêmica
A05	25	FCE	Nenhuma	Nenhuma	Nenhuma
A13	25	TOEFL ITP	Nenhuma	Nenhuma	Nenhuma
A15	32	TOEIC, FCE, TOEFL	Nenhuma	Nenhuma	Nenhuma
A07	33	FCE, Inglês	1-2	Nenhuma	Nenhuma
A08	29	FCE – Cambridge ECPE – Michigan	Nenhuma	Nenhuma	Nenhuma
A10	36	Nenhum	1-2	Até 10 h por semana	Tradução literária

Fonte: elaborado pela autora.

A média de idade dos profissionais é de 35 anos (DP= 6,27), e a dos estudantes é de 28 anos (DP = 4,61). Dos oito profissionais selecionados, três declararam fazer tradução técnica, quatro afirmaram traduzir apenas textos acadêmicos, e um registrou que realiza interpretação simultânea e consecutiva em palestras e congressos, além de tradução acadêmica. Dos oito estudantes selecionados, cinco têm entre um e dois anos de experiência em tradução (quatro traduzem textos acadêmicos e um traduz histórias em quadrinhos). Apenas um estudante A10 (cf. Quadro 4) declarou ter feito tradução literária.

No que concerne ao nível de proficiência nas quatro habilidades (audição, leitura, escrita e fala) na L2, os participantes tinham as opções: sem proficiência, proficiência elementar, proficiência profissional limitada, proficiência profissional, proficiência profissional plena ou proficiência nativa ou bilíngue. No que se refere à compreensão auditiva cinco dos oito alunos afirmaram ter proficiência profissional, um declarou ter proficiência profissional plena, um proficiência profissional limitada e um proficiência elementar. Dentre os profissionais, sete declararam ter proficiência profissional plena e um afirmou ter proficiência intermediária. Na habilidade de expressão escrita, quatro alunos afirmaram ter proficiência profissional, três registraram ter proficiência profissional limitada e um proficiência elementar. Dentre profissionais, seis declararam ter proficiência profissional plena e dois proficiência profissional. No que tange à habilidade oral, quatro estudantes se consideram com proficiência profissional, dois com proficiência profissional plena, um com proficiência profissional limitada e um com proficiência elementar. Dentre os profissionais, cinco afirmam ter proficiência profissional plena, um proficiência profissional e um proficiência profissional limitada. Na habilidade de leitura, seis estudantes declaram ter proficiência profissional, um proficiência profissional limitada e um proficiência elementar. Dentre os profissionais, sete afirmaram ter proficiência profissional plena e um proficiência nativa ou bilíngue. Logo, constata-se que, de acordo com as informações fornecidas pelos participantes, tanto no grupo de estudantes quanto no grupo de profissionais há o predomínio de proficiência profissional.

### **3.1.4 Textos**

A seleção do TF para o experimento obedeceu a dois critérios principais. Foram eles: (i) ser um excerto de uma obra literária escrita originalmente em língua inglesa; e (ii) haver uma distância temporal entre a publicação da primeira tradução em português e a sua retradução em português. A escolha do texto literário deveu-se ao fato de esse ser o gênero textual que mais se retraduz (TAHIR-GÜRÇAGLAR, 2009). A diferença temporal entre a primeira

tradução e a retradução selecionada foi necessária para que pudessem ser observados alguns aspectos característicos da Hipótese da Retradução.

Os textos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa são um excerto com as primeiras 91 palavras do romance *Emma*, de Jane Austen (1815), originalmente escrito em inglês, e duas traduções desse excerto previamente publicadas para o português brasileiro: a primeira, em 1996, realizada por Ivo Barroso, com 85 palavras; e a outra, em 2011, realizada por Doris Goettems, com 96 palavras. O Quadro 5 apresenta os excertos que serviram de insumos para os participantes do experimento.

Quadro 5 – Textos utilizados no experimento

<b>Texto-fonte: <i>Emma</i>, de Jane Austen (1815)</b>	<b>Tradução 1 Ivo Barroso (1996)</b>	<b>Tradução 2 Doris Goettems (2011)</b>
<i>Emma Woodhouse, handsome, clever, and rich, with a comfortable home and happy disposition, seemed to unite some of the best blessings of existence; and had lived nearly twenty-one years in the world with very little to distress or vex her.</i>	Emma Woodhouse, bela, inteligente e rica, com uma família acomodada e um bom caráter, parecia reunir em sua pessoa os melhores dons da existência; e tinha vivido perto de vinte e um anos sem que quase nada a afligisse ou a zangasse.	Emma Woodhouse, bonita, inteligente e rica, com uma casa confortável e disposição alegre, parecia reunir algumas das maiores bênçãos da existência; e vivera quase vinte e um anos no mundo com muito pouco a lhe causar angústia ou irritação.
<i>She was the youngest of the two daughters of a most affectionate, indulgent father; and had, in consequence of her sister's marriage, been mistress of his house from a very early period. Her mother had died too long ago for her to have more than an indistinct remembrance of her caresses.</i>	Era a menor das duas filhas de um pai muito carinhoso e indulgente e, como consequência das bodas de sua irmã, desde muito jovem tinha tido que fazer de ama de casa. Fazia já muito tempo que sua mãe tinha morrido para que ela conservasse algo mais que uma confusa lembrança de suas carícias.	Era a mais jovem das duas filhas do mais afetuoso e indulgente dos pais e, devido ao casamento da irmã, tornara-se a senhora da casa desde muito jovem. Sua mãe morrera há tanto tempo que ela não tinha mais que uma vaga lembrança de seus carinhos.
91 palavras	85 palavras	96 palavras

Fonte: elaborado pela autora.

Para a escolha dos insumos buscou-se um texto literário cujas traduções já publicadas apresentassem diferenças, as quais demandariam que o participante tomasse decisões sobre possíveis interpretações do texto fonte. A delimitação das primeiras 91 palavras se deu por ser um tamanho adequado em pesquisas experimentais com rastreamento ocular (aproximadamente 100 palavras) e porque as primeiras palavras não demandam contexto anterior, ou seja, não necessariamente pressupõem elementos linguísticos prévios para a interpretação do texto. Em se tratando do número de palavras, destaca-se que, em pesquisas com rastreamento ocular, o número reduzido de palavras também obedece ao fato de não ser



possível o acionamento da barra de rolagem, pois é necessário que uma coordenada da tela se refira unicamente a um insumo textual.

No que diz respeito às traduções prévias, elas apresentam diferenças em suas escolhas analisadas sob as três perspectivas de tipos de significado de acordo com a LSF, como destacado no Quadro 6.

Quadro 6 – Diferenças léxico-gramaticas entre os insumos

TF	T1	T2
<b>SISTEMA DE TEMA</b>		
<i>“from a very early period”</i>	“desde muito cedo” (posição temática)	“desde muito cedo”
<i>“Her mother”</i> (posição temática)	“Sua mãe”	“Sua mãe” (posição temática)
<b>SISTEMA DE TRANSITIVIDADE</b>		
<i>“the youngest”</i>	“a menor”	“a mais jovem”
<i>“mistress of <u>his</u> house”</i>	“ama de casa”	“senhora da casa”
<i>“with a comfortable home and happy disposition”</i>	“com uma família acomodada e um bom caráter”	“com uma casa confortável e disposição alegre”
<i>“of a most affectionate, indulgent father”</i>	“de um pai afetuoso e indulgente”	“do mais afetuoso e indulgente dos pais”
<i>“had lived”, “had”, “had died”</i>	“tinha vivido”, “tinha tido”, “tinha morrido”	“vivera”, “tomara-se”, “morrera”
<i>“in the world”</i>	.....	“no mundo”
<b>SISTEMA DE POLARIDADE</b>		
<i>“with very little to distress or vex her”</i> (polaridade positiva)	“com muito pouco a lhe causar angústia ou irritação” (polaridade positiva)	“sem que quase nada a afligisse ou a zangasse” (polaridade negativa)

Fonte: elaborado pela autora.

O enfoque desta análise é a oração inicial do primeiro parágrafo, que é, como dito, o parágrafo de abertura do romance, no qual é apresentada a personagem principal, Emma Woodhouse. Mais especificamente, a análise enfoca a função gramatical na qual confluem Participante/Sujeito/Tema da oração, realizada por um grupo nominal cujo Ente é “*Emma Woodhouse*” modificado por um complexo de qualificadores: “*handsome, clever, and rich, with a comfortable home and happy disposition*”. Uma análise preliminar dessa oração baseada na gramática sistêmico-funcional, apontou para um dos qualificadores, realizado por uma frase preposicional, como potencial problema de tradução, dadas as especificidades tipológicas das

línguas inglesa e portuguesa (cf. Quadro 7, Quadro 8 e Quadro 9). Nos três quadros a seguir, é apresentada a análise da frase preposicional “*with a comfortable home and happy disposition*” e dos dois respectivos equivalentes tradutórios na T1 e na T2.

Quadro 7 – Análise da frase preposicional na escala de ordem (texto-fonte)

Frase Preposicional	with	a	comfortable	home	and	happy	disposition
	Qualificador						
Realização	Grupo Nominal 5			Grupo Nominal 6			
Grupo Nominal	a	comfortable	home		happy	disposition	
FUNÇÕES DO GRUPO NOMINAL – DEIXIS, EPÍTESE E ENTE – (PERSPECTIVA EXPERIENCIAL)	Dêitico/ determinador/ indefinido/ singular	Epíteto Interpessoal	Ente/ não consciente/ semiótico/ abstrato		Epíteto Interpessoal	Ente/ não consciente/ semiótico/ abstrato	
Unidade Realizadora	artigo	adjetivo	substantivo		adjetivo	substantivo	
FUNÇÕES DO GRUPO NOMINAL – DEIXIS, EPÍTESE E ENTE – (PERSPECTIVA LÓGICA)		Pré-modificador	Núcleo		Pré-modificador	Núcleo	

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 8 – Análise da frase preposicional na escala de ordem (T1)

Frase preposicional	com	uma	família	acomodada	e	bom	caráter
	Qualificador						
Realização	Grupo Nominal 5			Grupo Nominal 6			
Grupo Nominal	uma	família	acomodada		bom	caráter	
FUNÇÕES DO GRUPO NOMINAL – DEIXIS, EPÍTESE E ENTE – (PERSPECTIVA EXPERIENCIAL)	Dêitico/ determinador/ indefinido	Ente/ não consciente/ semiótico/ Instituição	Epíteto/ Interpessoal/ Avaliação do falante		Epíteto/ Interpessoal/ Avaliação do falante	Ente/ não consciente/ semiótico/ abstrato	
Unidade realizadora	Artigo	Substantivo	Adjetivo		Adjetivo	Substantivo	
FUNÇÕES DO GRUPO NOMINAL – DEIXIS, EPÍTESE E ENTE – (PERSPECTIVA LÓGICA)		Núcleo	Pós-modificador		Pré-modificador	Núcleo	

Fonte: elaborado pela autora.

Quadro 9 – Análise da frase preposicional na escala de ordem (T2)

Frase Preposicional	com	uma	casa	confortável	e	disposição	alegre
	Qualificador						
Realização	Grupo Nominal 5			Grupo Nominal 6			
Grupo Nominal	uma	casa	confortável	disposição		alegre	
FUNÇÕES DO GRUPO NOMINAL – DEIXIS, EPÍTESE E ENTE- (PERSPECTIVA EXPERIENCIAL)	Dêitico determinador indefinido singular	Ente/ não consciente/ material/ Objeto	Epíteto/ Interpessoal/ Avaliação do falante	Ente/ não consciente/ semiótico/ abstrato		Epíteto/ Interpessoal/ Avaliação do falante	
FUNÇÕES DO GRUPO NOMINAL – DEIXIS, EPÍTESE E ENTE- (PERSPECTIVA LÓGICA)		Núcleo	Pós-modificador	Núcleo		Pós-modificador	

Fonte: elaborado pela autora.

De acordo com o Quadro 7, os Núcleos dos grupos nominais – “home” em “*a comfortable home*” e “disposition” em “[*a*] *happy disposition*”, no texto-fonte não possuem Pós-modificadores.

Na tradução “*uma família acomodada e bom caráter*” (cf. Quadro 8), os epítetos interpessoais - “acomodada” e “bom” (adjetivos) foram realizadas em “*uma família acomodada*” como Pós-modificador e em “*um bom caráter*” como Pré-modificador. Já na tradução “*uma casa confortável e disposição alegre*” (cf. Quadro 9), ambos epítetos interpessoais foram realizados como Pós-modificadores, não havendo a pré-posição do epíteto como no TF.

A estrutura do grupo nominal em inglês possui, predominantemente, “Pré-modificadores” (FIGUEREDO, 2007, p. 236). Já em português, a movimentação da qualificação do grupo nominal pode ocorrer com Pré-modificadores e Pós-modificadores, ou seja, os epítetos podem operar antepostos ou pospostos ao Ente (FIGUEREDO, 2007, p. 243). Nesse sentido, quando a modificação acontece anteposta ao Ente, Figueredo (2007) a caracteriza como qualidade, quantidade e determinação. Contudo, quando ela ocorre posposta ao Ente a modificação é em classe e qualidade.

As diferenças entre a estrutura do grupo nominal em inglês e em português, as distintas escolhas tradutórias e movimentação da qualificação do grupo nominal feitas pelos tradutores das traduções prévias apontaram para essa frase preposicional como possível problema de tradução.

Sob a perspectiva experiencial, no inglês, a função dos Entes “*home*” e “*disposition*”, nos dois grupos nominais é não consciente, Semiótico e Abstrato.

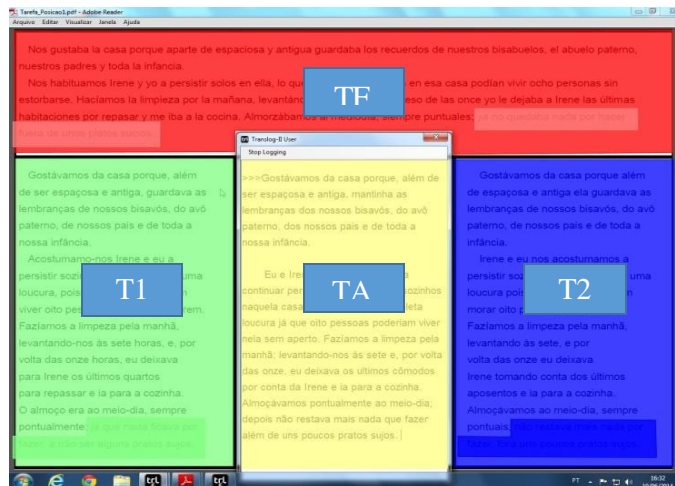
Na T1, no Grupo Nominal 5, “família” é Ente não abstrato e é do tipo instituição. Já no GN6, “caráter” é Ente não consciente, Semiótico e Abstrato.

Na T2, “casa” é Ente não consciente, Material e Objeto. Já no Grupo Nominal 6, “disposição” é Ente não consciente, Semiótico e Abstrato. Como a frase preposicional “*with a comfortable home and happy disposition*”, encaixada na primeira oração do texto-fonte, apresentava diferentes níveis de desvios na correspondência formal, definiu-se que esse trecho e suas respectivas traduções (“uma família acomodada e um bom caráter” e “uma casa confortável e disposição alegre”) seriam as microáreas de interesse (MAOIs) analisadas neste estudo (duas no TF, duas na T1 e duas na T2).

### 3.1.5 Tarefa de (re)tradução

Os participantes do estudo executaram uma tarefa de (re)tradução nos moldes propostos por Malta (2015). Essa tarefa consistiu em produzir um texto-alvo a partir dos insumos disponibilizados: texto-fonte posicionado na parte superior da tela e duas traduções prévias localizadas uma à esquerda e outra à direita do campo destinado à digitação do texto-alvo, conforme apresentado na Figura 3. Os insumos estavam em um arquivo único em formato PDF, aberto em janela maximizada no *software* Adobe Acrobat Reader. Sobreposta a essa janela estava a do Translog-II, aberto na interface do usuário (Translog-II User) e com tamanho previamente limitado e posicionamento na tela predefinido na própria configuração do arquivo do projeto (*i.e.*, em se abrindo o projeto, já se obtinham o leiaute e a posição desejada).

Figura 3 – Captura de Tela do *software* Tobii Studio 3.2.2© com áreas de interesse (TF, TA, T1, T2, em diferentes cores)



Legenda: TF=texto-fonte, TA=texto-alvo; T1=tradução prévia 1; T2=tradução prévia 2.

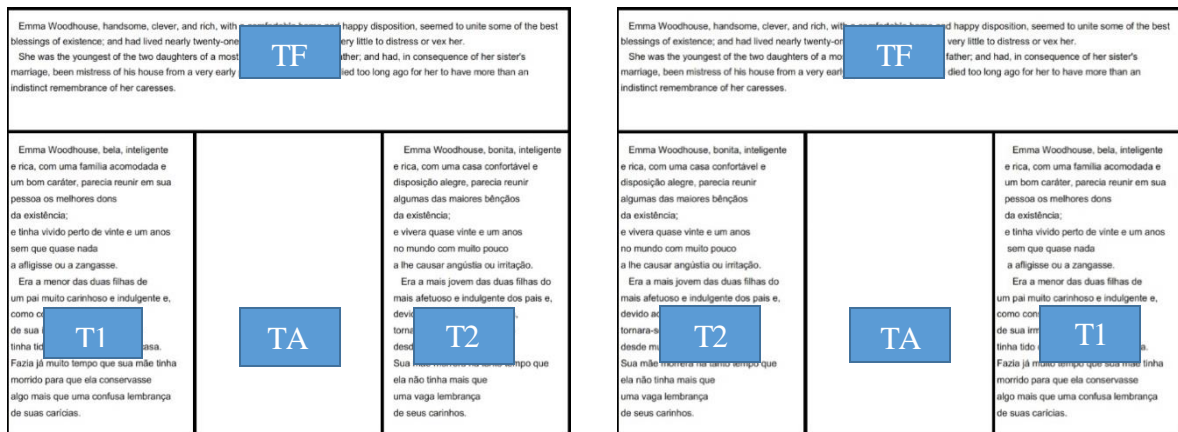
Fonte: adaptado de Malta (2015).

As áreas referentes ao TF, à T1 e à T2 (insumos) são denominadas áreas de interesse (AOI); delas, com a utilização do *software* Tobii Studio©, foram extraídos os dados de rastreamento ocular para análise. Da AOI destinada à produção do texto-alvo foi também possível extrair os dados de acionamento de teclado e *mouse*, registrados pelo *software* Translog-II (componente User).

Para a captura dos dados de rastreamento ocular, foi criado, no *software* Tobii Studio©, um projeto que tinha entrada externa, ou seja, capturava qualquer processo do computador externo à própria interface do *software*. Para a captura dos dados de rastreamento da janela do Translog e dos dados de acionamento de teclado e *mouse*, criou-se um projeto no componente Translog-II Supervisor (fonte Arial, tamanho 16, espaçamento 1,5).

A disposição de T1 e T2 na tela foi alternada entre os participantes para avaliar se a posição delas no leiaute exerceria algum impacto durante a execução da tarefa (cf. Figura 4), tendo em vista que a direção da leitura (olhar ocidental) é tradicionalmente da esquerda para a direita. Na configuração 1, a T1, de 1996, foi posicionada do lado esquerdo do leiaute da tarefa e a T2, de 2011, do lado direito. Na configuração 2, houve uma inversão: a T1 passou para o lado direito da tela; e a T2, para o lado esquerdo. O uso alternado dessas duas configurações buscou controlar o impacto da variável “posição na tela”, uma vez que os participantes poderiam optar por uma das traduções apenas pela disposição delas na tela do computador.

Figura 4 – Disposição das traduções prévias na tela



a) Tarefa na configuração 1

b) Tarefa na configuração 2

Legenda: TF=texto-fonte, TA=texto-alvo; T1=tradução prévia 1; T2=tradução prévia 2.

Fonte: adaptado de Malta (2015).

Para não influenciar as escolhas tradutórias do participantes, não lhes foram passadas informações acerca do tradutor, da alteração da posição das traduções prévias na tela nem da data da publicação das traduções. Tampouco se questionou aos participantes sobre o seu conhecimento prévio acerca da autora ou de sua obra em língua estrangeira nem sobre a leitura de alguma tradução já publicada para essa obra ou outras de Jane Austen. Em suma, evitou-se suscitar qualquer reflexão sobre as obras, a autora e seus tradutores que pudessem influenciar os participantes.

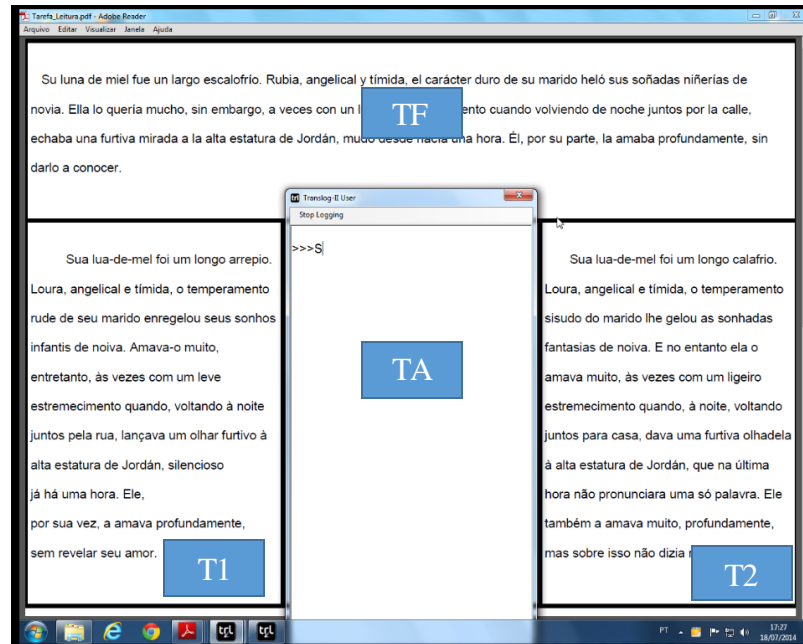
A distribuição dos participantes para executar a tarefa de (re)tradução conforme a posição das traduções prévias na tela do computador aconteceu aleatoriamente. Porém, atentou-se a que cada grupo tivesse quatro alunos e quatro profissionais de tradução. Os grupos foram separados da seguinte maneira:

- grupo 1 (G1): A01, A02, A09, A11 (estudantes), P02, P03, P05 e P09 (tradutores) realizaram a tarefa na configuração 1; e
- grupo 2 (G2): A06, A08, A10, A14 (estudantes), P01, P04, P07 e P08 (tradutores) realizaram a tarefa na configuração 2.

### ***3.1.6 Execução da tarefa de (re)tradução***

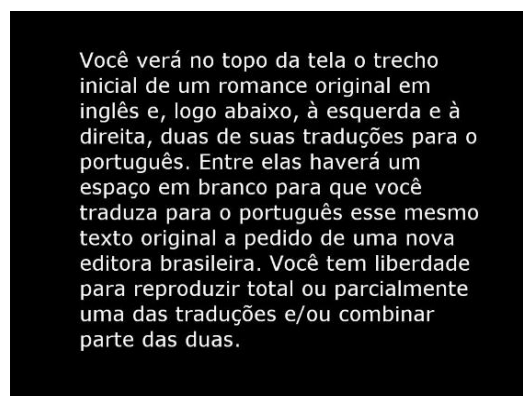
Antes do início da coleta dos dados, cada participante recebeu orientação sobre o funcionamento do rastreador ocular Tobii T60. Em seguida, os participantes realizaram uma tarefa de cópia visando à sua familiarização com o Translog-II, com o teclado e com o leiaute da tarefa. A tarefa de cópia foi idêntica àquela utilizada por Malta (2015) e consistiu em copiar uma das traduções (em português) das primeiras 70 palavras do texto *El Almohadón de Plumas*, de Horacio Quiroga (1917), conforme exibido na Figura 5. Os dados dessa tarefa não foram analisados, pois ela serviu apenas para familiarizar o participante com o teclado e com o leiaute da tarefa.

Figura 5 – Captura de tela da tarefa de cópia



Legenda: TF=texto-fonte, TA=texto-alvo; T1=tradução prévia 1; T2=tradução prévia 2.  
Fonte: adaptado de Malta (2015).

Após esse primeiro procedimento, foi iniciada a coleta dos dados experimentais da tarefa de (re)tradução. Primeiramente, os participantes receberam a instrução (*brief*) da tarefa, semelhante àquela utilizada por Malta (2015), conforme apresentada na Figura 6.

Figura 6 – Captura de tela do *software* Tobii Studio 3.2.2© com a instrução para a tarefa de (re)tradução

Fonte: captura de tela realizada pela autora.

Após essa orientação, procedeu-se à tarefa, realizada sem pressão de tempo. Os participantes não tiveram acesso a apoio externo (*i.e.*, dicionários e glossários disponíveis na internet ou em meio impresso). Essa restrição de fontes de consulta foi uma medida utilizada

para reduzir variáveis intervenientes (e.g., uma coordenada da tela se referindo a textos diferentes e ausência de olhar na tela para consultas a materiais impressos).

Após a execução da tarefa, procedeu-se à última etapa, referente aos protocolos retrospectivos livre e guiado. Ao cabo da coleta dos protocolos, foram feitos os devidos agradecimentos e os participantes foram dispensados.

### 3.2 Metodologia de Análise dos Dados

A análise dos dados buscou subsídios para responder às perguntas de pesquisa desta tese, já explicitadas na Introdução, quais sejam:

1. Em que medida uma análise quantitativa agregada dos dados de (re)tradução no par linguístico inglês/português corroboram o modelo de Malta (2015)?
2. Em que medida uma análise qualitativa individual dos dados de (re)tradução no par linguístico inglês/português corroboram o modelo de Malta (2015)?
3. A partir das respostas identificadas para as perguntas acima, é necessário refinar o modelo de Malta (2015)? Em caso positivo, como seria o refinamento do modelo?

Para responder à pergunta 1, adotaram-se procedimentos o mais próximo possível daqueles descritos por Malta (2015), no que se refere ao rastreamento ocular e às produções textuais (cf. Subseção 3.2.2).<sup>28</sup> Para responder à pergunta 2, desenvolveu-se uma metodologia específica para esta tese (cf. Subseções 3.2.3 e 3.2.4). Já a pergunta 3, dependente dos resultados encontrados para as perguntas 1 e 2, está apresentada na Subseção 3.2.5).

As seções que seguem, portanto, descrevem a metodologia, primeiro, para os dados quantitativos, sobretudo aqueles referentes ao rastreamento ocular. Em seguida, descrevem os procedimentos referentes aos dados qualitativos.

#### 3.2.1 Análise da qualidade dos dados de rastreamento ocular

Para extrair os dados de rastreamento ocular, adotou-se o filtro I-VT *filter* (*velocity-threshold identification*) do *software* Tobii Studio©, que classifica o movimento do olhar baseado na velocidade em que os olhos mudam de direção. Essa classificação se divide em três categorias:

---

<sup>28</sup> Diferentemente de Malta, não foram analisados os dados de *key logging* (salvas as produções textuais), como pausas e microunidades. A razão disso é que o modelo de Malta se pautou mais nos dados de rastreamento do que nos dados de *key logging*.



fixações (*fixations*), sacadas (*saccades*) ou indeterminado (*unclassified*). Esse filtro é o mesmo utilizado por Malta (2015), sendo essa replicação necessária em função do impacto dos filtros na comparabilidade entre os estudos (cf. ALVES; PAGANO; DA SILVA, 2009).

Em seguida, esses dados foram avaliados em relação à sua qualidade a fim de ampliar a validade e a credibilidade dos resultados (HVELPLUND, 2014). Essa avaliação buscou reduzir o efeito negativo de possíveis falhas no rastreamento dos dados. Seguindo Hvelplund (2014) e Fonseca (2016), avaliaram-se três critérios de qualidade, conforme descritos nos parágrafos a seguir.

Os cálculos foram realizados a partir de planilhas geradas pelo *software* Tobii Studio©. Para tal, primeiramente foram criadas, para cada participante, cenas delimitando o processo tradutório – o início e o fim da tarefa, excluindo o *brief* e qualquer gravação feita após o participante ter dado seu trabalho por encerrado. Em seguida, os dados foram exportados para um *software* de edição de planilhas.<sup>29</sup>

O primeiro critério de avaliação de qualidade refere-se à duração média das fixações (*mean fixation duration* – MFD), tal qual proposto por Hvelplund (2014). Nesse caso, todas as fixações são consideradas, independentemente do tempo, incluindo até mesmo aquelas inferiores a 100 ms (geralmente não indicativas de processamento de leitura), para calcular a média a partir de todas as fixações. Por meio da função “filtro”, identificaram-se, na coluna *GazeEventType* do *software* de edição de planilhas, todas as fixações e excluiram-se as sacadas e as linhas em branco. No menu Dados, retiraram-se todas as duplicatas de fixações (*i.e.*, aquelas com números idênticos na coluna de índice de fixações). Por fim, clicou-se na coluna *GazeEventDuration* para calcular a média de todas as fixações daquele participante. A duração média das fixações foi obtida dividindo a duração total das fixações pelo número de fixações de cada participante durante a tarefa (*duração total das fixações / número de fixações*). Utilizando esse critério de análise, consideram-se apenas os participantes que obtiverem uma média de fixações acima de 200ms (PAVLOVIĆ; JENSEN, 2009; HVELPLUND, 2011) ou superior a 180ms (SJØRUP, 2013; FONSECA, 2016). Para este estudo, considerou-se a média mais conservadora, acima de 200ms, pois, segundo Hvelplund (2011, p. 106), valores inferiores

---

<sup>29</sup> Apesar de ainda não haver consenso no que se refere ao valor ideal de aceitação da porcentagem de dados válidos fornecida pelo próprio *software* Tobii Studio© (O'BRIEN, 2010), pesquisas como as de Malta (2015) e Duarte (2016) consideram apenas um mínimo de 70% como índice suficiente para a aceitação dos dados de um participante em dada tarefa. Entretanto, de acordo com Fonseca (2016), considerar apenas esse índice pode levar a erros na análise, já que a porcentagem do rastreador refere-se à qualidade do dado como um todo, incluindo a leitura da instrução da tarefa, com o risco de desconsiderar possíveis problemas na captura dos movimentos do olhar em alguma etapa do processo de execução da tradução. Por isso, procedeu-se a uma análise mais rigorosa da qualidade dos dados, conforme sugerido por Hvelplund (2014).

podem ser indicativos de dados corrompidos ou esforço cognitivo não diretamente relacionado com a tarefa em questão.

O segundo critério de qualidade refere-se ao tempo do olhar na tela como uma porcentagem do tempo total de produção (*gaze time on the screen as a percentage of total production time – GTS*). Essa medida é determinada calculando-se a porcentagem da duração total das fixações em relação ao tempo total da tarefa,  $[(\text{duração total das fixações}/\text{tempo total da tarefa}) * 100]$ , conforme utilizado por Hvelplund (2011) e Sjørup (2013). Para determinar o GTS, primeiramente se calculou o tempo de execução da tarefa, subtraindo o tempo final do tempo inicial da tarefa, de acordo com os dados da coluna *RecordTimeStamp* na planilha extraída do *software* Tobii Studio©. Em seguida, retiraram-se as duplicatas de fixações. Enquanto na MFD se registrou a média da duração das fixações, no GTS se observou a duração total das fixações a partir da coluna *GazeEventDuration*. Finalmente, dividiu-se a soma de todas as fixações (excluindo-se as duplicatas e selecionando-se apenas as fixações na coluna *GazeEventType*) pelo tempo de execução da tarefa (subtraindo-se do tempo final o tempo inicial), e multiplicou-se o resultado por 100. Consideraram-se como válidos todos os dados superiores à média total dos participantes.

O terceiro critério, porcentagem das fixações na amostra do olhar (*gaze sample to fixation percentage – GSF*), conforme Hvelplund (2011, 2014), indica o quanto das atividades do olhar são fixações e o quanto são sacadas ou dados indeterminados. Segundo Hvelplund (2014), estudos indicam que, durante uma tarefa de leitura, de 85 a 95% dos movimentos do olhar corresponde a fixações, enquanto 5 a 15% se refere a sacadas. O GSF é calculado dividindo o número de fixações pela soma das fixações e sacadas, vezes 100  $[(\text{number of gaze samples} / \text{number of fixation gaze samples}) * 100]$  (HVELPLUND, 2011, 2014). Consideraram-se como válidos todos os dados superiores à média total dos participantes.

A Tabela 1 apresenta os resultados desses três critérios para todos os participantes recrutados, ou seja, todos aqueles que compunham a amostragem antes da seleção da amostra final. Permaneceram na amostra apenas aqueles dados que atenderam a, no mínimo, dois dos três critérios. Os dados de qualidade fornecidos pelo próprio Tobii© (vide nota 32) também são fornecidos, mas não foram utilizados para a avaliação.

Tabela 1 – Qualidade dos dados de rastreamento ocular (Tobii, MFD, GTS e GSF)<sup>30</sup>

<b>PARTICIPANTES</b>	<b>TOBII</b>	<b>MFD</b>	<b>GTS</b>	<b>GSF</b>
<b>A01</b>	96	245,766	83,809	87,425
<b>A02</b>	96	239,436	75,348	80,254
<b>A04</b>	92	246,443	78,045	85,769
<b>A05</b>	69	175,085	45,044	67,033
<b>A06</b>	88	269,589	70,545	81,294
<b>A07</b>	90	214,525	57,058	94,396
<b>A08</b>	75	271,530	64,878	85,873
<b>A09</b>	73	239,163	57,926	79,993
<b>A10</b>	67	254,313	60,141	87,789
<b>A11</b>	70	236,430	48,096	84,014
<b>A12</b>	72	236,374	61,154	86,012
<b>A14</b>	74	225,850	57,728	78,121
<b>A15</b>	64	222,517	47,951	76,312
<b>A16</b>	75	181,285	33,286	48,138
<b>P01</b>	87	250,068	68,423	80,441
<b>P02</b>	79	247,384	60,260	75,067
<b>P03</b>	89	216,749	72,704	82,256
<b>P04</b>	73	241,388	60,937	84,762
<b>P05</b>	70	250,274	56,825	82,877
<b>P07</b>	91	253,434	78,129	86,164
<b>P08</b>	80	270,189	68,602	85,261
<b>P09</b>	79	296,760	68,585	86,722
<b>MEDIA (M)</b>	70	240,206	50,398	71,958
<b>DESVIO PADRÃO (DP)</b>	9,908	27,696	12,124	9,222
<b>1DP</b>	-	-	38,274	62,736

Legenda: células hachuradas = valores de baixa qualidade.

Fonte: elaborado pela autora.

Para os dados válidos considerados na amostra final, procedeu-se à criação, no *software* Tobii Studio®, de áreas de interesses (AOI) – regiões da tela sobre a qual incidem o foco de análise – referentes ao texto-fonte, às traduções prévias e ao texto-alvo. Além disso, também foram criadas microáreas de interesse para a frase preposicionada descrita na Subseção 3.1.4.

<sup>30</sup> Os dados dos participantes A03 e A13 não foram capturados corretamente pelo rastreador, por isso foram descartados.

### 3.2.2 *Análise dos dados de rastreamento ocular*

Com base em pesquisas processuais nos Estudos da Tradução (*e.g.*, PAVLOVIC; JENSEN, 2009; HVELPLUND, 2011, 2017; MALTA, 2015), esta pesquisa analisa (i) a distribuição da atenção, (ii) o fluxo de processamento e (iii) o dispêndio de esforço cognitivo dos oito tradutores profissionais e dos oito estudantes durante a execução de uma tarefa de (re)tradução. As análises foram realizadas isoladamente para cada participante e coletivamente para cada perfil (estudante ou profissional) e cada grupo de disposição das traduções prévias na tela (GP1 e GP2). As análises desses dados foram seguidas de testes estatísticos utilizando o ambiente computacional R, considerando o nível de significância de 0,05. Apresentam-se a seguir as variáveis utilizadas para cada um desses três parâmetros.

#### 3.2.2.1 Distribuição de atenção

Para analisar a distribuição de atenção, foi utilizada a metodologia proposta por Hvelplund (2017), que consiste em verificar o tempo percentual despendido nos diferentes elementos da tela e nas áreas da tela do computador pelas quais o tradutor percorreu o olhar. Ademais, utilizou-se a variável número de visitas, proposta por Malta (2015), que é o momento em que o olhar do participante recai sobre determinada área de interesse até o momento em que ele se retira de tal área – por exemplo, se o olhar do participante estava no TF e depois o olhar incidiu sobre uma das traduções prévias (*e.g.*, T1), ele transitou entre duas AOIs (transição visual) fazendo uma visita à T1. De acordo com Malta (2015) a diferença entre visita e transição visual reside no fato de que a visita é registrada por AOI e as transições visuais são entre AOIs.

Para identificar os elementos da tela que o participante visitou e o tempo despendido em cada área e microárea de interesse, utilizou-se a planilha de dados exportada do Tobii T60©. Filtraram-se as colunas indicativas de cada área e, em seguida, calculou-se, do tempo total, o percentual de tempo despendido em cada área de interesse. Com isso, foi possível analisar se o processamento do texto-alvo teve maior atenção como observado nos estudos de Hvelplund (2017) e Malta (2015).

#### 3.2.2.2 Fluxo de processamento

A análise do fluxo do processamento consiste na “sequência ordenada de fixações e sacadas executadas pelos olhos do usuário” (GIANNOTTO, 2009, p. 74), ou ainda, na sequência do processamento dos diferentes elementos da tela executado pelo participante

durante a realização da tarefa (HVELPLUND, 2017). Essas transições visuais (*attention shifts*) são as métricas utilizadas para identificar o fluxo de processamento (HVELPLUND, 2017), ou seja, o momento em que o olhar sai de uma área de origem e fixa-se em outra área de destino, indicando sequência de leitura, regressões do olhar, produção textual etc.

Para se obter esse fluxo de processamento, os dados foram extraídos do *software* Tobii Studio© para um *software* de edição de planilhas e organizados utilizando o ambiente computacional R. As colunas referentes às transições foram dispostas de forma a contabilizar apenas os dados referentes às áreas que tiveram atenção visual do participante. Antes de calcular as transições, foi preciso eliminar as células inválidas, isto é, aquelas que estavam em branco ou com valor igual a “0” e aquelas que apresentavam as sacadas. O *software* Tobii Studio© considera a sacada uma ausência de fixação (valor da célula igual a “0”); então, quando excluimos as células que não têm atenção visual (*i.e.*, as de valor “0” e as em branco), delimitamos apenas os pontos de fixação.

A Figura 7, na página a seguir, apresenta um exemplo de um recorte do *software* de edição de planilhas com as fixações e sacadas das AOIs. As colunas D, E, F e G são aquelas que têm o registro da fixação ou sacada; as células destacadas (hachuras realizadas pela autora) são aquelas em que houve fixação; e a coluna H apresenta a abreviatura das áreas de interesse em que ocorreram as fixações.

Posteriormente, os dados foram organizados de forma a estabelecer uma sequência linear de movimentação do olhar de cada participante. Assim, foi possível delimitar as áreas que obtiveram maior número de acessos, além de definir de quais áreas para que áreas o olhar transitou durante o processo de (re)tradução. A Figura 8, na página a seguir, apresenta um recorte da sequência visual dos participantes para as AOIs. As transições visuais estão dispostas por coluna, olhando-se de cima para baixo (por exemplo, na coluna A, o participante A01 olhou primeiro para o TA e, em seguida, foi para a T1 e para o TF, conforme disposto nas linhas 4, 5 e 6). O mesmo procedimento foi aplicado às MAOIs.

Figura 7 – Captura de tela do *software* de edição de planilhas com exemplo de contagem de fixação e criação de sequência linear das transições visuais de acesso de A01 (adaptado)

ParticipantName	RecordingTimestamp	GazeEventType	AOI[TF]Hit	AOI[T1]Hit	AOI[TA]Hit	AOI[T2]Hit
A01	23952	Fixation	0	0	1	0 TA
A01	24002	Saccade	0	0	0	0 XXXXXX
A01	24052	Fixation	0	0	1	0 TA
A01	24219	Fixation	0	0	1	0 TA
A01	24369	Fixation	0	1	0	0 T1
A01	24652	Fixation	0	1	0	0 T1
A01	24868	Fixation	0	1	0	0 T1
A01	25018	Fixation	0	1	0	0 T1
A01	25535	Fixation	1	0	0	0 TF
A01	25634	Fixation	1	0	0	0 TF
A01	25901	Fixation	1	0	0	0 TF
A01	26800	Fixation	1	0	0	0 TF
A01	27150	Fixation	0	0	0	0 XXXXXX
A01	27267	Fixation	0	0	0	0 XXXXXX
A01	27683	Fixation	1	0	0	0 TF
A01	27983	Fixation	1	0	0	0 TF
A01	28199	Fixation	1	0	0	0 TF
A01	28366	Fixation	1	0	0	0 TF
A01	28632	Fixation	1	0	0	0 TF
A01	28816	Fixation	1	0	0	0 TF
A01	29132	Fixation	1	0	0	0 TF
A01	29365	Fixation	1	0	0	0 TF
A01	29582	Fixation	1	0	0	0 TF
A01	29748	Fixation	1	0	0	0 TF
A01	29948	Fixation	1	0	0	0 TF
A01	30248	Fixation	1	0	0	0 TF
A01	30531	Fixation	1	0	0	0 TF

Fonte: captura de tela realizada pela autora.

Figura 8 – Captura de tela do *software* de edição de planilhas com exemplo da sequência linear das transições visuais nas AOIs

TRASIÇÕES VISUAIS ALUNOS								TRASIÇÕES VISUAIS PROFISSIONAIS							
A01	A02	A06	A08	A09	A10	A11	A14	P01	P02	P03	P04	P05	P07	P08	P09
Sequencia	Sequencia	Sequencia	Sequencia	Sequencia	Sequencia	Sequencia	Sequencia	Sequencia	Sequencia	Sequencia	Sequencia	Sequencia	Sequencia	Sequencia	Sequencia
TA	TA	TA	TA	TA	TF	TA	TF	TA	TF	TF	T2	T1	T2	TF	TF
T1	TF	T1	T2	TF	T2	TF	T1	T2	TA	TA	TA	TA	TF	TA	TA
TF	T1	TA	T1	TA	T1	TA	TF	TA	T1	TF	TF	TF	T2	TF	TF
T1	TF	TF	TF	TF	T2	TF	T1	T1	TF	T1	T1	T1	T1	T2	T2
TF	T2	TA	TA	T1	T1	T2	T2	TF	TA	T2	TA	TF	T2	TA	TF
T1	TF	TF	TF	T2	T2	TA	TA	TA	TF	T1	TF	TA	TA	TF	TA
T2	T2	T2	T1	TF	TF	T1	T2	T2	TA	T2	T2	T2	TF	TA	TF
TA	TF	T1	T2	TA	T1	TF	TF	TA	TF	T1	TA	TA	T2	TF	TA
T1	T1	TF	T2	TF	T2	T1	T1	TF	TA	T2	TF	T1	T2	T2	TF
T2	T2	TA	T1	T2	TA	TA	TA	TA	TF	TF	T1	TA	TF	T1	TA
TF	T1	TF	T2	T1	T2	T1	T2	TF	TA	T2	TF	T2	T2	T2	TF
TA	T2	TA	T1	TA	T1	TA	T1	TA	TF	TF	TF	TF	T1	TF	TA
T1	T1	TF	T2	TF	TF	T2	TF	T2	TA	T2	TA	TA	T2	TA	TF
T2	TF	TA	TF	T1	T1	TF	T1	T1	TF	TF	TF	TF	T1	TF	TA
TA	TA	TA	TA	TF	T2	TA	TA	T2	T2	T2	TA	T1	T2	TA	TF
T1	TF	TA	TF	T2	TF	TF	T2	T1	TF	T1	TF	TF	T1	TF	T1
T2	TA	TF	T2	TF	T2	TA	TA	TF	T1	TF	T2	TA	TF	TA	TF
TA	TF	TA	TF	T1	TF	TF	T2	TA	TF	T2	TA	TF	T1	TF	T1
T2	TA	TF	TA	T2	TA	TA	TA	T1	T2	TF	TA	T2	TA	TA	T2
T1	TF	TA	TF	TF	T1	TA	TF	T2	TF	T2	T2	TF	T1	T2	TF
T2	TA	TF	TA	TA	TA	TA	TA	TA	TA	TF	T1	TA	T2	TA	TA
TA	TF	TA	T1	TF	T2	TF	T1	T2	TF	T2	TF	T1	T1	T1	TF
T2	T1	TF	TA	TA	TF	TA	TA	TA	TF	T1	TF	TF	TF	TA	TF

Fonte: captura de tela realizada pela autora.

### 3.2.2.3 Dispêndio de esforço cognitivo

O esforço cognitivo pode ser compreendido como “o esforço mental despendido pelo indivíduo em um processo mental, que poderia ser, por exemplo, ler e compreender uma sentença, produzir uma nova sentença ou tomar uma decisão estratégica sobre que palavras escolher em uma tradução”<sup>31</sup> (SJØRUP, 2013, p. 8). Nos estudos processuais da tradução, é possível identificar se o tradutor teve maior ou menor dispêndio de esforço cognitivo por meio de algumas variáveis, como: a contagem e a duração média das fixações, o tempo despendido na tarefa, a transição entre as áreas de interesse, o tamanho e a dilatação da pupila.

Nesta pesquisa, os indicadores utilizados para verificar o esforço cognitivo despendido pelos estudantes e tradutores profissionais durante a realização da tarefa de (re)tradução foram a contagem de fixações, o tempo total das fixações e a duração média das fixações. Essas métricas foram aplicadas às áreas e às microáreas de interesse dos três insumos da tarefa (o TF e as duas traduções prévias) e do texto-alvo, a fim de analisar o processo tradutório durante a execução de uma tarefa de (re)tradução e traçar o perfil dos participantes sob o aspecto cognitivo.

### 3.2.2.4 Tratamento estatístico

As variáveis de rastreamento ocular utilizadas foram: número de visitas, tempo percentual por AOI/MAOI, número e duração de fixações, tempo total das fixações e transições visuais. Para analisar a atenção visual, aferiram-se número total de visitas e o percentual de duração das visitas em cada AOI e MAOI, por grupo de análise (alunos, profissionais, G1 e G2); para investigar o fluxo de processamento, observaram-se as transições visuais interáreas e intra-áreas realizadas por cada grupo e em cada AOI e MAOI; e para avaliar o esforço cognitivo, analisaram-se o número e a duração média das fixações e a soma do tempo total das fixações total e de cada grupo de análise (por AOI e por MAOI).

Para o tratamento estatístico dos dados, aplicou-se, primeiramente, o teste Shapiro-Wilk, cuja função é avaliar se os dados de uma amostra têm distribuição normal. Esse tipo de teste é utilizado para definir qual o tipo de teste estatístico deve ser utilizado no estudo: se do

---

<sup>31</sup> Tradução da autora para: “*the mental effort spent by the individual on a mental process, which for example could be reading and understanding a sentence, producing a new sentence or making a strategic decision about what words to choose in a translation.*”

tipo paramétrico, que requer um conjunto de dados com distribuição normal ( $p \geq 0,05$ ); ou se do tipo não paramétrico, quando os dados não estão em distribuição normal ( $p < 0,05$ ).

Após a aplicação do teste Shapiro-Wilk aos resultados, obtiveram-se, para todos os indicadores (de esforço cognitivo, de fluxo de processamento e de transições visuais), alguns dados com distribuição normal e outros sem normalidade. Para os dados cuja distribuição era normal, aplicou-se o teste  $t$  (paramétrico), que comparou as médias; para os dados cuja distribuição não era normal, aplicou-se o teste de Wilcoxon (não paramétrico), que comparou as medianas. As comparações tiveram como foco a localização de T1 e T2 na tela, bem como os grupos de participantes (profissionais e estudantes)

Após a aplicação dos testes estatísticos, utilizaram-se os programas Excel e R para o tratamento e organização dos dados desta pesquisa, bem como para apresentação das estatísticas descritivas. Nas tabelas apresentadas no próximo capítulo, têm-se a média e o desvio padrão de cada grupo de aluno e profissional e de todos os participantes juntos. O desvio padrão foi utilizado para indicar o grau de dispersão do conjunto de dados em função da média.

### 3.2.3 *Análise das similaridades entre os textos*

Dando início à etapa da pesquisa que se distancia dos procedimentos de Malta (2015), realizou-se um levantamento do nível de semelhança entre os textos-alvo e as traduções prévias 1 e 2. O objetivo dessa análise foi verificar se os dados do processo são condizentes com o que se observa no produto.

Para tal, utilizou-se de uma ferramenta web livre (*Compare Texts*)<sup>32</sup>, que fornece o percentual de semelhança entre dois textos quaisquer considerando suas palavras e suas configurações dentro do texto. Os valores percentuais foram dispostos em uma tabela e comparados com o nível de semelhança existente entre a T1 e a T2.

### 3.2.4 *Análise qualitativa triangulada*

Considerando o conjunto dos dados quantitativos referentes ao rastreamento ocular, procurou-se observar se haveria possíveis candidatos a *outliers* na amostra. Esses potenciais *outliers* foram, então, analisados não de forma estatística, mas de forma qualitativa a partir de uma descrição pormenorizada do seu processo tradutório. Em outras palavras, foram

---

<sup>32</sup> COUNTWORDSFREE. Compare textos online. Disponível em: <https://countwordsfree.com/comparetexts>. Acesso em: 31 jan. 2020.



considerados como *outliers* aqueles participantes cujos dados individuais sinalizavam comportamentos dissonantes da média – preferencialmente a partir de variações superiores a dois desvios-padrão.

O objetivo principal foi observar se os comportamentos de todos os participantes são condizentes com o modelo de Malta (2015) ou se há indicativos de processamentos não identificados ou avaliados pelo referido autor. Nesse sentido, buscou-se também identificar, qualitativamente, aqueles participantes para os quais, em termos processuais, as traduções prévias supostamente desempenharam um papel mais relevante que o texto-fonte.

Vale lembrar que, para Malta (2015), as traduções prévias têm como principal utilidade ser fonte de consulta para processamento de informações do texto-fonte ou confirmação de decisões a serem tomadas no texto-alvo. Partindo desse pressuposto, uma maior ocorrência de fixações ou visitas nas traduções prévias que no texto-alvo poderia ser indicativo de um comportamento distinto do que já estava contemplado no modelo.

Uma vez identificados os potenciais *outliers*, reproduziu-se o vídeo da tarefa de (re)tradução no *software* Tobii Studio© e anotaram-se os deslocamentos do olhar pelas áreas de interesse e cada digitação realizada. Essa anotação, que considerou a sequência cronológica, foi realizada em *software* de edição de planilhas, com as seguintes colunas: AOI, Tempo de Duração e Ação (cf. Quadro 10).

Quadro 10 – Recorte da anotação de triangulação dos dados

AOI	Duração	Ação	Protocolo Livre	Protocolo Guiado
T2	3,123	leu as 4 primeiras palavras “Emma Woodhouse, bonita, inteligente”.		
T1	1,023	leu as 4 primeiras palavras “Emma Woodhouse, bela, inteligente.”		
T2	0,985	leu 2 palavras “bonita, inteligente”.		
TA	0,234	fixou o olhar no TA, mas não redigiu nada.		
TF	9.011	leu a primeira oração “Emma Woodhouse, handsome, clever and rich, with a comfortable home and happy disposition, seemed to unite some of the best blessings of existence”.		
T2	1,023	leu 2 palavras “casa confortável”.		
T1	0,876	leu 3 palavras “bom caráter, rica”.		
TF	30,034	leu todo trecho.		
T2	3,382	leu a primeira oração “Emma Woodhouse, bonita, inteligente e rica, com uma casa confortável e disposição alegre, parecia reunir algumas das maiores bênçãos da existência”.		
TF	2,321	leu e releu o trecho “with a comfortable home and happy disposition”.		
T2	29,129	leu e releu todo trecho.		
T1	3,986	leu as 13 primeiras palavras “Emma Woodhouse, bela inteligente e rica, com uma família acomodada e um bom caráter”.	então, esse "família acomodada" foi o que me <Interrupção/> Achei mais estranho, assim. O que, para mim, não parecia português <Pausa/> do Brasil. Pode <Interrupção/> Posso estar enganada, mas <Pausa/> éh! <Pausa/> Mas talvez possa ser também por causa da linguagem do texto literário, que pede um tipo de linguagem diferente, também.	

Fonte: elaborado pela autora.

A essas três colunas, foram adicionadas outras duas, referentes (i) ao protocolo livre e (ii) ao protocolo guiado. O objetivo foi triangular os dados para identificar possíveis explicações para os comportamentos observados na tela. No Quadro 10, as células em branco se referem a instâncias para as quais não houve relato.

Para efeitos de simplificação, a apresentação das análises foi segregada nas etapas do processo (orientação inicial, redação e revisão final) conforme sugeridas por Jakobsen

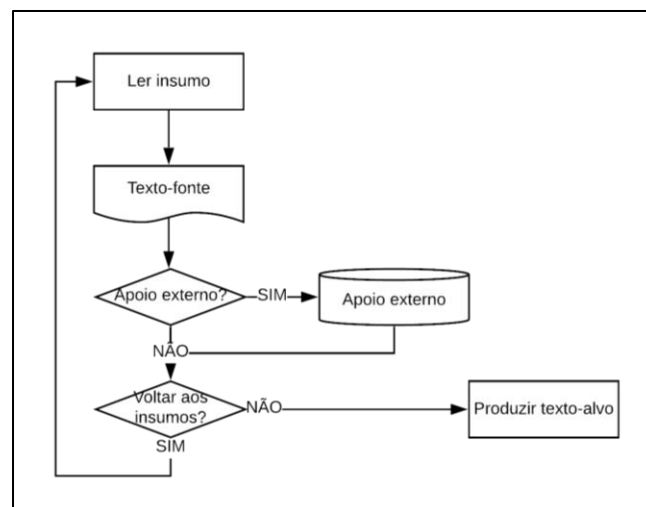
(2002) para a tradução. Em se tratando da fase de redação, apresenta-se a análise apenas para o processamento da primeira oração do texto-fonte, na qual está inserida a frase preposicional descrita na Subseção 3.1.4. Essas análises versam sobre a leitura de texto, segmentação textual e revisão do texto-alvo.

### 3.2.5 Revisitação do modelo de (re)tradução

Considerando os dados quantitativos e qualitativos obtidos nas etapas anteriores, procedeu-se a uma revisitação do modelo de (re)tradução. Inicialmente, buscou-se verificar se as análises anteriores se acomodavam perfeitamente no modelo ou se era necessário implementar mudanças. Em seguida, buscou-se identificar em que medida esta pesquisa poderia contribuir para validação ou refinamento do modelo seminalmente proposto por Malta (2015).

O modelo continuou sendo um modelo de tomada de decisões como o de Malta (2015). Nesse modelo, exemplificado na Figura 9, cada formato, conectado a outro por setas unidirecionais, sinaliza um objeto ou uma ação: os losangos se referem a uma tomada de decisão do tipo SIM ou NÃO; os retângulos, a quaisquer outras ações; os cilindros, bancos de dados; os formatos parecidos com retângulos, mas com curvas na base, correspondem a insumos ou produtos do processo. Para facilitar a visualização desses modelos, buscou-se uma representação que tem início no topo da figura à esquerda e finaliza na parte inferior ou na parte inferior à direita. Utilizou-se a ferramenta disponível em <https://www.lucidchart.com/pages/pt>.

Figura 9 – Exemplo de um modelo de tomada de decisão



Fonte: elaborada pela autora.

A Figura 9 representa o modelo de tomada de decisão do tradutor durante uma tradução cujo único insumo é o texto-fonte. De acordo com esse modelo, existem dois momentos em que o tradutor necessita tomar uma decisão: (i) na utilização do apoio externo e (ii) na necessidade de retomar o TF. Caso não seja necessário o apoio externo, ou seja, a compreensão do texto-fonte seja suficiente para o processamento da mensagem, ele pode recorrer ao TF novamente ou apenas produzir o texto-alvo. Porém, caso o tradutor decida por utilizar o apoio externo, ele opta por qual apoio utilizará e, em seguida, retoma o processo. O modelo admite inúmeras retomadas ao TF ou utilização de apoio externo à medida que o tradutor dá prosseguimento na tradução, ou seja, funciona como um ciclo que só é concluído quando o tradutor dá por encerrada a tarefa de tradução.

Uma vez apresentada a metodologia, procede-se, no próximo capítulo, à análise dos resultados.

# **4 RESULTADOS**

**E**ste capítulo está dividido em três seções. Na Seção 4.1, analisam-se os dados de rastreamento ocular; na Seção 4.2, investiga-se o nível de similaridade entre os textos-alvo e as traduções prévias; por fim, na Seção 4.3, exploram-se de forma mais detalhada e qualitativa os dados dos *outliers*, com enfoque na triangulação dos dados do processo capturados pelo rastreador ocular com as verbalizações dos participantes sobre os insumos e sobre a execução da tarefa.

As análises da Seção 4.1, que visam responder à pergunta de pesquisa 1, são aquelas que replicam boa parte do trabalho de Malta (2015), pautando-se, portanto, numa análise agregada dos dados; não obstante, já nessa seção são feitos os primeiros apontamentos sobre participantes cujos dados individuais parecem destoar do conjunto de dados. Por sua vez, na Seção 4.2, buscam-se indicativos de que de fato o texto-fonte exerceu papel predominante na construção do texto traduzido ou se houve influência considerável de uma das traduções prévias ou mesmo de ambas. Por fim, na Seção 4.3, que, em conjunto com a seção anterior, visa responder à pergunta de pesquisa 2, buscam-se indicativos de que o modelo de Malta (2015) é aplicável até mesmo para os casos de participantes cujos comportamentos aparentemente destoam da amostra.

#### **4.1 Análise Agregada dos Dados de Rastreamento Ocular**

Esta seção encontra-se subdividida em três subseções. Na Subseção 4.1.1, apresenta-se a distribuição da atenção, analisada com base no número e percentual das visitas. Na Subseção 4.1.2, descreve-se o fluxo de processamento, baseado na contagem das transições visuais em cada área de interesse (AOI). Na Subseção 4.1.3, analisa-se o dispêndio de esforço cognitivo, fundamentado no número e na duração média de fixações e na soma do tempo total das fixações. Os dados são apresentados, por participante, por grupo de análise (alunos e profissionais, G1 e G2), por AOI e por MAOI. Nas tabelas que se seguem, os *outliers* estão identificados por um sublinhado, os quais identificam aqueles dados superiores à média mais dois desvios-padrão. Ao final, é disponibilizada uma síntese dessa análise quantitativa dos dados (cf. Subseção 4.1.4).

#### 4.1.1 Distribuição da atenção (visitas)

Consoante Malta (2015), sempre que o participante transita de uma área de interesse para outra, ocorrem “visitas” à área de chegada. Apresentam-se, a seguir, o número de visitas às AOIs e às MAOIs.

##### 4.1.1.1 Número visitas por AOI

Ocorreram 4.090 visitas no conjunto de dados desta pesquisa, considerando como áreas de interesse o TF, o TA e as duas traduções prévias. Houve maior incidência de atenção visual no TA, com 1.549 visitas (38%), seguido, nesta ordem, do TF, com 1089 (27 %); da T2, com 827 (20%); e da T1, com 625 (15%) visitas. O Gráfico 1 e a Tabela 2 apresentam esses dados. Note-se que há grande variância nos números absolutos entre os participantes, o que pode ser comprovado pelo desvio-padrão, que chega a representar pelo menos 42% da média.

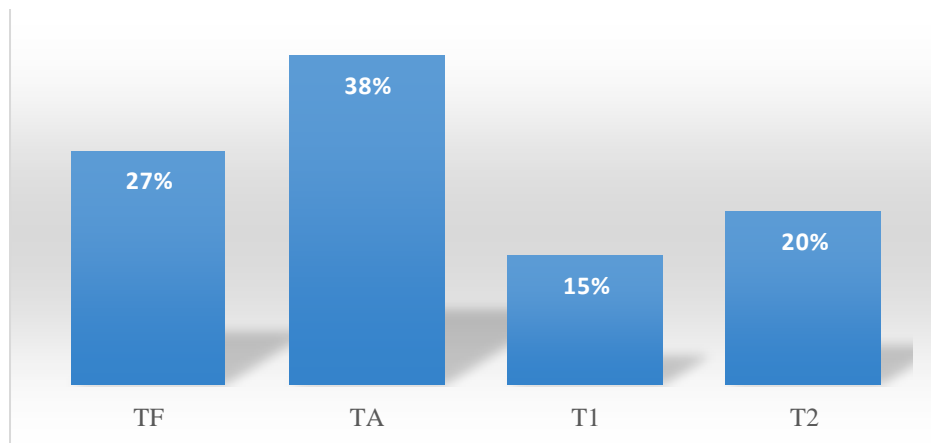
Tabela 2 – Número de visitas por participante e por área de interesse (AOI)

Participante	AOI				Total
	TF	TA	T1	T2	
A01	45	136	72	92	345
A02	92	114	73	75	354
A06	73	78	18	14	183
A08	92	114	39	49	294
A09	51	69	20	33	173
A10	31	38	24	38	131
A11	61	63	22	17	163
A14	72	53	78	110	313
P01	54	91	32	31	208
P02	48	47	7	17	119
P03	<u>138</u>	178	59	85	<u>460</u>
P04	29	78	32	50	189
P05	77	165	79	69	390
P07	37	113	29	91	270
P08	95	120	28	44	287
P09	94	92	13	12	211
<b>Total</b>	1089	1549	625	827	4090
<b>Média</b>	68,1	96,8	39,1	51,7	255,6
<b>Desvio-padrão</b>	29,3	40,6	24,6	31,6	99,0

Legenda: TF = texto-fonte; TA = texto-alvo; T1 = tradução prévia 1; T2 = tradução prévia 2; sublinhado = *outlier*.

Fonte: elaborada pela autora.

Gráfico 1 – Valor percentual do número visitas de todos os participantes por área de interesse



Legenda: TF = texto-fonte; TA = texto-alvo; T1 = tradução prévia 1; T2 = tradução prévia 2.

Fonte: elaborado pela autora.

Os percentuais no Gráfico 1 mostram que, no agregado, o TF e o TA são as áreas de interesse em que predominam as visitas, com respectivamente, 27% e 38% do total de visitas nas quatro AOIs. Esse resultado é condizente com aqueles encontrados por Malta (2015) e Duarte (2016), ou seja, há mais visitas no TA e no TF, nesta ordem, do que nas traduções prévias. Outro dado relevante do Gráfico 1 é que a T2 recebe um percentual de visitas maior que a T1.

Contudo, considerando os dados dos participantes separadamente (cf. Tabela 2), observa-se que oito participantes (50% da amostra) se comportaram de forma distinta daquilo que é sugerido pelos valores agregados. A01, A10, A14, P04 e P07 visitaram mais vezes a T1 e/ou a T2 que o TF e/ou o TA – isso aponta para um comportamento distinto daquele observado no modelo de Malta (2015), em que o texto-fonte e o texto-alvo têm maior proeminência na tarefa de (re)tradução do que as traduções prévias, as quais servem apenas para sanar dúvidas ou confirmar decisões tradutórias. P02 e P09 visitaram mais vezes o TF que o TA, embora a diferença tenha sido mínima (*i.e.*, uma ou duas visitas). Ademais, P03 foi um *outlier* quanto ao número de visitas no TF e no total, haja vista que, em ambos os casos, seus valores foram maiores que a média mais dois desvios-padrão.

Também chama a atenção o fato de que, em se somando as visitas nas traduções prévias, há mais visitas aos insumos na língua-alvo do que ao insumo na língua-fonte (35% contra 27%). Esse comportamento é comum à maior parte da amostra (10 participantes, 63%): A1, A02, A09, A10, A14, P01, P03, P04, P05 e P07. Segundo Malta (2015) e Duarte (2016), a necessidade de se recorrer mais às traduções prévias que ao TF pode ser um indício de que o



trecho a ser traduzido (*i.e.*, o TF) por si só se configura como um problema de tradução. No entanto, uma outra possível justificativa para esse comportamento é proveniente das distintas interpretações das traduções disponibilizadas, ou evidenciadas, em T1 e T2, exigindo assim um maior número de visitas aos insumos da língua-alvo.

No que concerne ao perfil dos participantes, alunos ou profissionais, os dados agregados também apontam que ambos os grupos tiveram um comportamento semelhante em relação às visitas: tanto os estudantes quanto os profissionais destinaram maior atenção visual ao TA, seguido do TF, da T2 e da T1, nessa ordem. Contudo, de acordo com a Tabela 3 e o Gráfico 2, os profissionais acessaram mais vezes o TA (41% do total das visitas) que os alunos (34%), os quais, em contrapartida, recorreram mais vezes às traduções prévias (40% contra 32%). As diferenças entre os perfis são estatisticamente significativas apenas quando se considera a área do texto-alvo ( $Z = 1,96$ ;  $p = 0,0459887$ ).

Tabela 3 – Número de visitas por perfil (alunos e profissionais), disposição das traduções prévias (G1, com T1 à esquerda; G2, com T1 à direita) e área de interesse (AOI)

Perfil	Posição	Partic.	AOI				Total	
			TF	TA	T1	T2		
Alunos	G1	A01	45	136	72	92	345	
		A02	92	114	73	75	354	
		A09	51	69	20	33	173	
		A11	61	63	22	17	163	
	Soma			249	382	187	217	1035
	Média			62,25	95,50	46,75	54,25	258,75
	G2	A06	73	78	18	14	183	
		A08	92	114	39	49	294	
		A10	31	38	24	38	131	
		A14	72	53	78	110	313	
Soma			268	283	159	211	921	
Média			67,00	70,75	39,75	52,75	30,25	
Soma geral			517	665	346	428	2140	
Média geral			64,60	83,10	43,25	53,50	267,50	
Desvio-padrão geral			21,80	34,40	26,60	35,30	94,10	
Profissionais	G1	P02	48	47	7	17	119	
		P03	138	178	59	85	460	
		P05	77	165	79	69	390	
		P09	94	92	13	12	211	
	Soma			357	482	158	183	1180
	Média			89,25	120,50	39,50	45,75	295,00
	G2	P01	54	91	32	31	208	
		P04	29	78	32	50	189	
		P07	37	113	29	91	270	
		P08	95	120	28	44	287	
Soma			215	402	121	216	954	
Média			53,75	100,50	30,25	54,00	238,50	
Soma geral profissionais			572	884	279	399	2134	
Média geral profissionais			71,50	110,50	34,90	49,90	266,70	
Desvio-padrão geral profissionais			36,60	43,80	23,50	29,70	111,70	
Soma geral G1			606	864	345	400	2215	
Média geral G1			65,70	108,00	43,10	50,00	276,90	
Desvio-padrão geral G1			31,70	48,50	30,40	33,60	125,30	
Soma geral G2			483	685	280	427	1875	
Média geral G2			60,40	85,60	35,00	53,40	234,4	
Desvio-padrão geral G2			26,50	29,80	18,40	31,70	65,30	

Legenda: TF = texto-fonte; TA = texto-alvo; T1 = tradução prévia 1; T2 = tradução prévia 2.

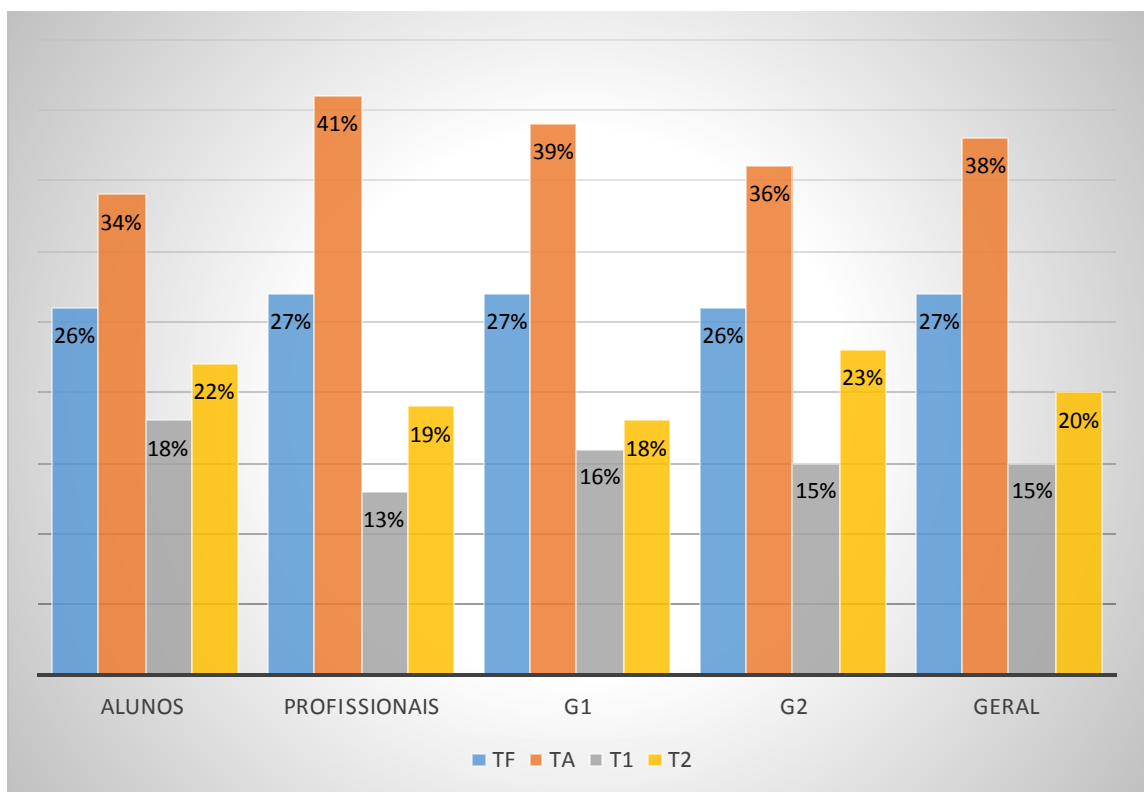
Fonte: elaborada pela autora.

Considerando a posição das traduções prévias na tela do computador (cf. Tabela 3), observa-se que, mesmo com a configuração das traduções prévias em posições diferentes, ambos os grupos, no agregado, seguiram a mesma ordem de ocorrências do número de visitas

por AOI: TA – TF – T2 – T1. Todavia, cabe sublinhar que quatro participantes (25% da amostra) visitaram mais a T1 que a T2: A11 e P05 no G1; A06 e P01 no G2.

O Gráfico 2 revela que, a despeito de algumas diferenças nos pontos percentuais, houve um padrão nas visitas por AOI independentemente do perfil do participante e da disposição das traduções prévias na tela.

Gráfico 2 – Valores percentuais, por área de interesse, para o número visitas dos alunos e profissionais, para G1 (com T1 à esquerda) e G2 (com T1 à direita) e para os participantes em geral



Legenda: TF = texto-fonte; TA = texto-alvo; T1 = tradução prévia 1; T2 = tradução prévia 2.

Fonte: elaborado pela autora.

Cabe ressaltar que o olhar dos participantes recorreu mais vezes ao texto do lado esquerdo da tela do computador. Em outras palavras, independentemente de se tratar da T1 ou da T2, o lado esquerdo recebeu um número de visitas (772; 18,9%) maior que o lado direito (680; 16,6%). Esses resultados corroboram aqueles de Malta (2015), que também observou um maior número de vistas à tradução prévia que estava disposta do lado esquerdo da tela do computador. No entanto, a diferença observada entre os lados não teve significância estatística ( $Z = 1.96$ ,  $p = 0.958$  para T1;  $t(826) = 0.207$ ,  $p = 0.839$  para T2).

#### 4.1.1.2 Número visitas por MAOI

Considerando como microáreas de interesse segmentos linguísticos que podem ensejar problemas de tradução, selecionou-se uma frase preposicional do texto-fonte e seus ‘equivalentes’ no texto-alvo e nas traduções prévias. Mais especificamente, foram: “*with a comfortable home and happy disposition*” (MAOI do TF, no texto-fonte); “com uma família acomodada e um bom caráter” (MAOI da T1, na tradução prévia 1); “com uma casa confortável e disposição alegre” (MAOI da T2, na tradução prévia 2); e MAOI do TA em aberto, identificada conforme a produção de cada participante.

A Tabela 4 apresenta o número de visitas de cada participante a cada uma das MAOIs. Assim como observado para as AOIs, as MAOIs referentes ao TA foram aquelas que receberam maior número de acessos, com 330 visitas. Em seguida, vieram, nesta ordem: a MAOI do TF, com 218; a MAOI da T2, com 186; e a MAOI da T1, com 169 visitas. Note-se que, tal qual nas AOIs, houve grande variância entre os participantes no que toca aos números absolutos de visitas às MAOIs (o desvio-padrão representa no mínimo 65% da média).

Tabela 4 – Número visitas por participante às microáreas de interesse (MAOIs)

Participante	MAOI				Total
	TF	TA	T1	T2	
A01	1	20	7	13	41
A02	10	19	21	13	63
A06	19	8	4	2	33
A08	16	21	<u>25</u>	19	81
A09	13	7	8	6	34
A10	9	4	7	8	28
A11	15	6	5	3	29
A14	<u>33</u>	17	9	7	66
P01	15	13	10	13	51
P02	8	11	1	5	25
P03	1	38	7	<u>26</u>	72
P04	14	23	9	10	56
P05	26	44	20	13	103
P07	13	24	19	17	73
P08	23	<u>61</u>	13	18	<u>115</u>
P09	2	14	4	13	33
<b>Total</b>	218	330	169	186	903
<b>Média</b>	13,6	20,6	10,6	11,6	56,4
<b>Desvio-padrão</b>	8,9	15,4	7,0	6,4	27,4

Legenda: TF = texto-fonte; TA = texto-alvo; T1 = tradução prévia 1; T2 = tradução prévia 2; sublinhado = *outliers*.

Fonte: elaborada pela autora.

Embora o resultado agregado das visitas às MAOIs tenha tido um padrão similar aos das AOIs, com maior número de visitas no TA, seguido do TF, da T2 e da T1 (nessa ordem), alguns participantes, principalmente os alunos, tiveram um comportamento diferente dessa sequência. Mais especificamente, A02 visitou mais vezes a MAOI da T1, enquanto A06, A09, A10, A11, A14 e P01 executaram mais visitas às MAOIs do TF. Com base nos relatos retrospectivos, uma possível suposição para o comportamento de A10, A11, A14 e P01 está no fato de esses participantes terem supostamente discordado das opções de tradução de T1 e T2 e terem buscado uma terceira alternativa, mais autoral, no TF:

A06 – Eu acho que um pouco pela instrução inicial, que era para produzir uma coisa novamente, assim, então eu achei tranquilo, mas com essa necessidade de fazer algo diferente das duas traduções anteriores. Então é uma tarefa tranquila, mas tem talvez essa necessidade de você recriar algo. Acho que é isso

A10 – As duas traduções disponíveis estavam razoáveis. Eu acredito que a da esquerda [T2] [era] mais satisfatória do que a da direita, mas ainda assim eu achava que poderia fazer um pouco diferente. Então os dois textos ajudaram muito; assim, em termos de

raciocínio, eu não precisei fazer a tradução do início. Mas serviram como base, como apoio e permitiram também que eu pudesse fazer uma comparação

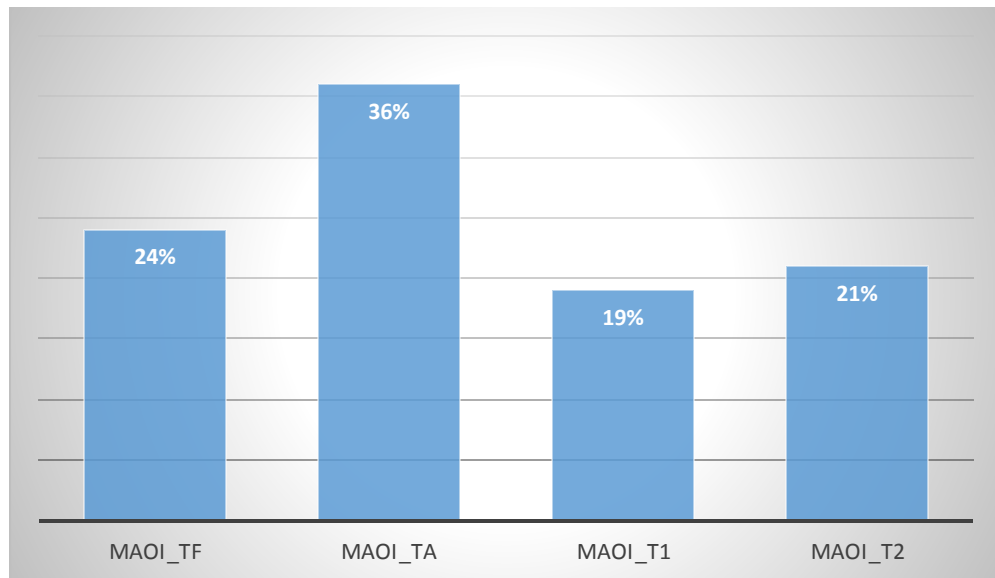
P01 – Não usei nem um nem outro. Coloquei uma terceira opção. “*Of a most affectionate, indulgent father*”, nesse caso eu aproveitei a tradução da direita: “de um pai muito amoroso e indulgente”.

No caso de A02, esse resultado pode ter sido sem um fundamento específico, já que, nos protocolos, o participante menciona ter recorrido mais vezes à T2 e não à T1, por “achá-la mais fluida”. Além disso, foram considerados como *outliers*: A08 para a MAOI da T1, A14 para a MAOI do TF, P03 para a MAOI da T2 e P08 para a MAOI do TA.

Outro dado que se destaca é que alguns participantes também visitaram mais a MAOI da T1 e/ou a MAOI da T2 do que o TF: A01, A02, A08, P03, P07, P09. Trata-se de um dado que carece uma análise qualitativa (cf. Seção 4.3), pois, em princípio, sugere, ao contrário do modelo de Malta (2015), um papel mais proeminente da(s) tradução(ões) prévia(s) que do texto-fonte. Esse papel proeminente é ainda mais destacado para alguns participantes, que registraram uma ou outra visita ao TF: A01 (uma visita), P03 (uma) e P09 (duas). Em se tratando das traduções prévias, comportamento desse tipo (no máximo duas visitas) só foi observado em P02 para a T1.

Os valores percentuais das MAOIs disponíveis no Gráfico 3 apontam uma proeminência ligeiramente maior da T2 que da T1 (21% x 19%, respectivamente). Além disso, observa-se que o resultado percentual – MAOI do TA (36%), MAOI do TF (24%), MAOI da T2 (21%), MAOI da T1 (19%) – corrobora Duarte (2016), mas se diferencia daquele encontrado em Malta (2015), que encontrou mais visitas às microáreas do TF que aquelas do TA.

Gráfico 3 – Valor percentual de visitas dos participante às microáreas de interesse (MAOIs)



Legenda: TF = texto-fonte; TA = texto-alvo; T1 = tradução prévia 1; T2 = tradução prévia 2.

Fonte: elaborado pela autora.

#### 4.1.2 Fluxo de processamento

Analisa-se o fluxo de processamento mapeando a transição do olhar entre as áreas de interesse do estudo. Assim, é possível delinear o caminho percorrido pelo olhar de cada participante durante a tarefa de (re)tradução.

No programa R, a partir da sequência de visitas de cada participante às quatro AOIs (TF, TA, T1, T2), computou-se o número de transições de todas as combinações interáreas possíveis. O resultado agregado está disponibilizado na Tabela 5.

Tabela 5 – Matriz de transição entre texto-fonte (TF), texto-alvo (TA) e traduções prévias (T1, T2)

	→ TF	→ TA	→ T1	→ T2
TF →	–	784 (19,6%)	127 (3,2%)	157 (3,9%)
TA →	712 (17,8%)	–	300 (7,5%)	503 (12,5%)
T1 →	155 (3,9%)	279 (7,0%)	–	166 (4,1%)
T2 →	195 (4,9%)	458 (11,4%)	173 (4,3%)	–

Fonte: elaborada pela autora.

A Tabela 5, baseada em Hvelplund (2017) e Malta (2015), apresenta o fluxo de transição visual de todos os participantes e seus respectivos valores percentuais durante o processo de (re)tradução. Essa matriz foi organizada de acordo com as transições visuais que partiram de cada uma das áreas de interesse até todas as demais possíveis áreas de destino.

Assim como Malta (2015), Duarte (2016) e Hvelplund (2017), o presente estudo também registrou um elevado número de transições entre TF e TA. Contudo, compete sublinhar que a comparabilidade entre esta pesquisa e a de Hvelplund (2017) é limitada: enquanto o referido autor utiliza filme e dicionário como parte dos insumos, este estudo disponibiliza duas traduções previamente publicadas.

A seguir, a Tabela 6 apresenta o número de transições entre as AOIs para cada um dos participantes, enquanto o Gráfico 4 exibe os valores percentuais de cada AOI em relação ao número total de transições. Observa-se que a quantidade de transições TF-TA e TA-TF é mais que o dobro da maioria das demais transições. Esse resultado é condizente com o da subseção anterior, que já apontava para um predomínio das visitas ao TF e ao TA. Ademais, nota-se que a variância entre os participantes é grande, com o desvio-padrão representando, no mínimo, 70% da média.



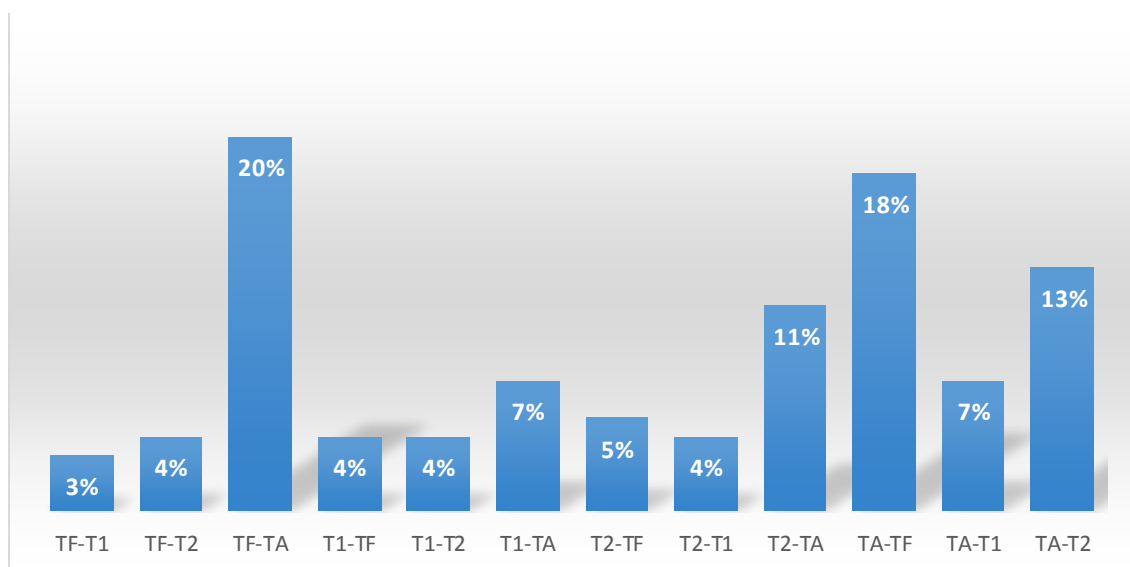
Tabela 6 – Número de transições entre as áreas de interesse

Participante	Do TF para			Da T1 para			Da T2 para			Do TA para		
	T1	T2	TA	TF	T2	TA	TF	T1	TA	TF	T1	T2
A01	9	8	28	13	16	43	10	18	64	22	45	68
A02	8	20	64	16	12	21	22	25	28	54	16	43
A06	5	2	66	5	6	7	5	5	4	63	8	6
A08	12	7	52	5	17	17	15	12	22	51	15	25
A09	8	8	35	5	4	11	6	5	22	40	7	21
A10	9	9	13	5	12	7	17	3	18	8	12	17
A11	5	9	47	8	3	11	10	2	5	43	15	5
A14	<u>23</u>	<u>32</u>	17	18	<u>46</u>	14	<u>41</u>	<u>46</u>	22	12	9	32
P01	4	5	45	7	4	20	3	3	25	44	25	22
P02	2	6	40	3	2	2	10	1	6	34	4	9
P03	6	26	<u>106</u>	21	10	28	24	17	44	92	36	50
P04	7	5	17	7	6	19	4	6	40	18	19	38
P05	11	5	61	16	9	<u>54</u>	11	7	51	50	<u>60</u>	55
P07	6	4	27	6	11	12	6	11	<u>74</u>	25	12	<u>75</u>
P08	5	9	81	14	4	10	5	10	29	75	13	31
P09	7	2	85	6	4	3	6	2	4	81	4	6
<b>Total</b>	127	157	784	155	166	279	195	173	458	712	300	503
<b>Média</b>	7,9	9,8	49,0	9,7	10,4	17,4	12,2	10,8	28,6	44,5	18,7	31,4
<b>DP</b>	4,8	8,6	26,8	5,7	10,6	14,1	9,9	11,6	21,1	24,7	15,6	22,0

Legenda: TF = texto-fonte; TA = texto-alvo; T1 = tradução prévia 1; T2 = tradução prévia 2; DP = desvio-padrão; sublinhado = *outliers*.

Fonte: elaborada pela autora.

Gráfico 4 – Valor percentual das transições visuais dos participantes entre as áreas de interesse (TF – texto-fonte, TA – texto-alvo, T1 e T2 – traduções prévias)



Fonte: elaborado pela autora.

No geral, o maior número de transições aconteceu entre TF-TA, com 784 transições (20%), e entre TA-TF, com 712 (18%). Esse resultado, além de corroborar os estudos de Hvelplund (2017), também reforça Malta (2015) e Duarte (2016), cujos estudos também obtiveram resultados semelhantes. Somando-se as transições TF-TA e vice-versa, contabilizam-se 1.496 transições (38%) entre as duas áreas nas duas direções.

O TA se destaca como nexos do processo de (re)tradução quando se considera o percentual do total das transições em que esteve envolvido. Em outras palavras, somando-se as transições do TA para os demais insumos ou para o TA a partir dos demais insumos, registra-se uma participação do texto-alvo em 76% do fluxo de processamento. Esse resultado sugere que a maior parte das transições entre as áreas de interesse esteve envolvida na produção do texto traduzido, estando apenas cerca de um quarto (24%) do processo destinado a um contraste entre T1 e T2 ou entre traduções prévias e texto-fonte.

Alguns participantes (6,38% da amostra) tiveram comportamento dissonante do padrão de maior número de transições entre o texto-fonte e o texto-alvo. A1, A10, P04 e P07 apresentaram mais deslocamentos entre a T2 e o TA, enquanto A14 fez mais transições entre a T1 e a T2, e P05 deslocou mais o olhar do TF para o TA e deste para a T1. Além disso, foram registrados como *outliers* A14 para os deslocamentos TF-T1, TF-T2, T1-T2, T2-TF e T2-T1, P05 para deslocamentos TA-T1 e P07 para deslocamentos T2-TA.

No que diz respeito às transições entre o TA ou TF e as duas traduções prévias em conjunto, os resultados apontam para um papel proeminente das traduções prévias, sobretudo da T2. Ao todo, 20% dos deslocamentos é do TA para as traduções prévias (7% para T1 e 13% para a T2), o que corresponde a 2 pontos percentuais a mais que as transições TA-TF; e 18% dos deslocamentos é das traduções prévias para o TA (7% e 11% para T1 e T2, respectivamente), o que corresponde a 2 pontos percentuais a menos que as transições TF-TA. Em outras palavras, considerando-se as traduções prévias em conjunto, parece haver um equilíbrio nos deslocamentos dos insumos em relação ao texto-alvo, restando apenas 24% das transições entre os próprios insumos, com destaque para o maior percentual entre T2 e TF (5%). Em contrapartida, são poucas as instâncias em que os participantes deslocam o olhar do TF para as traduções prévias (3% para a T1 e 4% para a T2).

Esses resultados podem ter três implicações distintas à luz do modelo de Malta (2015): de fato, seguindo o modelo, (i) o participante recorre às traduções prévias como fonte de confirmação das suas opções tradutórias, isto é, quando já está produzindo o texto-alvo; ou, ao contrário do que sugere o modelo, o participante, na verdade, recorre às traduções prévias para (ii) fazer cópias ou (iii) para se “inspirar” antes mesmo de ler o texto-fonte (iii.1) ou tão

logo tenha lido o texto-fonte, embora, nesse caso, em um número menor de situações (iii.2). Em relação à implicação (iii), é possível vislumbrar até mesmo o que aponta Venuti (2004): a tradução prévia é utilizada para exacerbar a originalidade/ineditismo da nova tradução, ou seja, para se buscarem novas alternativas. Todas essas possibilidades parecem factíveis à luz da revisão teórica disponibilizada na Seção 2.2 e somente uma análise qualitativa, como aquela da Subseção 4.3, é capaz de elucidar esses aspectos ou pelo menos parte deles.

A Tabela 7 e o Gráfico 5 apresentam, respectivamente, o número e o percentual de transições visuais dos participantes conforme o perfil e a disposição das traduções prévias na tela.

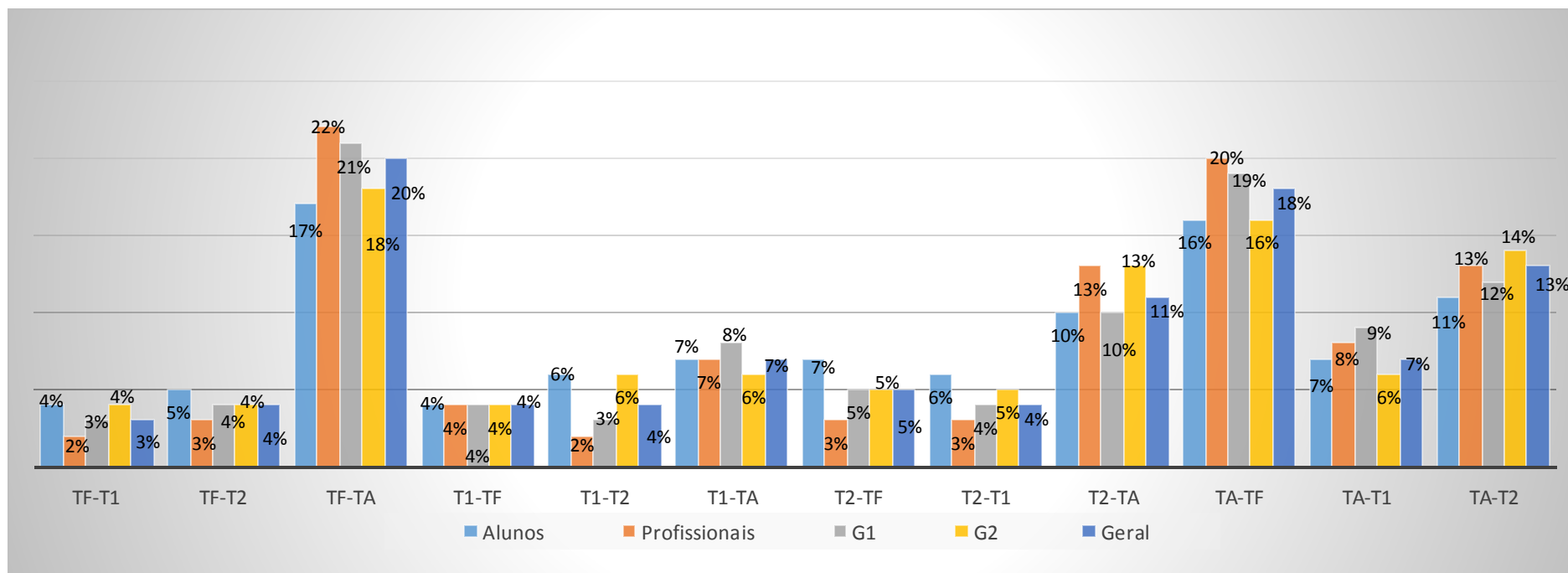
Tabela 7 – Número de transições entre as áreas de interesse conforme o perfil dos participantes e a disposição das traduções prévias na tela

Perfil	Grupo	Partic.	TF-T1	TF-T2	TF-TA	T1-TF	T1-T2	T1-TA	T2-TF	T2-T1	T2-TA	TA-TF	TA-T1	TA-T2	Total	
Alunos	G1	A01	9	8	28	13	16	43	10	18	64	22	45	68	344	
		A02	8	20	64	16	12	21	22	25	28	54	16	43	329	
		A09	8	8	35	5	4	11	6	5	22	40	7	21	172	
		A11	5	9	47	8	3	11	10	2	5	43	15	5	163	
		Soma		30	45	174	42	35	86	48	50	119	159	83	1337	1008
		Média		7,50	11,25	43,50	10,50	8,75	21,50	12,00	12,50	29,75	39,75	20,75	34,25	252,00
	G2	A06	5	2	66	5	6	7	5	5	4	63	8	6	182	
		A08	12	7	52	5	17	17	15	12	22	51	15	25	250	
		A10	9	9	13	5	12	7	17	3	18	8	12	17	130	
		A14	23	32	17	18	46	14	41	46	22	12	9	32	312	
			Soma		49	50	148	33	81	45	78	66	134	44	80	874
			Média		12,25	12,50	37,00	8,25	20,25	11,20	19,50	16,50	16,50	33,50	11,00	20,00
	Soma geral alunos			79	95	322	75	116	131	126	116	185	293	127	217;	1882
	Média geral alunos			9,90	11,9	40,20	9,40	14,50	16,40	15,70	14,51	23,13	36,62	15,93	27,10	235,21
Desvio-padrão geral alunos			5,80	9,50	20,20	5,50	13,80	11,80	11,72	15,12	186,00	20,31	12,30	20,81	84,42	
Profissionais	G1	P02	2	6	40	3	2	2	10	1	6	34	4	9	119	
		P03	6	26	106	21	10	28	24	17	44	92	36	50	460	
		P05	11	5	61	16	9	54	11	7	51	50	60	55	390	
		P09	7	2	85	6	4	3	6	2	4	81	4	6	210	
		Soma		26	39	292	46	25	87	51	27	105	257	104	120	1179
		Média		6,50	9,75	73,00	11,50	6,25	21,75	12,75	6,75	26,25	64,25	26,00	30,00	294,75
	G2	P01	4	5	45	7	4	20	3	3	25	44	25	22	207	
		P04	7	5	17	7	6	19	4	6	40	18	19	38	186	
		P07	6	4	27	6	11	12	6	11	74	25	12	75	269	
		P08	5	9	81	14	4	10	5	10	29	75	13	31	286	
		Soma		22	23	170	34	25	61	18	30	168	162	69	166	948
		Média		5,50	5,75	42,50	8,50	6,25	15,25	4,50	7,50	42,00	40,50	17,25	41,50	237,00
	Soma geral profissional			48	62	462	80	50	148	69	57	273	419	173	286	2127
	Média geral profissional			6,00	7,70	57,70	10,00	6,30	18,51	8,61	7,12	34,11	53,42	21,62	35,70	265,90
Desvio-padrão geral profissional			2,60	7,60	30,90	6,20	3,30	16,80	6,80	5,40	23,30	27,41	18,82	23,71	112,11	
Soma geral G1			56	84	466	88	60	173;	99	77	224	416	187	257	2187	
Média geral G1			7,00	10,50	58,30	11,00	7,52	21,61	12,41	9,60	28,00	52,00	23,40	32,11	486	
Desvio-padrão geral G1			2,70	8,20	26,60	6,40	5,01	18,91	6,82	9,10	23,00	23,60	21,20	24,91	648,26	
Soma geral G2			71	73	318	67	106	106	96	96	234	296	113	246	1822	
Média geral G2			8,90	9,10	39,80	8,40	13,31	13,31	12,01	12,01	29,32	37,00	14,12	30,81	404,89	
Desvio-padrão geral G2			6,30	9,60	25,30	4,90	14,01	5,11	12,81	42,21	20,71	24,90	5,61	20,40	534,53	

Legenda: TF = texto-fonte; TA = texto-alvo; T1 = tradução prévia 1; T2 = tradução prévia 2; G1 = T1 à esquerda da tela; G2 = T1 à direita da tela.

Fonte: elaborada pela autora.

Gráfico 5 – Valor percentual das transições visuais, entre as áreas de interesse (TF – texto-fonte, TA – texto-alvo, T1 e T2 – traduções prévias), por perfil (alunos, profissionais), disposição das traduções prévias na tela (G1, com T1 à esquerda; G2, T1 à direita) e participantes em geral



Fonte: elaborado pela autora.

A Tabela 7 e o Gráfico 5 evidenciam que os resultados por perfil e por disposição das traduções prévias na tela foram similares ao que se observou em termos gerais, ou seja, predomínio de transições entre texto-fonte e texto-alvo, bem como equilíbrio entre essas transições e aquelas entre o texto-alvo e as traduções prévias em conjunto, com destaque para a T2. De fato, os testes estatísticos indicam que não houve diferença significativa, com  $p > 0,05$  em todos os cenários e condições (cf. Anexo E).

No que se refere aos valores percentuais, o Gráfico 5 apresenta dados de todas as combinações de transição visuais entre as áreas de interesse. Observa-se que, quando a transição parte de uma das traduções prévias, o TA é o destino mais frequente, tanto no grupo de alunos quanto profissionais (alunos: T1-TA, 7%; T1-TF, 4%; T1-T2, 6%; T2-TA, 10%; T2-TF, 7%; T2-T1, 6%; profissionais: T1-TA, 7%; T1-TF, 4%; T1-T2, 2%; T2-TA, 13%; T2-TF, 3%; T2-T1, 3%). Em outros termos, tanto os alunos quanto os profissionais buscaram apoio nas traduções prévias para produzir seu TA. Chama a atenção, contudo, que os alunos apresentaram, percentualmente, mais transições entre as traduções prévias enquanto os profissionais deslocaram mais o olhar entre a T2 e o TA. Esse talvez seja um indicativo de que os alunos procuraram mais vezes contrastar as opções disponíveis, ao passo que os profissionais priorizaram um único insumo.

Ademais, tanto entre os alunos quanto entre os profissionais, os percentuais de transições que envolveram a T2 são sempre maiores que aqueles que envolveram a T1, ou seja, depois do TF, o insumo a que os participantes mais recorreram foi a T2. O mesmo é observado independentemente da posição das traduções prévias na tela, ou seja, os participantes recorreram mais à T2. No entanto, o fato de T2 estar à esquerda na tela do G2 parece ter tido algum impacto, ainda que não significativo, dado que houve um percentual maior de deslocamentos entre T2 e TA nessa condição. Em outras palavras, conforme já apontado na subseção anterior, os participantes parecem ter optado mais por T2, e sua disposição do lado esquerdo da tela contribuiu ainda mais que essa área de interesse fosse o foco de atenção.

#### ***4.1.3 Dispêndio de esforço cognitivo***

Nesta seção, apresentam-se os dados relativos ao esforço cognitivo despendido pelos participantes nas quatro áreas de interesse. O esforço cognitivo é aqui aferido com base na fixação (número, tempo e duração média). Inicia-se pelo número de fixações, lembrando que fixações são períodos de relativa estabilidade do olhar em um ponto específico da tela do computador por um tempo mínimo de 100ms (GIANNOTTO, 2009, p. 74).

## 4.1.3.1 Número de fixações por AOI

Registraram-se 28.966 fixações em todas as quatro áreas de interesse. Desse valor, houve maior incidência de fixações no TA, com 11.755 fixações (41%), seguido, nesta ordem, do TF, com 9.121 (31%); da T1, com 4.555 (16%); e da T2, com 3.535 (12%) fixações. A Tabela 8 apresenta os dados por participante, enquanto o Gráfico 6 disponibiliza os valores percentuais.

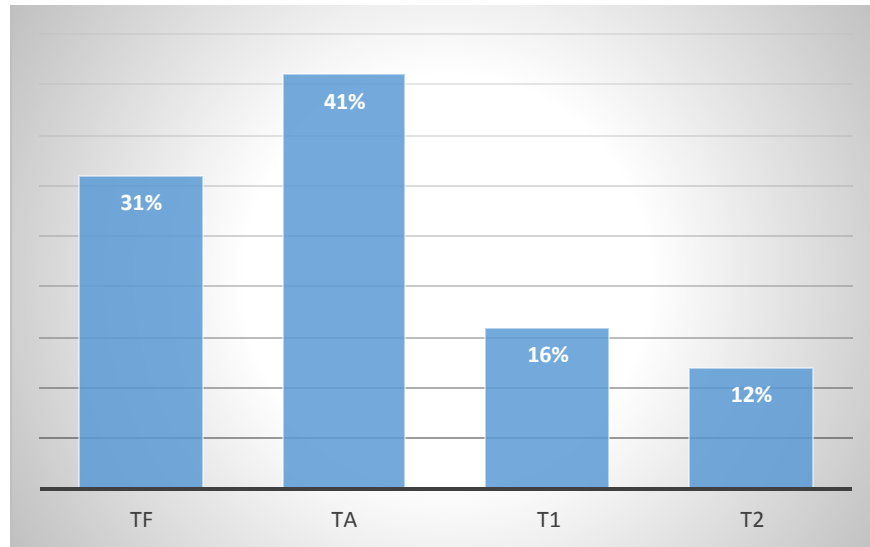
Tabela 8 – Número total de fixações por participante e por área de interesse (AOI)

Participante	AOI				Total
	TF	TA	T1	T2	
A01	488	1290	390	432	2600
A02	629	307	712	416	2064
A06	685	683	408	320	2096
A08	408	360	85	146	999
A09	394	469	61	52	976
A10	288	116	213	276	893
A11	622	221	54	76	973
A14	458	479	456	261	1654
P01	302	720	202	148	1372
P02	375	357	79	24	835
P03	<u>1699</u>	<u>1991</u>	632	392	<u>4714</u>
P04	282	464	237	228	1211
P05	882	1092	321	326	2621
P07	383	1496	456	236	2571
P08	445	971	168	125	1709
P09	781	739	81	77	1678
<b>Total</b>	9121	11755	4555	3535	28966
<b>Média</b>	570,0	734,7	284,7	221,0	1810,4
<b>Desvio-padrão</b>	349,8	514,8	207,3	133,4	996,3

Legenda: TF = texto-fonte; TA = texto-alvo; T1 = tradução prévia 1; T2 = tradução prévia 2; sublinhados = *outliers*.

Fonte: elaborada pela autora.

Gráfico 6 – Valor percentual das fixações dos participantes por área de interesse



Legenda: TF = texto-fonte; TA = texto-alvo; T1= tradução prévia 1; T2 = tradução prévia 2.

Fonte: elaborado pela autora.

Os resultados agregados para os números de fixações condizem com aqueles encontrados por Malta (2015) e Hvelplund (2017), ou seja, registrou-se um maior índice de fixações no TA, com 41% das fixações, seguido do TF com 31%; em último lugar, vieram as traduções prévias – com 16% na T1 e 12% na T2 –, as quais, somadas, permaneceram com percentual inferior àquele do outro insumo, o TF. Não obstante, conforme já observado para as visitas, a dispersão nos dados é grande, com o desvio-padrão representando, no mínimo, 55% da média. Um dos participantes que contribuiu consideravelmente para tal foi o *outlier* P03, cujos dados para o TF, o TA e o total foram superiores à média mais dois desvios-padrão.

Além disso, A02, A06, A08, A10, A11, P02, P07 e P09 (50% da amostra) não seguiram o padrão agregado de fixações TA, TF e traduções prévias. A08, A10, A11, P02, P09 e A06 fixaram mais vezes, nesta ordem, no TF, no TA e nas traduções prévias, dado que corrobora o padrão agregado do número de fixações encontrado por Duarte (2016). A10, por sua vez, teve como sequência decrescente de fixações TF, T2, T1 e TA; P07, embora tenha fixado mais vezes no TA, apresentou os demais números de fixações na ordem decrescente T1, TF e T2; e A02 registrou a sequência T1, TF, T2 e TA. Esse fato também foi observado em Malta (2015), diante dos dados segregados, 57% da amostra não seguiu o padrão TA, TF e traduções prévias, ou seja, oito participantes tiveram um maior número de fixações nas AOIs do TF, seguida, nesta ordem, daquela do TA e das traduções prévias.



Assim como já observado nas subseções anteriores, também se destaca o papel proeminente das traduções prévias para boa parte da amostra no que diz respeito ao total de fixações. Somando-se T1 e T2, as traduções prévias tiveram mais fixações que o texto-fonte para oito participantes, ou seja, 50% da amostra: A01, A02, A06, A10, A14, P01, P04 e P07. Em se tratando de A02 e P07, a própria T1 por si só recebeu mais fixações que o TF. Inclusive, chama a atenção que, diferentemente do que havia sido registrado nas subseções anteriores (referentes à distribuição da atenção e ao fluxo de processamento), a T1, que recebeu menor atenção, acabou sendo a área de interesse que ensejou maior esforço cognitivo em termos de número de fixações. Ao todo, foram 11 participantes (69% da amostra, com destaque para todos os profissionais menos P05) que fixaram mais na T1 que na T2: A02, A06, A09, A4, P01, P02, P03, P04, P07, P08 e P09. No caso de Malta (2015) em apenas dois dos quatorze participantes a soma das traduções prévias foi maior que o número de fixações do TF e/ou TA. Já em Duarte (2016), em nenhum dos participantes a soma das traduções prévias superou o número de fixações do TF e/ou TA.

Parte desse maior número de fixação pode ser explicada pelo maior número de palavras na T1 em comparação com a T2 (13% de diferença), enquanto outra parte possivelmente se deva de fato ao esforço cognitivo envidado no processamento dessa área de interesse. Nesse sentido, vale destacar que, mesmo reduzindo os valores em 13% para T1, haveria mudança apenas para dois participantes: P04 e P09.

A Tabela 9 e o Gráfico 7 exibem, respectivamente, os valores absolutos e percentuais das contagens de fixações considerando o perfil dos participantes (profissionais e alunos) e a disposição das traduções prévias na tela (G1 e G2).

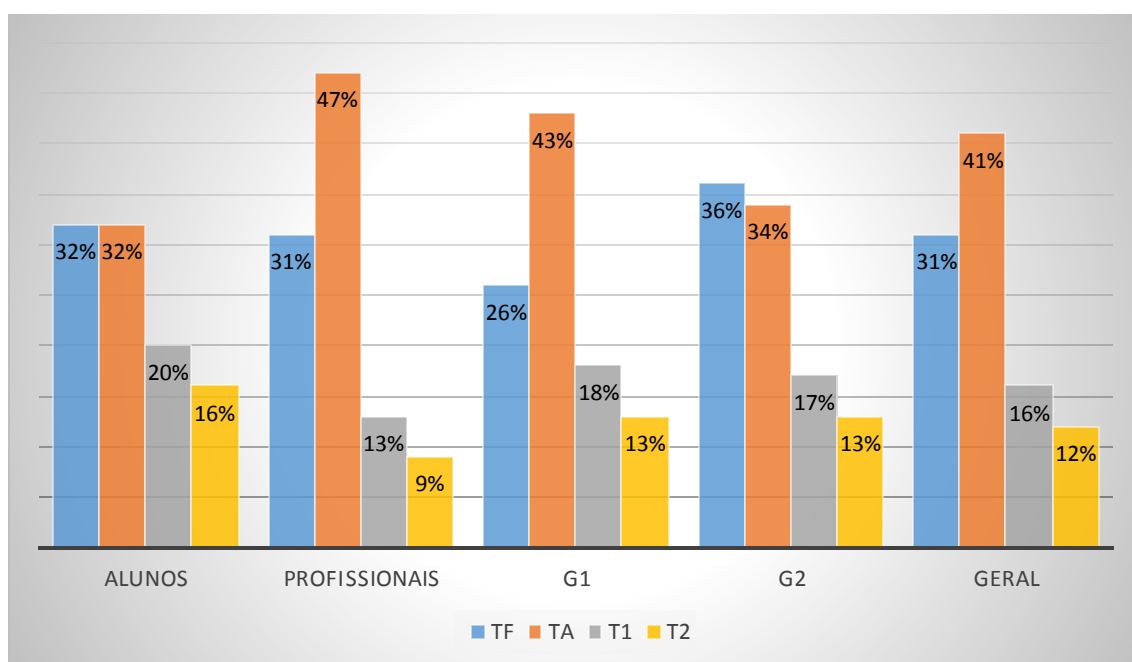
Tabela 9 – Número de fixações nas áreas de interesse (AOI) por perfil de participantes (alunos e profissionais) e por disposição das traduções prévias na tela (G1, com T1 à esquerda; G2, com T1 à direita)

Perfil	Grupo	Participante	AOI				Total
			TF	TA	T1	T2	
Alunos	G1	A01	488	1290	390	432	2600
		A02	629	307	712	416	2064
		A09	394	469	61	52	976
		A11	622	221	54	76	973
		Soma	2133	2287	1217	976	6613
	Média	533,25	571,75	304,25	244,00	16,53,25	
	G2	A06	685	683	408	320	2096
		A08	408	360	85	146	999
		A10	288	116	213	276	893
		A14	458	479	456	261	1654
		Soma	18,38	1638	1162	1003	56,42
	Média	459,75	409,50	290,50	250,75	1410,50	
	Soma Geral Alunos		3972	3925	2379	1979	12255
	Média Geral Alunos		496,50	490,60	297,40	247,40	1531,90
DP Geral Alunos		137,42	388,56	234,65	144,79	662,34	
Profissionais	G1	P02	375	357	79	24	835
		P03	1699	1991	632	392	4714
		P05	882	1092	321	326	2621
		P09	781	739	81	77	1678
		Soma	3737	4179	1113	819	9848
	Média	934,25	1044,75	278,25	204,75	2462,00	
	G2	P01	302	720	202	148	1372
		P04	282	464	237	228	1211
		P07	383	1496	456	236	2571
		P08	445	971	168	125	1709
		Soma	1412	3651	1063	737	6863
	Média	353,00	912,75	265,75	184,25	115,75	
	Soma geral profissionais		5149	7830	2176	1556	16711
	Média geral profissionais		643,60	978,70	272,00	194,50	2088,90
Desvio-padrão geral profissionais		480,62	545,22	191,41	124,82	1229,20	
Soma geral G1		3545	5938	2280	1713	13476	
Média geral G1		443,10	742,20	285,00	214,10	1684,50	
Desvio-padrão geral G1		131,9	468,2	223,3	144,7	665,33	
Soma geral G2		5576	5817	2275	1822	15490	
Média geral G2		697,00	727,10	284,40	227,70	1936,250	
Desvio-padrão geral G2		456,21	205,44	205,48	130,76	1283,76	

Legenda: TF = texto-fonte; TA = texto-alvo; T1 = tradução prévia 1; T2 = tradução prévia 2.

Fonte: elaborada pela autora.

Gráfico 7 – Percentual de fixações por áreas de interesse considerando o perfil de participantes (alunos e profissionais) e a disposição das traduções prévias na tela (G1, com T1 à esquerda; G2, com T1 à direita)



Legenda: TF = texto-fonte; TA = texto-alvo; T1 = tradução prévia 1; T2 = tradução prévia 2.

Fonte: elaborado pela autora.

Como se pode visualizar pelo Gráfico 7 em complemento com a Tabela 9, o padrão geral de mais quantidades de fixações no texto-alvo que no texto-fonte parece ter sido influenciado pelos profissionais, que apresentaram tanto percentuais quanto valores absolutos no TA maiores que os alunos. Essa diferença, que também é visível na comparação entre G1 e G2 (*i.e.*, o percentual de fixação no TA é consideravelmente maior no TA que no TF apenas para G1), provavelmente se justifica pelo fato de P03, profissional inserido no G1, ter se constituído como um *outlier* e pelo fato de outros participantes (50% da amostra) terem tido um padrão dissonante do que se registrou nos dados agregados: A02, A06, A08, A10, A11, P02, P07 e P09.

A consequência disso é que sequer os testes estatísticos foram capazes de capturar diferenças significativas entre os perfis e a disposição das traduções prévias na tela. Sendo assim, o único dado que parece ser de fato representativo da amostra se refere às traduções prévias, a saber: T1 demandou mais esforço cognitivo que T2 quando se considera a variável número total de fixações, independentemente do perfil dos participantes e da disposição das traduções prévias na tela.

## 4.1.3.2 Número de fixações por MAOI

A Tabela 10 apresenta o número de fixações por participante em cada uma das microáreas de interesse. A referida tabela é seguida pelo Gráfico 8, que disponibiliza o percentual das fixações nas quatro microáreas de interesse.

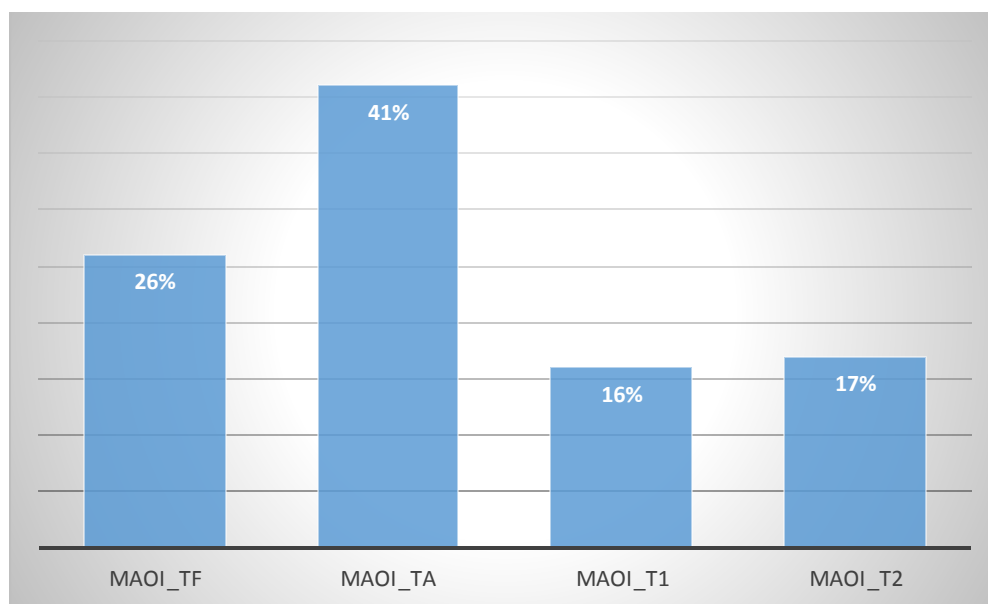
Tabela 10 – Número total de fixações por participante e microárea de interesse (MAOI)

Participante	MAOI				Total
	TF	TA	T1	T2	
A01	1	38	12	25	76
A02	19	43	39	20	121
A06	42	27	5	6	80
A08	28	45	<u>54</u>	33	160
A09	27	11	10	8	56
A10	24	9	19	16	68
A11	33	14	8	6	61
A14	68	29	34	20	151
P01	26	38	15	23	102
P02	22	20	5	7	54
P03	1	88	15	43	147
P04	38	46	15	22	121
P05	<u>113</u>	98	46	27	284
P07	31	108	34	35	208
P08	63	<u>213</u>	33	33	342
P09	12	51	9	27	99
<b>Total</b>	548	878	353	351	2130
<b>Média</b>	34,3	54,8	22,1	21,9	250,59
<b>Desvio-padrão</b>	27,8	51,7	15,6	11,2	83,03

Legenda: TF = texto-fonte; TA = texto-alvo; T1 = tradução prévia 1; T2 = tradução prévia 2; sublinhado = *outliers*.

Fonte: elaborada pela autora.

Gráfico 8 – Valor percentual do número de fixações por MAOI



Legenda: TF = texto-fonte; TA = texto-alvo; T1 = tradução prévia 1; T2 = tradução prévia 2.

Fonte: elaborado pela autora.

Os dados do número de fixações nas microáreas são similares àqueles registrados nas AOIs no que diz respeito ao maior percentual para o TA (41%), seguido do TF (26%). No entanto, ao contrário do que foi observado para as AOIs, houve um ligeiramente maior percentual de fixações na T2 que na T1. Outro lado dissonante diz respeito ao fato de que a soma do percentual de fixações nas traduções prévias (33%) é superior ao percentual de fixações no texto-fonte (26%).

Esse percentual maior nos insumos na língua-alvo sugere maior esforço cognitivo para o processamento das microáreas das traduções prévias, bem como maior atividade nessas áreas do texto ou implementações de estratégias de consulta ou cópia, o que também pode estar associado ao fato de que os participantes quiçá conferiram maior importância às traduções prévias ou se “inspiraram” nelas para a tradução da frase preposicional sob escrutínio. Essa suposição, no entanto, somente pode ser avaliada por meio de uma análise qualitativa, conforme realizada na Seção 4.3.

Dois participantes (P03 e A01) fixaram uma única vez em toda a microárea do TF, constituída por sete palavras (quatro das quais palavras de conteúdo), o que parece sinalizar falta de atividade na área do texto-fonte e, por decorrência, que o esforço cognitivo para processamento incidiu nas traduções prévias, sobretudo na T2. Esse dado é, aliás, condizente com os números de visitas registrados na Subseção 4.1.1. Outros participantes que também

fixaram mais na T1 e/ou na T2 (em conjunto ou separadamente) foram: P01, P07, P08, P09, A02, A08 e A10. Ao todo, portanto, são nove participantes, ou 56% da amostra.

Em contrapartida, três participantes envidaram, em relação ao texto-fonte, esforço consideravelmente menor para processar as traduções prévias: P02, A06 e A11. Ao que parece, entre esses participantes não só houve menor esforço como também menor atividade nas áreas das traduções prévias. Esses dados também são condizentes com aqueles registrados para os números de visitas na Subseção 4.1.1.

A T2 demandou mais esforço cognitivo que a T1 entre sete participantes (44% da amostra): P01, P02, P03, P04, P07, P08, A01. Desses participantes, a maioria eram profissionais (seis).

Mais ainda do que a análise da AOI, os dados do número de fixações nas MAOIs sugerem grande dissonância nas opções dos participantes, por mais que os dados agregados sugerem a existência de um padrão de esforço, em ordem decrescente, envolvendo TA, TF e traduções prévias. Sublinha-se também que houve um *outlier* para três das quatro microáreas de interesse: P05 no TF; P08 no TA; e A08 na T1. Além disso, em se tratando especificamente das microáreas de interesse, os dados de fixações sugerem não apenas esforço cognitivo, mas também a quantidade mais ou menos expressiva de atividade de processamento na microárea em questão.

No caso de Malta (2015), diferentemente do resultado encontrado no padrão de esforço com base no número de fixações nas MAOIs deste estudo, o índice de fixações nas MAOIs, no agregado, obteve maior número de fixações nas MAOIs do TF, seguida, nesta ordem, daquelas do TA e das traduções prévias. Vale salientar que o autor não disponibiliza os dados segregados do número de fixações nas MAOIs.

Os resultados agregados de Duarte (2016) seguiram o mesmo padrão encontrado por Malta (2015), com a seguinte ordem decrescente de fixações: MAOI do TF – MAOI do TA – MAOI das traduções prévias. Porém, diante da análise dos dados individuais, seis dos participantes de Duarte (2016), 54% da amostra, contrariou esse resultado, obtendo maior número de fixações nas MAOIs do TA, seguida das MAOIs do TF e das MAOIs das traduções prévias.

#### 4.1.3.3 Duração média de fixações por AOI

A duração média refere-se ao tempo médio, em milissegundos, durante o qual o olhar do participante ficou relativamente parado em algum ponto da tela do computador. Os dados estão dispostos na Tabela 11 e no Gráfico 9.

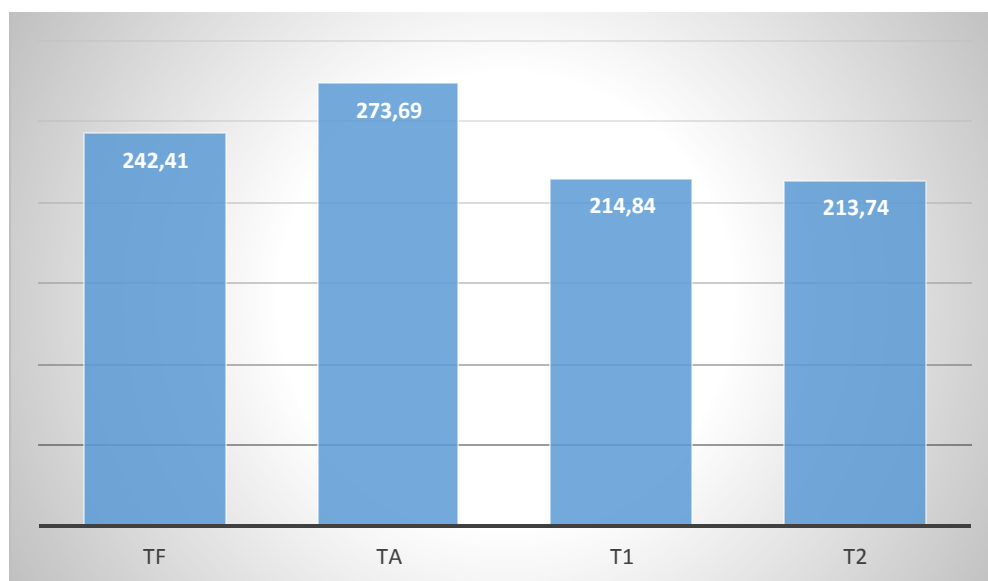
Tabela 11 – Duração média de fixações por participante e por área de interesse (AOI), em milissegundos

Participante	AOI			
	TF	TA	T1	T2
A01	212,79	271,80	<b>236,14</b>	<b>221,32</b>
A02	236,74	276,23	200,76	206,88
A06	217,46	331,97	178,08	193,12
A08	287,90	295,10	235,32	249,30
A09	247,97	253,76	179,45	208,40
A10	250,75	276,13	247,68	<b>255,67</b>
A11	248,11	235,20	190,65	199,83
A14	244,18	217,94	220,50	220,20
P01	227,49	288,01	209,57	191,44
P02	247,89	267,75	190,21	194,61
P03	226,08	222,63	193,01	191,12
P04	237,88	276,65	216,07	203,04
P05	258,87	258,54	237,53	228,74
P07	213,76	284,70	205,36	201,80
P08	230,45	308,96	227,44	209,54
P09	<u>290,26</u>	313,65	<u>269,70</u>	244,86
<b>Média</b>	242,41	273,69	214,84	213,74
<b>Desvio-padrão</b>	22,8	31,5	26,1	21,1

Legenda: TF = texto-fonte; TA = texto-alvo; T1 = tradução prévia 1; T2 = tradução prévia 2; sublinhado = *outliers*.

Fonte: elaborada pela autora.

Gráfico 9 – Duração média das fixações nas áreas de interesse



Legenda: TF = texto-fonte; TA = texto-alvo; T1 = tradução prévia 1; T2 = tradução prévia 2.

Fonte: elaborado pela autora.

Assim como observado para o número de fixações, encontrou-se o seguinte padrão, em ordem decrescente, de duração média das fixações em geral nas áreas de interesse: TA, TF, T1 e T2, com apenas uma ligeira diferença entre as traduções prévias (1,10ms). A maior duração das fixações no TA que no TF se deu na maior parte da amostra (75%), com as exceções sendo A11, A14, P03 e P05. Esse resultado, referente à maior duração das fixações no TA que no TF, é similar àqueles encontrados por Malta (2015) e Duarte (2016).

No entanto, explicando a ligeira diferença entre as durações médias em geral, identificou-se maior duração na T2 que na T1 para sete participantes (44% da amostra), quase todos estudantes: A02, A06, A08, A09, A10, A11 e P02. Além disso, dois participantes, também estudantes, fixaram, em média, mais na T1 ou na T2 que no TF: A01 e A10.

Esses resultados, a despeito de algumas exceções, parecem confirmar o que já havia sido observado para o número de fixações: há maior dispêndio de esforço cognitivo no processamento das áreas referente ao TA e TF do que naquelas das traduções prévias. Inclusive, chama atenção que, em alguns casos (A06, A09 A11, P02, P03), a duração média das fixações é inferior à duração média apresentada na literatura, de 200ms, quando se trata de tarefas de leitura (cf. RAYNER, 1998).

Conforme evidenciado pelos desvios-padrão, a amostragem é relativamente homogênea no que diz respeito à duração média de fixações. A única exceção é P09, que se configurou como *outlier* nas áreas do TF e da T1.



No que concerne aos dois perfis sob escrutínio (*i.e.*, estudantes e profissionais) e à disposição nas traduções prévias na tela (G1, com T1 à esquerda; G2, com T1 à direita), a Tabela 12 e o Gráfico 10 mostram que as médias destinadas a cada AOI são muito próximas entre esses grupos e entre eles e os participantes em geral. Há apenas uma oscilação no que diz respeito às traduções prévias entre os alunos e os profissionais: estes fixaram por mais tempo na T1, enquanto aqueles fixaram por mais tempo na T2. Contudo, os testes estatísticos não apontaram diferenças significativas entre os grupos de análise, isto é, não houve diferença no comportamento do olhar dos participantes no que concerne à duração média das fixações em nenhuma das AOIs ( $p > 0,05$ ).

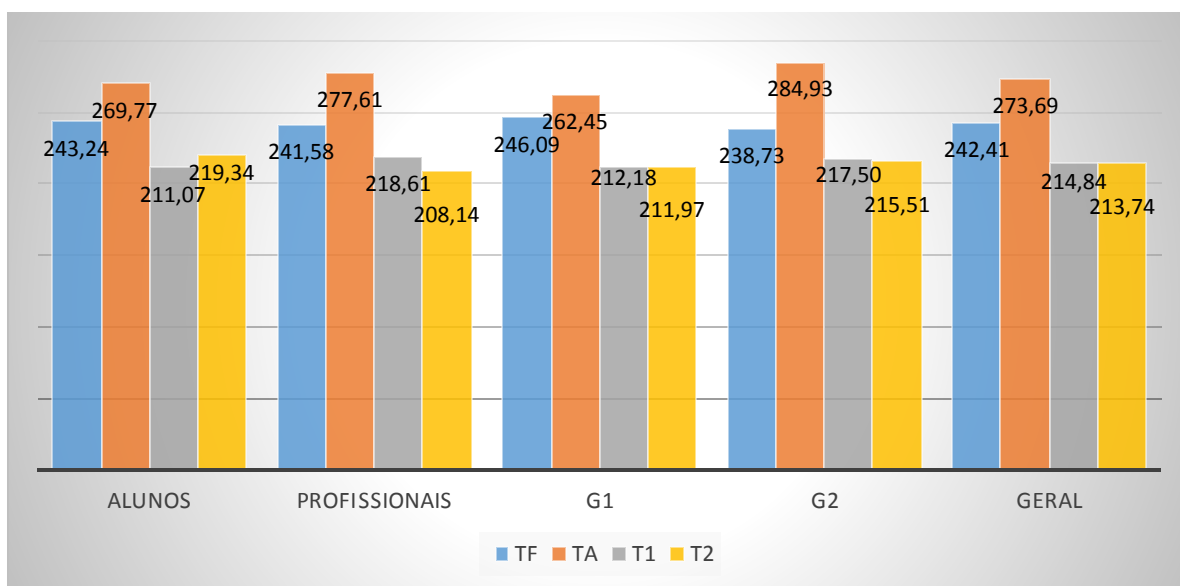
Tabela 12– Duração média de fixações, em milissegundos, nas áreas de interesse (AOI) por perfil (estudantes e profissionais) e por disposição das traduções prévias na tela (G1, com a T1 à esquerda; G2, com T1 à direita)

Perfil	Grupo	Partic.	AOI			
			TF	TA	T1	T2
Alunos	G1	A01	212,79	271,80	236,14	221,32
		A02	236,74	276,23	200,76	206,88
		A09	247,97	253,76	179,45	208,40
		A11	248,11	235,20	190,65	199,83
		Média	236,40	259,25	201,75	209,11
	G2	A06	217,46	331,97	178,08	193,12
		A08	287,90	295,10	235,32	249,30
		A10	250,75	276,13	247,68	255,67
		A14	458,00	479,00	456,00	261,00
		Média	303,53	345,55	279,27	239,77
	Média alunos			243,24	269,77	211,07
Desvio-padrão alunos			23,10	35,32	27,40	22,57
Profissionais	G1	P02	247,89	267,75	190,21	194,61
		P03	226,08	222,63	193,01	191,12
		P05	258,87	258,54	237,53	228,74
		P09	290,26	313,65	269,70	244,86
		Média	255,77	265,64	222,61	214,83
	G2	P01	227,49	288,01	209,57	191,44
		P04	237,88	276,65	216,07	203,04
		P07	213,76	284,70	205,36	201,80
		P08	230,45	308,96	227,44	209,54
	Média	227,40	289,60	214,61	201,45	
	Média geral profissionais			241,58	277,61	218,61
Desvio-padrão geral profissionais			24,08	29,10	26,11	19,24
Média geral G1			246,09	262,45	212,18	211,97
Desvio-padrão geral G1			23,06	27,62	31,71	18,41
Média geral G2			265,46	317,57	246,94	220,61
Desvio-padrão geral G2			81,24	67,81	87,05	29,46

Legenda: TF = texto-fonte; TA = texto-alvo; T1 = tradução prévia 1; T2 = tradução prévia 2.

Fonte: elaborada pela autora.

Gráfico 10 – Duração média das fixações, em milissegundos nas áreas de interesse por perfil (alunos, profissionais) e por disposição das traduções prévias na tela (G1, com T1 à esquerda; G2, com T1 à direita)



Legenda: TF = texto-fonte; TA = texto-alvo; T1 = tradução prévia 1; T2 = tradução prévia 2.

Fonte: elaborado pela autora.

#### 4.1.3.4 Duração média das fixações nas MAOIs

A Tabela 13 e o Gráfico 11 disponibilizam os dados referentes à duração média das fixações nas MAOIs.

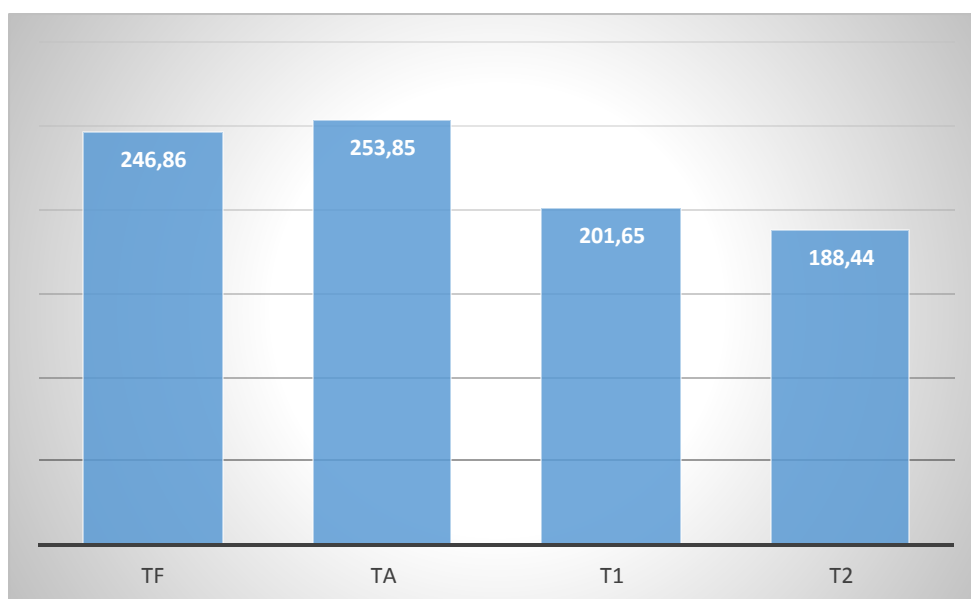
Tabela 13– Duração média de fixações, em milissegundos, por microárea de interesse (MAOI)

Participante	MAOI			
	TF	TA	T1	T2
A01	200,00	207,29	241,58	177,88
A02	240,21	239,37	193,90	159,10
A06	177,98	365,22	166,60	144,33
A08	301,46	256,84	215,85	231,67
A09	281,19	208,82	159,90	173,00
A10	274,13	266,44	233,95	<u>256,13</u>
A11	289,09	210,36	152,00	188,67
A14	255,18	173,41	194,03	162,50
P01	251,04	289,76	202,07	186,09
P02	252,91	238,10	166,60	161,71
P03	233,00	202,55	179,87	207,14
P04	234,89	317,15	162,07	181,82
P05	226,10	246,44	240,50	193,63
P07	191,77	270,04	204,38	179,86
P08	231,32	324,47	219,06	212,91
P09	309,50	245,31	<u>294,11</u>	198,59
<b>Média</b>	246,86	253,85	201,65	188,44
<b>Desvio-padrão</b>	38,09	50,92	38,33	28,51

Legenda: TF = texto-fonte; TA = texto-alvo; T1 = tradução prévia 1; T2 = tradução prévia 2; sublinhados = *outliers*.

Fonte: elaborada pela autora.

Gráfico 11 – Duração média das fixações nas microáreas de interesse



Legenda: TF = texto-fonte; TA = texto-alvo; T1 = tradução prévia 1; T2 = tradução prévia 2.

Fonte: elaborada pela autora.

No agregado, as durações médias das fixações nas microáreas de interesse apresentaram um padrão semelhante àquele registrado para as áreas de interesse. Considerando os dados agregados, os percentuais da duração média das fixações nas microáreas corroboram os resultados obtidos em relação às visitas e fixações nas MAOIs e aos dados de Duarte (2016), ou seja, o TA permanece sendo a área que demanda mais esforço do participante, seguido do TF e das traduções prévias, nesta ordem. Entretanto, no estudo de Malta (2015), os resultados foram diferentes: as MAOIs do TF tiveram praticamente o dobro de duração média de fixações em relação às MAOIs do TA.

No entanto, uma análise dos dados individuais aponta para valores muito mais heterogêneos que aqueles registrados para as áreas de interesse como um todo. Isso é evidente (i) num aumento considerável no desvio-padrão, sobretudo para o texto-alvo; (ii) no número de casos em que a média é inferior a 200 ms (cf. RAYNER, 1998), principalmente no caso da T2, o que refletiu na própria média geral; e (iii) no fato de que mais da metade da amostra (56%, nove participantes, com destaque para os estudantes) teve um comportamento diferente dos dados gerais para o TA e o TF. Em outras palavras, P02, P03, P09, A02, A08, A09, A10, A11 e A14 fixaram, em média, por mais tempo no texto-fonte que no texto-alvo.

Em relação às traduções prévias, cinco participantes (31% da amostra) apresentaram médias de fixações maiores na T2 que na T1: P03, P04, A09, A10 e A11. Além disso, três participantes tiveram duração média de fixações mais longas em uma das traduções prévias (T1) que no texto-fonte: P05, P07 e A01.

Observa-se ainda que os *outliers* foram registrados em apenas dois casos: P09 para T1 e A10 para T2. Outrossim, não se registraram diferenças significativas de acordo com os testes estatísticos realizados para os perfis (*i.e.*, estudantes e profissionais) e para a disposição das traduções prévias na tela (G1 e G2).

#### 4.1.3.5 Tempo total das fixações por AOI

No que concerne ao tempo total das fixações, a Tabela 14 apresenta os dados de cada participante e os dados gerais, em milissegundos, para cada área de interesse, enquanto o Gráfico 12 disponibiliza os dados percentuais nas áreas de interesse (TF, TA, T1 e T2). O cálculo dessa variável abrange a soma das fixações com duração igual ou superior a 100ms, esse valor mínimo foi estipulado com base no princípio da ligação olho e mente de Just e Carpenter (1980). Esse limiar de duração de fixação em 100ms foi determinado de acordo com resultados do projeto *Eye-to-It* do grupo Centro para Inovação da Tradução e da Tecnologia em

Tradução (CRITT, *Center for Innovation of Translation and Translation Technology*), da Copenhagen Business School (CBS), é o valor mínimo a ser considerado como indicativo de esforço cognitivo.

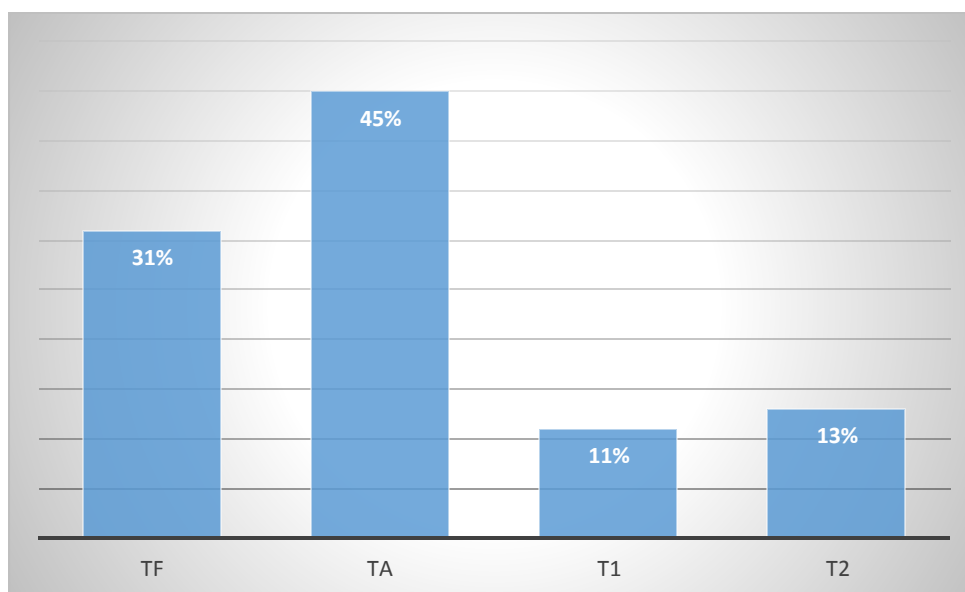
Tabela 14 – Tempo total das fixações, em milissegundos, por participante e por área de interesse (AOI)

Participantes	AOI				Total
	TF	TA	T1	T2	
A01	103841	350616	92093	95610	642160
A02	148909	196677	61632	86062	493280
A06	85679	155694	10863	10042	262278
A08	197211	201554	<b>96011</b>	<b>79777</b>	574553
A09	101173	91353	<b>15253</b>	<b>30427</b>	238206
A10	72216	32031	<b>52755</b>	<b>70566</b>	227568
A11	154322	51979	<b>10295</b>	<b>15187</b>	231783
A14	111834	56882	100546	105478	374740
P01	68701	207369	31016	38670	345756
P02	92959	95588	<b>4565</b>	<b>15374</b>	208486
P03	<u>384110</u>	443263	<b>75660</b>	<b>120788</b>	<u>1023821</u>
P04	67081	128365	49263	48121	292830
P05	228322	282324	<b>77434</b>	<b>73424</b>	661504
P07	81870	425907	48466	92022	648265
P08	102550	299998	<b>28430</b>	<b>35203</b>	466181
P09	226696	231789	20767	19834	499086
<b>Média</b>	139217,13	203211,81	48440,56	58536,56	449406,06
<b>Desvio-padrão</b>	84460,41	129355,7	32682,09	36128,63	223165,77

Legenda: TF = texto-fonte; TA = texto-alvo; T1 = tradução prévia 1; T2 = tradução prévia 2; sublinhados = *outliers*.

Fonte: elaborada pela autora

Gráfico 12 – Valor percentual de cada área de interesse em relação ao tempo total das fixações dos participantes



Legenda: TF = texto-fonte; TA = texto-alvo; T1 = tradução prévia 1; T2 = tradução prévia 2.

Fonte: elaborado pela autora.

De acordo com os dados agregados, o TA – assim como já havia sido observado para as demais variáveis de esforço cognitivo – foi a área com maior tempo de fixação, seguido, nesta ordem, do TF, da T2 e da T1. Todavia, vale sublinhar que os participantes fixaram, no geral, 55% do tempo nos insumos, destinando o tempo restante à área de produção do texto-alvo, resultado esse que corrobora aqueles de Malta (2015), Duarte (2016) e Hvelplund (2017).

Contudo, mais uma vez, os dados são heterogêneos entre os participantes. P03 foi um *outlier* no TF e no total da tarefa. Além disso, embora não tenham sido registrados *outliers* no TA, A01, P03 e P07 fixaram nessa área de interesse por um tempo consideravelmente superior ao restante do grupo.

Outro aspecto relevante é que o padrão, em ordem decrescente, de tempo total de fixação nas áreas de interesse – TA, TF, T2 e T1 – não foi seguido por diversos participantes. O TF foi fixado por mais tempo que o TA entre a metade dos estudantes (A09, A10, A11, A14). A T1 foi fixada por mais tempo que o TF entre cinco participantes (A06, A08, P04, P05, P09). Também chama a atenção o fato de que as traduções prévias, se consideradas conjuntamente, foram mais proeminentes em termos de tempo total de fixações entre a metade dos participantes: A01, A02, A10, A14, P01, P04, P07.

A seguir, a Tabela 15 e o Gráfico 13 disponibilizam os dados agregados por perfil (aluno, profissionais) e por disposição das traduções prévias na tela (G1, com T1 à esquerda; G2, com T1 à direita).

Tabela 15 – Tempo total das fixações, em ms, em cada área de interesse (AOI) por perfil (alunos, profissionais) e por disposição das traduções prévias na tela (G1, G2)

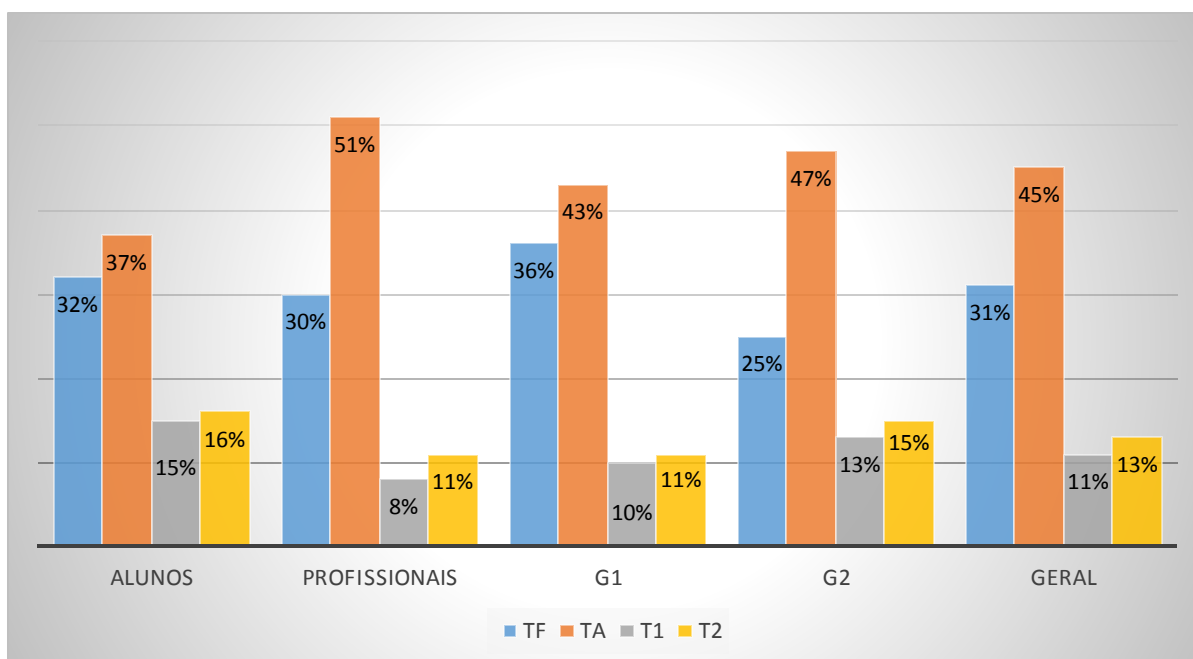
Perfil	Grupo	Participante	AOI				Total
			TF	TA	T1	T2	
Alunos	G1	A01	103841	350616	92093	95610	642160
		A02	148909	196677	61632	86062	493280
		A09	101173	91353	15253	30427	238206
		A11	154322	51979	10295	15187	231783
		Média	127061,25	172656,25	44818,25	56821,5	401357,25
	G2	A06	85679	155694	10863	10042	262278
		A08	197211	201554	96011	79777	574553
		A10	72216	32031	52755	70566	227568
		A14	111834	56882	100546	105478	374740
		Média	116735	111540,25	65043,75	66465,75	359784,75
Média geral alunos			121898,13	142098,25	54931,00	61643,63	380571,00
Desvio-padrão geral alunos			41558,81	107072,40	39110,93	37560,00	168439,88
Profissionais	G1	P02	92959	95588	4565	15374	208486
		P03	384110	443263	75660	120788	1023821
		P05	228322	282324	77434	73424	661504
		P09	226696	231789	20767	19834	499086
		Média	233021,80	263241,00	44606,50	57355,00	598224,25
	G2	P01	68701	207369	31016	38670	345756
		P04	67081	128365	49263	48121	292830
		P07	81870	425907	48466	92022	648265
		P08	102550	299998	28430	35203	466181
		Média	80050,50	265409,80	39293,75	53504,00	438258,00
Média geral profissionais			156536,13	264325,38	41950,13	55429,50	518241,13
Desvio-padrão geral profissionais			113461,3	125916	25746,34	36935,15	259842,86
Média geral G1			180041,50	217948,63	44712,38	57088,25	499790,75
Desvio-padrão geral G1			98119,78	137165,13	35450,69	41820,04	279331,85
Média geral G2			98392,75	188475,00	52168,75	59984,88	399021,38
Desvio-padrão Geral G2			43003,13	128629,38	31627,59	32300,37	151300,34

Legenda: TF = texto-fonte; TA = texto-alvo; T1 = tradução prévia 1; T2 = tradução prévia 2; G1 = grupo 1; G2 = grupo 2.

Fonte: elaborada pela autora.



Gráfico 13 – Valor percentual do tempo total de fixações nas áreas de interesse por perfil (estudantes, profissionais) e por posição das traduções prévias na tela (G1, G2)



Legenda: TF = texto-fonte; TA = texto-alvo; T1 = tradução prévia 1; T2 = tradução prévia 2; G1 = grupo 1; G2 = grupo 2.

Fonte: elaborado pela autora.

No que diz respeito à análise por perfil e por disposição das traduções prévias na tela, observa-se que, tanto entre os estudantes quanto entre os profissionais e tanto entre G1 quanto entre G2, o TA permaneceu sendo a área com o maior dispêndio de esforço. A sequência do resultado dos profissionais (TA, TF, T2 e T1) foi a mesma que a dos estudantes; porém, os profissionais obtiveram um percentual de tempo total no TA superior (51%) ao dos alunos (37%). Os testes estatísticos não foram significativos para o perfil, mas apontaram uma diferença significativa para o texto-fonte ao se compararem as disposições das traduções prévias na tela ( $Z = 1,96$ ;  $p = 0,02395$ ). Esse resultado, porém, pode ter sido aleatório, uma vez que o impacto esperado das traduções prévias era um esforço maior no processamento em T1 ou em T2, o que, de fato, não ocorreu.

#### 4.1.3.6 Tempo total das fixações por MAOI

A Tabela 16 e o Gráfico 14 apresentam os resultados para o tempo total das fixações por microárea de interesse.

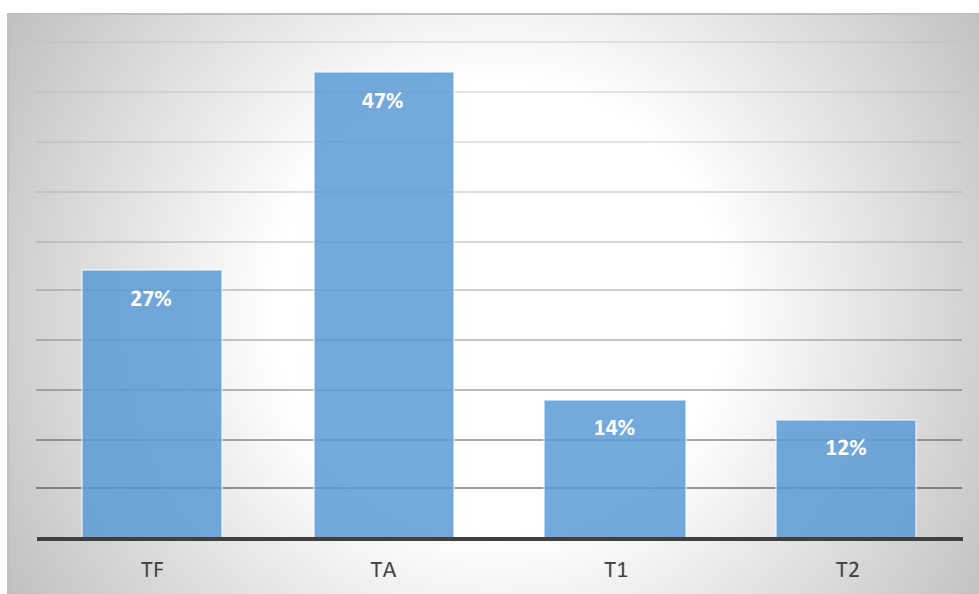
Tabela 16 – Tempo total das fixações, em milissegundos, por participante e microárea de interesse (MAOI)

Participante	MAOI			
	TF	TA	T1	T2
A01	200	7877	2899	4447
A02	4564	10293	7562	3182
A06	7475	9861	833	866
A08	8441	11558	<u>11656</u>	7645
A09	7592	2297	1599	1384
A10	6579	2398	4445	4098
A11	9540	2945	1216	1132
A14	17352	5029	6597	3250
P01	6527	11011	3031	4280
P02	5564	4762	833	1132
P03	233	17824	2698	8907
P04	8926	14589	2431	4000
P05	<u>25550</u>	24151	11063	5228
P07	5945	29164	6949	6295
P08	14573	<u>69112</u>	7229	7026
P09	3714	12511	2647	5362
<b>Média</b>	8298,438	14711,38	4605,50	4264,63
<b>Desvio-padrão</b>	6360,27	16375,33	3493,82	2431,28

Legenda: TF = texto-fonte; TA = texto-alvo; T1 = tradução prévia 1; T2 = tradução prévia 2; sublinhados = *outliers*.

Fonte: elaborada pela autora.

Gráfico 14 – Valor percentual do tempo total das fixações dos participantes por microárea de interesse (MAOI)



Legenda: TF = texto-fonte; TA = texto-alvo; T1 = tradução prévia 1; T2 = tradução prévia 2.

Fonte: elaborado pela autora.

No que concerne às microáreas de interesse, o padrão de tempo total de fixação maior no TA, seguido do TF, permanece tal qual já observado nas áreas de interesse. O mesmo se observa para o maior percentual de tempo de fixações nos insumos que no texto-alvo (53% contra 47%). Contudo, há uma ligeira alteração no percentual destinado às traduções prévias, com um ligeiro predomínio da T1 (14% contra 12%).

Novamente, a heterogeneidade dos dados é grande, conforme já indica o próprio desvio-padrão. Foram considerados como *outliers* P05 para o TF, P08 para o TA e A08 para a T1. Houve curto tempo de fixação (menos de 1 segundo) no texto-fonte entre dois participantes (P03 e A01), indicando predominância das traduções prévias para a construção do texto traduzido no que diz respeito à frase preposicional do texto-fonte. Também houve menos de 1 segundo de fixação na T1 entre dois participantes (P02 e A06) e na T2 no caso de um participante (A06).

#### 4.1.4 Síntese dos resultados quantitativos

Um aspecto que se destacou em todas as análises desta seção é que, independentemente do padrão sugerido pelos dados agregados, houve um número considerável de participantes que se comportaram de forma distinta, seja por diferença no padrão de foco decrescente TA-TF-T1/T2, seja por se constituírem como *outliers*. Mais especificamente, obteve-se o seguinte por variáveis nas AOIs:

- número de visitas: A1, A10, A14, P02, P04, P09, P07 (padrão diferente do TA-TF-T1/T2); P03 (*outlier*);
- fluxo de processamento: A1, A10, P04, P07 (mais transições T2-TA); A14 (mais transições T1-T2); P05 (mais transições TF-TA e TA-T1); A14, P05, P07 (*outliers*);
- número de fixações: A02, A06, A08, A10, A11, P02, P07 e P09 (padrão diferente do TA-TF-T1/T2); P03 (*outlier*);
- duração média: A01, A10, A11, A14, P03, P05 (padrão diferente do TA-TF-T1/T2); e
- tempo total de fixação: A09, A10, A11, A14, P07 (padrão diferente do TA-TF-T1/T2); A01, P03, P07 (tempo elevado de fixação no TA); P03 (*outlier*).

Quatro participantes aparecem recorrentemente nessa enumeração: A14, P04 e P07 (por não seguirem o padrão TA, TF e traduções prévias), bem como P03 por se configurar como

*outlier*. Por essa razão, optou-se por utilizar esses participantes como foco de uma análise qualitativa, que seria tão relevante quanto a quantitativa conforme sugerido por Alves, Da Silva e Pagano (2014). Porém, antes disso, a seção a seguir, mostra o nível de influência das traduções prévias nos textos produzidos pelos 16 participantes deste estudo.

#### **4.2 Análise do Nível de Semelhança entre Traduções Prévias e Textos-Alvo**

Utilizando o sistema de avaliação *on-line* mencionado na metodologia (cf. Subseção 3.2.3), identificou-se que as traduções prévias são bastante distintas entre si: há apenas 10,75% de semelhança entre elas. Esse percentual parece sinalizar que a tradução mais antiga, de Ivo Barroso, caso tenha sido consultada, foi utilizada por Doris Goettems, nos termos de Venuti (2004) como “fonte de inspiração” para a produção de uma versão de fato diferente, mais autoral.

Contudo, os índices de semelhança entre os textos produzidos experimentalmente e uma das traduções prévias ou ambas apontam para uma outra postura entre a maioria dos participantes. Os percentuais estão dispostos na Tabela 17.

Tabela 17 – Nível de semelhança entre traduções prévias (T1, T2) e textos-alvo por participante

Textos	T1	T2	Total bruto*
A01 (G1 – T1-T2)	<u>39,92</u>	37,34	77,26
A02 (G1 – T1-T2)	22,89	<u>67,62</u>	90,51
A06 (G2 – T2-T1)	25,93	<u>37,87</u>	63,8
A08 (G2 – T2-T1)	18,10	<u>34,06</u>	52,16
A09 (G1 – T1-T2)	27,40	<u>51,36</u>	78,76
A10 (G2 – T2-T1)	38,74	<u>50,23</u>	88,97
A11 (G1 – T1-T2)	21,91	<u>49,76</u>	71,67
A14 (G2 – T2-T1)	<u>54,25</u>	37,93	92,18
P01 (G2 – T2-T1)	26,06	<u>44,68</u>	70,74
P02 (G1 – T1-T2)	26,31	<u>65,25</u>	91,56
P03 (G1 – T1-T2)	36,12	<u>50,00</u>	86,12
P04 (G2 – T2-T1)	29,79	<u>60,91</u>	90,70
P05 (G1 – T1-T2)	28,06	<u>33,91</u>	61,97
P07 (G2 – T2-T1)	14,95	<u>55,54</u>	70,49
P08 (G2 – T2-T1)	<u>23,06</u>	16,10	39,16
P09 (G1 – T1-T2)	14,32	<u>47,97</u>	62,29

\* A soma de porcentagens consiste em um erro matemático e não corresponde a uma representação adequada da realidade, tanto porque os parâmetros de comparação são distintos (*i.e.*, os textos A e B têm tamanhos distintos e variações lexicais em locais distintos) quanto porque se desconsideramos 10,75% de semelhança entre as traduções prévias; aqui, a soma é apenas um indicativo rudimentar do quanto os tradutores possivelmente se “inspiraram” nas traduções prévias.

Legenda: T1 = tradução prévia 1; T2 = tradução prévia 2; G1 = T1 à esquerda; G2 = T1 à direita); sublinhados = tradução prévia com que o texto-alvo guardou maior nível de semelhança.

Fonte: elaborado pela autora.

Os percentuais de semelhança entre os textos são bastante superiores aos 10,75% entre T1 e T2. De fato, são superiores a 50% (metade do texto) entre 50% dos participantes: A14, que se utilizou mais da T1; e A02, A09, A10, P03, P04 e P07, que se utilizaram mais da T2. Em geral, os dados apontam para um predomínio da T2 como “fonte de inspiração” dos participantes, havendo apenas três participantes cujos textos guardaram mais semelhança com a T1: A01, A14 e P08. Além disso, a posição de T2 na tela não teve impacto na sua maior utilização. Portanto, uma possível explicação para a predominância de T2 é pelo fato de ela ser a tradução mais recente, visto que, quando questionados sobre a qual tradução prévia recorreram mais, a maioria dos participantes relatou ter utilizado mais a T2 por ela ser mais fluida, natural e por ter um vocabulário mais atual. Além disso, a T2 apresenta correspondentes formais mais usuais (CATFORD, 1965).

Os dados da tabela precisam ser relativizados no sentido de que parte das semelhanças se devem às próprias restrições do texto-alvo (*e.g.*, dificilmente um tradutor, salvo por um projeto tradutório distinto daquele ensejado pelo *brief*, optaria por alterar o nome da

personagem principal, Emma Woodhouse, ou sua idade, 21 anos) ou às restrições do sistema linguístico (e.g, palavras funcionais como “um” e “com”). No entanto, chama atenção que nenhum texto-alvo teve um percentual menor que aquele registrado entre T1 e T2; o menor percentual foi de 14,32% para P09.

Outro aspecto que se destaca é que o somatório das semelhanças (coluna “total bruto”) soma mais que 50% para 15 dos 16 participantes (94% da amostra), sendo P08 a única exceção (39,16%) e alguns casos chegando a mais de 90% (A02, A14, P02 e P04). Conforme disposto na nota da tabela, a soma da percentagem é um absurdo matemático, mas aqui serve para sinalizar, *grosso modo*, o impacto das traduções prévias nos textos-alvo e, dessa forma, indicar que houve, no geral, algum nível de amálgama das opções tradutórias fornecidas pelas traduções prévias.

Tem-se aqui mais um elemento importante para se repensar o modelo de (re)tradução. A existência de traduções prévias possivelmente tem um impacto que vai muito além da consulta para tirar dúvidas ou confirmação de soluções tradutórias. É, sim, possível que a tarefa de (re)tradução também envolva níveis elevados de cópia, com os participantes não tão preocupados com uma produção autoral conforme sugerido por Malta (2015). Até que ponto se trata de “cópia” ou “coincidência” é algo que se espera avaliar na próxima seção, a partir de uma análise qualitativa dos quatro participantes já apontados (A14, P03, P04 e P07), além de outro que se destacou na análise do produto (P08, que aparentemente se apoiou menos nas soluções tradutórias de T1 e T2 para produzir seu texto-alvo).

Antes disso, apresentam-se a seguir os níveis de semelhança entre os textos-alvo e as traduções prévias considerando-se apenas a frase preposicional selecionada neste estudo (i.e., “*with a comfortable home and happy disposition*”). Esses níveis estão dispostos na Tabela 18.

Tabela 18 – Nível de semelhança entre traduções prévias (T1, T2) e textos-alvo por participante no que diz respeito às microáreas de interesse

Textos	T1	T2	Total bruto*
A01 (G1 – T1-T2)	<u>39,66</u>	33,87	73,53
A02 (G1 – T1-T2)	10,67	<u>57,41</u>	68,08
A06 (G2 – T2-T1)	15,58	<u>60,66</u>	76,24
A08 (G2 – T2-T1)	22,86	<u>31,34</u>	54,2
A09 (G1 – T1-T2)	<u>53,70</u>	46,55	100,25
A10 (G2 – T2-T1)	16,00	<u>43,55</u>	59,55
A11 (G1 – T1-T2)	7,79	<u>54,55</u>	62,34
A14 (G2 – T2-T1)	<u>42,86</u>	49,09	91,95
P01 (G2 – T2-T1)	15,38	<u>91,67</u>	107,05
P02 (G1 – T1-T2)	16,44	<u>74,00</u>	90,44
P03 (G1 – T1-T2)	16,22	<u>100,00</u>	116,22
P04 (G2 – T2-T1)	0,00	<u>34,43</u>	34,43
P05 (G1 – T1-T2)	<u>51,85</u>	<u>16,67</u>	68,52
P07 (G2 – T2-T1)	4,17	<u>32,47</u>	36,64
P08 (G2 – T2-T1)	<u>9,52</u>	1,08	10,60
P09 (G1 – T1-T2)	17,39	<u>66,00</u>	83,39

\* A soma de porcentagens consiste em um erro matemático e não corresponde a uma representação adequada da realidade, tanto porque os parâmetros de comparação são distintos (*i.e.*, os textos A e B têm tamanhos distintos e variações lexicais em locais distintos) quanto porque se desconsideramos 10,75% de semelhança entre as traduções prévias; aqui, a soma é apenas um indicativo rudimentar do quanto os tradutores possivelmente se “inspiraram” nas traduções prévias. Tanto é verdade que, em alguns casos, o valor é superior a 100%.

Legenda: T1 = tradução prévia 1; T2 = tradução prévia 2; G1 = T1 à esquerda; G2 = T1 à direita); sublinhados = tradução prévia com que o texto-alvo guardou maior nível de semelhança.

Fonte: elaborado pela autora.

Os dados referentes às microáreas de interesse são semelhantes àqueles encontrados para o texto como um todo. Em outras palavras, parece haver uma preferência pela T2 (ou, no mínimo, produção textual similar à da T2) e algum nível de amálgama entre as duas traduções prévias (ou, no mínimo, produção textual similar, em algum nível, à T1 e à T2). As poucas diferenças em relação ao que se observa para o texto todo são: há um caso em que não há qualquer semelhança com a T1 (P04); há um caso em que a solução é idêntica à T2 (P03); há um percentual maior na T1 que na T2 para A01, A09, P05 e P08; e, na última coluna da tabela, há valores menores que 50% para P04, P07 e P08.

O Quadro 11 mostra os respectivos textos dos participantes para a microárea de interesse. O referido quadro indica, por meio de um sistema de cores que incide apenas sobre as palavras de conteúdo (ou seus radicais, no caso de “disposição” e “disposta”), que de fato houve mais semelhança entre os textos dos participantes e a T2.

Quadro 11 – Soluções tradutórias para a microárea de interesse  
*“with a comfortable home and happy disposition”*

Participante	Soluções tradutórias
A01	com um lar confortável e um bom caráter
A02	com uma confortável casa e boa disposição
A06	e com uma casa confortável e excelente disposição
A08	com um lar confortável e uma boa convivência
A09	com uma casa confortável e um bom caráter
A10	com uma casa confortável e alegre de espírito
A11	com um confortável lar e ótima disposição
A14	com uma casa confortável e bom caráter
P01	com uma casa confortável e uma disposição alegre
P02	com uma casa confortável e muita disposição
P03	com uma casa confortável e disposição alegre
P04	vinda de um lar feliz e uma casa confortável
P05	com uma família acomodada e bem disposta
P07	Morando em uma casa confortável e sempre com muita energia
P08	tinha bom caráter e vivia em uma casa aconchegante
P09	com uma casa confortável e bem disposta
T1	com uma família acomodada e um bom caráter
T2	com uma casa confortável e disposição alegre

Fonte: elaborado pela autora.

Considerando que a T2 apresenta correspondentes formais mais típicos para as palavras constituintes da frase preposicional (CATFORD, 1965), não necessariamente se têm indícios de que se trata de plágio na maioria dos casos. No entanto, são indícios nessa direção as possíveis amálgamas entre T1 e T2, conforme observado para A01, A09, A14 e talvez P08.

Alguns participantes fizeram, em relação às traduções prévias, mudanças na posição do adjetivo e do substantivo (A2) ou dos grupos nominais (P04 e P08). A única variação para “casa confortável” ou “família acomodada” foi “casa aconchegante” (P08). Para “bom caráter” ou “disposição alegre”, a variedade foi maior, principalmente no tocante ao adjetivo: “boa disposição” (A02); “excelente disposição” (A06); “boa convivência” (A08); “alegria de espírito” (A10); “ótima disposição” (A11); “muita disposição” (P02); “bem disposta” (P09). Também houve adição de artigo ao segundo grupo nominal em alguns casos: A01, A08, A09, P01, P04 e P08.

Apenas os excertos de P04, P07 e P08 parecem evidenciar alguma tentativa dos participantes de se afastarem, em alguma medida, das traduções prévias, em geral por meio de explicitações caracterizadas por uma forma mais congruente em comparação com as realizações mais metafóricas das traduções prévias. P04 opta por explicitar o processo relacional “vinda” e apresenta os grupos nominais “lar feliz” e “casa confortável” que dificultam uma associação direta com os grupos nominais do texto-fonte, como que unindo duas interpretações possíveis para o ENTE “home” (“casa” – concreto; “lar” – abstrato), mas omitindo algum correspondente



formal para “*happy disposition*”. Por sua vez, P07 inicia um novo complexo oracional no qual explicita o processo relacional “Morando” e introduz uma nova frase preposicional “e sempre com muita energia”. Já P08 explicita dois processos relacionais, “tinha” e “vivia”.

Surpreendentemente, esses três participantes são aqueles que apresentaram comportamento distinto do geral nas análises agregadas quantitativas da Seção 4.1. Como já apontado, eles, juntamente com A14 e P03, são alvo de uma análise qualitativa mais detalhada, conforme disposta na próxima seção.

### 4.3 Análise Qualitativa dos Dados

Nesta seção, analisa-se qualitativamente o processo tradutório de cinco dos participantes desta pesquisa a partir da triangulação dos dados de rastreamento ocular e dos dados dos protocolos retrospectivos. Trata-se de uma metodologia pouco explorada nos estudos processuais da tradução, uma vez que os protocolos prospectivos, quando muito, são utilizados de forma anedótica para ilustrar um ou outro ponto do processo de algum participante em particular (DA SILVA, 2015). A análise dos participantes será individualizada em cada subseção, seguindo-se a ordem alfabética e numérica de seus identificadores. Para efeitos de simplificação, apresentam-se os dados divididos por fases (*i.e.*, orientação, redação e revisão), sendo que, na fase de redação, concentra-se nos processos referentes à primeira oração do TF (“*Emma Woodhouse, handsome, clever, and rich, with a comfortable home and happy disposition, seemed to unite some of the best blessings of existence;*”), onde se encontra a frase preposicional adotada como microárea de interesse. Ao final, na Subseção 4.3.6, apresenta-se uma síntese dos resultados desses cinco participantes, buscando-se destacar semelhanças e diferenças entre eles.

Conforme apontado na Subseção 3.2.4, a análise qualitativa consistiu em visualizar o *replay* da tarefa e registrar, em uma planilha de um *software* de edição de planilhas, todas as ações de leitura e escrita do participante, além de se adicionarem informações relativas aos protocolos verbais à medida que se referiam ao processo anotado. Na primeira coluna da planilha, identificava-se a área de interesse que estava sendo analisada; enquanto o processo permanecia numa área de interesse, as operações do participante eram registradas na mesma linha da tabela, de modo que essa coluna também permite identificar as sequências de transições visuais pelas áreas de interesse. A vantagem desse método em relação ao quantitativo é que possíveis desvios de olhar (*drift*) não são contabilizados como transições; por conseguinte,

justificam-se pequenas divergências entre as transições observadas pelo método quantitativo e aquelas encontradas pelo método qualitativo.

Inicia-se a análise pelo único estudante selecionado, A14, que integrou o G2, ou seja, teve a T1 disposta à direita da tela.

#### 4.3.1 A14

A14 foi um estudante cujo comportamento fugiu ao padrão geral no que diz respeito ao número de visitas, ao fluxo de processamento, à duração média das fixações e ao tempo total de fixações. Mais especificamente, (i) visitou cada uma das traduções prévias mais vezes que o TF e mais vezes que o TA, (ii) apresentou mais transições visuais entre as traduções prévias do que entre as outras possibilidades de transições, (iii) teve fixação média mais longa no TF do que no TA e (iv) fixou mais tempo no TF que no TA.

A análise qualitativa mostra que, ao todo, houve 303 transições entre as áreas de interesse, distribuídas da seguinte forma: 75 no TF; 102 no TA; 68 na T1; e 55 na T2. Esse achado aponta divergências entre os métodos qualitativos e quantitativos: (i) o TA, foi, sim, a área que recebeu mais visitas (embora aqui visitas também compreendam produção textual sem haver necessariamente fixação quando o participante tem habilidades de digitação), seguido do TF e das traduções prévias, nessa ordem; e (ii) as traduções prévias receberam mais visitas que o TF quando consideradas em conjunto, mas não quando contempladas individualmente.

O Quadro 12 disponibiliza os processos de leitura da fase de orientação, que durou 29 segundos. Essa fase foi marcada por processos em duas áreas de interesse.

Quadro 12 – Processos de leitura da fase de orientação de A14

N	AOI	Duração (s)	Ação	Protocolo Livre	Protocolo guiado
1	TF	24,445	leu todo o texto-fonte	Então nessa parte eu estava fazendo a leitura de todo o texto original e depois fui dando uma olhada nas traduções.	–
2	T1	3,102	leu “Emma Woodhouse, bela, inteligente e rica,”	–	–

Legenda: PL = protocolo livre; PG = protocolo guiado; AOI = área de interesse.

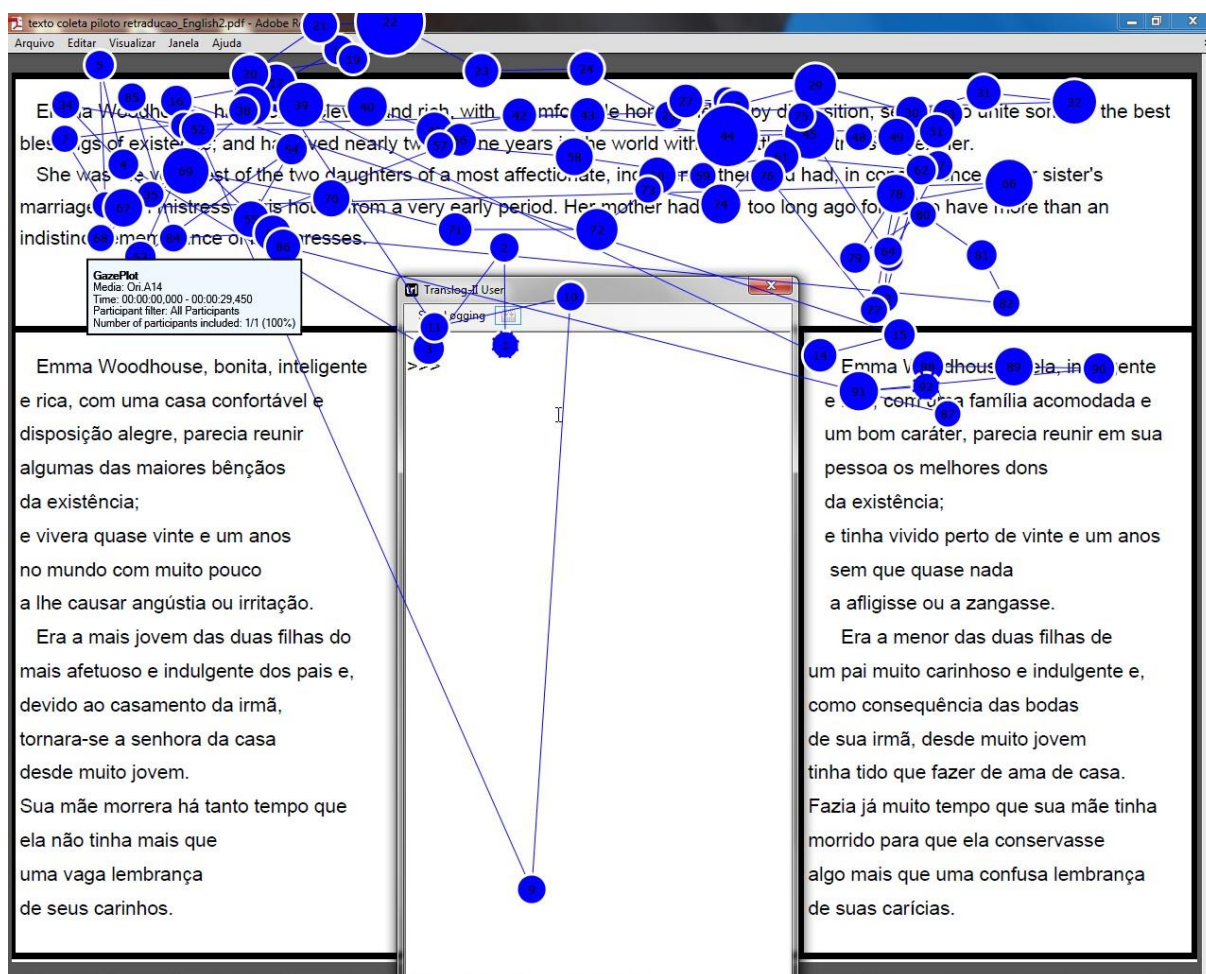
Fonte: elaborado pela autora.

Conforme relatou em seu protocolo livre, A14 de fato leu todo o texto-fonte e, em seguida, passou para uma tradução prévia (T1), da qual leu apenas as seis palavras iniciais. Em

outros termos, o processo de (re)tradução de A14 teve início pelo TF, que foi lido na íntegra. Em seguida, o participante “correu os olhos” em uma parte da primeira oração da T1. Até aí não é possível inferir o papel da T1 no processo de A14, mas se entende que houve mais proeminência do TF para a orientação do participante.

O *gaze plot*<sup>33</sup> da orientação do participante fornece mais informações sobre o processo. Esse *gaze plot* encontra-se na Figura 10 a seguir.

Figura 10 – *Gaze plot* da fase de orientação de A14



Fonte: captura de tela extraída do *software* Tobii Studio©.

<sup>33</sup> Os *gaze plots* mostram a localização, a sequência e o tempo despendido pelo olhar nos estímulos, seja página da web, anúncio impresso ou vídeo. Portanto, a função principal do *gaze plot* é revelar a sequência temporal do olhar ou para onde olhamos e quando olhamos para um ponto específico. Disponível em <https://www.tobiiipro.com/learn-and-support/learn/steps-in-an-eye-tracking-study/interpret/working-with-heat-maps-and-gaze-plots/> Acessado em 02/06/2020

Veja-se que a leitura do texto-fonte não foi linear. Pelo contrário, foi marcada por saltos de palavra de conteúdo nas linhas, o que indica uma busca por apenas conhecer do que se tratava o texto. Trata-se de uma leitura mais semelhante ao que Jakobsen e Jensen (2008) e Alves, Da Silva e Pagano (2011) descreveram como leitura para compreensão, mas não para tradução.

O Quadro 13 apresenta a fase de redação, concentrando-se na primeira oração.

Quadro 13 – Processos de leitura e escrita da fase de redação de A14 (continua)

N	AOI	Duração (s)	Ação	Protocolo
3	TA	5,243	redigiu “Emma Woodhouse”	PL: Então eu mantive o nome, como nos outros textos.
4	TF	0,423	releu “Emma Woodhouse”	
5	T2	0,812	leu “Emma Woodhouse, bonita, inteligente”.	
6	TA	0,435	releu “Emma Woodhouse”	
7	TF	0,464	releu “handsome, clever”	
8	T1	0,894	releu “bela, inteligente”	
9	TA	1,901	releu “Emma Woodhouse”	
10	T1	0,423	releu “bela, inteligente”	
11	T2	0,419	releu “bonita, inteligente”	
12	TF	0,818	releu “handsome, clever and rich”	
13	TA	4,831	redigiu “linda, inteligente e”.	PL: Resolvi colocar linda, porque “handsome” a gente usa para homem, que dá o sentido de muito bonita, então resolvi colocar linda. PG: “handsome” eu traduzi por linda.
14	T2	1,023	releu “bela, inteligente e rica”	
15	TA	1,721	redigiu rica,”	
16	TF	0,856	releu “with a comfortable home”	
17	T1	1,132	leu “bela, inteligente e rica, com uma família acomodada”	
18	TF	0,423	releu “with a comfortable home”	
19	T2	1,283	leu “uma casa confortável e disposição alegre”	
20	TA	4,701	redigiu “com uma casa confort-”	
21	T2	0,536	releu “casa confortável”	
22	TA	1,342	terminou de escrever a palavra “confortável”	
23	T2	0,231	olhou rapidamente a palavra “confortável”	
24	TF	1,645	releu “happy disposition”	
25	T2	1,032	releu “casa confortável e disposição alegre”	
26	T1	3,214	releu “uma família acomodada e um bom caráter / bela inteligente e rica”	
27	T2	0,894	releu “casa confortável e disposição alegre”	
28	TA	0,234	olhou rapidamente a palavra “confortável”	
29	TF	0,878	releu “happy disposition”	
30	TA	0,476	releu “casa confortável”	
31	TF	3,736	releu várias vezes “with a comfortable home and happy disposition / seemed to unite”	
32	TA	0,634	releu a palavra “confortável”	
33	TF	1,324	releu “happy disposition / seemed to unite”	

Quadro 13 – Processos de leitura e escrita da fase de redação de A14 (continua)

N	AOI	Duração (s)	Ação	Protocolo
34	T2	2,323	releu “uma casa confortável e disposição alegre, parecia reunir”	
35	T1	3,374	releu “com uma família acomodada e bom caráter, parecia reunir em sua pessoa os melhores dons da existência”	
36	TA	1,201	releu “com uma casa confortável”	
37	TF	5,134	releu “with a comfortable home and happy disposition, seemed to unite some of the best blessings of existence”	
38	TA	2,987	releu “Emma Woodhouse, linda, inteligente e rica, com uma casa confortável”	
39	T1	2,453	releu “com uma família acomodada e bom caráter”	
40	TF	1,645	releu “seemed to unite some of the best”.	
41	T2	0,658	releu “casa confortável e disposição alegre, parecia reunir”	
42	TA	3,523	redigiu “e bom ca-”	
43	T1	1,031	releu “um bom caráter”	
44	TA	1,102	terminou de escrever a palavra “caráter”	PL: Usei bom caráter do texto da direita, tentei fazer alguma modificação mas nada que se parecesse em inglês.  PG: “happy disposition”, que eu não sabia como traduzir, eu preferi a tradução da direita.
45	T1	1,893	releu “família acomodada e um bom caráter, parecia reunir em sua pessoa”	
46	T2	0,234	olhou rapidamente a palavra “reunir”	
47	TF	2,456	releu “seemed to unite some of the best blessings of existence”	
48	TA	3,023	redigiu “parecia reunir”	
49	T1	2,231	releu “parecia reunir em sua pessoa os melhores dons da existência”	
50	TA	0,435	redigiu a preposição “em”	
51	TF	2,823	releu “seemed to unite some of the best blessings of existence / Emma Woodhouse”	
52	TA	1,032	apagou a preposição “em”	
53	T2	1,984	releu “maiores bênçãos da existência”	
54	TF	2,043	releu “seemed to unite some of the best blessings of existence”	
55	T2	3,013	releu “bênçãos d existência e vivera quase”	
56	T1	1,684	leu “parecia reunir em sua pessoa os melhores dons da existência”	
57	TA	0,345	fixou o olhar na palavra “reunir”	
58	T2	0,642	releu “disposição alegre / parecia reunir”	
59	T1	0,845	releu “da existência”	
60	T2	0,784	releu “algumas das maiores bênçãos da existência”	
61	TA	3,245	redigiu a palavra “alguns”	
62	T1	2,345	releu “os melhores dons da existência”	
63	T2	0,452	releu “maiores bênçãos”	

Quadro 13 – Processos de leitura e escrita da fase de redação de A14 (continua)

N	AOI	Duração (s)	Ação	Protocolo
64	TF	2,043	releu “seemed to unite some of the best blessings of existence” / “Emma Woodhouse, handsome, clever and rich”	
65	T2	1,023	releu “bênçãos da existência”	
66	TA	0,423	releu “reunir alguns”	
67	T1	3,023	leu “tinha vivido” / releu “parecia reunir em sua pessoa os melhores dons da existência”	
68	TA	0,419	releu “casa confortável”	
69	T1	2,575	releu “parecia reunir em sua pessoa os melhores dons da existência”	
70	T2	0,321	releu “parecia reunir”	
71	TF	1,756	releu “seemed to unite some of the best”	
72	TA	0,231	passou pelo TA sem fixar em nenhuma palavra.	
73	T2	1,687	releu “algumas das maiores bênçãos da existência”	
74	TA	0,849	releu “parecia reunir alguns”	
75	T1	0,621	releu “pessoa, os melhores dons da existência”	
76	TF	1,638	releu “seemed to unite some of the best”	
77	T2	0,851	releu “da existência”	
78	T1	1,861	releu “parecia reunir em sua pessoa os melhores dons da existência”	
79	TF	2,246	releu “seemed to unite some of the best blessings of existence”	
80	TA	0,501	olhou rapidamente para a palavra “alguns”	
81	TF	2,087	releu “some of the best blessings of existence”	
82	T1	0,69	releu “parecia reunir em sua pessoa os melhores dons da existência”	
83	TA	0,894	releu “parecia reunir”	
84	TF	0,582	olhou para o TF mas não fixou nenhuma palavra.	
85	TA	0,734	releu a palavra “alguns”	
86	T1	2,224	releu “Emma Woodhouse, bela, inteligente e rica, com uma família acomodada e um bom caráter, parecia reunir em sua pessoa os melhores dons da existência”	
87	TF	0,545	apagou a palavra “alguns”	
88	T2	1,434	releu “maiores bênçãos da existência”	
89	TF	2,431	releu “seemed to unite some of the best blessings of existence”	
90	T2	1,023	releu “maiores bênçãos da existência”	
91	TA	4,456	redigiu “as maiores bênçãos da existência”. (Enquanto redigia o participante lia “maiores bênçãos da existência” na T2 e “blessings of existence” no TF).	PL: Fiquei em dúvida entre deixar dons ou bênçãos, resolvi deixar bênçãos.
92	T2	1,843	releu “maiores bênçãos da existência”.	
93	TF	1,428	releu “blessings of existence”.	
94	TA	0,345	releu a palavra “maiores”	

Legenda: PL = protocolo livre; PG = protocolo guiado; AOI = área de interesse.

Fonte: elaborado pela autora.

Para traduzir a primeira oração do texto, o participante despendeu, ao todo 210 segundos, o equivalente a 03 minutos e 30 segundos. Trata-se de um processo marcado por segmentação (considerando o TF) basicamente no nível do grupo, mas com capacidade de produção textual de apenas uma ou duas palavras por vez. Esse resultado para a produção textual é condizente com o relatado na literatura, baseada numa análise inferencial a partir das pausas no processo tradutório (cf. DRAGSTED, 2004; DA SILVA, 2007; PAGANO; DA SILVA, 2008); no entanto, o rastreamento ocular contribui para compreender a segmentação a partir da observação direta da leitura do participante. Mais especificamente, o participante por vezes leu o contexto maior, mas sua operacionalização, na produção textual, limitou-se à ordem do grupo ou a palavras individuais.

Também é possível notar que a fase de redação é marcada por constantes orientações e revisões *on-line*, que, na literatura baseada em dados de *key logging*, costumavam ser apontadas como possíveis processos existentes durante as pausas, mas sem evidências diretas (cf. JAKOBSEN, 2002; 2003; GOTEIPE, 2007; MACHADO, 2007). No caso particular da (re)tradução, a orientação e revisão *on-line* adquirem um papel proeminente, haja vista que as traduções prévias podem ser utilizadas como “fonte de inspiração” para a produção do texto-alvo mediante contraste a soluções pensadas ou digitadas pelo retradutor ou mesmo mediante contraste entre as soluções das próprias traduções prévias.

Em se tratando do processo de A14, o ritmo cognitivo é consideravelmente errático (cf. ALVES, 2005; DA SILVA, 2007) no sentido de que são diversas as consultas aos insumos e à área do texto-alvo até que se decida por uma tradução (cf. transições 5-14, Quadro 13). Por exemplo, foram pelo menos duas leituras de cada insumo até se decidir por traduzir “*handsome*” por “linda”, qualificador esse que não estava em nenhuma das traduções prévias (“bela” na T1; “bonita” na T2). A explicação dada pelo participante, no protocolo livre, se baseou numa noção equivocada de que “*handsome*”<sup>34</sup> é um adjetivo exclusivo para pessoas do sexo masculino, o que, mesmo que fosse verdade, não explica sua opção por “linda” (*i.e.*, seguindo sua linha de raciocínio, por que um adjetivo incomum para mulheres seria traduzido por um adjetivo usual em português?). De todo modo, suas transições aparentemente erráticas entre os insumos e relato espontâneo sobre o referido adjetivo sugerem que houve dúvidas sobre como solucionar o problema tradutório, provavelmente porque, nesse caso, os insumos não pareciam ser

---

<sup>34</sup> De acordo como Collins Dictionary, “[a] *handsome woman has an attractive appearance with features that are large and regular rather than small and delicate*”, ou seja, “*handsome*” se refere a uma mulher de aparência atraente, mas que não é pequena e delicada. (Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/handsome>. Acesso em: 8 abr. 2020).

satisfatórios o suficiente. Ao que parece, principalmente considerando o relato retrospectivo, o problema foi gerado pelo texto-fonte, pois o participante teve o entendimento de que “*handsome*” seria uma opção inusitada para uma personagem do sexo feminino.

Para a tradução da frase preposicional “*with a comfortable home and a happy disposition*”, o participante iniciou pela leitura e escrita do primeiro grupo nominal, optando pela tradução “casa confortável” para “*comfortable home*” após leitura e releitura dessa solução na T2 (cf. transições 20-24, Quadro 13). Contudo, logo em seguida buscou o contexto de todo o complexo oracional nos três insumos e decidiu pela solução da T1, “bom caráter”, como tradução de “*happy disposition*” (cf. transições 41-46, Quadro 13). Seus relatos livre e guiados indicam que de fato “*happy disposition*” constituiu um problema tradutório e que sua opção pela solução da direita (T1) o satisfizes plenamente.

Esse mesmo ritmo cognitivo errático é encontrado para o restante da oração, com inúmeras releituras do texto-fonte e das traduções prévias. Tanto seu processo quanto seu relato indicam dúvida entre as soluções “dons” e “bênçãos” (cf. transições 63-96, Quadro 13). A considerar, sua solução inicial “alguns” – que pressuporia um substantivo masculino (no caso, “dons”) – após diversas (re)leituras dos insumos, parece que o participante inicialmente faria um amálgama entre T1 (“os melhores **dons** da existência”) e T2 (“**algumas** das maiores bênçãos da existência”) chegando a algo como “alguns [dos] dons”. No entanto, após diversas (re)leituras dos insumos, optou por um amálgama de outra forma: sua solução foi mais próxima daquela de T2, mas sem um correspondente formal para “*some*” (tal qual encontrado em T1).

Das 91 transições entre as AOIs, foram apenas dez (11%) as transições TF-TA, que sinalizariam influência imediata do texto-fonte na construção do texto-alvo. Essas poucas transições podem ser reunidas em quatro grupos:

1. (re)leitura do TF seguida de produção textual: 12-13 (“linda, inteligente e”); 47-48 (“parecia reunir”);
2. (re)leitura do TF seguida de eliminação textual (ou seja, revisão *on-line*): 51-52;
3. (re)leitura do TF seguida de (re)leitura do TA: 29-30; 31-32; 37-38; 79-80; 84-85; 93-94;
4. passagem indefinida pelo TA, provavelmente almejando chegar a outra área de interesse: 71-72.

Desses quatro grupos, apenas os dois primeiros de fato se referem a algum impacto imediato do TF no TA, o que corresponde a apenas três operações. Disso se depreende que A14 conferiu grande importância às traduções prévias antes de se decidir por uma solução em seu



texto-alvo. As soluções, em geral, foram digitadas após consultas às traduções prévias (transições 4-5, 14-15, 16-17, 21-22, 43-46, 51-52, 62-63, 88-89, 92-93); em diversos casos, inclusive, houve várias consultas ao texto-fonte e às traduções prévias para revisão do que já havia sido produzido (transições 5-6, 15-17, 22-25, 44-47). Portanto, a considerar a orientação inicial, que incidiu primeiramente sobre todo o texto-fonte, o ponto de partida do participante foi o TF (linha 3); em seguida, as traduções prévias foram contrastadas entre si, cotejadas à luz do texto-fonte e/ou retomadas/repensadas à luz do que havia sido produzido pelo participante.

O fato de A14 ter transitado tantas vezes pelos insumos e realizado poucas operações de produção/eliminação textual sugere um processo voltado à escrita de um texto-alvo que fizesse o melhor uso das soluções lexicais já disponíveis na língua-alvo e daquelas quiçá possíveis a partir do potencial ensejado pelo texto-fonte. Sendo assim, embora tenha havido aparentes “cópias” das traduções prévias, essas não foram movimentos automáticos; pelo contrário, ensejaram diversas comparações/contrastos entre os insumos e reflexões sobre novas possibilidades. Contudo, destaca-se que o participante acabou “cedendo” a boa parte do que já havia nos insumos, havendo pouca produção autoral no sentido de produzir um texto mais diferente, “original” ou “inédito” do que já havia sido produzido (cf. VENUTI, 2004). Logo, A14 parece ter tido um comportamento que não condiz com a preocupação autoral reiteradas vezes sugerida por Malta (2015). Além disso, suas preocupações, quando muito, centravam-se no polo lexical, comportamento esse descrito como comum por Da Silva (2012). Esse foco no polo lexical é condizente com as poucas entradas de seus protocolos, as quais são indicativas de baixa metarreflexão, com pouca justificativa ou poder de explanação de A14 para as suas escolhas (vide o que já se comentou sobre “*handsome*”, “*happy disposition*” e “*blessings*”).

O Quadro 14 apresenta o que inicialmente se consideraria como revisão final seguindo a definição de Jakobsen (2002). Segundo esse autor, a revisão final inicia-se logo após a digitação, pela primeira vez, do caractere referente ao último ponto final, ou semelhante, do texto-fonte.

Quadro 14 – Processos de leitura e escrita da fase de redação de A14 (continua)

N	AOI	Duração (s)	Ação	Protocolo
289	T1	2,145	releu “lembrança de suas carícias”.	
290	TA	21,875	releu a primeira e a segunda oração do texto. Longas fixações em “desde muito jovem cuida da sua casa” / maiores bênçãos da existência”.	
291	TF	6,198	releu o texto todo.	PL: “Depois eu fiz a leitura, né, do texto todo e procurei outra alternativa para “fazia muito tempo que sua mãe tinha morrido”, mas eu preferi deixar desse jeito mesmo”.
292	TA	8,967	releu várias vezes “fazia muito tempo que sua mãe tinha morrido para que ela conservasse algo mais que uma confusa lembrança de suas carícias”.	PG: Pesquisador: “No trecho final, como você traduziu “caresses”, por que você optou por essa tradução?” Entrevistado: “Carícias. Recorri ao texto da direita (T1) e também traduziria como “carícias”.
293	TF	2,897	releu “her mother had died too long ago for her to have more than an indistinct remembrance of her caresses” .	
294	TA	8,567	releu várias vezes “fazia muito tempo que sua mãe tinha morrido para que ela conservasse”.	
295	T2	2,876	releu “ela não tinha mais que uma vaga lembrança de seus carinhos”.	
296	TA	8,345	releu várias vezes “fazia muito tempo que sua mãe tinha morrido para que ela conservasse algo mais que”. Longas fixações em “fazia muito tempo”.	
297	T1	1,543	releu “fazia já muito tempo que sua mãe tinha morrido”.	
298	TA	12,876	releu várias vezes “fazia muito tempo que sua mãe tinha morrido para que ela”. Longas fixações em “fazia muito tempo”.	
299	T1	1,023	releu “fazia já muito tempo”.	
300	TA	5,034	longas fixações em “fazia muito tempo”.	
301	T1	2,365	releu “fazia já muito tempo que sua mãe tinha”.	
302	TF	3,423	releu “her mother had died too long ago”.	
303	TA	6,987	releu várias vezes “fazia muito tempo que sua mãe tinha morrido para que ela conservasse”. Longas fixações em “fazia muito tempo”.	

Legenda: PL = protocolo livre; PG = protocolo guiado; AOI = área de interesse.

Fonte: elaborado pela autora.

Observa-se, contudo, que toda essa “etapa final” da tarefa de A14 consiste em uma revisão *on-line* do último complexo oracional, e não uma revisão final. Embora ensaie uma releitura do texto-alvo, como evidenciado na linha 290, o participante ainda estava refletindo sobre a sua tradução para o final do texto. Isso fica evidente tanto no fato de que toda a revisão

incide sobre o último complexo oracional quanto no fato de que o participante verbaliza que fez uma releitura buscando uma alternativa para esse complexo oracional.

Portanto, A14 não apresenta revisão final. Embora Jakobsen (2002), com base em dados de *key logging*, defina que a revisão final se inicia após a digitação, pela primeira vez, do sinal gráfico correspondente ao último ponto final do texto-fonte, observou-se que o participante, após esse procedimento, continuou tratando da revisão *on-line* da última oração do texto. Por essa razão, considerou-se que o participante não apresentou revisão final.

Retomando o início desta subseção, encontraram-se duas divergências entre os métodos qualitativos e quantitativos, pois, na análise quantitativa, identificou-se que: (i) o TA foi a área que foi recebida mais visitas de A14, seguido do TF e das traduções prévias, nessa ordem; e (ii) as traduções prévias receberam mais visitas que o TF quando consideradas conjuntamente, mas não de forma isolada. Dos apontamentos acima se depreende que houve várias leituras do TA, mas ele não foi necessariamente o nexos do processamento tradutório de A14, que de fato teve um ritmo errático concentrado nos insumos, com pouco poder de decisão sobre o texto-alvo e com vários contrastes das traduções prévias entre si e delas com o texto-fonte. Contudo, o resultado final consistiu, em boa parte, em reprodução de alguma parte de cada uma das traduções prévias, com poucas alterações “autorais” pontualmente registradas no polo lexical, o que condiz com o elevado percentual de semelhança entre o TA de A14 e as traduções prévias (58% com T1 e 34% com T2, considerando o texto em toda sua extensão).

#### 4.3.2 P03

P03 realizou sua tarefa com a T1 à esquerda, com a qual seu TA teve 36% de semelhança (foi 50% com a T2). Ele foi o participante considerado *outlier* na maioria das variáveis quantitativas: (i) número de visitas no TF e no total das áreas de interesse e na T2 da microárea de interesse; (ii) número de fixações no TF, no TA e no total; e (iii) tempo total de fixação no TF e no total. Além disso, apresentou maior duração média de fixações no TF que no TA e médias inferiores a 200 ms nas traduções prévias.

Na análise qualitativa, registraram-se 431 visitas às áreas de interesse: 162 ao texto-alvo; 131 ao texto-fonte; 50 à T1 e 85 à T2. Esses quantitativos, embora divergentes daqueles registrados automaticamente a partir do *software* Tobii Studio®, são condizentes com a ordem decrescente de números visitas: TA – TF – T2 – T1.

O Quadro 15 mostra a fase de orientação do participante, em que as visitas aos insumos foram assim distribuídas: 10 à TF, 5 à T1, 11 à T2.

Quadro 15 – Processos de leitura da fase de orientação de P03 (continua)

N	AOI	Duração (s)	Ação	Protocolo
1	TF	30,000	leu todo o texto-fonte.	PL: “A gente não acha que demora tanto lendo, não é? Mas demora”.
2	T1	34,254	leu toda a T1	
3	T2	10,000	leu a primeira oração da T2	
4	T1	1,602	leu 4 palavras “tinha vivido perto de”	
5	T2	8, 271	leu a segunda oração “ e vivera quase vinte e um anos no mundo com muito pouco a lhe causar angústia ou irritação”.	
6	T1	2,156	leu a segunda oração “ tinha vivido vinte e um anos sem que quase nada a afligisse os a zangasse”.	
7	T2	16,251	leu o restante do trecho	
8	TF	11,324	releu a primeira oração do TF	
9	T2	1,215	releu o trecho “Emma Woodhouse, bonita, inteligente e rica, com uma casa confortável e disposição alegre, parecia reunir”.	<p>PL: “Então é um pouco difícil de pensar aqui, por exemplo, “inteligente e rica” eu parei.”</p> <p>PG: “Eu não sei se o fato de eu conhecer um pouco a história, mas eu acho que também o que vem antes ajuda a gente a interpretar como o sentido de casa, que ela era rica, então ela levava uma vida confortável. É mais nesse sentido de que ela levava uma vida confortável e tinha uma disposição alegre do que a família dela era acomodada. Até estranhei na hora que eu li a primeira tradução, que fala “com uma família acomodada”, porque não era bem isso. A casa dela era confortável, ali está descrevendo a Emma, então não tem muito com relação à família dela, ela era bonita, ela era inteligente, ela era rica, ela tinha uma casa confortável, e tudo. Então eu acho que “casa” é o que mais se encaixa”.</p>
10	TF	4,278	releu “happy disposition / seemed to unite / with a comfortable home”.	
11	T2	1,261	releu “Emma Woodhouse, bonita, inteligente e rica, com uma casa confortável e disposição alegre”.	
12	TF	4,120	releu “clever and rich, with a comfortable home and happy disposition, seemed to unite”.	
13	T2	4,024	releu “disposição alegre / com uma casa confortável e disposição alegre”.	
14	TF	0,324	releu “in the world with very little”.	
15	T2	1,362	releu “Emma Woodhouse / com uma casa confortável e disposição alegre”.	
16	T1	1,246	releu “com uma família acomodada e um bom caráter”.	

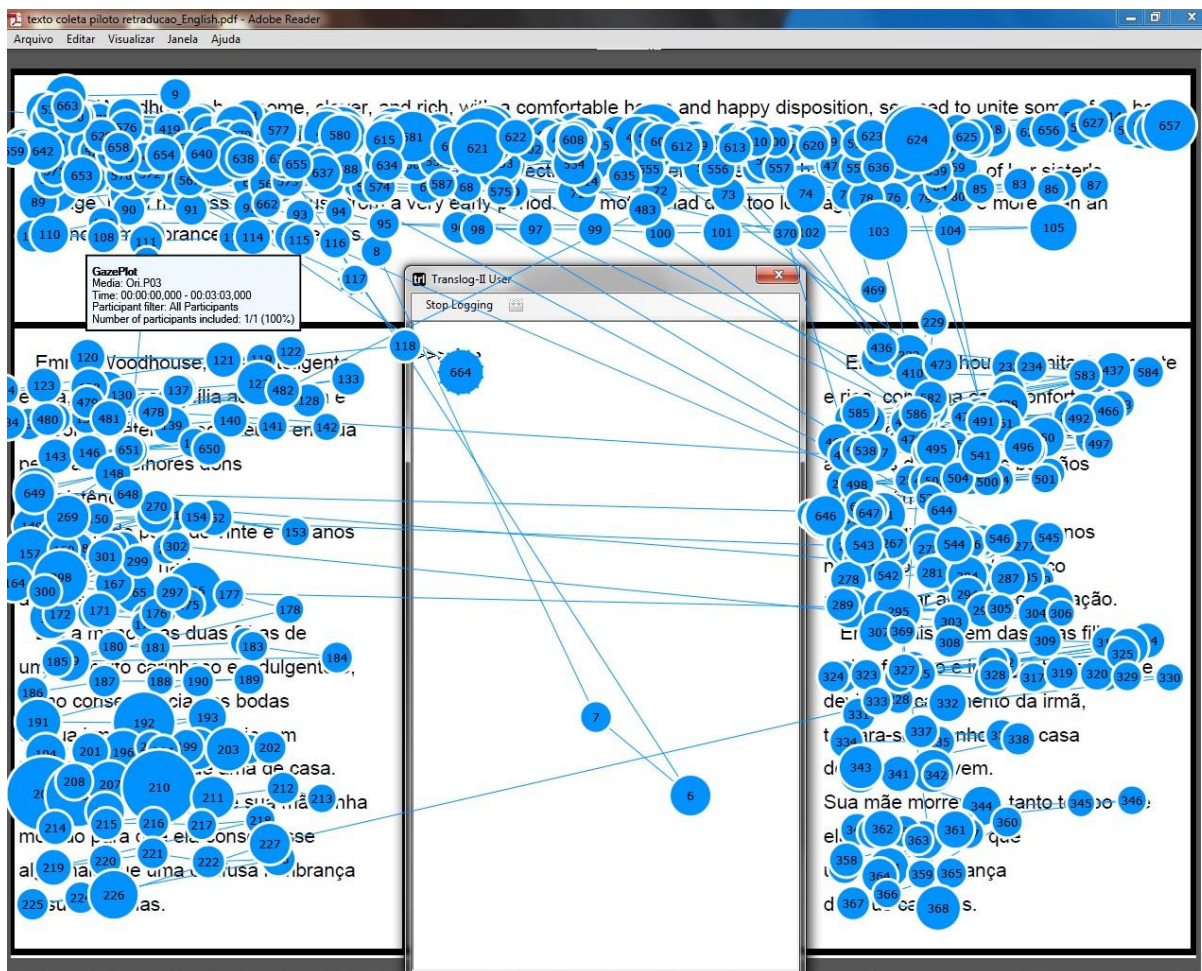
Quadro 15 – Processos de leitura da fase de orientação de P03 (continua)

N	AOI	Duração (s)	Ação	Protocolo
17	TF	1,084	releu “with a comfortable home and happy disposition”.	
18	T2	2,934	releu toda a primeira oração.	
19	TF	8,607	releu “in the world with very little / seemed to unite some of the best blessings of existence; and had lived twenty-one years in the world”.	
20	T2	2,353	releu “parecia reunir algumas das maiores bênçãos da existência / e vivera quase vinte e um anos”.	
21	TF	9,461	releu “and had lived nearly 21 years in the world with very little to distress or vex her. / she was the youngest of two daughters / blessings of existence and had lived”.	
22	T2	2,145	releu “bonita, inteligente e rica, com uma casa confortável e disposição alegre”,	
23	TF	17,567	releu várias vezes a primeira oração	
24	T2	1,023	releu “maiores bênçãos da existência”.	
25	T1	1,254	releu “maiores dons da existência / parecia reunir”.	
26	TF	2,983	releu 3 vezes “of the best blessings of existence	

Legenda: PL = protocolo livre; PG = protocolo guiado; AOI = área de interesse.  
Fonte: elaborado pela autora.

P03 apresentou uma fase de orientação longa, de 183 segundos, o equivalente a 3 minutos e 03 segundos. Seu processamento dos insumos teve início pelo TF, que foi lido em sua íntegra. Em seguida, procedeu à leitura de toda a T1 (provavelmente porque estava à sua esquerda) e à leitura da primeira oração da T2. Depois disso, passou a uma série de transições (linhas de 4 a 26 na tabela) entre os insumos para processamento do primeiro complexo oracional do texto. Essas transições evidenciam uma análise contrastiva do texto-fonte e das opções tradutórias. Todavia, a julgar por seu protocolo guiado e pelas transições T1-T2 nas linhas 3 a 7, o maior número de transições pela T2 talvez possa ser atribuído a uma confiança nessa tradução (mesmo sem ter lido o texto em toda a sua extensão), porque o participante não se convenceu da solução dada por T1 para “família acomodada”. A partir da série 8-9, as transições tenderam a ser TF-T2, com apenas duas das 19 ocorrências restantes referentes a uma comparação entre T2 e T1 (transições 15-16, 24-25).

A Figura 11 consiste em um *gaze plot* da leitura durante a fase de orientação.

Figura 11 – *Gaze plot* da fase de orientação de P03

Fonte: captura de tela extraída do *software* Tobii Studio©.

O *gaze plot* mostra que P03 fez uma leitura atenta dos três insumos. Não houve saltos (as aparentes faltas de fixações na primeira linha do TF e nas últimas palavras nas linhas de T1 e T2 provavelmente se devem a pequenos erros de calibragem). Além disso, as transições entre o TF e a tradução prévia da direita, T2, são evidentes, haja vistas as diversas retas (correspondentes a sacadas) entre essas duas áreas de interesse. Também há, em menor número, retas entre T1 e T2, além de apenas duas retas ligando T1 e TF.

O Quadro 16 apresenta a fase de redação, concentrando-se na primeira oração.

Quadro 16 – Processos de leitura e escrita da fase de redação de P03 (continua)

N	AOI	Duração (s)	Ação	Protocolo
27	TA	2,014	redigiu “Emma”.	
28	TF	1,245	releu “Emma Woodhouse”.	
29	TA	0,947	redigiu “Woodhouse”.	
30	TF	2,427	releu “Emma Woodhouse, handsome, clever and rich”.	
31	T2	1,462	releu “Emma Woodhouse, bonita, inteligente e rica”.	
32	TA	1,213	redigiu “bonita”.	
33	TF	1,328	releu “handsome, clever and”	
34	TA	3,251	redigiu “inteligente”.	
35	TF	1,023	releu “with a comfortable”.	
36	TA	1,231	redigiu “rica”.	
37	TF	0,325	releu “rich”.	
38	TA	1,872	releu “Emma Woodhouse, bonita, inteligente e rica”	
39	TF	6,5	releu várias vezes “with a comfortable home and happy disposition”.	
40	T2	1,568	releu “com uma casa confortável e disposição alegre”.	
41	TF	1,023	releu “comfortable home”.	
42	T2	1,003	releu “casa confortável e disposição”.	
43	TF	4,749	releu with very little to distress or vex her / seemed to unite some of the best blessings of existence and had lived 21 years in the world / some of the best blessings of existence”.	
44	TA	2,158	releu o “Emma Woodhouse, bonita, inteligente e rica”	
45	TF	4,357	releu “ with a comfortable home and happy disposition, seemed to unite / handsome, clever and rich, with a comfortable home and happy disposition”.	
46	TA	0,897	releu o que havia escrito	
47	TF	2,023	releu “seemed to unite some of the best / clever and rich”.	
48	TA	3,982	releu várias vezes o que havia escrito.	
49	TF	1,256	releu “Emma Woodhouse, handsome, clever and rich”.	
50	TA	0,456	releu o que havia escrito	
51	TF	2,342	releu “rich, with a comfortable home and happy disposition, seemed to unite	
52	TA	2,021	releu o que havia escrito	
53	TF	11,125	releu várias vezes “Emma Woodhouse / with a comfortable home and happy disposition / seemed to unite some of the best”.	
54	TA	2,023	releu o que havia escrito	
55	T2	1,257	releu “com uma casa confortável e disposição alegre”.	
56	TF	4,102	releu “with a comfortable home and happy disposition / and had lived nearly 21 years in the world”.	
57	TA	2,432	releu o que havia escrito	
58	TF	9,134	releu várias vezes “with a comfortable home and happy disposition, seemed to unite some of the best blessings of existence”.	

Quadro 16 – Processos de leitura e escrita da fase de redação de P03 (continua)

N	AOI	Duração (s)	Ação	Protocolo
59	TA	1,233	redigiu “com uma”. (Enquanto redigia o participante relia “com uma casa confortável e disposição alegre” (T2); “bela inteligente e rica, com uma família acomodada” (T1))	
60	T2	1,012	releu “com uma casa confortável e disposição alegre”.	
61	T1	2,254	releu “bela inteligente e rica, com uma família acomodada”.	
62	TF	2,183	releu “with a comfortable home and happy disposition”	
63	TA	0,862	releu “com uma”.	
64	TF	3,023	releu “with a comfortable home and happy disposition	
65	TA		redigiu “casa confo-”. (Enquanto redigia o participante olhava para a T2 e relia “Emma Woodhouse, bonita, inteligente e rica, com uma casa confortável e disposição alegre”.	PL: “Eu fiquei pensando em como que poderia ser essa parte: ‘with a comfortable home and happy disposition’. Que também eu pensei que talvez fosse melhor, talvez que ela ‘possuía uma casa confortável e uma disposição alegre’, mas não funciona justamente porque o período é longo. Dá para entender por que é que tem essa frase preposicional aí no meio. Aí eu acabei optando por deixar igual estava nessa segunda tradução aqui, que é ‘com uma casa confortável e uma disposição alegre’”.
66	T2	4,645	releu “Emma Woodhouse, bonita, inteligente e rica, com uma casa confortável e disposição alegre”.	
67	TA	2,483	terminou de redigir a palavra “confortável e”.	
68	T2	3,978	releu várias vezes “com uma casa confortável e disposição alegre, parecia reunir”.	
69	TA	1,034	releu “uma casa confortável”.	
70	T2	1,012	releu “com uma casa confortável e disposição alegre”.	
71	TA	3,023	releu “casa confortável” e redigiu “uma dispo”.	
72	T2	2,583	releu “casa confortável e disposição alegre”.	
73	TA	3,453	terminou de redigir a palavra “disposição” e redigiu alegre”. (Enquanto redigia o participante relia “com uma casa confortável e disposição alegre”)	
74	T2	4,032	releu “com uma casa confortável e disposição alegre”.	
75	T1	0,453	releu “parecia reunir”.	
76	TA	1,423	redigiu “pare”. (Enquanto redigia o participante relia na T2” parecia reunir algumas das maiores bênção”).	
77	T2	1,234	releu “parecia reunir algumas das maiores bênção”.	
78	TF	3,784	releu “seemed to unite some of the best blessings of existence”.	



Quadro 16 – Processos de leitura e escrita da fase de redação de P03 (continua)

N	AOI	Duração (s)	Ação	Protocolo
79	TA	7,126	terminou de redigir a palavra “parecia” e redigiu “reunir” (Enquanto redigia o participante relia na T2 “parecia reunir algumas das maiores bênçãos da existência”).	PL: “Aí agora aqui eu parei realmente porque eu fiquei pensando como que poderia traduzir essas ‘maiores bênçãos’ sem repetir, sem ser “da existência”. Eu acho que não seria esse seu significado”.
80	T2	2,854	releu “disposição alegre/parecia reunir algumas das maiores bênçãos da existência”.	PL: “O texto original e as duas traduções, e aí eu tentava pensar no texto original, o que é que isso estava querendo dizer. Que aí foi o que eu falei, ‘parecia várias bênçãos que existiam’, porque aí ela reunia nela as bênçãos que <Interrupção/> Tudo que poderia ser bom, que ela era bonita, ela era inteligente, ela tinha uma casa confortável. Aí eu achei que poderia funcionar melhor do que “bênçãos da existência”.
81	TA		redigiu a palavra “algumas”. (Enquanto redigia o participante relia “algumas das maiores” na T2 e “parecia reunir em sua pessoa os melhores dons da existência” na T1).	
82	T2	0,435	releu “algumas das maiores”.	
83	T1	3,254	releu “parecia reunir em sua pessoa os melhores dons da existência”.	PL: “Dentro de períodos bem longos. Então a gente fica na dúvida de como que lida com algumas coisas. Logo nesse primeiro período aí eu já estava pensando como que poderia mexer em alguma coisa e olhando como que cada tradutor tinha traduzido, as escolhas que eles tinham feito. Eu lembro que eu fiquei um tempão pensando nessa ‘seemed to unite some of the best blessings of existence’”.  PG: “O ‘seemed to unite some of the best blessings of existence’. Esse “of existence’ ambos os tradutores traduziram como ‘da existência’, só que eu não achei que fosse esse o sentido, parece que ela reunia as melhores qualidades que uma pessoa poderia ter durante a sua existência, alguma coisa assim. Teria que ser explicitado, por mais que ficaria um pouco difícil de fazer, principalmente ficaria estranho porque é um texto literário. Eu acabei optando por colocar o ‘que existia’, que ela reunia as melhores características que existiam’. Não fiquei muito satisfeita, mas eu achei que encaixava melhor do que ‘da existência’”.
84	TF	0,712	releu “seemed”.	

Quadro 16 – Processos de leitura e escrita da fase de redação de P03 (continua)

N	AOI	Duração (s)	Ação	Protocolo
85	TA	1,342	releu “parecia reunir algumas”.	
86	T1	3,859	releu 3 vezes “parecia reunir em sua pessoa os melhores dons da existência”.	PL: “Porque esse ‘blessings of existence’ a gente entende o significado, mas pelo menos eu acho complicado de traduzir. E eu achei que nenhum dos dois tradutores deu uma melhor. Vamos dizer, a melhor solução”.
87	T2	1,262	releu “maiores bênçãos da existência”.	
88	TA	1,0332	releu “parecia reunir algumas”.	
89	T2	2,043	releu “parecia reunir algumas das maiores bênçãos da existência”.	
90	TA	0,324	releu “parecia”.	
91	T2	2,261	releu “parecia reunir algumas das maiores bênçãos”.	
92	TA	8,371	redigiu “das maiores bênçãos”. (Enquanto redigia o relia “algumas das maiores bênçãos da existência” na T2).	PL: “Uma solução. Porque ‘os melhores dons da existência’ não faz muito sentido. Porque aí você tem que talvez explicitar alguma coisa, porque é os melhores dons que a pessoa pode ter. Só que fica muito estranho em um texto literário”.
93	T2	2,023	releu “algumas das maiores bênçãos da existência”.	
94	TA	1,356	releu “maiores bênçãos”.	
95	TF	2,043	releu “best blessings of existence”.	
96	TA	1,843	releu “maiores bênçãos”.	
97	T2	1,567	releu “maiores bênçãos da existência”.	
98	TA	4,645	releu “com uma casa confortável e uma disposição alegre, parecia reunir algumas das maiores bênçãos”.	
99	T2	0,945	releu “bênçãos da existência”.	
100	TA	1,435	releu “maiores bênçãos”.	
101	TF	2,896	releu várias vezes “blessings of existence”.	
102	TA	3,023	releu várias vezes “maiores bênçãos”.	
103	T2	2,432	releu “parecia reunir algumas das maiores bênçãos da existência”.	
104	TF	0,987	releu “blessings of existence”.	
105	TA	2,034	releu “parecia reunir algumas das maiores bênçãos”.	
106	TF	0,748	releu “blessings of existence”.	
107	TA	3,527	releu o que havia escrito	
108	TF	1,784	longa fixação na palavra “caresses”.	
109	TA	1,839	releu “maiores bênçãos”.	
110	TF	1,965	releu “blessings of existence”.	
111	T2	1,021	releu “algumas das maiores bênçãos da existência”.	
112	TA	5,264	releu várias vezes “alguma das maiores bênçãos” e escreveu a palavra “da”.	
113	TF	3,846	releu “some of the best blessings of existence”. Longa fixação na palavra “existence”.	
114	TA	1,054	releu “maiores bênçãos da”.	

Quadro 16 – Processos de leitura e escrita da fase de redação de P03 (continua)

N	AOI	Duração (s)	Ação	Protocolo
115	TF	4,632	releu “seemed to unite some of the best blessings of existence”.	
116	TA	0,456	releu “maiores bênçãos”.	
117	TF	5,328	releu “some of the best blessings of existence”. Longa fixação na palavra “blessings”.	
118	TA	0,34	rápida olhada nas palavras “Emma Woodhouse”.	
119	TF	33,689	releu várias vezes “blessings of existence” longas fixações em blessings e na palavra “existence”. Releu toda a oração.	
120	TA	2,543	releu “maiores bênçãos”.	
121	TF	1,947	releu “blessings of existence”.	
122	TA	3,12	apagou a palavra “da”.	
123	TF	0,843	releu “blessings of existence”.	
124	TA	2,242	releu “algumas das maiores bênçãos”.	
125	TF	1,854	releu “best blessings of existence”.	
126	TA	1,013	releu “disposição alegre, parecia reunir algumas das maiores bênçãos”.	
127	TF	11,865	releu várias vezes “seemed to unite some of the best blessings of existence”.	
128	TA	9,485	releu várias vezes “parecia reunir algumas das maiores bênçãos”, redigiu as palavras “que existiam”. (longa fixação na palavra existiam)	
129	TF	2,675	releu “she was the youngest”.	
130	T2	0,674	releu “da existência”.	
131	T1	0,349	releu “da existência”.	
132	TF	1,456	releu “and had lived”.	
133	TA	0,845	releu “bênçãos que existiam”.	
134	TF	6,675	releu várias vezes “and had lived nearly twenty-one years in the world with very little to distress or vex her”.	<i>PG: “Que eu usei mais? Eu acho que eu usei uma mistura das duas. Eu acho que eu segui mais, em termos dos adjetivos e algumas escolhas lexicais, a da direita, mas o tempo verbal eu usei o da esquerda, que é o 'tinha vivido', 'tinha morrido', 'tinha tido', porque eu acho que ele é o que está mais sendo utilizado ultimamente do que esse 'vivera', 'morrera', que eu acho que caiu um pouco, assim, hoje em dia”.</i>
135	TA	0,456	releu “que existiam”.	

Legenda: PL = protocolo livre; PG = protocolo guiado; AOI = área de interesse.

Fonte: elaborado pela autora.

Para traduzir a primeira oração do texto, o participante despendeu, ao todo 374 segundos, o equivalente a 5 minutos e 14 segundos. Assim como A14, P03 apresentou um processo de segmentação majoritariamente no nível de grupo, com o processamento de duas a seis palavras do texto-fonte para produção textual de uma a três palavras no texto-alvo. Houve,

contudo, alguns momentos em que o participante buscou contextos mais amplos, como toda uma oração ou todo o complexo oracional, o que ocorreu primeiramente no TF (linhas 43, 45, 53, 58) e depois passou para a T2 (linhas 68, 80, 89, 92, 103), havendo uma única ocorrência na T1 (linha 86) e uma retomada do TF (linha 127).

A fase de redação de P03, para tradução da primeira oração, foi marcada por transições prioritariamente entre texto-fonte e texto-alvo. As traduções prévias foram consultadas algumas vezes para fins de consulta e/ou comparação entre elas e o TA, sendo raras as comparações entre as próprias traduções prévias (transições 74-75, 82-83, 86-87, 130-131). Essas consultas e comparações evidenciam constantes (re)orientações e (re)revisões *on-line*, muito embora sejam poucas as marcas textuais de mudanças nas soluções interinas do participante (*e.g.*, a única eliminação textual ocorreu na linha 122). Com isso, o participante apresenta um ritmo cognitivo errático, em que há constantes visitas aos insumos e à área do texto-alvo, sem que isso necessariamente implique produção textual ou alteração de produção textual.

Um aspecto que distingue P03 de A14 é a sua capacidade de digitar sem olhar para o teclado, o que lhe permitia processar duas áreas de interesse simultaneamente. Conforme evidenciado nas linhas 59, 65, 73, 76, 79, 81 e 92, o participante redigia seu texto ao mesmo tempo que lia as traduções prévias, geralmente como ato de cópia das soluções preexistentes. Vale lembrar que o participante, inclusive, produziu uma versão idêntica à de T2 no que diz respeito à tradução para a frase preposicional “*with a comfortable home and happy disposition*”.

Os relatos retrospectivos de P03 revelam um nível de metarreflexão maior que o de A14, além de preocupações que ultrapassaram o polo lexical. No entanto, em termos operacionais, o participante acabou também se “rendendo” aos insumos, não chegando a soluções diferentes daquelas já apresentadas nas traduções prévias, apesar de suas constantes (re)leituras dos insumos e de sua verbalização sobre problemas que poderiam ter ensejado tomadas de decisão distintas daquelas efetivamente apresentadas.

A primeira verbalização de P03 foi relativa à frase preposicional sob escrutínio nesta tese. O participante afirma que cogitou uma explicitação por meio de uma (des)metaforização<sup>35</sup> (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004; DA SILVA, 2012; DA SILVA; PAGANO, 2017), o que levaria a uma solução como “possuía uma casa confortável e uma

---

<sup>35</sup> Segundo Da Silva (2012), a (des)metaforização envolve descompactação de significados, tarefa que demanda esforço cognitivo do tradutor, requer interpretação textual e tomada de decisões. Para Steiner (2001a *apud* DA SILVA, 2012, p. 46), o processo de (des)metaforização “consiste em relacionar unidades gramaticais significativas a alguma de suas variantes menos metafóricas de modo a explicitar, com base em conhecimento co-textual e contextual, significados implícitos no texto de partida”.

disposição alegre”, em que estaria explícito o processo relacional “possuía”. Contudo, viu-se limitado pelo “período [...] longo” e acabou “optando por deixar igual estava” na T2.

Outra passagem do TF que suscitou verbalizações foi o grupo nominal “*some of the best blessings of existence*”, para a qual P03 também cogitou uma explicitação, conforme verbalizado no protocolo guiado. Nesse caso, contudo, essa explicitação foi realizada por meio da forma mais congruente “que existia” (em comparação com a forma mais metafórica “da existência”).

O participante também se mostra consciente que de fato utilizou T1 e T2, conforme já indicado pelo nível de semelhança entre seu texto-alvo e as traduções prévias. Sua verbalização também mostra metarreflexão a partir do momento em que informa que foi influenciado por T2 em razão das escolhas lexicais (para adjetivos, por exemplo) e por T1 em razão do tempo verbal (segundo ele, o pretérito mais que perfeito estaria em desuso atualmente).

Mais um aspecto que distingue P03 de A14 é a existência de uma fase de revisão final, conforme revelado no Quadro 17. Ao todo, são 76 processos na fase de revisão (356 a 431).

Quadro 17 – Processos de leitura e escrita da fase de revisão de P03 (continua)

N	AOI	Duração (s)	Ação	Protocolo
356	TF	1,231	releu “Emma Woodhouse, handsome, clever and rich”.	
357	TA	7,512	releu “Emma Woodhouse, bonita, inteligente e rica, com uma casa confortável e uma disposição alegre, parecia reunir algumas das maiores bênçãos da existência”.	
358	TF	0,231	olhou rapidamente o TF sem fixar em nenhuma palavra”.	
359	TA	6,623	releu “e tinha vivido quase vinte e um anos com muito pouco que lhe causasse angústia ou irritação”.	
360	T2	1,754	releu “vivera quase vinte e um anos no mundo com muito pouco a lhe causar angústia ou irritação”.	
361	TA	6,234	releu “tinha vivido quase vinte e um anos com muito pouco que lhe causasse angústia ou irritação”.	
362	T2	0,456	releu “vivera quase”.	
363	T1	0,872	releu “sem que quase nada a afligisse ou a zangasse”.	
364	TF	0,487	releu “she was the youngest of the two daughters of a most affectionate”.	
365	T1	0,231	olhou para T1 rapidamente, mas não fixou nenhuma palavra”.	
366	TA	30,654	releu várias vezes “ela era a mais nova das duas filhas de um pai muito carinhoso e indulgente”, apagou a palavra “ela” / continuou a leitura de “e,	PL: “‘Tinha tornado-se muito cedo a senhora da casa’, eu deixei ‘tinha se tornado a senhora da

Quadro 17 – Processos de leitura e escrita da fase de revisão de P03 (continua)

			devido ao casamento da sua irmã, tinha muito cedo tornado-se a senhora da casa”.	casa muito cedo’, eu achei que ficou melhor na hora que eu estava lendo, depois antes de terminar”.
367	TF	0,834	releu “mistress of his house from a very early period”.	
368	TA	9,783	releu “devido ao casamento da sua irmã tinha muito cedo tornado-se a senhora da casa” / apagou a preposição “da” e escreveu “de”.	
369	T2	1,103	releu “tornado-se a senhora da casa desde muito jovem”.	
370	TA	0,453	releu “tornado-se a senhora da casa”.	
371	T1	1,032	releu “era a menor das duas filhas de um pai muito carinhos e indulgente e, como consequência”.	
372	TA	6,012	releu várias vezes “devido ao casamento de sua irmã, tinha muito cedo tomado-se a senhora da casa”. Longas fixações em “muito cedo”.	
373	T2	0,345	olhou rapidamente as palavras “não tinha”	
374	TA	24,323	releu várias vezes “devido ao casamento de sua irmã, tinha muito cedo tomado-se a senhora da casa”. Apagou “muito cedo” do meio da frase e a reescreveu no final da oração. Longas fixações em “muito cedo” / senhora da casa”.	
375	T2	2,453	releu “sua mãe morrera há tanto tempo”.	
376	TA	19, 389	releu “sua mãe tinha morrido há muito tempo para que ela tivesse mais do que uma vaga lembrança de seus carinhos”. / Iniciou a leitura do TA novamente, releu “Emma Woodhouse, bonita, inteligente e rica, com uma casa confortável e uma disposição alegre, parecia reunir algumas das maiores bênçãos que existiam”.	
377	T1	0,543	releu “de sua irmã”.	
378	TA	4,223	releu “sua mãe tinha morrido há muito tempo para que ele tivesse mais do que uma vaga lembrança de seus carinhos”.	
379	T1	2,043	releu “fazia já muito tempo que sua mãe tinha morrido para que ela conservasse algo mais que uma confusa lembrança de suas carícias”.	
380	TA	6,038	releu “sua mãe tinha morrido há muito tempo para que <i>ele</i> tivesse mais do que uma vaga lembrança de seus carinhos” / “era a mais nova das duas filhas”.	PL: “Mas agora eu estou vendo um errinho aqui, que eu não sei depois eu vi. ‘Sua mãe tinha morrido há muito tempo para que <i>ele</i> ’. Não sei se eu vi isso. Ah, eu vi. Acabei de ver que eu vi”.
381	T1	1,024	releu “consequência das bodas de sua irmã” / fazia já muito tempo”.	
382	TF	6,567	releu “sister’s marriage” / her mother had died too long ago for her to have more than an indistinct remembrance of her caresses”.	
383	TA	5,567	releu “sua mãe tinha morrido há muito tempo para que ele tivesse mais do que uma vaga lembrança de seus carinhos”. Trocou o pronome “ele” por “ela”.	
384	TF	1,631	releu “her mother had died too long ago” / been mistress of his house”.	

Quadro 17 – Processos de leitura e escrita da fase de revisão de P03 (continua)

385	TA	12,684	releu a última oração. Retirou o parágrafo da última oração. Reiniciou a leitura “Emma Woodhouse, bonita, inteligente e rica, com uma casa confortável e disposição alegre, parecia reunir algumas das maiores bênçãos da existência”.	
386	TF	11,745	Reiniciou a leitura do excerto, releu a primeira oração e parou em “seemed to unite some of the best”, releu várias vezes esse trecho e executando longas fixações.	
387	TA	0,895	releu “parecia reunir” / “bênçãos da existência”.	
388	TF	1,435	releu seemed to unite some of the best blessings of existence”.	
389	TA	1,231	releu “parecia reunir algumas das maiores bênçãos que existiam”.	
390	T2	2,264	releu “parecia reunir algumas das maiores bênçãos da existência”.	
391	TA	0,643	releu “parecia reunir”.	
392	T2	2,476	releu “algumas das maiores bênçãos da existência”.	
393	T1	1,856	releu “parecia reunir em sua pessoa os melhores dons da existência”.	
394	TA	0,453	fixou o olho em “que existiam”.	
395	TF	4,896	releu várias vezes “blessings of existence”. Longa fixação em “existence”	PL: “E, se eu não me engano, fiquei bastante tempo ainda pensando na questão do ‘of existence’ lá em cima”.
396	TA	3,154	releu “algumas das maiores bênçãos que existiam”.	
397	TF	0,859	releu “blessings of existence”.	
398	T2	0,456	releu “da existência”.	
399	TA	5,748	releu “Emma Woodhouse, bonita, inteligente e rica, com uma casa confortável e uma disposição alegre, parecia reunir algumas das maiores bênçãos da existência”.	
400	TF	19,345	releu várias vezes “with a comfortable home and happy disposition, seemed to unite (longa fixação em seemed to unite) some of the best blessings of existence (longa fixação em blessings of existence); and lived twenty-one years in the world with very little to distress of vex her”.	
401	TA	2,546	releu “Emma Woodhouse, bonita, inteligente e rica, com uma casa confortável e uma disposição alegre”.	
402	TF	4,576	releu “with a comfortable home and happy disposition, seemed to unite of the best”.	
403	T2	0,345	passou o olhar rapidamente nas palavras “parecia reunir”.	
404	TF	10,584	releu várias vezes “seemed to unite some of the best blessings of existence”.	
405	TA	6,354	releu várias vezes “parecia reunir algumas das maiores bênçãos que existiam”.	
406	T2	0,678	fixou o olhar na palavra “existência”.	

Quadro 17 – Processos de leitura e escrita da fase de revisão de P03 (continua)

407	TA	7,232	releu várias vezes “Emma Woodhouse, bonita, inteligente e rica, com uma casa confortável e uma disposição alegre, parecia reunir algumas das maiores bênçãos que existiam; tinha vivido quase”.	
408	TF	0,476	releu “lived twenty-one years in the world”.	
409	TA	5,476	releu “Emma Woodhouse, bonita, inteligente e rica, com uma casa confortável e uma disposição alegre, parecia reunir algumas das maiores bênçãos que existiam”	
410	TF	7,574	releu “seemed to unite some of the best blessings of existence”. Longa fixação em blessings of existence.	
411	TA	27,845	releu a primeira oração várias vezes, em seguida continuou a leitura do excerto até “desde muito cedo”.	
412	T1	1,845	releu “desde muito jovem tinha tido que fazer de ama de casa”.	
413	TA	0,987	releu “tinha se tornado a senhora da casa”.	PL: “Eu deixei ‘tinha se tornado a senhora da casa muito cedo’, eu achei que ficou melhor na hora que eu estava lendo, depois antes de terminar”.
414	TF	1,687	releu “her mother had died too long ago”.	
415	TA	9,102	releu várias vezes “sua mãe tinha morrido há muito tempo para que ela tivesse mais que uma vaga lembrança de seus carinhos”.	
416	T2	3,243	releu “fazia já muito tempo que sua mãe tinha morrido para que ela conservasse algo mais que uma confusa lembrança de suas carícias”.	
417	TA	2,235	releu “mais que uma vaga lembrança de seus carinhos”.	
418	T2	1,034	releu “ não tinha mais que uma vaga lembrança de seus carinhos”.	
419	TA	46,647	releu várias vezes o segundo parágrafo. Reiniciou a leitura do excerto “Emma Woodhouse, bonita, inteligente e rica, com uma casa confortável e uma disposição alegre”.	
420	TF	8,012	releu o primeiro parágrafo várias vezes. Executou longas fixações em blessings of existence”.	
421	TA	1,342	releu “casa confortável e disposição alegre” / “parecia reunir”.	
422	TF	0,564	releu “casa confortável e disposição alegre”.	
423	T2	1,465	releu “casa confortável e disposição alegre”.	
424	TF	1,142	releu “ unite some of the best”.	
425	T2	0,243	olhou rapidamente a palavra “disposição”.	
426	TA	3,234	releu “parecia reunir algumas das maiores bênçãos que existiam”.	
427	TF	0,987	releu “she was the youngest”.	
428	TA	5,023	releu “tinha vivido quase vinte e uma anos com muito pouco que lhe causasse”.	
429	TF	3,034	releu “she was the youngest of the two daughters”.	
430	TA	1,436	releu “maiores bênçãos que existiam”.	

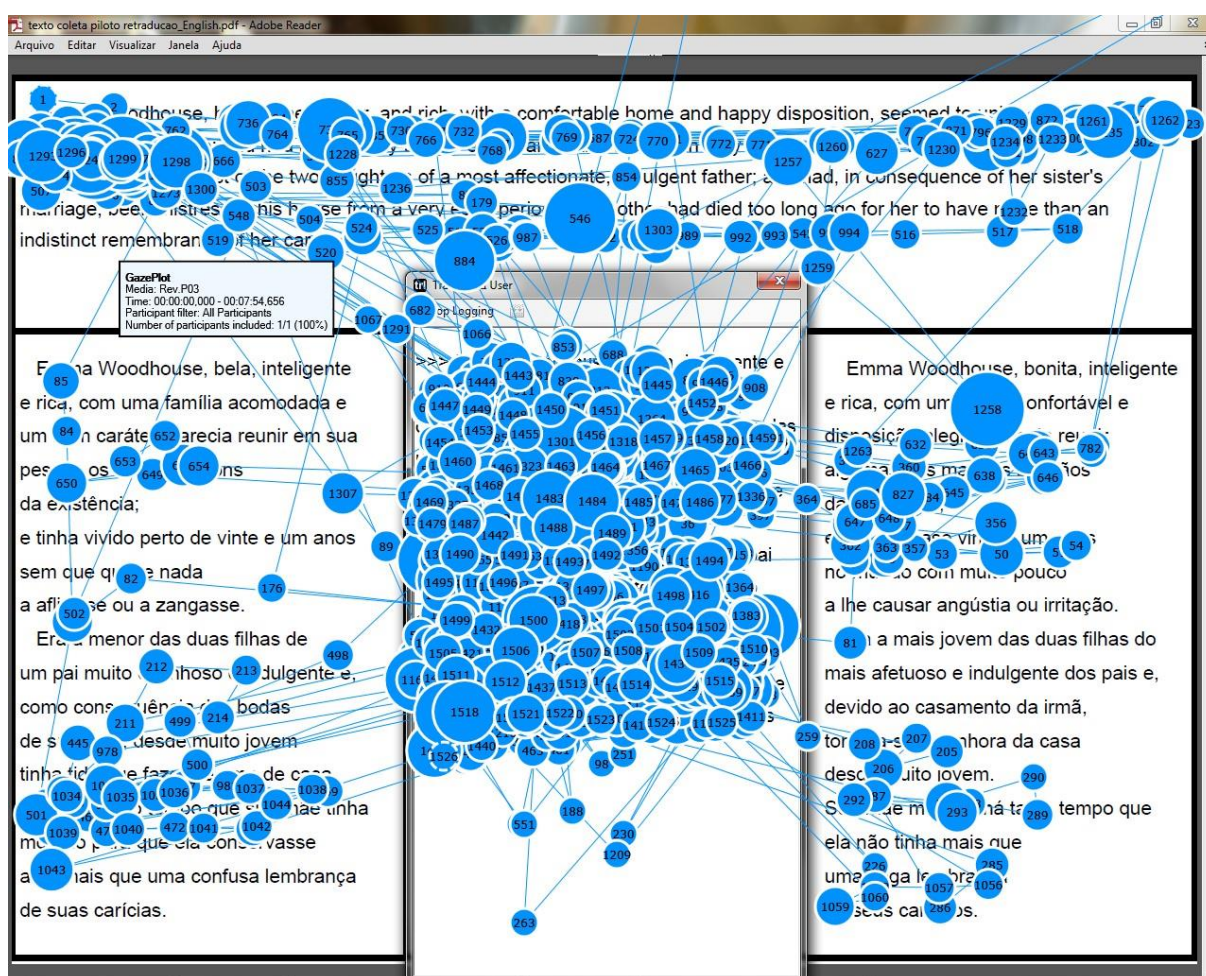
Legenda: PL = protocolo livre; PG = protocolo guiado; AOI = área de interesse.

Fonte: elaborado pela autora.



A revisão final de P03, com 474 segundos (*i.e.*, 07 minutos e 54 segundos), foi mais uma fase de releitura das quatro áreas de interesse, com destaque para o TA (32 dos 76 processos, 42%), seguido, nesta ordem, do TF (21, 28%), T2 (14, 19%) e T1 (8, 11%). A concentração no TA é evidente no *gaze plot* (cf. Figura 12), que foi o nexa do processamento do participante para a realização de sua revisão.

Figura 12 – *Gaze plot* do processo de revisão de P03



Fonte: captura de tela extraída do *software* Tobii Studio©.

Nessa fase, mais uma vez o participante contrastou as soluções disponíveis, retomando o início do texto pelo menos quatro vezes (linhas 356/357, 376, 385, 407) para sua leitura até o final, leitura essa com diversas interrupções e transições para outras áreas de interesse. No entanto, a revisão final se revelou pouco produtiva em termos de alteração textual, apesar de todo o tempo disponível e dos diversos processos de leitura envidados pelo participante. No total, apenas três processos corresponderam a alteração do texto-alvo: no

processo 368, trocou “da [casa]” por “de [casa]” em “devido ao casamento da sua irmã tinha muito cedo tornado-se a senhora da casa”; em 374, reposicionou o adjunto adverbial “muito cedo” em “devido ao casamento de sua irmã, tinha *muito cedo* tornado-se a senhora da casa”, o qual foi direcionado para o final da oração; e, em 383, identificou um erro de coesão lexical em ““sua mãe tinha morrido há muito tempo para que ele tivesse mais do que uma vaga lembrança de seus carinhos”, substituindo “ele” por “ela”, uma vez que o referente é a personagem principal, Emma.

Houve duas verbalizações referentes à revisão, ambas registradas durante o protocolo retrospectivo livre. Na primeira, o participante identifica esse erro, mas não se lembra, num primeiro momento, se o havia corrigido durante a execução da tarefa. Na segunda, aponta que, mesmo na revisão, ainda refletiu sobre a solução dada para  *blessings of existence*. Condizente com essa observação, o  *gaze plot* aponta maior incidência de fixações no entorno desse grupo nominal, tanto na T1 quanto na T2 (quarta e quinta linhas dos respectivos textos).

Considerando a presente descrição e retomando a análise quantitativa, depreende-se que o ritmo cognitivo errático de P03 durante a revisão, sua leitura atenta dos três textos na orientação e suas inúmeras releituras dos textos na tela durante a revisão explicam o seu registro como  *outlier* nas análises da Seção 4.1.

### 4.3.3 P04

P04 realizou sua tarefa com a T1 à direita (G2), com a qual seu texto-alvo teve 30% de semelhança (foi 61% com a T2). Ele foi o participante dissonante do geral no que diz respeito a: (i) um maior número de visitas nas traduções prévias que no TF e no TA; (ii) um maior número de transições entre uma tradução prévia (T2) e o TA; e (iii) maior tempo total de fixações nas traduções prévias que no TF ou no TA.

Na análise qualitativa, registraram-se 181 visitas às áreas de interesse: 75 ao TA; 49 à T2; 30 à T1; e 27 ao TF. Esses quantitativos, divergentes daqueles registrados automaticamente pelo  *software* Tobii Studio®, não são condizentes com a ordem decrescente de números visitas: TA – T2 – T1 – TF. Além disso, esse número de visitas é bastante inferior àqueles já encontrados para A14 e P03.

O Quadro 18 mostra a fase de orientação do participante, em que as visitas aos insumos foram assim distribuídas: quatro à TF, duas à T1 e três à T2. Houve também duas passagens pelo TA, as quais, contudo, não estiveram relacionadas com o processamento dessa

área (o que é um dos exemplos das diferenças entre os dados quantitativos obtidos automaticamente e os dados processados manualmente nesta seção).

Quadro 18 – Processos de leitura da fase de orientação de P04

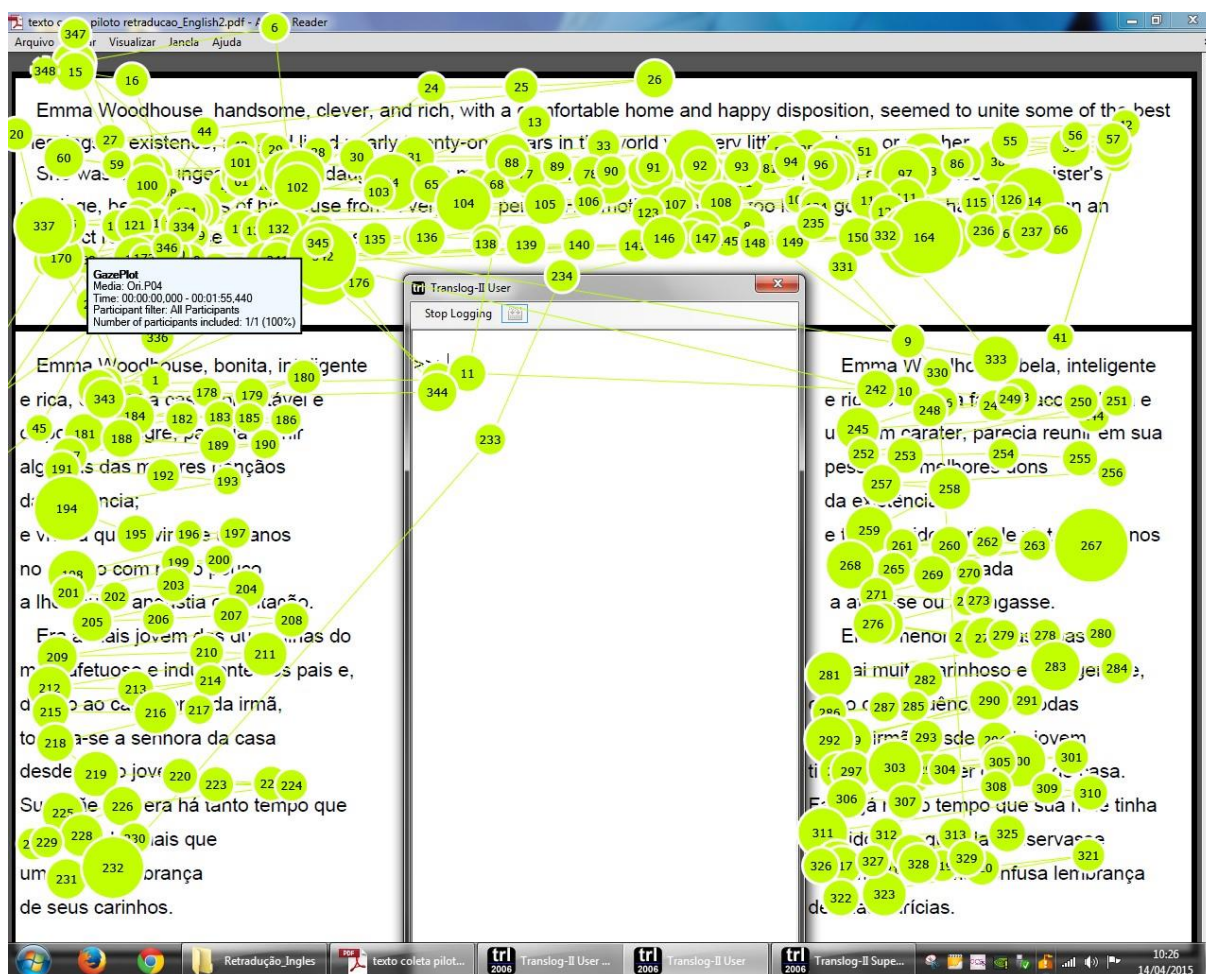
N	AOI	Duração (s)	Ação	Protocolo
1	T2	1,234	leu as duas primeira “Emma Woodhouse”	
2	TA	1,738	percorreu o olhar sobre o TA	
3	T1	0,012	leu as duas primeiras palavras “Emma Woodhouse”	
4	TA	0,054	percorreu o olhar sobre o TA	
5	TF	58,012	fez a leitura completa do TF	
6	T2	18,322	fez a leitura completa da T2	
7	TF	3,012	leu “too long ago for her to have more than an indistinct remembrance of her caresses”	
8	T1	29,315	fez a leitura completa da T1	
9	TF	4,634	leu “marriage, been mistress / indistinct remembrance of her caresses	
10	T2	1,023	leu “com uma casa confortável”	
11	TF	2,152	leu “ remembrance of her caresses”	

Legenda: PL = protocolo livre; PG = protocolo guiado; AOI = área de interesse.  
Fonte: elaborado pela autora.

P04 apresentou uma fase de orientação de 115 segundos, o equivalente a 01 minuto e 55 segundos. Seu processamento dos insumos teve início pela T2 e pela T1, nessa ordem, tendo sido lidas apenas as duas primeiras palavras em ambos, “Emma Woodhouse”. Em seguida, o participante leu, em toda sua extensão, o TF e a T2 (este talvez pelo fato de estar à esquerda da tela); retomou uma passagem do TF (“*too long ago for her to have more than an indistinct remembrance of her caresses*”); e finalmente procedeu à leitura da T1 na íntegra. Posteriormente, fez leituras aparentemente aleatórias de passagens do TF e da T2.

A Figura 13 apresenta um *gaze plot* da leitura de P04 durante a fase de orientação.

Figura 13 – Gaze plot da fase de orientação de P04



Fonte: captura de tela extraída do software Tobii Studio©.

O *gaze plot* mostra que houve, no TF, uma falha na calibragem que levou ao registro das fixações uma linha abaixo daquela em que se encontra o que de fato fora lido. Isso, contudo, não impede a observação de que, no geral, a leitura foi linear, com fixações em praticamente todas as palavras. O mesmo é observado para ambas as traduções prévias, a despeito da diferença de tempo das visitas nessas áreas (18 s na T2, 29 s na T1, 58 s no TF).

O Quadro 19 apresenta a fase de redação, concentrando-se na primeira oração.

Quadro 19 – Processos de leitura e escrita da fase de redação de P04 (continua)

N	AOI	Duração (s)	Ação	Protocolo
12	TA	1,203	redigiu a palavra “Emma”	
13	TF	1,036	leu “Woodhouse”	
14	TA	1,023	escreveu três letras “Woo”	
15	T2	1,134	leu “Woodhouse”	
16	TA	3,231	terminou de escrever a palavra “Woodhouse”	



Quadro 19 – Processos de leitura e escrita da fase de redação de P04 (continua)

N	AOI	Duração (s)	Ação	Protocolo
17	TF	0,822	leu handsome”	
18	T2	1,124	leu “bonita, inteligente	
19	T1	0,412	leu “bela”	
20	T2	0,365	releu “inteligente”	
21	TF	0,84	leu “clever and rich”	
22	T1	1,132	releu “Emma Woodhouse, bela, inteligente e rica”	
23	T2	0,386	releu “bonita, inteligente”	
24	TA	1,213	releu “Emma Woodhouse”	
25	T2	1,398	leu releu “bonita, inteligente e rica”	
26	TA	3,213	releu “Woodhouse”	
27	T2	0,322	releu “inteligente”	
28	TA	5,139	redigiu “bela e inteligente”	PL: “Aqui eu acho que eu optei por ‘bela’, que aqui eu acho que tem mais a ver com a linguagem literária, não sei. E talvez para a descrição da pessoa o ‘bela’ se encaixa mais, hum... com os outros adjetivos”.
29	T1	1,213	leu “rica, com uma família acomodada e um bom caráter”	
30	TA	2,123	redigiu “rica”	
31	T2	0,879	leu “casa confortável e disposição alegre”	
32	TA	0,434	releu “bela, inteligente e rica”	
33	T2	2,134	releu “casa confortável e disposição alegre”	
34	TF	0,346	leu “clever and rich”	
35	TA	4,124	leu o que havia escrito “Emma Woodhouse, bela inteligente e rica”	
36	T2	1,125	releu “casa confortável e disposição alegre”	
37	TA	1,423	longa fixação no “rica”	
38	T2	2,301	releu “casa confortável e disposição alegre, parecia reunir”	
39	TF	4,812	leu a última frase e depois releu “with a comfortable home and happy disposition”	
40	T1	1,678	leu “família acomodada e bom caráter parecia reunir”	
41	TA	0,128	releu “inteligente e rica”	
42	TF	3,234	releu duas vezes “with a comfortable home and happy disposition”	PG: “Em ‘with a comfortable home and happy disposition’, você optou por interpretar “home” no sentido da casa ou da família da protagonista? Por quê? ‘Home’ parece mais a casa porque ‘comfortable’, não é?, no sentido de confortável parece mais do que o ambiente”.
43	TA	0,301	releu “rica”	
44	TF	2,123	releu “comfortable home and happy disposition”	
45	T1	2,234	releu “família acomodada e bom caráter”	

Quadro 19 – Processos de leitura e escrita da fase de redação de P04 (continua)

N	AOI	Duração (s)	Ação	Protocolo
46	TF	0,212	releu “happy disposition”	
47	T2	2,213	leu “casa confortável e disposição alegre”	
48	TF	2,6	releu “comfortable home and happy disposition”	
49	T1	2,295	leu “bom caráter, parecia reunir em sua pessoa”	
50	TA	1,214	releu o que havia escrito	
51	TF	3,234	releu “with a comfortable home and happy disposition” (longa fixação em disposition)	
52	TA	0,566	releu “rica”	
53	TF	3,123	releu “comfortable home and happy disposition”	
54	TA	0,245	olhou para o TA mas não fixou em nenhuma palavra	
55	TF	1,021	releu “comfortable”	
56	TA	0,643	releu “rica”	
57	TF	1,201	releu “with a comfortable”	
58	TA	0,879	releu “rica”	
59	T1	0,567	releu “com uma família acomodada e bom caráter”	
60	TA	1,235	escreveu 4 letras “oriun-”	
61	T2	0,654	releu “casa confortável”	
62	TA	7,218	apagou “oriun-” e escreveu “vinda de um lar”	PL: “Eu ia optar por ‘oriunda’, aí eu decidi por ‘vindo de um lar feliz e uma casa confortável’”.
63	T1	2,219	releu “Emma Woodhouse, bela, inteligente e rica, com uma família acomodada”	
64	TF	2,211	releu “comfortable home and happy disposition”	
65	TA	12,012	redigiu “feliz e uma casa confortável”	PL: “Acho que eu optei pela ‘casa confortável’. Essa questão da família acomodada não é?, ‘a comfortable home and happy disposition’ acho que está mais nessa ideia de um lar feliz, uma casa confortável”.
66	T2	0,232	releu “parecia reunir”	
67	TF	0,347	releu “happy disposition”	
68	TA	2,321	releu “confortável”	
69	TF	3,123	leu “seemed to unite some of the best blessings of existence”	
70	TA	0,176	releu “confortável”	
71	T1	1,124	leu “parecia reunir em sua pessoa”	
72	TA	0,154	releu “confortável”	
73	T2	0,879	leu “parecia reunir algumas”	
74	TA	0,478	releu “confortável”	
75	TF	1,254	releu “blessings of existence”	
76	TA	4,123	redigiu “parecia reunir”	
77	T1	2,256	leu “parecia reunir em sua pessoa os melhores dons da existência”	
78	TA	2,654	releu “parecia reunir” três vezes	

Quadro 19 – Processos de leitura e escrita da fase de redação de P04 (continua)

N	AOI	Duração (s)	Ação	Protocolo
79	T2	3,597	leu “parecia reunir algumas das maiores bênçãos da existência”	
80	TA	8,234	redigiu “em sua pessoa as maiores”	
81	T2	1,121	leu “bênçãos”	
82	TA	2,491	redigiu “bêmçoes”	
83	T2	1,218	leu “algumas da maiores bênçãos”	
84	TA	4,435	apagou “bêmçoes” e redigiu “bêmçãos” (redigiu bênçãos com M)	
85	T2	0,578	releu “bênçãos da existência”	
86	TA	9,123	redigiu “da existência”.	PL: “Falando em bênçãos da existência acho que fica uma tradução aproximada de ‘seemed to unite some of the best blessings of existence’”.
87	T1	2,126	leu “tinha vivido perto de 21 anos sem que quase nada a afligisse ou zangasse”	
88	T2	0,134	leu “quase vinte e um anos”	
89	TA	1,123	releu “maiores bênçãos da existência”	
90	T2	1,357	releu “vivera quase 21 anos”	
91	TA	1,321	releu “maiores bênçãos da existência / Emma Woodhouse bela, inteligente”	
92	TF	1,256	leu “had lived nearly twenty-one years in the world”	
93	TA	18,825	releu toda a primeira oração / apagou “rica” e colocou “abastada”	PL: “Aí eu mudei de ‘rica’ para ‘abastada’, que eu acho que se está mais ligada à linguagem literária, também”.
94	T1	2,098	releu “melhores dons da existência e tinha vivido perto de 21 anos sem que quase nada”	
95	TA	0,246	releu “existência”	
96	T1	0,845	releu “afligisse ou zangasse”	
97	TA	2,298	releu “existência”	
98	T1	0,234	releu “tinha vivido”	
99	TF	1,878	leu “had lived nearly twenty-one years in the world with very little to distress or vex her”.	
100	TA	6,657	consertou o erro na escrita da palavra “bênçãos”	
101	T1	2,125	leu “pessoa melhores dons da existência e tinha vivido perto de 21 anos sem que quase nada a afligisse ou zangasse”	

Legenda: PL = protocolo livre; PG = protocolo guiado; AOI = área de interesse.

Fonte: elaborado pela autora.

Para traduzir a primeira oração do texto, o participante despendeu, ao todo 295 segundos, o equivalente a 04 minutos e 55 segundos. Trata-se de um processo marcado por segmentação basicamente no nível do grupo e com capacidade de produção textual de apenas uma ou duas palavras por vez.

Também é possível notar que a fase de redação é marcada por constantes orientações e revisões *on-line*. São diversas as transições pelas áreas de interesse, inclusive pela área do TA, sem que haja produção textual, ou seja, havendo apenas orientação e revisão *on-line*. De fato, o ritmo cognitivo do participante é errático, com diversas visitas aos insumos antes de se chegar a uma decisão. Aparentemente, o participante navega pelas opções, comparando-as, mas hesitando em produzir algo.

Em geral, o TA é o nexa do processamento. O participante chega ao TA imediatamente após visitar o TF em 13 casos. Em contrapartida, são 22 as circunstâncias em que chega ao TA imediatamente após visitar uma das traduções prévias, aparentemente sem nenhuma preferência entre elas. Há também alguns casos de transições pelas traduções prévias sem passagem pelo TA (transições 18-20, 22-23, 38-40, 44-49, 87-88), quando ficam mais evidentes as possíveis comparações feitas entre as soluções disponíveis.

Cabe, no entanto, destacar que, em alguns casos, o TA é acessado sem nenhuma produção, de modo que há reflexões sobre o que já consta no TA seguidas de reaccessos aos insumos e mais possíveis comparações (cf. acessos 24-25, 26-27, 32-33, 41-42, 43-44, 50-51, 52-53, 54-55, 56-57, 58-59, 68-69, 70-71, 72-73, 89-90). Esses acessos incidem, em sua maioria, sobre a frase preposicional sob escrutínio: o participante, ao que parece, compara as traduções prévias, mas procura uma solução própria, o que se torna evidente a partir do momento em que sua opção revela uma preocupação que vai além do polo lexical. O participante opta por uma forma agnata<sup>36</sup> mais congruente ao ensaiar escrever, em um primeiro momento, as primeiras letras para o adjetivo “oriunda” e, num segundo momento, ao explicitar o adjetivo/processo “vinda”. Além disso, o participante chega a uma redação (“vinda de um lar feliz e uma casa confortável”) que explicita o significado abstrato e o significado concreto de “home”, ao mesmo tempo que gera um *empty link* para “*disposition*”.

Os protocolos de P04 não são muito elucidativos sobre suas decisões em si, sugerindo baixa metarreflexão. No entanto, o participante é, sim, capaz de apontar exatamente os pontos do texto em que suas escolhas divergem daquelas sugeridas pelas traduções prévias. Sua única explicação para uma decisão em si refere-se à substituição de “rica” por “abastada” sob a alegação de que esta seria uma escolha mais literária que aquela.

O Quadro 20 apresenta a fase de revisão do participante. Esse quadro é seguido do *gaze plot* dessa fase, na Figura 14.

---

<sup>36</sup> “Formas agnatas são formas restritas à mesma ordem ao mesmo nível de delicadeza, porém, diferentes em termos de instanciamento” (FIGUEREDO, 2011, p. 85)

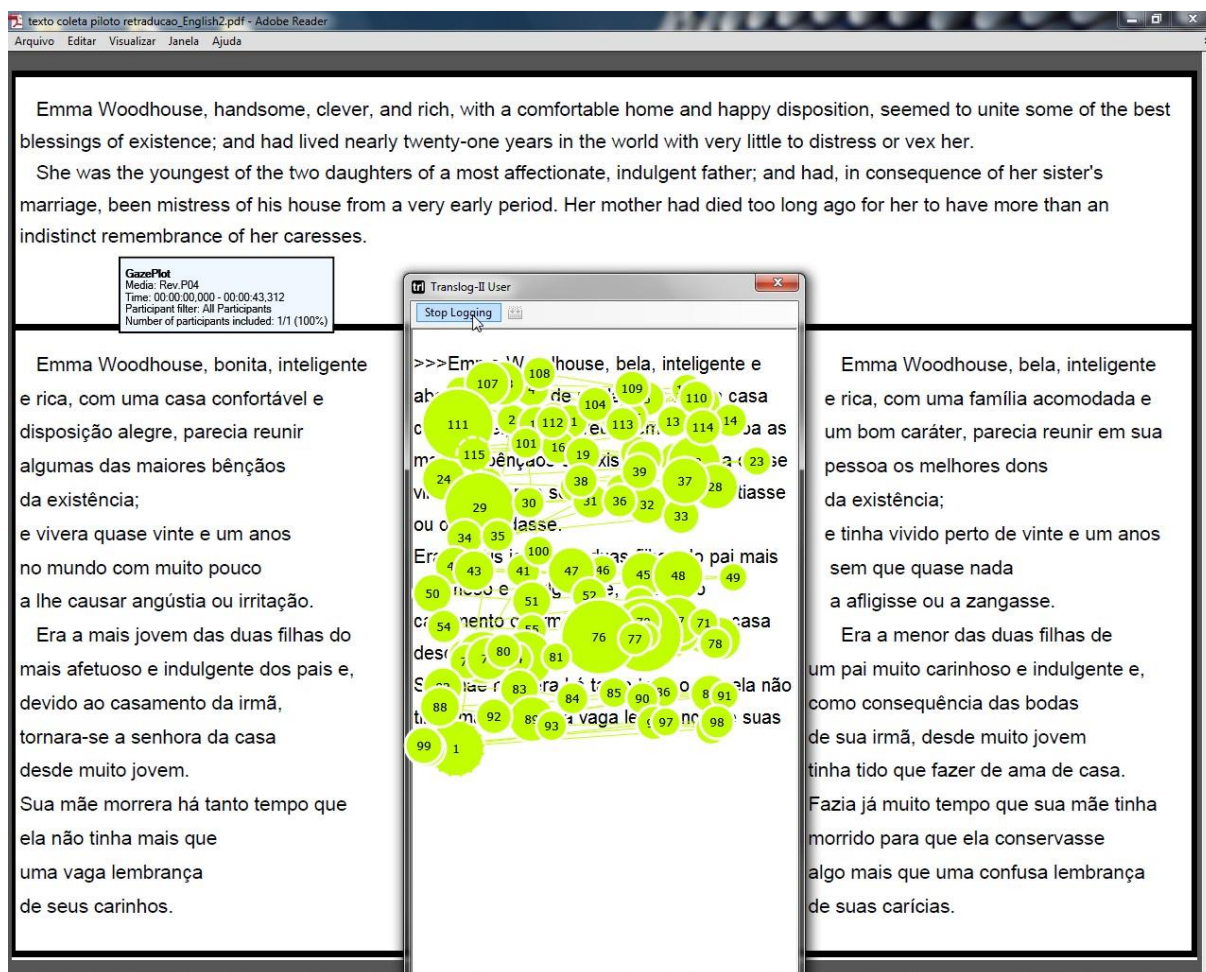


Quadro 20 – Processos de leitura e escrita da fase de redação de P04

N	AOI	Duração (s)	Ação	Protocolo livre
181	TA	43,312	Releu todo o TA. Apagou a palavra “tornara-se” e substituiu por “era”.	“Aí eu mudei de ‘era a senhora da casa desde muito jovem’. Que eu achei que esse ‘tornara-se desde muito jovem’ dá mais a ideia de que aconteceu no passado, então ‘era a senhora da casa desde muito jovem’ ao invés de ‘tornara-se desde muito jovem’”.

Fonte: elaborado pela autora.

Figura 14 – Gaze plot da fase de revisão de P04



Fonte: captura de tela extraída do software Tobii Studio©.

A fase de revisão de P04 é curta, com menos de 44 segundos e com leitura linear (cf. Figura 14), o que sugere que os problemas de tradução foram solucionados de forma definitiva ao longo da redação. Na fase de revisão, o participante relê todo o texto-alvo e faz uma única alteração: apaga “tornara-se” para, no lugar, escrever “era”. Seu protocolo livre explica essa ação: embora ambos os processos sejam relacionais, “tornara-se”, por seu aspecto

e semântica, finaliza uma mudança de estado no passado, enquanto “era” sugere uma continuidade.

Finalizando a análise de P04, observa-se que há convergências entre os dados quantitativos e qualitativos, pois ambos apontam para mais ações no TA e nas traduções prévias. No entanto, é apenas a análise qualitativa que revela que TA não exatamente é o nexos de todo o processamento, sendo muitas vezes visitado sem que haja qualquer produção textual. Ao que parece, é a área para a qual o participante desvia o olhar buscando refletir sobre os insumos e suas possibilidades de textualização. Nesse sentido, embora o participante em boa parte reproduza conteúdos das traduções prévias, ele também procura um nível autoral; entretanto, esse nível autoral não se dá tanto pela procura por opções mais distintas e, sim, mais por uma busca por soluções que lhe parecem “melhores”.

#### 4.3.4 P07

P07 realizou sua tarefa com a T1 à direita (G2), com a qual seu texto-alvo teve 15% de semelhança (foi 56% com a T2). Seus dados quantitativos divergentes em relação ao padrão da amostra apontaram: (i) mais visitas às traduções prévias que ao TF e ao TA; (ii) mais transições TA-T2-TA que TF-TA-TF; (iii) mais fixações na T1 que no TF; e (iv) maior tempo total de fixação na T2 que no TF e tempo consideravelmente elevado no TA.

Na análise qualitativa, registraram-se 262 visitas às áreas de interesse: 110 ao TA; 36 ao TF; 27 à T1 e 89 à T2. Esses quantitativos, embora divergentes daqueles registrados automaticamente pelo *software* Tobii Studio®, são condizentes com a ordem decrescente de números visitas: TA – TF – T2 – T1.

O Quadro 21 mostra a fase de orientação do participante, em que as visitas aos insumos foram assim distribuídas: seis ao TF, 13 à T1, 12 à T2 e três ao TA. As visitas ao TA corresponderam a curtas fixações na área, ainda sem qualquer produção.

Quadro 21 – Processos de leitura da fase de orientação de P07 (continua)

N	AOI	Duração (s)	Ação	Protocolo
1	T2	3,123	leu as quatro primeiras palavras “Emma Woodhouse, bonita, inteligente”	
2	T1	1,023	leu as quatro primeiras palavras “Emma Woodhouse, bela, inteligente”	
3	T2	0,985	leu duas palavras “bonita, inteligente”	
4	TA	0,234	fixação na área do TA, mas não redigiu nada	

Quadro 21 – Processos de leitura da fase de orientação de P07 (continua)

N	AOI	Duração (s)	Ação	Protocolo
5	TF	9,011	leu a primeira oração “Emma Woodhouse, handsome, clever and rich, with a comfortable home and happy disposition, seemed to unite some of the best blessings of existence”	
6	T2	1,023	leu duas palavras “casa confortável”	
7	T1	0,876	leu três palavras “bom caráter, rica”	
8	TF	30,034	leu todo o TF	
9	T2	3,382	leu a primeira oração “Emma Woodhouse, bonita, inteligente e rica, com uma casa confortável e disposição alegre, parecia reunir algumas das maiores bênçãos da existência”	
10	TF	2,321	releu 2 vezes “with a comfortable home and happy disposition”	
11	T2	29,129	leu toda a T2	
12	T1	3,986	leu as 13 primeiras palavras “Emma Woodhouse, bela inteligente e rica, com uma família acomodada e um bom caráter”	PL: “Então esse ‘família acomodada’ foi o que achei mais estranho, assim. O que, para mim, não parecia português do Brasil. Posso estar enganada, mas, éh! Mas talvez possa ser também por causa da linguagem do texto literário, que pede um tipo de linguagem diferente, também”.
13	T2	0,754	leu quatro palavras “com uma casa confortável”	
14	T1	1,014	leu quatro palavras “com uma família acomodada”	
15	T2	0,634	leu cinco palavras “casa confortável e disposição alegre”	
16	T1	3,034	leu “bom caráter” releu duas vezes “Emma Woodhouse, bela, inteligente e rica, com uma família acomodada e um bom caráter”	
17	TF	4,976	releu toda a primeira oração	
18	T1	0,356	releu “bela inteligente e rica, com uma família acomodada e um bom caráter”	
19	T2	1,023	releu “uma casa confortável e disposição alegre”	
20	T1	1,423	releu “uma família reunida e um bom caráter”	
21	T2	0,764	releu “casa confortável e disposição alegre”	
22	T1	0,23	releu “família acomodada”	
23	TF	0,354	releu “comfortable home and happy disposition”	
24	T1	0,245	releu “família acomodada e bom caráter”	
25	T2	0,875	releu “casa confortável e disposição alegre”	
26	T1	14,011	releu várias vezes “família acomodada e um bom caráter, parecia reunir em sua pessoa os melhores dons da existência e tinha vivido perto de 21 anos sem que quase nada”	
27	T2	1,342	leu “e vivera quase 21 anos no mundo com muito pouco”	
28	T1	16,345	leu e releu toda a T1	

Quadro 21 – Processos de leitura da fase de orientação de P07 (continua)

N	AOI	Duração (s)	Ação	Protocolo
29	TA	0,456	fixou na página em branco do TA, como se fosse começar a escrever, mas não redigiu nada	
30	T2	4,231	releu toda a primeira frase “Emma Woodhouse, bonita inteligente e rica, com uma casa confortável e disposição alegre, pareci reunir algumas das maiores bênçãos da existência e vivera quase 21 anos no mundo com muito pouco a lhe causar angústia ou irritação”	
31	T1	1,012	leu “tinha vivido, rica”	
32	TA	1,943	fixou na página em branco do TA, como se fosse começar a escrever, mas não redigiu nada	
33	TF	2,230	releu “Emma Woodhouse, handsome, clever and rich”	
34	T1	3,412	releu a primeira frase “Emma Woodhouse, bela inteligente e rica, com uma família acomodada e um bom caráter, parecia reunir em sua pessoa os maiores dons da existência”	

Legenda: PL = protocolo livre; PG = protocolo guiado; AOI = área de interesse.

Fonte: elaborado pela autora.

P07 apresentou uma fase de orientação relativamente longa, de 141 segundos, o equivalente a 02 minutos e 21 segundos. Seu processamento dos insumos teve início pelas quatro primeiras palavras da T2 e T1, seguido da retomada de duas palavras da T2 e uma provável cogitação de se produzir algo no TA. Em seguida, o participante lê, pela primeira vez, a primeira oração do texto-fonte, após o que lê duas palavras na T2 (“casa confortável”) e outras três na T1 (“bom caráter, rica”). É somente na oitava ação que o participante lê todo o TF. A partir daí começa um movimento de comparação entre TF e T2 para, na ação 11, ler e reler toda a T2. Em seguida, começa uma série de leituras comparativas entre T1 e T2 (11-16) que incidem na frase preposicional sob escrutínio nesta tese, o que, segundo seu relato livre, parece ser justificado pelo estranhamento causado pelo insumo “família acomodada” (T1). Essas leituras comparativas – tanto sobre a frase preposicional quanto sobre todo o primeiro complexo oracional do texto – prosseguem até o movimento 34, havendo também algumas retomadas do TF. Em dois outros momentos (29 e 32), o participante parece que vai iniciar alguma produção, mas acaba retomando os insumos.

A Figura 15 apresenta um *gaze plot* da leitura durante a fase de orientação.

Figura 15 – Gaze plot da fase de orientação de P07



Fonte: captura de tela extraída do *software* Tobii Studio©.

O *gaze plot* da orientação de P07 mostra que todos os insumos foram lidos na íntegra e que há mais transições entre as traduções prévias do que entre qualquer uma delas e o texto-fonte. Além disso, círculos grandes na linha onde se dá início à produção textual no TA também indicam maior tempo de fixação, o que sugere esforço cognitivo relacionado a uma eventual produção textual (ensaiada três vezes ainda durante a fase de orientação). O *gaze plot* também evidencia, nas traduções prévias, maior concentração na primeira oração, principalmente na frase preposicional, o que foi corroborado pelo relato retrospectivo do participante, conforme já apontado.

O Quadro 22 apresenta a fase de redação, concentrando-se na primeira oração.

Quadro 22 – Processos de leitura e escrita da fase de redação de P07 (continua)

N	AOI	Duração (s)	Ação	Protocolo
35	TA	2,231	redigiu a letra “E”	
36	T1	0,321	leu duas palavras “sem que”	
37	TA	0,456	redigiu duas letras “mm”	
38	TF	0,854	releu “Emma Woodhouse”	
39	TA	0,867	redigiu a letra “a” de “Emma”	
40	TF	0,231	leu “Woodhouse”	
41	TA	0,675	redigiu “Woodh”	
42	TF	0,463	releu “Woodhouse, handsome, clever”	
43	TA	1,231	redigiu a palavra “Woodhouse”	
44	T1	1,745	releu a primeira oração 15 palavras	
45	TA	0,657	leu a palavra Woodhouse	
46	T1	1,231	releu a primeira oração 15 palavras	
47	TF	2,113	releu as quatro primeiras palavras do excerto “Emma Woodhouse, handsome, clever and rich”	
48	TA	1,432	releu o que havia escrito e acrescentou a letra “e”	
49	T1	1,123	releu as quatro primeiras palavras do excerto “Emma Woodhouse, bela, inteligente e rica”	
50	TA	3,013	apagou a letra “e” e escreveu a palavra “bela”	
51	TF	1,897	releu “Emma Woodhouse, handsome, clever and rich”	
52	TA	0,435	redigiu as letras “inte”	
53	T1	1,012	releu as palavras “bela, inteligente”	
54	TA	2,876	terminou de redigir a palavra “inteligente”	
55	T1	0,623	releu três palavras “bela, inteligente e rica”	
56	TF	1,865	releu “clever and rich, with a comfortable home and happy disposition”	
57	TA	2,0124	redigiu duas palavras “e, rica”	
58	T1	1,423	releu “família acomodada e bom caráter”	
59	T2	1,231	releu “com uma casa confortável e disposição”	
60	TA	1,431	redigiu a palavra “com”	
61	T2	1,017	releu “uma casa confortável e disposição alegre”	
62	TA	0,203	redigiu a palavra “um”	
63	T1	0,563	releu “com uma família acomodada”	
64	T2	0,156	releu a palavra “inteligente”	
65	TF	2,231	releu “with a comfortable home and happy disposition”	<i>PG: “Em ‘with a comfortable home and happy disposition’, você optou por interpretar “home” no sentido da casa ou da família da protagonista? Hum, eu acho que como ‘home’, como no sentido de ‘ar’”.</i>
66	TA	1,856	acrescentou a letra “a” na palavra “um”	
67	TF	0,878	releu “home and happy disposition”	
68	TA	4,435	redigiu “uma casa confortável”	<i>PL: “‘Morava na casa confortável’ Colocar o verbo mesmo, em vez de colocar ‘como uma casa confortável’. E o dono da casa era o pai, não é?, não era ela, ela só morava lá”.</i>

Quadro 22 – Processos de leitura e escrita da fase de redação de P07 (continua)

N	AOI	Duração (s)	Ação	Protocolo
				<i>PG: “Que é por causa da escolha, não é!, o ‘comfortable’, você não fala disso como... eu acho que não. Eu acho que parece uma coisa mais física”.</i>
69	T2	0,876	releu “confortável e disposição alegre”	
70	TA	0,479	releu “confortável”	
71	TF	1,231	releu “happy disposition”	
72	TA	6,921	redigiu “e muita disposição” (houve fixações longas)	
73	TF	1,123	leu “seemed to unite”	
74	T1	0,243	leu “parecia reunir”	
75	TA	5,653	releu o que havia escrito e redigiu a palavra “parecia”	
76	TF	3,023	leu “seemed to unite some of the best blessings of existence”	
77	TA	1,753	enquanto redigia a palavra “algumas” fixava o olhar em “seemed to unite some” no TF; em seguida, terminou de escrever a palavra “algumas” olhando para o TA	
78	T2	1,654	leu “parecia reunir algumas das maiores bênçãos a existência”	
79	TA	1,234	redigiu a palavra “das maiores”	
80	T2	1,142	releu “das maiores bênçãos”	
81	TA	7,112	redigiu a palavra bênçãos	
82	T2	1,764	releu “parecia reunir algumas das maiores bênçãos”	
83	TA	0,354	redigiu a palavra “da”	
84	T2	0,234	releu a palavra “existência”	
85	TA	10,043	redigiu a palavra “existência” releu toda a primeira oração que já havia escrito no TA	
86	T2	1,496	releu a palavra “existência”	
87	TA	0,463	releu a palavra “existência”	
88	T2	0,867	releu a palavra “existência”	
89	TA	0,414	colocou a pontuação depois da palavra “existência”.	

Legenda: PL = protocolo livre; PG = protocolo guiado; AOI = área de interesse.

Fonte: elaborado pela autora.

Em comparação com os demais participantes já apresentados, P07 tem uma fase de redação mais eficiente no sentido de que a tradução da primeira oração é realizada em apenas 55 movimentos, assim distribuídos: 11 ações no TF, 9 ações na T1, 10 ações na T2 e 25 ações no TA. Para traduzir a primeira oração do texto, o participante despendeu, ao todo 233 segundos, o equivalente a 03 minutos e 53 segundos.

O TF foi acessado imediatamente antes do TA principalmente no início do processo, quando ainda se traduzia o nome da personagem (ações 38, 40, 42, 48). Depois disso, o TF foi acessado antes do TA apenas nas ações 51 (antes do início da tradução de



“inteligente”), 57 (antes da produção de “rica”), 65 (antes do acréscimo do gênero feminino ao artigo “um”), 67 (antes da produção de “uma casa confortável”), 71 (antes da produção de “e muita disposição”) e 76 (antes da produção de “algumas”).

Todas as ações no TF a partir da ação 51 (com exceção da 73, antecedida por TF-TA) foram antecedidas por uma passagem em tradução prévia ou no próprio TA, que, por sua vez, foi antecedido por alguma passagem em uma das traduções prévias. Esse comportamento indica a importância das traduções prévias na tradução do participante: embora tenha buscado ler o TF, fez constantes consultas às traduções prévias a fim de contrastar as soluções já encontradas e, então, reproduzir alguma, confirmar a sua ou disponibilizar uma própria. Como exemplo do contraste de soluções para “confirmação”, temos o comportamento de P07 nas transições 51-54: o participante, que já havia produzido “Emma Woodhouse, bela”, releu o grupo nominal “*Emma Woodhouse, handsome, clever and rich*”, começou a traduzir “inte-”, consultou a T1 (“bela, inteligente”) e finalizou sua tradução (“inteligente”). Como exemplo do contraste de soluções para “produção própria”, avalie-se o comportamento nas transições 56-72: foram diversas transições entre os insumos e o TA até que o participante, embora se tenha utilizado de uma das traduções prévias para produzir “casa confortável” (T2), chegou à tradução “e muita disposição”, distinta das disponíveis até então. Como exemplo do contraste de soluções para “reprodução”, ou “cópia”, avalie-se seu comportamento nas transições 73-75: P07 leu “*seemed to unite*” no TF, verificou a opção de T1 (“parecia reunir) e se dirigiu ao TA, onde reproduziu “parecia”. Esse último caso parece ter ensejado uma série de tentativas de reprodução, como se verifica nas transições de 77 a 89, em que apenas foram acessadas as áreas do TA e da T2, para a produção de “algumas das maiores bênçãos da existência”.

Trata-se de um processo marcado por segmentação e operacionalização basicamente no nível da palavra (vejam as diversas ações para tradução de “*Emma Woodhouse, handsome, clever, rich*”, no início do quadro, e para “*blessings of existence*”, ao final do quadro). A se considerar isso, parece improdutivo afirmar que o participante meramente “reproduziu” as opções disponíveis nas traduções prévias. Sendo assim, mesmo o que pode, no produto, parecer uma “cópia” é, na verdade, o resultado de reflexões mais profundas, que passam por orientações e revisões *on-line* (num ritmo cognitivo errático) que sugerem um constante contraste entre as possibilidades disponíveis.

Os protocolos de P07 não são elucidativos sobre seu processo. O participante é inclusive contraditório em sua interpretação de “*home*”, num primeiro momento sugerindo que é algo mais abstrato (“lar”), em outro dizendo que é algo mais físico.



O Quadro 23 disponibiliza os processos de leitura e escrita da fase de revisão do participante. Esse quadro é seguido da Figura 16, que disponibiliza o *gaze plot* dessa fase.

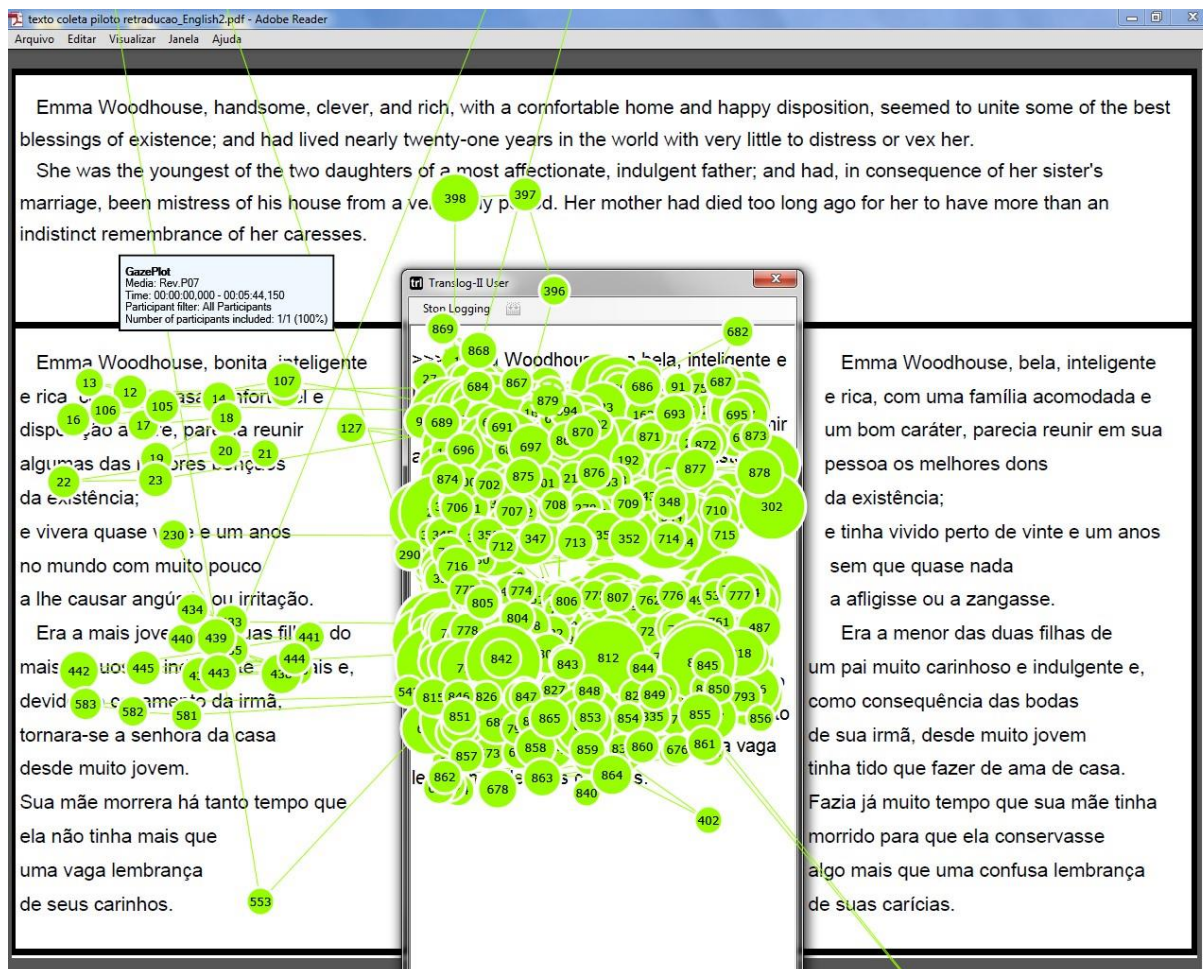
Quadro 23 – Processos de leitura e escrita da fase de revisão de P07 (continua)

N	AOI	Duração (s)	Ação	Protocolo
250	TA	10,234	redigiu “de seus carinhos” começou a reler a tradução desde o início.	
251	T2	2,301	releu “Emma Woodhouse, bonita, inteligente e rica, com uma casa confortável e disposição alegre, parecia reunir algumas das maiores bênçãos da existência”	
252	TA	36,543	releu a primeira frase várias vezes, acrescentou o verbo “era” antes da palavra “bela”, acrescentou as palavras “ela morava” antes das palavras “em uma casa”	
253	T2	1,124	releu “casa confortável e disposição alegre”	
254	TA	130,235	releu a primeira frase várias vezes, trocou as palavras “ela morava” por “morando”, trocou o verbo “vivera” por “já com”	
255	TF	0,894	releu “most affectionate”	
256	TA	17,141	releu várias vezes a frase “era a mais jovem das duas filhas do mais afetuoso e indulgente do pais devido ao casamento da irmã”; trocou “de um pai muito afetuoso” por “do pai mais afetuoso”	
257	T2	3,554	releu “era a mais jovem das duas filhas do mais afetuoso e indulgente dos pais”	
258	TA	39,874	releu “era a mais jovem das duas filhas do mais afetuoso e indulgente dos pais” trocou dos pais” por “entre todos os pais”	
259	T2	0,231	releu “de seus carinhos”	
260	TA	19,441	releu várias vezes “ela tomara-se a senhora da casa desde muito nova”, trocou a posição na frase de “devido ao casamento da irmã”	
261	T2	1,231	releu “ devido ao casamento da sua irmã”	
262	TA	102,464	releu o restante do texto, trocou o “sua mãe havia morrido” por “a mãe dela já havia morrido”. Trocou “a lhe causar angústia ou irritação” por “poucas coisas lhe causavam angústia ou irritação”	

Legenda: PL = protocolo livre; PG = protocolo guiado; AOI = área de interesse.

Fonte: elaborado pela autora.

Figura 16 – Gaze plot da fase de revisão de P07



Fonte: captura de tela extraída do software Tobii Studio©.

A fase de revisão de P07 é marcada por atividade intensa no texto-alvo, com eventuais consultas à T2, localizada à esquerda da tela. É uma fase relativamente longa, de 344 segundos (05 minutos e 44 segundos).

É na fase de revisão que P07 se distancia das traduções prévias e procura entregar um produto mais autoral. Vale apontar que nesse momento suas opções, antes voltadas para o polo lexical, têm impacto no polo gramatical. Por exemplo, o participante opta, em alguns momentos, por formas mais congruentes a partir da explicitação de processos (“Emma Woodhouse era bonita...”, “morava em uma casa”); em outros, opta por formas mais metafóricas a partir da implicação de processos: “com 21 anos” em vez de “vivera 21 anos”.

### 4.3.5 P08

P08 realizou sua tarefa com a T1 à direita (G2), com a qual seu texto-alvo teve 16% de semelhança (foi 23% com a T2). Esse participante foi selecionado não por ter um comportamento dissonante daqueles sugeridos pelos dados agregados, mas por ter entregue um texto-alvo com o menor grau de similitude com as traduções prévias.

Na análise qualitativa, registraram-se 276 visitas às áreas de interesse: 115 ao TA; 93 ao TF; 28 à T1 e 40 à T2. Em termos de padrão, esses resultados, embora quantitativamente divergentes, são condizentes com a ordem decrescente de números visitas: TA – TF – T2 – T1.

O Quadro 24 mostra a fase de orientação do participante.

Quadro 24 – Processos de leitura da fase de orientação de P08

N	AOI	Duração (s)	Ação	Protocolo Livre
1	TF	35,685	leu todo o excerto. Desviou o olhar para o TA duas vezes, mas não produziu nenhuma palavra	“Bom, essa primeira parte eu li o texto em inglês, lá em cima”.
2	T2	1,124	leu as quatro primeiras palavras, “Emma Woodhouse, bonita, inteligente”.	

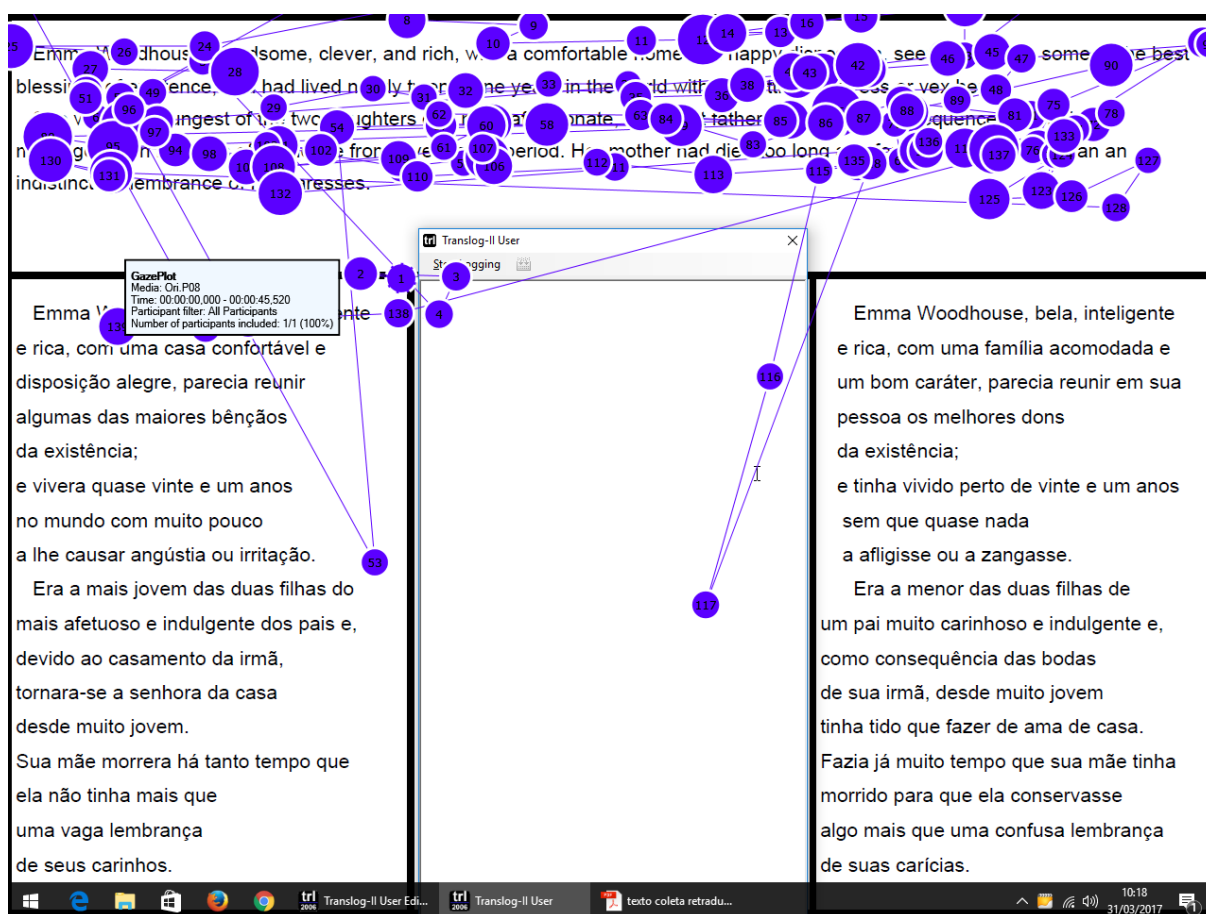
Legenda: PL = protocolo livre; PG = protocolo guiado; AOI = área de interesse.

Fonte: elaborado pela autora.

P08 apresentou uma fase de orientação curta, de 45 segundos, e apenas duas ações, uma no TF e outra na T2. Apenas o TF foi lido na íntegra, enquanto a T2 foi lida até a quarta palavra, “inteligente”.

A Figura 17 apresenta um *gaze plot* da leitura durante a fase de orientação.

Figura 17 – Gaze plot da fase de orientação de P08



Fonte: captura de tela extraída do *software* Tobii Studio©.

O *gaze plot* mostra que a leitura do texto-fonte não foi linear. Mais especificamente, houve alguns saltos de palavras ou retomada de algumas palavras ou partes de texto.

O Quadro 25 apresenta a fase de redação, concentrando-se na primeira oração.

Quadro 25 – Processos de leitura e escrita da fase de redação de P08 (continua)

N	Seqüência	Duração (s)	Ação	Protocolo
3	TA	7,465	redigiu “Emma Woodhouse era”. Enquanto redigia, olhava para o TF e lia “Emma Woodhouse, handsome, clever”.	PL: “‘Emma Woodhouse, handsome’ - aí eu fiquei pensando, esse texto deve ser mais antigo. Não sei, acho que esse ‘handsome’ é um negócio que a gente hoje em dia usa mais para o sexo masculino do que para o sexo feminino. E Emma é um nome feminino, então”.
4	TF	5,748	releu “Emma Woodhouse, handsome, clever”.	
5	TA	0,324	releu “Emma Woodhouse era”.	
6	T1	0,435	releu “Emma Woodhouse, bela, inteligente”.	PL: “Li aqui dos lados e pensei assim, nossa, bela, bonita. Como é que é?”.

Quadro 25 – Processos de leitura e escrita da fase de redação de P08 (continua)

N	Sequência	Duração (s)	Ação	Protocolo
				Aquela coisa que falou da mulher do Temer? Éh!, bela não sei o que do lar”.
7	T2	0,657	leu “Emma Woodhouse, bonita, inteligente”.	
8	TF	0,231	olhou rapidamente para a palavra “clever”.	
9	T1	0,893	releu “bela, inteligente”.	
10	TF	0,345	olhou para o TF, mas não fixou em nenhuma palavra	
11	T2	0,657	releu “bonita, inteligente e rica, com uma casa confortável”.	
12	TF	3,623	releu “Emma Woodhouse, handsome, clever and rich, with a comfortable home and happy disposition”.	
13	TA	0,546	releu “Emma Woodhouse era”.	
14	TF	0,648	releu “clever and rich”.	
15	TA	0,234	releu “Emma Woodhouse era”.	
16	TF	0,465	releu “rich”.	
17	TF	0,948	releu “clever, and rich”.	
18	TA	1,465	redigiu “bonita”	
19	T2	0,845	releu “Emma Woodhouse, bonita, inteligente”.	
20	TA	3,456	redigiu “intelig-”	
21	T1	0,345	leu “inteligente”	
22	TA	1,023	terminou de redigir a palavra “inteligente”. Enquanto redigia, lia “handsome, clever and rich” no TF	
23	TF	0,984	releu “handsome, clever and rich”.	
24	TA	2,546	releu “inteligente” colocou a vírgula e redigiu a letra “r”	
25	TF	1,023	releu “and rich”.	
26	TA	0,834	apagou a letra “r” e a vírgula	
27	TF	0,784	releu “and rich, with a comfortable”.	
28	TA	1,243	releu “Emma Woodhouse era bonita, inteligente”.	
29	TF	1,202	releu “with a comfortable”.	
30	TA	2,203	redigiu “e rica”.	
31	TF	1,023	releu “with a”.	
32	TA	0,346	releu “rica”.	

Quadro 25 – Processos de leitura e escrita da fase de redação de P08 (continua)

N	Sequência	Duração (s)	Ação	Protocolo
33	TF	2,583	releu with a comfortable home and happy disposition”.	<p>PL: “Depois de ‘disposition’, eu fiquei meio na dúvida; aí eu voltei atrás para ler o que que é que estava dizendo”.</p> <p>PG: “<i>Eu resolvi, eu vi que tinha ‘família’ de um lado e ‘casa’ do outro. E ‘home’, é meio que o lar, não é?! , eu ia até colocar lá, e aí depois eu não coloquei. Eu acho que, na gravação, eu fiquei um tempo parada nessa parte. Eu acho. Então, aí como em português, quando a gente fala ‘a minha casa’, pode se referir tanto ao meu lar quanto ao meu edifício onde eu moro. Eu coloquei “casa”. Mas eu, mas o que eu quis colocar do ‘comfortable’ lá, que o que eu quis, talvez, ir para o lado da família que estava aqui nessa da direita, foi o ‘aconchegante’. Porque, éh!, “família acomodada”. Esse ‘acomodada’ para mim não, não dá esse sentido de ‘comfortable’, não. E ‘casa confortável’ parece que é o lugar físico. Aí eu coloquei ‘aconchegante’ porque é uma coisa que é física e, digamos, do sentimento. E aí eu acho que chegou no ‘home’”.</i></p>
34	TA	1,435	longa fixação em “rica”.	
35	T2	0,374	leu “rica, com uma casa confortável e”.	
36	T1	1,217	leu “com uma família acomodada”.	
37	TF	3,021	releu “with a comfortable home and happy disposition”.	
38	T2	0,235	releu “uma casa confortável”.	
39	TA	3,032	releu “e rica”, redigiu “vivia”	
40	TF	1,24	releu “with a comfortable home and happy disposition”.	<p>PG: “<i>O ‘happy disposition’, porque como eu não podia consultar nada, eu fiquei, eu não achei que eu sabia – não sei se eu sei que que é isso. E aí tendo as duas traduções, junto com o texto-fonte, eu pude chegar a uma conclusão aí no meio do caminho, não é?! , eu até copieei de um dos, dos textos”.</i></p>
41	TA	0,567	redigiu a preposição “em”	
42	TF	1,237	releu “with a comfortable home and happy disposition”.	
43	TA	1,023	redigiu “uma”	
44	TF	0,634	releu “with a comfortable home”.	
45	TA	1,021	longa fixação na palavra “uma” / retirou a letra “a” de “uma”	
46	TF	1,574	releu “ home and happy disposition”.	
47	T1	1,687	leu “com uma família acomodada e um bom caráter”.	

Quadro 25 – Processos de leitura e escrita da fase de redação de P08 (continua)

N	Sequência	Duração (s)	Ação	Protocolo
48	TF	0,546	releu “home and”.	
49	TA	0,712	releu “vivia em um”.	
50	T2	1,192	releu “uma casa confortável e disposição alegre”.	
51	TA	0,834	releu “vivia em um”.	
52	TF	1,023	releu “with a comfortable home and”.	
53	TA	0,472	releu “vivia em um”.	
54	TF	0,518	releu with a comfortable”.	
55	TA	1,637	releu “Emma Woodhouse era bonita, inteligente e rica, vivia em um”.	
56	TF	1,023	releu “with a comfortable”.	
57	TA	7,234	releu “Emma Woodhouse era bonita, inteligente e rica, vivia em um”. Longa fixação em “era bonita”. Apagou a palavra “era”.	
58	TF	1,602	releu with a comfortable home”.	
59	TA	6,201	longa fixação em “vivia em um”.	
60	T2	1,023	releu “com uma casa confortável”.	
61	TA	1,034	apagou as palavras “vivia em um”.	PL: “Aí, eu voltei atrás do negócio do verbo. Aí eu falei, vou tirar os verbos. Aí, coloquei mais ou menos acompanhando o que que eles, o que que as outras traduções colocaram”.
62	TF	0,234	releu “with a comfortable”.	
63	TA	0,895	fixou na palavra “com”	
64	T1	0,428	leu “com uma família acomodada”.	
65	TA	2,896	redigiu “uma casa”.	PL: “Eu fiquei pensando se colocava ‘um lar’ ou ‘uma casa’. Aí eu li dos lados para ver que que as outras traduções colocaram, aí um tinha ‘família’ o outro tinha ‘casa’, mas eu achei que estava falando da casa”.
66	TF	0,934	Ao mesmo tempo que redigia “uma casa”, lia “with a comfortable home and”.	
67	TA	0,254	releu “uma casa”.	
68	T2	0,638	releu “com uma casa confortável”.	
69	TA	5,411	redigiu “aconchegante”.	PL: “Aí, em vez de eu achei que era mais tipo ‘aconchegante’, essa casa aí, porque sei lá, acho que vai para além do físico. Assim, acho que esse ‘confortável’ aí ela não é só ... Porque está falando das características da pessoa, não é?! da Emma. Então, éh!, achei que “casa aconchegante” compreendia mais do que só ‘confortável”.
70	TF	0,869	releu “happy disposition”.	
71	TA	0,823	redigiu “e”	
72	TF	1,565	releu “with a comfortable home and happy disposition”.	

Quadro 25 – Processos de leitura e escrita da fase de redação de P08 (continua)

N	Sequência	Duração (s)	Ação	Protocolo
73	TA	2,654	releu várias vezes “uma casa aconchegante”, apagou a letra “e”.	
74	T1	2,745	releu “com uma família acomodada e um bom caráter”.	
75	TF	0,748	releu “with a comfortable”.	
76	TA	5,431	releu várias vezes “Emma Woodhouse era bonita, inteligente e rica, com uma casa aconchegante”. Longas fixações em “inteligente, e rica”.	
77	TF	0,435	releu “with a comfortable home”.	
78	TA	3,023	longa fixação em “com”, acrescentou o verbo “tinha” antes da preposição “com”.	
79	TF	0,234	releu “home”.	
80	T2	1,856	releu “com uma casa confortável e disposição alegre”.	
81	TA	1,538	redigiu “tinha bo-” antes da preposição “com”. Enquanto redigia, lia “com uma família acomodada e um bom caráter”	
82	T1	1,034	releu “com uma família acomodada e um bom caráter”.	
83	TA	13,563	terminou de redigir “bom”, acrescentou a palavra “caráter” / apagou as palavras “caráter, bom, tinha”. / Redigiu depois da palavra aconchegante “e bom car-”	
84	T2	1,023	releu “com uma casa confortável e disposição alegre”.	
85	T1	1,203	releu “com uma família acomodada e um bom caráter”.	
86	TF	0,341	releu “home”.	
87	TA	2,645	terminou de escrever a palavra “caráter”, releu “com uma casa aconchegante e bom caráter”.	PL: “Aí depois tinha esse negócio dessa ‘happy disposition’. E eu fiquei sem saber o que que era essa ‘disposition’. Como não tem dicionário, olhei de um lado, e fala: ‘disposição alegre’. Do outro lado, fala: ‘bom caráter’. Achei que era ‘bom caráter’. Aí, coloquei ‘bom caráter’ porque achei que tinha mais a ver. Acho que ‘disposição’ é outra coisa em português, sei lá. Aí coloquei nessa, mais ou menos na mesma ordem que estava no inglês. Éh! Aí foi mais ou menos seguindo o que os outros tradutores fizeram”.
88	TF	2,767	releu “seemed to unite some of the best”.	
89	TA	5,012	redigiu a palavra “parecia reunir”	
90	T2	1,081	releu “uma casa confortável e disposição alegre”.	
91	T1	0,345	releu “família acomodada”.	



Quadro 25 – Processos de leitura e escrita da fase de redação de P08 (continua)

N	Sequência	Duração (s)	Ação	Protocolo
92	TF	0,812	releu “seemed to unite some of the best”.	
93	T1	1,689	leu “parecia reunir”	
94	TF	1,978	releu “seemed to unite some of the best blessings of existence”.	
95	TA	0,675	releu “parecia reunir”.	
96	TF	0,893	releu “blessings of existence”.	
97	TA	0,463	releu “reunir”.	
98	TF	2,694	releu “seemed to unite some of the best blessings of existence”.	
99	TA	0,438	releu “parecia reunir”.	
100	T2	2,647	releu “parecia reunir algumas das maiores bênçãos”.	
101	TA	3,403	redigiu “em sua vida” Ao redigir a palavra “sua”, houve uma erro de digitação. Digitou a letra “v”, apagou e digitou “s”	PL: “Aí essa ‘the best blessings’, fiquei na dúvida se colocava ‘bênção’, mas acho que acabei botando ‘dons’ se eu não me engano. Acho que foi ‘dons’ mesmo. Aí, está vendo? Aí, eu ia colocar. Aí, está vendo? Eu mudei o ‘as’, porque eu ia colocar ‘bênçãos’, aí depois mudei para ‘dons’. E eu achei essa ‘existência’ muito demais, aí eu coloquei ‘vida’”.
102	T2		Ao redigir “em sua vida”, olhou rapidamente para “parecia reunir” na T2	
103	TF	3,088	releu “Emma Woodhouse, handsome, clever and rich, with a comfortable home and happy disposition, seemed to unite some of the best blessings of existence”.	
104	TA	2,451	redigiu “as melhores”.	
105	T2	0,728	releu “parecia reunir algumas das maiores bênçãos”.	
106	T1	1,023	leu “parecia reunir em sua pessoa os melhores dons da existência”.	
107	TA	7,023	releu “parecia reunir em sua vida as melhores” / apagou “as”, redigiu “os”, acrescentou “dons” depois da palavra “melhores”.	
108	TF	0,748	releu “blessings of existence; had lived”.	
109	TA	1,453	redigiu “da vida”	
110	TF	5,245	releu “blessings of existence; had lived nearly twenty-one years in the world”.	
111	TA	3,501	redigiu “ela hav-”.	
112	T1	1,012	leu “dons da existência”.	
113	TA	0,873	apagou “hav-”	
114	T2	1,467	releu “benção da existência”.	
115	TF	2,023	releu “and had lived nearly” / Emma Woodhouse, handsome”.	

Quadro 25 – Processos de leitura e escrita da fase de redação de P08 (continua)

N	Sequência	Duração (s)	Ação	Protocolo
116	TA	1,897	apagou “ela”	

Legenda: PL = protocolo livre; PG = protocolo guiado; AOI = área de interesse.

Fonte: elaborado pela autora.

Para traduzir a primeira oração do texto, o participante despendeu, ao todo 223 segundos, o equivalente a 03 minutos e 43 segundos. Trata-se de um processo marcado por segmentação basicamente no nível do grupo, mas com capacidade de produção textual de apenas uma ou duas palavras por vez.

Também é possível notar que a fase de redação é marcada por constantes orientações e revisões *on-line*, com diversas visitas aos insumos e ao próprio TA em produção. O processo sugere contrastes entre os insumos, mas há diversas instâncias em que o resultado não consiste em uma reprodução do que já estava disponível, mas em uma solução distinta, muitas vezes com impacto no polo gramatical. Isso tem início na ação 03, em que é explicitado o processo relacional “era”. Logo em seguida, na ação 39, o correspondente à frase preposicional sob escrutínio nesta tese é realizado em português por uma oração iniciada em torno do processo “vivia”.

Observa-se em P08 um comportamento semelhante aos outros participantes no sentido de constantemente transitar pelas áreas de interesse, num ritmo errático, com visitas ao TA que tampouco implicam produção textual (4-5, 12-13, 14-15, 27-28, 31-32, 33-34, 48-49, 50-51, 52-52, 54-55, 56-57, 58-59, 62-63, 66-67, 72-73, 75-76, 94-95, 98-99, 106-107, 108-109). No entanto, as escolhas desse participante apontam para um processo mais autoral, com soluções que têm impacto no polo lexical e no polo gramatical. Além disso, o TA é relido diversas vezes, tornando-se um insumo para processamento do texto em produção.

Os protocolos de P08 são elucidativos sobre algumas de suas soluções. O participante evidencia um efeito do desenho experimental ao falar que, “como não podia consultar nada” e “não sabia [o significado]”, buscou uma solução “no meio do caminho” e “até copi[ou] um dos textos” (linha 40). O participante volta a falar dessa passagem no protocolo disponível na linha 87 da tabela e, mais uma vez, atribui a “cópia” ao fato de não ter tido outra fonte de consulta.

Note-se que o uso de “até copie?” (linha 40) parece sugerir que o participante não via a cópia como melhor alternativa, mas rendeu-se a ela na impossibilidade de consultar outros

materiais. O participante também verbaliza que cogitou retirar alguns verbos para produzir um texto semelhante ao das traduções prévias (linha 61), mas, mais à frente, ele retoma o processo retirado (“vivia”).

Outra verbalização relevante se refere à tradução de “*existence*” (linha 101). O participante afirma que “existência” (opção existente nas duas traduções prévias) seria “demais” e opta por “vida”.

O Quadro 26 disponibiliza os processos de leitura e escrita da fase de revisão do participante P08. Esse quadro é seguido da Figura 18, que fornece uma visualização do *gaze plot* dessa fase.

Quadro 26 – Processos de leitura e escrita da fase de revisão de P08 (continua)

N	AOI	Duração (s)	Ação	Protocolo
268	TA	10,043	releu a primeira oração.	
269	T2	1,954	releu “casa confortável e disposição alegre, parecia reunir algumas das maiores bênçãos”	
270	TA	5,954	releu “ela parecia reunir em sua vida os melhores dons da vida”.	
271	T2	0,789	releu “parecia reunir algumas das maiores bênçãos”.	
272	TA	25,954	continuou relendo o trecho até “de uma pai muito carinhosos e indulgente”.	
273	TF	1,345	releu “and had in consequence of her sister’s”.	
274	TA	1,232	releu “e se tornara, desde que sua irmã se casou, a senhora da casa”.	
276	TA	70,954	fez a revisão do TA. Acrescentou “desde muito” após a palavras tornara, mas apagou imediatamente. Retirou o “muito cedo,” do fim da frase e o redigiu depois do verbo “casou”. Retirou a palavra “senhora” e redigiu “dona”. Retirou o verbo “havia” e redigiu “tinha”.	PL: “Aí eu fiquei na dúvida com o tal do negócio da irmã. Quer ver? É, acho que foi. Ah, aí, está vendo? Aí eu arrumei o negócio da irmã. Aí eu coloquei: ‘se tornara’. Eu ia colocar: ‘desde muito cedo’, só que aí já tinha o ‘desde que sua irmã se casou’, ‘desde muito cedo’ ia ficar ruim. Só, que aí depois eu voltei lá no texto em inglês, e aí a surpresa é esse, sei lá, surpresa entre aspas, é esse, esse ‘a very early period’ vem depois que fala que a mãe a irmã casou. Então achei que tinha que manter isso essa ordem em português. Aí coloquei: ‘e se tornara, desde que sua irmã se casou, muito cedo, a dona da casa’. Só que esse ‘muito cedo’ também está meio deslocado. Porque aí ele fica: ‘desde que sua irmã se casou, muito cedo, a dona da casa’. Se bem que isso podia ter sido no final, não é? ‘a dona da casa, muito’. Acho que eu pensei nisso e deixei aí mesmo. E eu fiz uma mudança aí na mãe que agora eu já não lembro o que que é. Ah, é de ‘tinha falecido’ para ‘havia falecido’. É. Aí

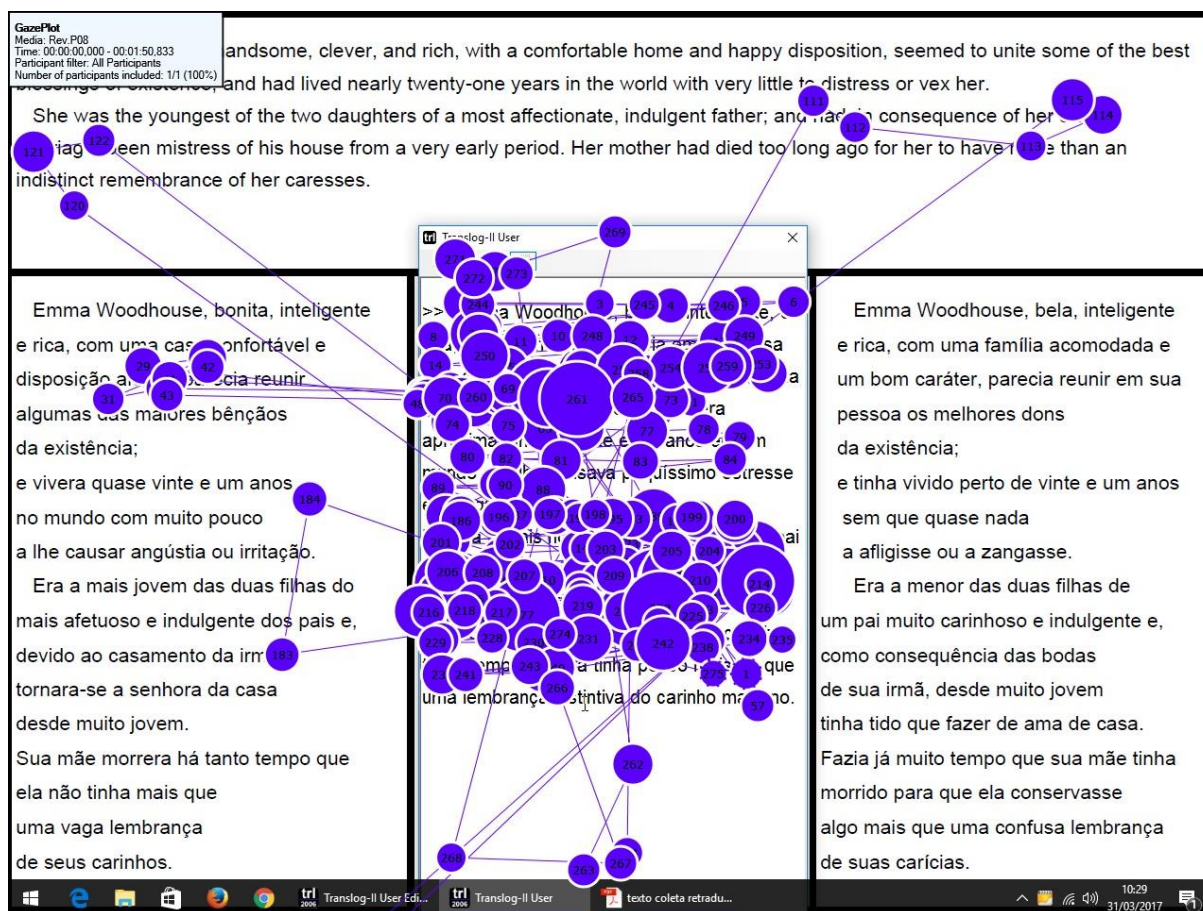
Quadro 26 – Processos de leitura e escrita da fase de revisão de P08 (continua)

N	AOI	Duração (s)	Ação	Protocolo
				achei melhor mudar para 'havia falecido'. Acabou”.

Legenda: PL = protocolo livre; PG = protocolo guiado; AOI = área de interesse.

Fonte: elaborado pela autora.

Figura 18 – Gaze plot da fase de revisão de P08



Fonte: captura de tela extraída do *software* Tobii Studio©.

O processo de revisão, que dura 110 segundos (01 minuto e 50 segundos), incide sobremaneira sobre o texto-alvo, havendo duas retomadas curtas da T2 e uma, também curta, do TF. Trata-se de uma fase com repercussões pontuais no TA, principalmente nas escolhas lexicais. Observa-se que na retomada à T2, P08 não efetuou nenhuma alteração no TA; porém, quando o participante recorre ao TF, todas as modificações mencionadas no protocolo são executadas.

Em diversos momentos, P08 se mostrou hesitante quanto às suas decisões, tanto que ele escreve, apaga e muda daqui e dali. Todas essas mudanças estão relacionadas com incertezas – inclusive, é possível verificar isso em partes dos protocolos. Veja-se, por exemplo, a sua resposta à primeira pergunta do protocolo guiado:

<Entrevistador> Então primeiro sobre a tarefa. O que você achou da tarefa de traduzir um texto que já estava traduzido? </Entrevistador>

<Entrevistado> Ah, achei <Pausa/> ah, não sei o que que eu achei, não. Éh!, achei <Pausa/> mais tranquilo, porque <Pausa/> eu podia <Pausa/> usar as coisas que eu penso, não é!, e o que, as soluções que já foram <Pausa/> éh!, feitas, não é!, já foram realizadas, então achei <Pausa/> mais tranquilo, apesar que tem coisa que eu ainda fiquei meio na dúvida. </Entrevistado>

Sintetizando, P08 se diferencia dos demais participantes pelo uso que faz das suas visitas aos insumos e ao TA. Sua redação é marcada por revisões de sua produção e por contraste entre as soluções disponíveis, buscando-se um texto mais autoral que os demais, ainda que isso tenha implicado hesitações durante o processo.

#### **4.3.6 Síntese dos resultados qualitativos**

Os dados qualitativos mostram que a forma como lidam com os insumos é muito distinta entre os participantes, não sendo capturada pelos dados quantitativos quando agregados. Enquanto alguns participantes se voltam mais para cópias ou reproduções (A14 e P07), outros têm uma produção mais autoral (P08).

A fase de orientação inicial, em que há o primeiro contato do participante com o TF, configura-se como uma oportunidade para o participante compreender o TF antes de iniciar a produção textual (JAKOBSEN, 2002). Nos presentes dados, observa-se que dois (A14, P03) dos cinco participantes despenderam muito pouco tempo na orientação (27s e 21 s respectivamente), culminado em uma fase de redação mais longa (698s e 810 s respectivamente), ao passo que P04 e P07 se dedicaram mais à orientação (118s e 141 s respectivamente) e tiveram uma fase de redação mais curta (358 s e 391 s, respectivamente), resultado esse que corrobora Alves (2005) e Jakobsen (2002).

A fase da redação – iniciada quando o tradutor digita a primeira letra no TA e finalizada com o acionamento, pela primeira vez, do correspondente ao último ponto final do TF – compreende não só a produção textual, mas também ações de leituras, correção, alteração, eliminação. Nessa fase, podem ocorrer as orientações e as revisões *on-line*, que, de acordo com Jakobsen (2002), correspondem a processos durante a fase de redação em que o tradutor faz

pausas para se orientar, pesquisar, rever ou reescrever algum trecho traduzido. Tais processos foram bastante recorrentes na presente pesquisa, muito provavelmente em razão das “disputas por atenção” ensejadas pela existência dos diferentes insumos na língua-alvo. Além disso, esses insumos, no desenho experimental em questão, eram a única fonte de apoio externo dos participantes, haja vista que não havia disponibilidade de outros materiais de consulta, como dicionários e a internet.

A fase de revisão final, iniciada imediatamente após o término da fase redação, é o momento em que o tradutor, em geral, retoma o TA para monitorar sua produção, modificando-o quando necessário e solucionando problemas pendentes. Jakobsen (2002) afirma que, na revisão, a produção tende a ser mais lenta, pois o tradutor precisa tomar decisões e encontrar soluções para possíveis problemas tradutórios; além disso, há grande recursividade, ou seja, o tradutor tende a ler e reler o TA, ou parte dele, várias vezes, a fim de torná-lo mais conciso e coerente. Nesta tese, dado o uso do rastreamento ocular, foi possível observar que os insumos também podem ter grande relevância na fase de revisão; mais especificamente, a fase da revisão do processo de (re)tradução tendeu a ser intercalada com consultas às traduções disponibilizadas, já que o tradutor pôde utilizá-las para tirar dúvidas e/ou reescrever trechos com possíveis problemas tradutórios.

No caso dos cinco participantes analisados nesta seção, observa-se que o estudante A14 executou apenas revisões *on-line*, não apresentando revisão final, ou seja, supostamente utilizou toda a fase de redação para produzir e sanar suas dúvidas. P04 despendeu muito pouco tempo na revisão (41s ) e, assim como A14, deu por concluídos todos os problemas tradutórios durante a fase de redação. P03, P07 e P08 dedicaram mais tempo à revisão (483 s, 348 s e 112 s, respectivamente); entretanto, isso não impediu que fizessem revisões *on-line* ou que dedicassem menos tempo à fase de redação. Salienta-se que P07 foi o único participante que executou alterações mais significativas na fase de revisão; P08 não fez nenhuma alteração; A14 não teve revisão final; e as alterações feitas por P04 e P03 foram muito pouco produtivas.

Cada participante faz usos distintos das fases de redação e revisão, como se observa na Tabela 19.

Tabela 19 – Tempo absoluto (em s) e percentual das fases do processo de (re)tradução

Perfil	Participante	Orientação		Redação		Revisão		Total	
		N	%	N	%	N	%	N	%
Estudantes	A01	35	4,44	283	35,87	471	59,70	789,00	100
	A02	118	16,93	430	61,69	149	21,38	697,00	100
	A06	21	5,08	372	90,07	20	4,84	413,00	100
	A08	49	5,17	893	94,30	5	0,53	947,00	100
	A09	43	9,68	306	68,92	95	21,40	444,00	100
	A10	106	25,73	301	73,06	5	1,21	412,00	100
	A11	13	2,50	467	89,64	41	7,87	521,00	100
	A14	27	3,70	698	95,62	5	0,68	730,00	100
	Média	51,50	9,15	468,75	76,15	98,88	14,70	619,13	100
	Desvio-padrão	39,20	8,14	217,96	20,62	159,02	20,13	200,14	0
Profissionais	P01	12	2,13	357	63,30	195	34,57	564,00	100
	P02	7	1,84	336	88,19	38	9,97	381,00	100
	P03	21	1,60	810	61,64	483	36,76	1314,00	100
	P04	118	22,82	358	69,25	41	7,93	517,00	100
	P05	82	6,60	1,097	88,33	63	5,07	146,10	100
	P07	141	16,02	391	44,43	348	39,55	880,00	100
	P08	46	6,31	571	78,33	112	15,36	729,00	100
	P09	36	6,46	492	88,33	29	5,21	557,00	100
	Média	57,88	7,97	414,51	72,72	163,63	19,31	636,01	100
	Desvio-padrão	50,40	7,60	230,23	15,95	168,49	15,02	350,20	0
Geral	Média	54,69	11,66	441,63	68,96	131,25	19,38	627,57	100
	Desvio-padrão	43,74	14,09	218,38	25,25	161,76	18,17	275,68	0

Legenda: N = valor absoluto; % = valor percentual em relação à tempo total da tarefa.

Fonte: elaborada pela autora.

De acordo com dados de tempo absoluto e percentual dos grupos de alunos e profissionais, tanto os alunos quanto os profissionais despenderam mais tempo na fase de redação, seguida das fases de revisão e orientação. A média de tempo despendido por cada grupo em cada fase seguiu o mesmo padrão encontrado por Jakobsen (2002). Na fase de orientação, os profissionais tendem a dedicar mais tempo que os alunos (57,88 contra 51,50) para planejar, processar e compreender o TF antes de iniciar a produção do TA. Porém, dois estudantes, A02 e A10, tiveram um tempo (118 s e 106 s, respectivamente) superior às médias geral (54,69s) e à média do grupo de profissionais (57,88s). Dentre os profissionais, cinco participantes (P01, P02, P03, P08 e P09) tiveram uma fase de orientação quase inexistente (12 s, 7 s, 21 s, 46 s e 36 s, respectivamente) com um tempo inferior à média dos estudantes (51,50 s). De acordo com Machado (2007), a ausência da preparação cognitiva na fase de orientação, implica o adiamento da orientação (*on-line*) para as fases de redação e revisão.

Das três fases do processo de tradução, a redação foi aquela que demandou mais tempo por ambos os grupos, dado que corrobora Jakobsen (2002), Alves (2005), Malta (2015) e Duarte (2016). Isso porque nessa fase, além da produção do TA, os participantes executam outras atividades como leituras, correções, eliminações, substituição de texto e, no caso deste estudo, visitas às traduções disponibilizadas para consulta. Observou-se que os alunos despenderam mais tempo que os profissionais (em média, 468,75s contra 414,51s, respectivamente). No entanto, esses dados não são homogêneos: quatro profissionais (P02, 88,19%; P05, 88,33%; P08, 78,33%; P09, 88,33%) e quatro alunos (A06, 90,07%; A08, 94,30%; A11, 89,64%; A14 95,62%), ou seja, 50% da amostra, despendeu, na redação, um tempo percentual acima da média em relação ao seu respectivo grupo (72,72% entre os profissionais; 76,15% entre os estudantes).

Outrossim, assim como em Jakobsen (2002), os profissionais dedicaram mais tempo à fase de revisão que os alunos (163,63 s contra 98,88 s). Entretanto, observa-se que quatro profissionais (P02, P04, P05 e P09) tiveram um tempo de revisão relativamente baixo (38 s, 41 s, 63 s e 29 s), inferior à média dos alunos, ao passo que apenas um aluno, A01, despendeu um tempo superior (471s) à média dos profissionais. Novamente, a heterogeneidade dos dados explica esse resultado, em que há nitidamente “idiosincrasias” no processo dos participantes (ALVES, 2005).

Finalizada esta apresentação dos dados, o próximo capítulo discute os resultados e suas implicações para o modelo processual de (re)tradução. Parte das sínteses aqui apresentadas serão retomadas para subsidiar as reflexões empreendidas sobre o referido modelo.



# **5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

**N**este capítulo, discutem-se os resultados à luz da literatura. Para tal, retomam-se, em cada seção a seguir, uma das três perguntas de pesquisa, para então respondê-la considerando os dados analisados no capítulo anterior.

## 5.1 Discutindo os Resultados da Análise Quantitativa Agregada

A pergunta norteadora desta seção é:

1. *Em que medida uma análise quantitativa agregada dos dados de (re)tradução no par linguístico inglês/português corroboram o modelo de Malta (2015)?*

Os resultados agregados apontam para padrões que, no geral, corroboram aqueles que foram obtidos por Malta (2015) para formulação de seu modelo e também aqueles que foram identificados por Duarte (2016). Esses dois autores também identificaram *outliers* ou participantes com comportamentos dissonantes da média ou dos dados agregados. Contudo, ao contrário da presente tese, não buscaram identificar por que esses participantes apresentaram comportamentos tão díspares (cf. Seção 4.3).

Em termos agregados, o TA foi a área que recebeu mais visitas, para a qual ou da qual incidiram mais transições visuais e na qual houve mais fixações (em número, média de duração e total de duração). Esse resultado converge com estudos que apontam para maior esforço cognitivo no processamento do TA que do TF (cf. JAKOBSEN; JENSEN, 2008, MALTA, 2015; DUARTE, 2016).

Considerando-se os insumos individualmente, o TF se coloca em segundo lugar como área mais acessada ou fixada, enquanto T1 e T2 oscilam a depender da variável (T2 fica em terceiro lugar para visitas às MAOIs, fixações nas MAOIs, duração média das fixações nas AOIs e nas MAOIs, bem como tempo total de fixações nas MAOIs). Todavia, a julgar que as traduções prévias, em conjunto (e não individualmente), disputam com o TF como “matéria-prima” para a produção do TA, constata-se que todas as variáveis apontam para um papel primordial das traduções prévias nas tarefas de (re)tradução. Esse é um dado que também já podia ser observado em Malta (2015) e Duarte (2016), mas aos quais os autores não atribuíram a mesma relevância que se atribui na presente tese e que se fez mais evidente na Seção 4.3. Vale lembrar que os referidos autores sugerem que o papel das traduções prévias é o de apoio durante consultas esporádicas.

Além disso, os dados quantitativos revelaram que, em geral, não há diferenças significativas entre os perfis (profissionais e alunos). Encontraram-se diferenças significativas apenas para o número de visitas na área do texto-alvo, o que sugere um papel mais proeminente do TA na execução da tarefa de (re)tradução entre os profissionais, dado esse que corrobora os estudos de Jakobsen e Jensen (2008) e Jakobsen (2002). Trata-se de um resultado condizente com o perfil dos participantes: todos eles realizaram a (re)tradução como uma tarefa nova; nenhum profissional tinha a tradução literária como área de especialidade; e apenas um estudante (A10) afirmara ter algum contato profissional com tradução literária. Sendo assim, a julgar que expertise não se transfere entre domínios (ERICSSON *et al.*, 2006; DA SILVA, 2020), era de se esperar que o comportamento dos participantes não estivesse associado ao seu nível de expertise (ou, minimamente, experiência) em tradução.

Esse resultado para os perfis também é condizente com Malta (2015) e Duarte (2016). Malta (2015), por exemplo, optou por separar os participantes em dois grupos com base em um dendograma, e não com base em seu perfil (estudante ou professor de espanhol). Esse dendograma foi influenciado pelos seguintes dados: tempo absoluto despendido para a execução da tarefa; tempos relativos das fases de orientação, redação e revisão do processo tradutório; bem como anos de experiência dos participantes. Assim, obteve-se um grupo que tivera um processo mais lento, enquanto outro apresentara um processo mais rápido, principalmente na fase de redação.

Duarte (2016), por sua vez, não explicita critérios para a separação de grupos de análise. A única divisão que a pesquisadora faz é referente à configuração da posição das traduções prévias na tela do computador, tendo por objetivo averiguar se a disposição das traduções prévias influenciaria os resultados. A seleção dos participantes de Duarte (2016) se deu por meio de um questionário prospectivo, respondido *on-line*, que abordava o perfil acadêmico e profissional de cada colaborador. Todos os 11 participantes selecionados eram estudantes de graduação (Letras) com proficiência em francês, tendo o português como L1. Apesar de serem estudantes, sete participantes afirmaram ter experiência com tradução – dois com tradução literária, cinco com textos acadêmicos, um com tradução audiovisual e um com tradução técnica. No referido estudo, o perfil dos participantes não alterou a predominância de atividade visual e alocação de esforço cognitivo no TA; contudo, contrariando o resultado de Malta (2015), Duarte (2016) não encontrou diferença significativa quanto à alocação de esforço cognitivo nas microáreas do TF e do TA.

Tampouco houve diferenças significativas quando se consideraram as disposições das traduções prévias na tela (G1 e G2). Num primeiro momento, identificaram-se diferenças

aparentemente significativas para o tempo total de fixações no texto-fonte; contudo, esse parece ser um impacto aleatório, visto que o impacto esperado nesse aspecto seria nas próprias traduções prévias (*i.e.*, em uma delas ou em ambas). Esse achado também fora encontrado por Malta (2015) e Duarte (2016). Trata-se de um resultado positivo para o desenho experimental, pois indica que não houve mais ou menos preferência por T1 ou T2 em função do lugar da tela em que elas se encontravam. Isso sugere que não há, para o caso em epígrafe, impacto da posição das tarefas prévias em razão do padrão ocidental de leitura esquerda-direita, ou seja, qualquer diferença que se identificasse entre T1 e T2 seriam atribuídas às características intrínsecas dessas traduções prévias e não às suas posições na tela.

De fato, o que se observou na maioria das variáveis é uma maior proeminência da T2 quando se considera a atenção visual, mas não quando se considera o esforço cognitivo. Cabe lembrar que T2 é a tradução mais recente, o que, pela Hipótese da Retradução, implicaria um “retorno ao original”. De fato, a T2 apresenta escolhas tradutórias que remetem à “tradução literal”, ou seja, mais próximas do TF, ao mesmo tempo que também dispõe de um vocabulário mais simples e atual.

Esse resultado parece relevante para se refletir sobre a natureza das variáveis da pesquisas: T2 muitas vezes recebeu mais atenção dos participantes, conforme refletido em seu maior número de visitas, mas não demandou esforço cognitivo para ser processada, já que as suas opções tradutórias remetem a uma maior “proximidade” com o TF e não geram possíveis “conflitos” de interpretação (conforme reforçado pelos próprios dados de protocolos)<sup>37</sup>. Tendo isso em vista, os resultados parecem sugerir que atenção e esforço cognitivo devem ser analisados com cautela, não necessariamente sendo indicadores que caminham na mesma direção ao longo do processo tradutório. A depender dos interesses de pesquisa, a separação entre variáveis de atenção e de esforço é essencial para a compreensão dos resultados.

---

<sup>37</sup> Protocolo guiado do aluno A02 referente à segunda pergunta sobre aspectos pontuais do texto:

“<Entrevistado> Eu também fiz essa do "mais afetuoso e indulgente dos pais" (T2) porque é o que eu encontro no texto original. Para mim, eu acho que é como o autor do texto original quis dizer. Eu acho que fica mais próximo do original do que da segunda opção (T1). Então eu acho que essa opção ficaria mais interessante, porque eu me oriento sempre pelo que eu acho que o autor original tenha feito, então eu acho que ele tentou fazer uma frase semelhante a essa, da (T2) </Entrevistado>”

Protocolo guiado do aluno A02 referente à quarta pergunta sobre aspectos pontuais do texto:

“<Entrevistador> Mas nas traduções, uma delas coloca esse trecho no início da oração e a outra no final. Por qual opção você optou? Por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> Optei pelo final (opção de T2), porque é como estava no original. Eu achei que não teria necessidade de mudar essa ordem (como em T1). Eu acho que ela teria um efeito interessante se ficasse da forma com que está. </Entrevistado>”

Um aspecto que se destacou em todas as análises quantitativas é que, independentemente do padrão sugerido pelos dados agregados, houve um número considerável de participantes que se comportaram de forma distinta, seja por diferença no padrão de foco decrescente TA-TF-T1/T2, seja por se constituírem como *outliers*. Quatro participantes aparecem recorrentemente como “fora do padrão”: A14, P04 e P07 (por não seguirem o padrão TA, TF e traduções prévias), bem como P03 por se configurar como *outlier*. Por essa razão, optou-se por utilizar esses participantes como foco de uma análise qualitativa, que seria tão relevante quanto a quantitativa conforme sugerido por Alves, Da Silva e Pagano (2014).

Um dado agregado adicional foi referente ao nível de semelhança entre as traduções prévias e os textos-alvo dos participantes. Ao contrário da baixa semelhança entre as traduções prévias, pouco mais de 10%, houve níveis consideravelmente elevados entre os textos produzidos pelos participantes e os insumos já disponíveis na língua-alvo, com maior prevalência de correspondência com a T2, a qual, como já apontado, é a tradução mais recente. Mesmo que a Hipótese da Retradução de Berman (1990) não seja suficiente para justificar uma retradução, essa semelhança das produções dos participantes com T2 evidencia que ela foi mais acessada que a primeira tradução. Esse maior número de visitas à T2 pode ter sido pelo fato de o texto ser um retorno ao original, ou simplesmente por pelo fato de ter um vocabulário mais simples e atual (conforme relatado nos protocolos), ou mesmo pelo fato de apresentar soluções tradutórias que remetem à “tradução literal”.

## 5.2 Discutindo os Resultados da Análise Qualitativa Segregada

A pergunta norteadora desta seção é:

2. *Em que medida uma análise qualitativa individual dos dados de (re)tradução no par linguístico inglês-português corrobora o modelo de Malta (2015)?*

A análise qualitativa segregada dos dados dos participantes evidenciou processos que não foram capturados no modelo de Malta (2015). Essas evidências não rejeitam o referido modelo em sua íntegra, mas apontam para uma necessidade de refinamento. Apresentam-se a seguir alguns processos e comportamentos que não podem ser observados em uma análise agregada e que ensejam um refinamento do modelo.

Notou-se que muitas das escolhas lexicais dos participantes foram provenientes das traduções disponibilizadas e que alguns aspectos gramaticais das traduções prévias

influenciaram a preferência dos tradutores por T1 ou T2. Essas escolhas não necessariamente se deram por processos de buscas de auxílio ou confirmação da mensagem processada, como sugerido pelo modelo de Malta. Na verdade, as traduções em alguns casos serviram de “inspiração” para os participantes ou até mesmo suscitaram dúvidas que quiçá não seriam cogitadas se o participante não tivesse tido acesso a elas.

Quando se analisou o processo tradutório de P03, P04, P07, P08 e A14, observou-se que a segmentação textual dos cinco participante foi curta, de uma ou duas palavras por vez, e que o ritmo cognitivo dos participantes profissionais não foi tão mais consistente que do aluno (A14). Todos os cinco participantes analisados obtiveram comportamentos erráticos, utilizando diferentes estratégias que configuraram suas produções individuais. Esses resultados são condizentes com o perfil errático relatado por Alves (2005) e com a segmentação da tarefa relatada por Dragsted (2004) e por Da Silva (2012), muito provavelmente pelo fato de se tratar de uma tarefa com que os participantes não estavam habituados (cf. ERICSSON *et al.*, 2006; DA SILVA, 2020, sobre a não transferência de expertise entre domínios) e pelo fato de as traduções prévias concorrerem pela atenção visual.

A análise do processo de (re)tradução por fases se mostrou relevante na investigação dos dados qualitativos, pois foi possível pormenorizar as ações de cada participante, caracterizando o seu comportamento em cada fase. Vale salientar que, ao se considerar o processo da (re)tradução, as fases de orientação, redação e revisão demandaram do tradutor, além de leitura e compreensão do TF, possíveis consultas a um material que pode ser tanto de apoio quanto central – neste caso, as traduções prévias disponibilizadas. Nesse sentido, observa-se que o modelo de Malta (2015), ao ser genérico para todo o processo, não é capaz de refletir o que ocorre em cada fase do processo tradutório e sobre as diferentes estratégias e escolhas do retradutor. Em especial, o referido modelo não destaca (i) como os múltiplos insumos influenciam na orientação e revisão *on-line* (cf. JAKOBSEN, 2002; GOTELIPE, 2007; MACHADO, 2007), (ii) como os participantes têm diferentes alternativas para iniciar o processo, começando a se orientar pelo TF ou por uma das traduções prévias, e (iii) como os participantes podem ter um ritmo cognitivo consistente ou errático ao lidar com as transições entre (re)leitura(s) dos insumos e produção textual, com ou sem recursividade (cf. ALVES, 2005; ALVES; BUCHWEITZ, 2006).

As traduções prévias concorreram com o TF pela atenção visual necessária para a produção do texto-alvo. Os participantes se mostraram muitas vezes hesitantes diante das diferentes interpretações ensejadas pelas traduções prévias e por diversas vezes compararam os insumos. Em alguns casos, houve o que aparentava ser uma “cópia” de uma das traduções

prévias; em outros, houve o que aparentava ser uma tentativa de produzir algo diferente; em outros, houve o que aparentava ser uma tentativa de amalgamar o que supostamente havia de melhor nas duas versões; finalmente, em outros casos, houve o que aparentava ser uma tentativa de produzir uma “tradução do zero”, baseada quase que exclusivamente no TF e majoritariamente desvinculada das produções anteriores. Tudo isso aponta que, diferentemente do sugerido por Malta (2015), as traduções prévias apresentam um papel proeminente no processo, indo muito além de um auxílio ou de confirmação da mensagem na língua-alvo em caso de dificuldades de se processar o TF.

Apesar de muitas vezes, como produto, o texto produzido pelos participantes aparentar ser uma cópia das traduções existentes, identificou-se que essa “cópia”, enquanto processo, envolve algo mais do que aquilo que geralmente se concebe como tal. O simples fato de existirem dois ou mais insumos na língua-alvo faz com que o tradutor reorganize sua forma de traduzir (dado mencionado pelo estudante A11 nos protocolos)<sup>38</sup>, sua forma de refletir sobre dúvidas e possíveis problemas de tradução, demandando maior esforço cognitivo e incitando comparações e contrastes com as possibilidades disponíveis.

Todas essas considerações são aprofundadas na próxima seção, em que se rediscute o modelo processual de (re)tradução.

### 5.3 Repensando o Modelo Processual de (Re)tradução

Considerando-se que a análise quantitativa agregada em boa medida validou o modelo de Malta (2015), mas a análise qualitativa segregada apontou a necessidade de refinamento do referido modelo, a pergunta norteadora desta seção é:

#### 3. *Como seria o refinamento do modelo?*

---

<sup>38</sup> <Entrevistador> Sobre a tarefa: o que você achou da tarefa de traduzir um texto que já estava traduzido? </Entrevistador>

<Entrevistado> É, é um pouco estranho ou até sem graça, porque uma vez que você tem o texto você fica sem um pouquinho de liberdade para fazer, você acaba ficando <Interrupção/> Você acaba sendo influenciado um pouco por eles. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Mas você acha que é influenciar de forma é positiva? Isso te ajuda ou te atrapalha? </Entrevistador>

<Entrevistado> Esse processo pode ser bom, bom como referência. </Entrevistado>

Para apresentar uma proposta de refinamento do modelo, inicia-se pelo próprio conceito de (re)tradução.

Malta (2015, p. 193) assim define (re)tradução:

Processo que envolve a produção de um texto-alvo, tendo por base o texto-fonte, além de uma ou mais traduções desse texto-fonte na mesma língua, ou não, que podem servir de suporte para a produção da nova tradução.

As análises apresentadas no capítulo anterior sugerem que essa definição precisa ser revista à luz do papel assumido pelas traduções prévias, que não necessariamente constituem um “suporte” para a produção da nova tradução. São evidências empíricas desta tese que sustentam essa afirmação:

1. um participante (P07) iniciou sua orientação por uma das traduções prévias;
2. em diversos momentos, os participantes transitaram entre as traduções prévias e entre essas e o TA em produção, negligenciando o TF;
3. diferenças de significado evidenciadas pelas próprias traduções prévias (*e.g.*, o caso de “*home*” como família ou como espaço físico) suscitaram comparações e reflexões que talvez não existissem caso o participante realizasse uma tarefa de tradução (*i.e.*, sem acesso a traduções prévias);
4. o nível de semelhança entre os textos-alvo e as traduções prévias é consideravelmente alto, evidenciando algum nível de influência/interferência das traduções prévias mesmo quando os participantes produziam texto após visitas ao TF (possível efeito *priming*, ou seja, a exposição a um estímulo interfere na resposta a um ou mais estímulos subsequentes – cf. WEINGARTEN *et al.*, 2016);
5. mesmo na fase de revisão, houve participantes que revisitaram as traduções prévias (P03, P07, P08), o que as coloca como importantes insumos para todo o processo; e
6. mesmo quando o participante produziu um texto com baixo nível de semelhança com as traduções prévias, as consultas a essas traduções foram recorrentes, o que pode sugerir uma busca por uma produção mais autoral a partir da diferenciação do que já está disponível (*e.g.*, P08).

Diante dessas evidências, sugere-se a seguinte reformulação para a definição de (re)tradução: Processo de produção de um texto-alvo mediante disponibilidade de acesso aos insumos fornecidos pelo texto-fonte e pelo menos uma tradução prévia desse texto-fonte atribuível a um tradutor humano para a mesma língua-alvo. Ao longo do processo, para cada



unidade de (re)tradução, um insumo pode ser: (i) utilizado exclusivamente em detrimento de outro(s) para (i.1) tradução do zero ou (i.2) cópia; (ii) adotado como suporte para outro(s), seja (ii.1) para confirmar uma solução “nova”, (ii.2) para contribuir para uma solução ainda não encontrada ou (ii.3) para identificar uma solução melhor que a já disponível; ou (iii) comparado com outro(s) para (iii.1) escolha e “cópia” da melhor opção, (iii.2) amálgama dos melhores atributos de cada um deles ou (iii.3) formulação de uma versão autoral, seja (iii.3.1) porque não se está satisfeito com as soluções disponíveis ou (iii.3.2) porque se deseja evitar semelhanças com o material já existente na língua-alvo. O produto textual dessa unidade de (re)tradução pode ser eventualmente alterado com base exclusivamente no novo texto-alvo e/ou em releituras de um ou mais insumos.

É necessário explicitar e explicar os elementos constituintes dessa reformulação:

1. trata-se de um **processo de produção** textual, e não um “processo que envolve produção textual”. Em outras palavras, necessariamente há **produção textual**. Isso tem uma implicação importante para diferenciar a (re)tradução da revisão ou da pós-edição: no mínimo, o “novo” texto deverá ser copiado ou digitado na (re)tradução, ao passo que, na revisão ou pós-edição, o que há, no mínimo, é uma leitura (*i.e.*, não necessariamente há algo a ser alterado). O ato de “copiar e colar” nessas condições, por mais simples que possa parecer, requer (i) uma tomada de decisão sobre o que fazer com pelo menos dois insumos (*i.e.*, o texto-fonte e a tradução prévia) e (ii) a transferência de um local (texto) que serve de insumo para um local (texto) que é o produto (*i.e.*, não se está simplesmente alterando algo que já poderia ser considerado como produto);
2. trata-se de um processo que ocorre **mediante disponibilidade de acesso ao texto-fonte** e não “tendo por base o texto-fonte”. Em outras palavras, o texto-fonte pode estar disponível, mas sequer ser consultado;
3. trata-se de um processo que requer a disponibilidade de pelo menos uma tradução prévia atribuível a um **tradutor humano**. Esse requisito está associado (i) aos padrões editoriais atuais e (ii) ao reconhecimento de que a tradução prévia é minimamente adequada, fluente e aceitável no âmbito do sistema literário da língua-fonte. Observe-se que isso não necessariamente implica que a tradução prévia não tenha sido, em maior ou menor extensão, resultado de algum processo de tradução automática;
4. trata-se de um processo que requer a disponibilidade de pelo menos uma tradução prévia realizada **para a mesma língua-alvo**. Aqui se busca retirar

uma possível ambiguidade de interpretação na definição de Malta (2015) causada pelo “ou não”: embora, assim com o autor, também se admita a disponibilidade de traduções para outras línguas-alvo, a (re)tradução pressupõe no mínimo uma na mesma língua-alvo;

5. trata-se de um processo que é decomponível em **unidades de (re)tradução**. Para esse aspecto, compete retomar o conceito de unidade de tradução, de Alves (2000, p. 38): “segmento do texto de partida, independente de tamanho e forma específicos, para o qual, em um dado momento, se dirige o foco de atenção do tradutor”. Essa definição, que precisa de uma leve adaptação para a (re)tradução, chama atenção para o fato de que o processo é realizado em etapas, ou segmentos, os quais dependem do foco do tradutor, ou seja, seu tamanho ou forma se estabelecem de forma *ad hoc*. Portanto, a unidade de (re)tradução pode ser assim definida: “segmento de um insumo, independente de tamanho e forma específicos, para o qual, em dado momento, se dirige o foco de atenção do retradutor”. Observe-se que, por essa definição, não necessariamente é o texto-fonte que rege o processo; a atenção do retradutor pode se voltar, por exemplo, para um segmento da tradução prévia X e, em seguida, para seu correspondente na tradução prévia Y;
6. trata-se de um processo em que há três possibilidades iniciais de decisão disponíveis (vide itens i, ii e iii na própria definição), todas as quais com ramificações. Essas possibilidades são discutidas a seguir.
7. trata-se de um processo que, como a tradução, **requer orientação** e **pode envolver revisão**. A orientação está apontada no segundo complexo oracional da definição, enquanto a revisão está no terceiro complexo oracional. Essas etapas, assim como a redação, serão retomadas após a discussão das possibilidades de decisão disponíveis.

Em se tratando do item 6 acima, a primeira possibilidade de decisão é focar em apenas um insumo: caso seja o texto-fonte, haverá uma tradução do zero; caso seja uma tradução prévia, haverá cópia. Embora essa decisão não tenha sido registrada no experimento da presente tese, optou-se por incluí-la por ser exequível. Nesse caso, vale sublinhar que a tradução do zero só existirá de fato se o tradutor tiver ignorado completamente os outros insumos disponíveis, pois qualquer leitura de material adicional pode influenciá-lo e remete às possibilidades subsequentes (*i.e.*, efeito *priming*). Também vale ressaltar que a cópia, nesse

caso, é uma simples transcrição ou “colagem”, sem qualquer alteração do insumo copiado (salvo erros de digitação ou falhas de cópia).

A segunda possibilidade corresponde a adotar um insumo como suporte do outro, escolhido como fonte principal para a produção textual. Trata-se de uma possibilidade parecida com aquela vislumbrada na definição de Malta (2015), mas note-se que, na presente definição, não necessariamente a(s) tradução(ões) prévia(s) é(são) suporte do texto-fonte. Como se observou para os participantes A14 e P07, é possível que o participante utilize o texto-fonte como suporte ou utilize uma das traduções prévias como suporte da outra. Mais explicitamente, é possível recorrer a suportes para:

- confirmar uma solução quando se vai do texto-alvo às traduções prévias, como as ações 59-61 da análise da fase de redação de P03;
- contribuir para uma solução ainda não encontrada, quando se vai do texto-fonte a uma ou mais traduções prévias, como as ações 21-23 da fase de redação de P04;
- e
- identificar uma solução melhor que a já disponível, quando se transita entre os insumos e texto-alvo, não necessariamente nessa ordem, como nas ações 251-262 da análise da fase de revisão de P07.

A terceira possibilidade consiste em comparar os insumos, sem que necessariamente se tenha feito uma seleção *a priori* daquele em que se apoiar para realizar o processo de (re)tradução. Trata-se de um caminho que se mostrou bastante recorrente na análise qualitativa. Nesse caso, há três ramificações:

- a primeira consiste em comparar os insumos para escolher a melhor opção e “copiá-la”. Note-se que a “cópia” aqui, entre aspas, não é tão simples quanto aquela da primeira possibilidade; essa “cópia” é resultado de um processo mais complexo, de comparação, o que geralmente envolve consultas ao próprio texto-fonte<sup>39</sup>, como por exemplo as ações 84-92 da fase de redação de P03.
- a segunda consiste em realizar um amálgama dos melhores atributos dos insumos em língua-alvo, o que, mais uma vez, não necessariamente prescinde de consultas ao texto-fonte. É o que se pode observar, por exemplo, nas ações 19-22 e 39-44 da fase de redação do estudante A14; e

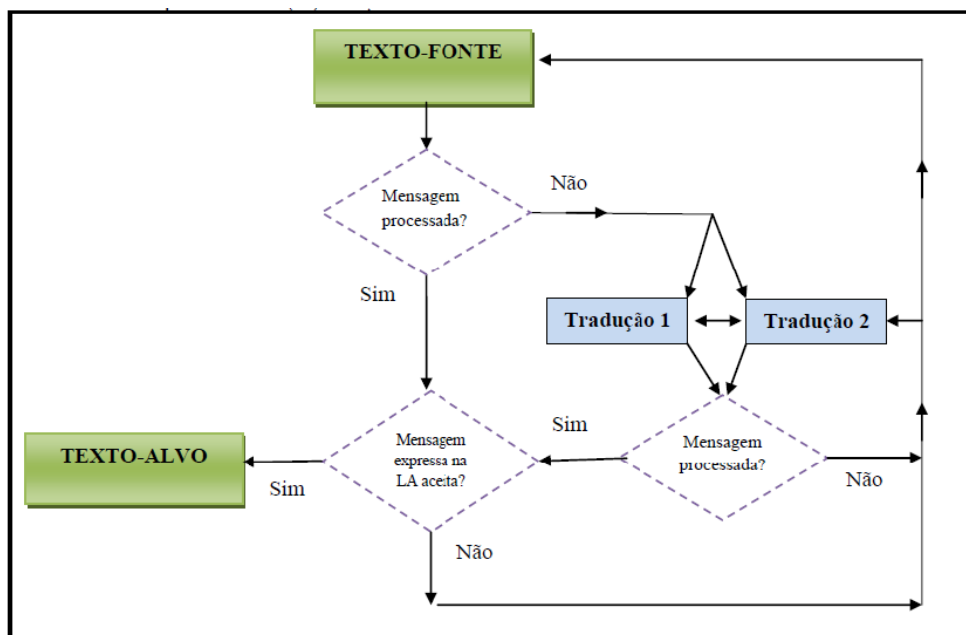
---

<sup>39</sup> Cumpre sublinhar que essa “cópia” enquanto um processo cognitivo mais elaborado ou complexo que uma cópia simples (acompanhada ou não de alterações pontuais *a posteriori*) não prescinde de uma avaliação ética daquilo que se chama de “plágio”. Essa prática tem sido reiteradas vezes denunciada no mercado editorial, como propagado pela tradutora Denise Bottmann em seu *blog* disponível em <http://naogostodeplagio.blogspot.com>, acessado em 20 de abril de 2020.

- a terceira é aquela em que acaba ganhando destaque o texto-alvo porque o retradutor não se deu por satisfeito com as soluções das traduções prévias ou porque deseja uma versão autoral que evite semelhanças com o material já existente na língua-alvo, motivação essa consistente com Venuti (2004). É o caso de P08, embora, com os dados obtidos, não seja possível definir a motivação do participante.

A definição de (re)tradução ora apresentada, juntamente com os apontamentos acima, traz em seu bojo elementos importantes que foram considerados para se repensar o modelo de Malta (2015). Porém, antes disso, retome-se o modelo apresentado pelo referido autor (cf. Figura 19).

Figura 19 – Modelo de (re)tradução de Malta.



Fonte: Malta (2015, p. 192).

Malta (2015, p. 192) explica o modelo informando que o retradutor pode:

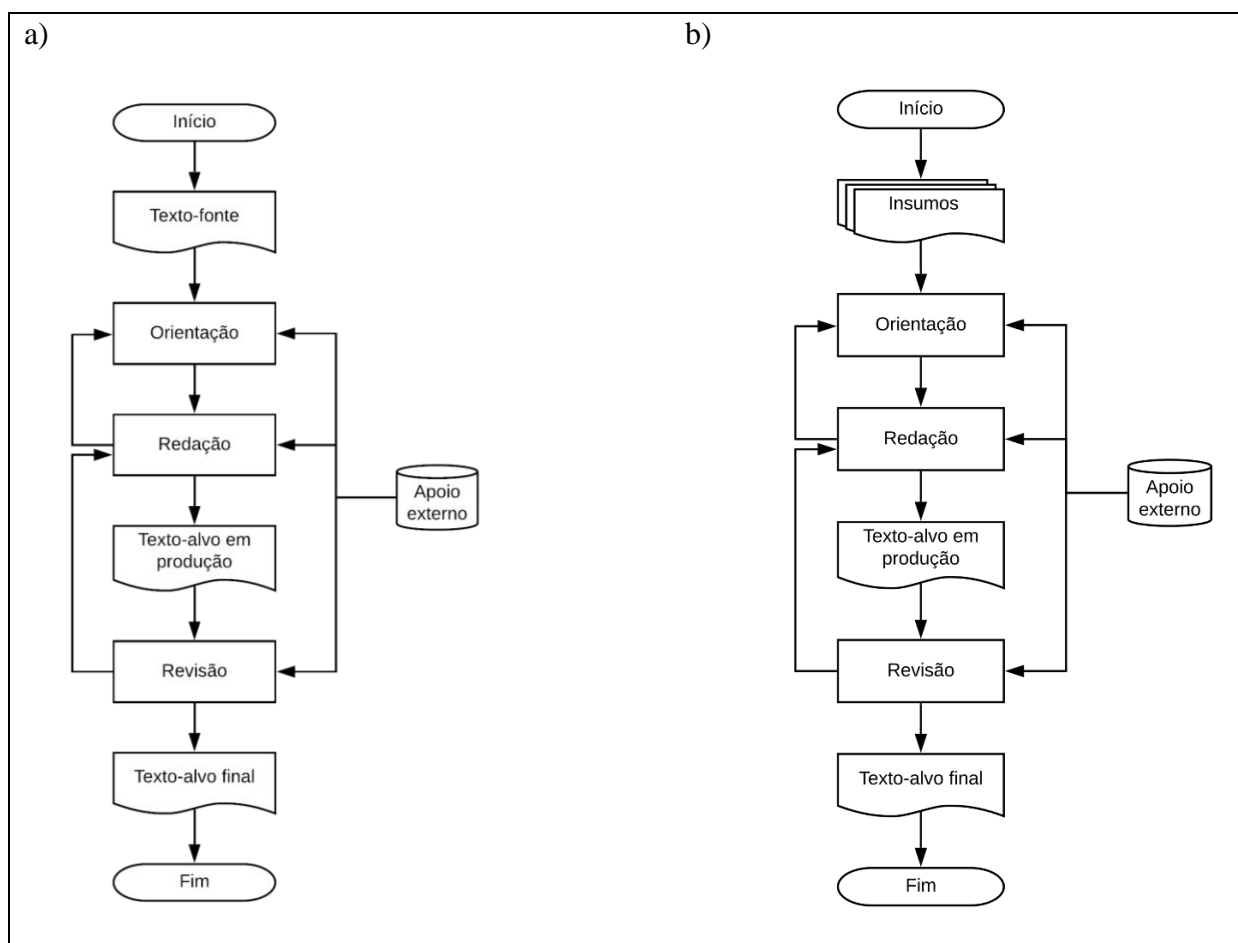
- buscar auxílio nas traduções para a conversão da mensagem ainda não processada (total ou parcialmente) para a língua-alvo; ou
- traduzir a mensagem e retornar às traduções para confirmar/contrastar a mensagem processada, o que pode ocorrer concomitantemente com a elaboração da nova tradução, ou nas fases de orientação e revisão. Paralelo aos dois caminhos, há o que vai de uma tradução prévia à outra, por meio do qual se poderá escolher entre as opções existentes nas traduções ou rechaçá-las, seja completamente, seja parcialmente, e elaborar a nova tradução.

Assim como a definição de (re)tradução, o modelo de Malta (2015) confere proeminência ao texto-fonte, que é obrigatoriamente o ponto de partida para a realização da tarefa, cabendo às traduções prévias um papel secundário, de “suporte”. Esse “suporte” consiste em um auxílio à “conversão da mensagem ainda não processada (total ou parcialmente) para a língua-alvo” ou à confirmação ou contraste da mensagem já processada. O próprio autor também sugere que, paralelamente, é possível comparar as traduções existentes, selecionando-se, total ou parcialmente, dentre as soluções dadas por elas ou rechaçando-as. No entanto, essa via “paralela” é, no modelo, necessariamente posterior ao processamento do texto-fonte e dependente de que a sua mensagem não tenha sido processada (veja-se que o losango indica uma tomada de decisão). Como já apontado na análise qualitativa e na definição de (re)tradução ora proposta, o papel de “suporte” das traduções prévias é uma das possibilidades, mas não a única, e as traduções prévias não necessariamente dependem do processamento do texto-fonte para serem consultadas e tampouco do fato de que a mensagem do texto-fonte ainda não tenha sido dada por processada. As traduções prévias podem, sim, ser consultadas a despeito do texto-fonte, antes dele ou independentemente de o processamento da mensagem ter sido considerado realizado.

Outro aspecto relevante da citação de Malta (2015) acima é que o autor sugere que o suporte das traduções prévias pode ocorrer em quaisquer das fases do processo (*i.e.*, orientação, redação e revisão). No entanto, seu modelo tampouco elucida como ou em que momento o suporte das traduções prévias se dá em cada fase do processo. Partindo disso, a presente proposta procura apresentar um modelo de (re)tradução segmentado por fases do processo.

A Figura 20 mostra, esquematicamente, as fases dos processos de tradução e (re)tradução. Esse esquema foi elaborado a partir das definições apresentadas por Jakobsen (2002).

Figura 20 – Esquema das fases dos processos de tradução e (re)tradução



Fonte: elaborada pela autora a partir de Jakobsen (2002) e dados desta pesquisa.

Observe-se que, no esquema de fases, o único elemento diferente entre a tradução e a (re)tradução é o material disponível assim que se inicia a tarefa: na tradução, há apenas o texto-fonte; na (re)tradução, há insumos, dentre os quais está incluso o texto-fonte. Em seguida, o processo segue a mesma ordem: uma orientação (no caso, *inicial*), seguida, nesta ordem, de redação (quando surge na tela o texto-alvo em produção) e de revisão (no caso, *final*, ao cabo da qual se obtém o texto-alvo e se conclui a tarefa). Em qualquer fase, é possível que haja apoio externo (e.g., dicionários, *corpora*, traduções automáticas) contribuindo para a realização da tarefa.

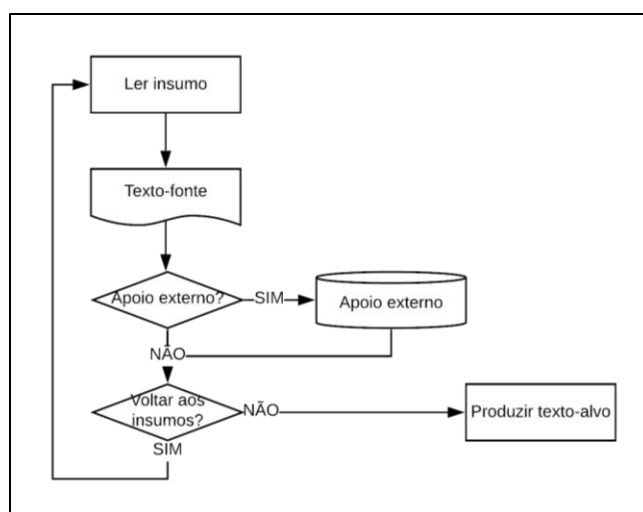
Note-se ainda que, na redação, é possível voltar à orientação (no caso, *on-line*) e que, se a revisão não se refere a um processo sobre uma primeira versão completa do texto-alvo, processo esse que leva à produção do texto-alvo final (i.e., incide sobre o texto ainda na fase de redação), há o que se chama revisão *on-line*. Jakobsen (2002), talvez por se basear apenas em dados de *key logging*, não previu a possibilidade de haver orientações na fase de

revisão, mas os dados da presente tese parecem indicar que isso é possível, como se apontará mais adiante.

Apresenta-se agora o modelo de (re)tradução segmentado por etapas. Para efeitos de melhor visualização, exibe-se antes o modelo de tradução, produzido a partir de descrições do processo na literatura pertinente baseada em *eye tracking* (cf. ALVES; PAGANO; DA SILVA, 2009, 2011, 2014; DA SILVA, 2012; HVELPLUND, 2017; JAKOBSEN; JENSEN, 2008). No modelo, retângulos simbolizam ação e, contêm, portanto, verbos no infinitivo; losangos simbolizam tomadas de decisão do tipo SIM ou NÃO; cilindros simbolizam bases de dados; e figuras similares a retângulos, mas com curvas na base, simbolizam insumos ou produtos textuais.

A Figura 21 e a Figura 22 mostram, respectivamente, os modelos de tradução e (re)tradução no que diz respeito à fase de orientação. Observe-se que esses modelos servem tanto à orientação inicial quanto à orientação *on-line*. O que diferencia uma orientação da outra é o momento em que cada qual ocorre: a inicial se dá do contato do tradutor com o texto-fonte até o instante imediatamente anterior à digitação do primeiro caractere; a *on-line* se dá em qualquer outro momento em que há leitura de texto para produção do texto-alvo, ou seja, refere-se a unidades de tradução ou de (re)tradução. Note-se ainda que, conforme apontado por Gotelipe (2007), alguns processos secundários também poderiam ser considerados como orientação (*e.g.*, ajuste da tela), mas não foram retratados nos modelos para fins de simplificação.

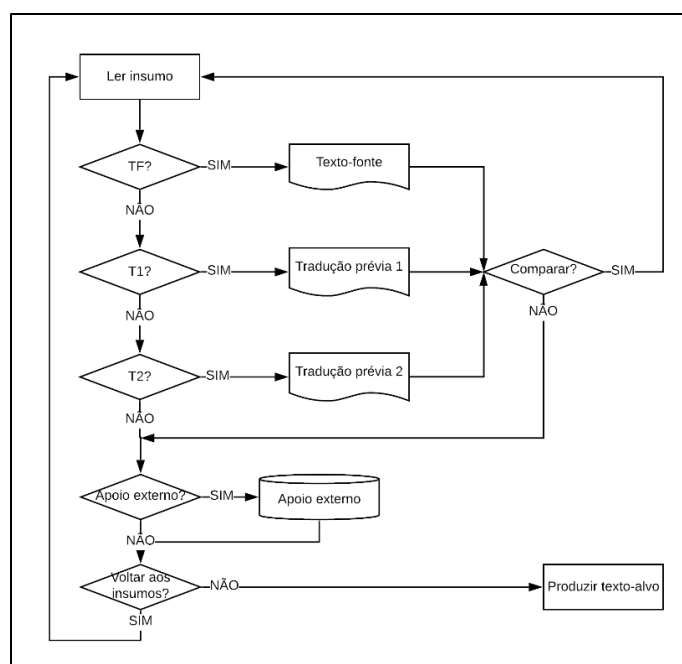
Figura 21 – Modelo de tradução (fase de orientação)



Fonte: elaborada pela autora.

Na tradução, a fase de orientação consiste em algum acesso ao texto-fonte, pois pelo menos uma palavra precisa ser lida antes de se iniciar a produção do texto-alvo. O tradutor pode, ainda nessa fase, acessar algum apoio externo e até mesmo reler o insumo. Caso se dê por satisfeito e julgue não ser necessário retomar os insumos, o tradutor pode partir para a produção textual.

Figura 22 – Modelo de (re)tradução (fase de orientação)



Fonte: elaborada pela autora.

Já a fase de orientação na (re)tradução é uma fase mais complexa, pois o retradutor deve, primeiro, decidir qual insumo ler. Em seguida, deve tomar uma decisão: comparar ou não insumos? Se sim, ele deve voltar à leitura de outro insumo, mas com a finalidade de comparação. Se não, ele pode buscar apoio externo ou não; em seguida, pode voltar aos insumos para lê-los, mas não necessariamente para compará-los. Quando se dá por satisfeito, ele conclui a orientação e procede à produção textual.

Observe-se que esse modelo não privilegia quaisquer dos insumos, cabendo ao retradutor decidir como proceder. Caso opte, por exemplo, apenas por ler o texto-fonte, não existem comparações ou influência das traduções prévias e o que será realizado em seguida será uma tradução do “zero”. Caso opte, contudo, apenas por ler a tradução prévia 1, tampouco haverá comparação e o que será realizado em seguida será uma cópia. Em contrapartida, caso haja leituras apenas das traduções prévias, seguidas de comparações entre elas, o que será

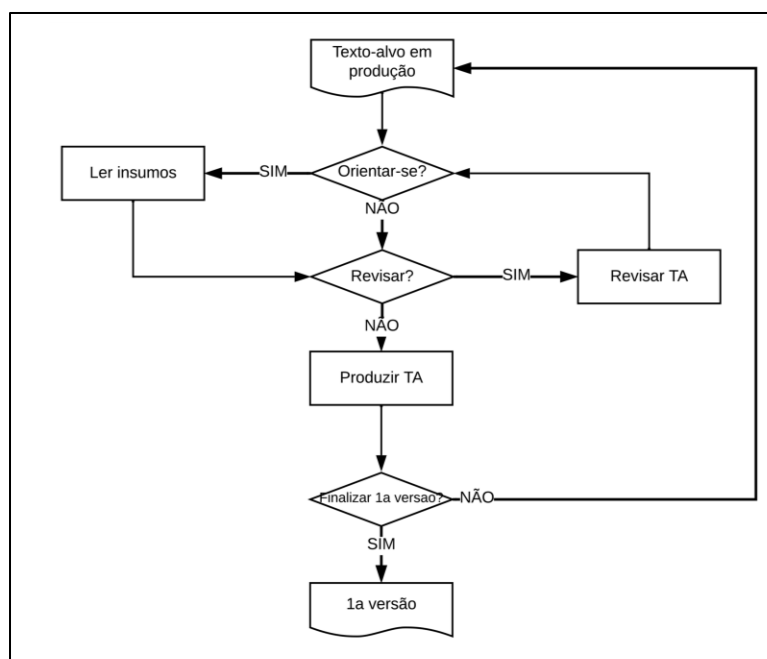


realizado em seguida será uma escolha da melhor opção, um amálgama entre as opções disponíveis ou mesmo uma inovação a partir de uma paráfrase ou de agnações<sup>40</sup> dessas opções na própria língua-alvo.

Esse fluxo de tomada de decisão pode fazer parte da fase de orientação ou da redação. Por ser mais facilmente visualizado a partir do que é produzido, optou-se aqui por representar esse fluxo na fase de redação. Contudo, a dissociação entre esses momentos não é tão clara quanto ao seu pertencimento à orientação ou à revisão.

A Figura 23 e a Figura 24 exibem os modelos de tradução e (re)tradução no que tange à fase de redação.

Figura 23 – Modelo de tradução (fase de redação)



Fonte: elaborada pela autora.

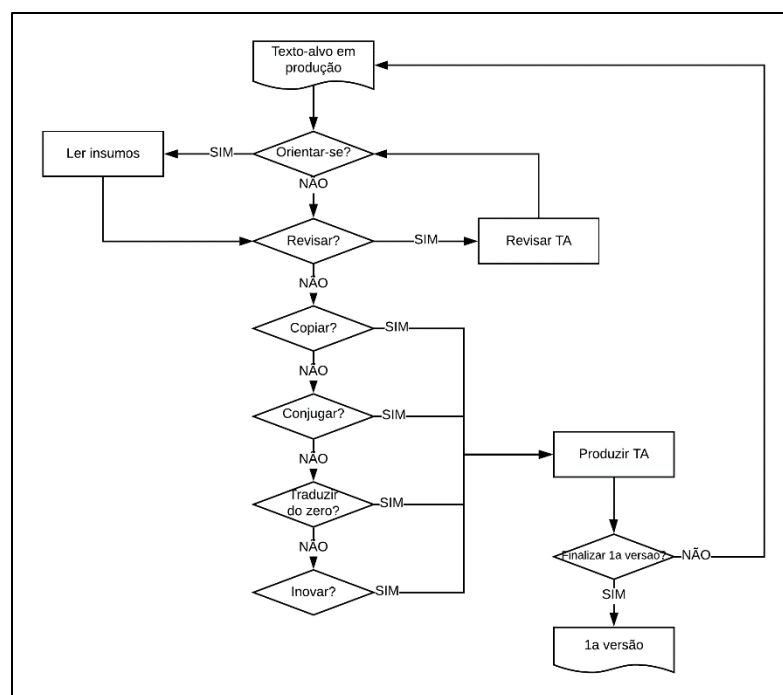
<sup>40</sup> “Any expression in the source text will be agnate to innumerable alternative expressions defined by the systemic potential of the source language and all these agnates are candidates in the source for translation into the target and, by the same token, there will also be a set of agnate candidates in the target language. [...] At any point in translation it may be one of these agnates rather than the actual expression that serves as the best candidate for translation” (MATTHIESSEN, 2001, p. 83)

Traduzido por Da Silva (2012, p. 49): “qualquer expressão no texto de partida será agnata a inúmeras expressões alternativas, definidas pelo potencial sistêmico da língua de partida, e todos esses agnatos são candidatos existentes no texto de partida para a tradução produzida no texto de chegada e, da mesma forma, também haverá uma série de candidatos agnatos na língua de chegada. [...] Em algum momento da tradução, é possível que um desses agnatos, e não a expressão encontrada no texto de partida, constitua o melhor candidato para a tradução”.

O modelo de tradução mostra que, na fase de redação, é possível orientar-se ou revisar antes que haja qualquer produção textual (no caso, haveria revisões de decisões tradutórias ainda não redigidas, mas produzidas mentalmente). Enquanto o tradutor não toma a decisão de finalizar a primeira versão, a redação prossegue. Essa observação é relevante diante do que se apontou para o participante A14: ao contrário da definição de Jakobsen (2002), segundo o qual a redação finaliza com a digitação, no texto-alvo, do caractere correspondente ao último ponto final ou equivalente no texto-fonte, pode haver digitação desse caractere acompanhada de revisão *on-line* (e não necessariamente de revisão final).

Observe-se ainda que o modelo também se aplica para unidades de tradução. Uma unidade pode ser processada com apenas uma orientação ou pode requerer sucessivas orientações a partir de releituras dos insumos e revisões a partir de releituras do texto-fonte e do texto-alvo, acompanhadas ou não de alterações do texto-alvo.

Figura 24 – Modelo de (re)tradução (fase de redação)



Fonte: elaborada pela autora.

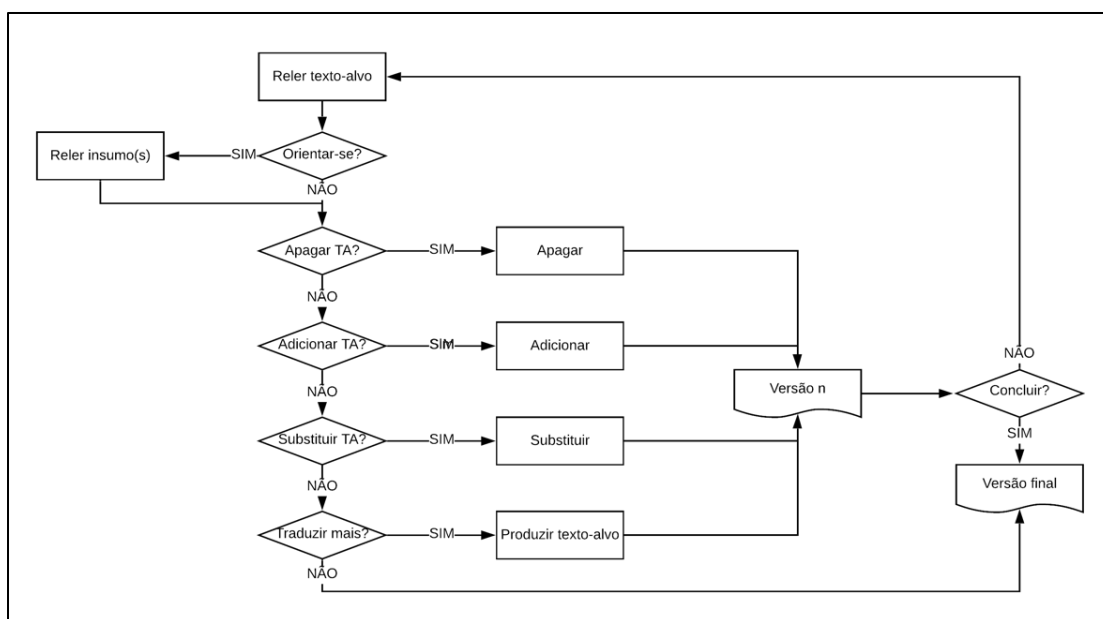
A (re)tradução segue um modelo parecido com o da tradução. No entanto, a produção do texto-alvo é antecedida por quatro possibilidades de decisão: copiar, conjugar, inovar ou traduzir do zero. Parte dessas decisões estão associadas ao que já foi feito na orientação: por exemplo, caso só tenha sido lido o texto-fonte, a única decisão possível é

traduzir do zero; caso só tenha sido lido uma tradução prévia, é copiar. No entanto, caso só tenham sido lidas e comparadas as traduções prévias, existem mais decisões disponíveis: copiar, conjugar ou inovar. O processo continua até o participante decidir que está concluído o texto-alvo ou a unidade de (re)tradução.

Por fim, os modelos de tradução e (re)tradução são relativamente similares no que diz respeito à fase de revisão (cf. Figura 25). O tradutor ou o retradutor podem orientar-se relendo os insumos, que, neste caso são: o texto-fonte, o texto-alvo em produção e, em se tratando de (re)traduções, as traduções prévias. Concluída a orientação, é possível tomar quatro tipos de decisão: apagar, adicionar, substituir ou traduzir mais. “Apagar”, “adicionar” e “substituir” podem se referir a processos simples, como corrigir a ortografia de uma palavra, ou a processos mais complexos, como produzir versões mais implícitas ou mais explícitas do texto-alvo. Já “traduzir mais” é necessariamente um processo complexo, pois o tradutor ou o retradutor pode optar por postergar a tradução ou a (re)tradução de um texto para a fase de revisão ou mesmo decidir que uma unidade de tradução ou de (re)tradução está inaceitável e é mais fácil ou melhor traduzi-la de novo.

Observe-se, portanto, que, diferentemente de Jakobsen (2002), sugere-se que há orientação na revisão: para revisar, é necessariamente preciso orientar-se pelo menos a partir do texto-alvo.

Figura 25 – Modelo de tradução e (re)tradução (fase de revisão)



Fonte: elaborada pela autora.

A revisão termina quando a enésima versão é dada por concluída, ou seja, torna-se a versão final. Vale sublinhar que essa versão pode se referir a uma unidade de tradução ou de (re)tradução (quando se trata de revisão *on-line*) ou ao texto-alvo como um todo (revisão final). Embora o modelo seja similar para esses dois tipos de revisão, a diferença entre está no nível de completude em que se encontra o texto-alvo e, portanto, no percentual de problemas já resolvidos: na revisão final, espera-se que a maior parte da orientação incida sobre o texto-alvo, com poucas leituras do texto-fonte e/ou dos insumos.

Como se pode observar, o modelo ora proposto, também baseado em tomadas de decisão, busca refinar o de Malta (2015) de forma suficiente para comportar os achados deste estudo. Embora o modelo seja relativamente mais complexo, ele ainda mantém uma simplificação suficiente para fins de comparação com outros processos, como o de tradução.

Uma vez concluída esta discussão, o próximo capítulo apresenta as conclusões deste estudo.

# **6 CONCLUSÃO**

**E**sta tese se propôs a repensar o conceito de (re)tradução sob uma perspectiva quali-quantitativa. Para tal, embasou-se numa análise dos dados agregados de 16 participantes (entre estudantes e profissionais) e dos dados segregados de quatro desses participantes, todos os quais realizaram uma tarefa de (re)tradução no par linguístico inglês/português. Triangularam-se dados do processo com os dados das verbalizações sobre os insumos e sobre a produção textual. Mais especificamente, utilizaram-se: (i) um rastreador ocular para coletar e aferir dados acerca do dispêndio de esforço cognitivo, da distribuição da atenção e do fluxo de processamento; (ii) um *software* de *keylogging* para registrar os dados de acionamento de teclado e *mouse*; e (iii) protocolos retrospectivos livres e guiados para coletar e analisar informações dos próprios participantes acerca de suas ações e decisões de leitura e escrita nas três fases do processo (*i.e.*, orientação, redação e revisão). A análise qualitativa se baseou nos dados de quatro participantes que, já na fase agregada, apontavam para comportamentos díspares em relação aos dados gerais/médios.

A partir da análise dos dados agregados e daqueles segregados, discutiu-se o modelo proposto por Malta (2015). Os achados deram suporte para se repensar o conceito de (re)tradução e permitiram reconsiderar que, do ponto de vista cognitivo e operacional/comportamental, a existência de uma tradução prévia de fato pode suscitar uma miríade de impactos nos diversos momentos de tomada de decisão numa tarefa de (re)tradução. Nesse sentido, buscou-se repensar o conceito de (re)tradução tendo em vista que as traduções prévias não necessariamente constituem apenas um “suporte” para a produção do texto-alvo. Tal abordagem tem impacto não apenas para a noção de (re)tradução, mas também para outros processos, como o de tradução, o de pós-edição e o de revisão, principalmente quando se parte da perspectiva de que traduzir envolve potencialmente lidar com múltiplos insumos, e não mera ou exclusivamente com um texto-fonte e o texto-alvo em produção. Esses insumos são as diversas fontes de consulta a que se pode recorrer durante esses processos e que podem desencadear tomadas de decisão que alteram o fluxo de raciocínio ou de produção que se estava desenvolvendo até determinado momento.

Realizadas as análises quantitativas, discutiram-se os resultados à luz dos dados encontrados por Malta (2015), Duarte (2016) e Hvelplund (2017). Boa parte dos dados quantitativos agregados apresentados nesta tese validaram o modelo de (re)tradução de Malta (2015) e corroboraram Duarte (2016). Todavia, diante dos dados qualitativos segregados, observou-se que as traduções prévias exercem um papel proeminente na produção do texto-alvo, papel esse que não é de um mero “suporte”, como inicialmente concebido no modelo de Malta (2015). Dessa forma, restou clara a necessidade de refinamento do modelo proposto pelo

referido autor. Apresentou-se, então, uma reformulação para o conceito de (re)tradução e elaborou-se uma nova proposta de modelo de (re)tradução. Esse modelo se mostrou relativamente mais complexo que o de Malta (2015), mas ainda assim simples o suficiente para fins de compreensão e comparação com outros processos, como o de tradução e o de pós-edição. Esse modelo, inclusive, permitiu perceber que a orientação *on-line* pode estar presente em todas as fases do processo e que a redação não necessariamente se encerra com a digitação, pela primeira vez, do correspondente ao último caractere do texto-fonte, uma vez que ainda há espaço para a revisão *on-line* antes de se iniciar a revisão final.

Pela análise qualitativa, foi possível observar que, para A14 e P04, o TA não exatamente foi o nexos de todo o processamento, sendo muitas vezes visitado sem que houvesse qualquer produção textual – um resultado divergente daqueles encontrados por Hvelplund (2017), Malta (2015) e Duarte (2016). Provavelmente, o TA é a área para a qual o participante desvia o olhar buscando refletir sobre os insumos e suas possibilidades de textualização, o que, de certa forma, faz do TA um insumo para a produção final. Também foi possível observar que, embora o indivíduo possa reproduzir os conteúdos das traduções prévias, essa reprodução muitas vezes é antecedida por uma busca por produção autoral ou por uma busca pela melhor opção de cópia. Sendo assim, mesmo que o produto pareça uma “cópia”, ele é, na verdade, o resultado de reflexões mais profundas, que passam por orientações e revisões *on-line* (num ritmo cognitivo por vezes errático) que sugerem um constante contraste entre as possibilidades disponíveis e até mesmo por cogitações de produções mais autorais.

Outro achado que se destaca nesta pesquisa se refere à origem do problema tradutório. A dificuldade de se traduzir as MAOIs não adveio da frase preposicional localizada no texto-fonte propriamente dita, mas sim das distintas opções de tradução (e interpretações) que as traduções prévias forneciam. A disponibilidade de duas traduções prévias nos insumos da língua-alvo foi problemática para os participantes, já que foram observadas diversas transições e contrastes entre os insumos. Inclusive, vale sublinhar que T2 (a retradução mais recente e com mais opções “literais”) atraiu mais atenção, enquanto T1 (com opções menos “literais”) demandou mais esforço cognitivo. Disso se depreendem duas conclusões: (i) é preciso ter cuidado com a variável utilizada a depender dos interesses de estudo; e (ii) traduções menos “literais” podem suscitar mais esforço cognitivo até mesmo quando se comparam dois textos na mesma língua-alvo. Em relação à conclusão (i), estudos processuais tendem a entender que variáveis de atenção e de esforço caminham na mesma direção, ou seja, se há maior atenção, necessariamente há maior esforço, e vice-versa (cf. HVELPLUND, 2011, 2017; MALTA, 2015). Contudo, esta tese mostra que não necessariamente isso é verdade. A julgar pela

conclusão (ii), soluções “menos literais” podem suscitar mais esforço cognitivo para processamento e, mesmo assim, não ser o alvo predominante da atenção. Esse resultado pode estar relacionado com a noção de tradução (cf. TIRKKONEN-CONDIT, 2005) e coaduna com os apontamentos de Da Silva (2012) com relação à recepção de traduções mais ou menos metafóricas em relação ao nível de metaforicidade do texto-fonte – no caso, o autor observou que leigos, quando conhecem a língua-fonte e têm acesso ao texto-fonte, tendem, no Brasil, a valorizar mais as traduções “mais literais”.

A ideia de utilizar o modelo de (re)tradução pioneiro de Malta (2015) pautou-se na escassez de pesquisas processuais acerca do comportamento e da tomada de decisão de tradutores diante de uma tarefa de (re)tradução e na necessidade de se testar o desenho experimental em um par linguístico e junto a perfis de participantes diferentes daqueles utilizados pelo autor. Por se tratar de um modelo revisitado a partir de um desenho experimental, este estudo apresenta limitações com relação à (re)tradução enquanto uma atividade situada (cf. MUÑOZ-MARTINS, 2014). Nesse sentido, o leiaute de apresentação dos insumos e de produção do texto-alvo, embora viabilize a realização de um estudo empírico-experimental, configura-se como variável interveniente. Dito isso, é possível que retradutores se atenham, por exemplo, à primeira retradução que encontrarem ou sequer saibam que o encargo tradutório consiste de fato em uma (re)tradução. Subprocessos distintos daqueles aqui capturados podem ser dependentes da forma de trabalho do retradutor, que, sabendo da existência de uma tradução prévia, produz um novo texto de chegada seguindo um projeto tradutório próprio ou diretrizes editoriais. Ademais, vale lembrar que a tarefa de (re)tradução, sobretudo no desenho estipulado para esta pesquisa, consistiu em uma tarefa nova para os participantes. Nesse sentido, tanto os estudantes quanto os profissionais estavam em uma posição de novatos diante do leiaute da tarefa, o que pode ter afetado o comportamento, o ritmo cognitivo e a segmentação textual desses participantes. Diante dessas limitações, uma sugestão para pesquisas futuras é que se investiguem a aplicabilidade e validade do modelo em contextos reais de tradução junto a tradutores experientes em tradução literária, sobretudo no caso de novas traduções de um texto que já fora traduzido para a língua portuguesa.

Ainda levando em consideração o caráter experimental deste estudo, outra limitação consiste na falta de análise e avaliação de questões mais amplas, como o uso de apoio externo (*e.g.*, dicionário, internet, textos paralelos), e de outras possibilidades cognitivas (*e.g.*, conhecimento prévio, bagagem cultural dos participantes). Ainda no que se refere às limitações deste estudo, observou-se que os protocolos retrospectivos não foram suficientemente elucidativos, evidenciando a necessidade de um aperfeiçoamento na conduta



dos protocolos guiados já que eles não dispunham de informações específicas que justificassem as decisões dos participantes. Essa condução de coleta dos protocolos poderia ocorrer com a elaboração de um estudo-piloto, que poderia presumir o problema/dificuldade dos participantes, assim antecipando o que pudesse acontecer durante o processo. Com base nesse estudo-piloto, seria possível direcionar as perguntas de forma que os participantes respondessem a questões que não foram abordadas no relato livre nem no guiado. Outra opção seria utilizar a função *live view* do *software* Tobii Studio©, na qual o pesquisador acompanha todo o processo do tradutor em outra máquina. Como cada participante executa a tarefa de forma única, o pesquisador poderia direcionar perguntas específicas para cada caso.

# REFERÊNCIAS

ALVES, F. A formação de tradutores a partir de uma abordagem cognitiva: reflexões de um projeto de ensino. **TradTerm**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 19-40, 1997.

ALVES, F. Unidades de tradução: o que são e como operá-las. *In*: ALVES, F.; MAGALHÃES, C. M., PAGANO, A. S. **Traduzir com autonomia**: estratégias para o tradutor em formação. São Paulo: Contexto, 2000. p. 29-38.

ALVES, F. Ritmo cognitivo, meta-função e experiência: parâmetros de análise processual no desempenho de tradutores novatos e experientes. *In*: ALVES, F.; MAGALHÃES, C. M.; PAGANO, A. (Org.). **Competência em tradução**: cognição e discurso. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p. 109-169.

ALVES, F. Towards an investigation of reading modalities in/for translation: an exploratory study using eye-tracking data. *In*: O'BRIEN, S. **Cognitive explorations of translation**. Londres/Nova York: Continuum, 2011. p. 175-191.

ALVES, F.; BUCHWEITZ, A. **Cognitive Adaptation in Translation**: an interface between language direction, time, and recursiveness in target text production. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 241 – 272, jun. 2006. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/601/432> Acesso em: 17 set. 2018.

ALVES, F.; GONÇALVES, J.L.V.R. A Relevance Theory approach to the investigation of inferential processes in translation. *In*: ALVES, F. (Ed.). **Triangulating translation: perspectives in process oriented research**. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 3-24.

ALVES, F.; PAGANO, A.; DA SILVA, I. A. L. A new window on translators' cognitive activity: methodological issues in the combined use of eye tracking, key logging and retrospective protocols *In*: MEES, I.; ALVES, F.; GOPFERICH, S. (Ed.) **Methodology, technology and innovation in translation process research**: a tribute to Arnt Lykke. Copenhagen: Samfundslitteratur, 2009. p. 267-292

ALVES, F.; PAGANO, A. S.; DA SILVA, I.A.L. Effortful text production in translation: A study of grammatical (de)metaphorization drawing on product and process data. **Translation and Interpreting Studies**, v. 9, p. 25-51, 2014.

ALVES, F.; PAGANO, A.; DA SILVA, I. A. L. Evidence of de-metaphorization in target text unfolding. *In*: KUNZ, K.; TEICH, E.; HANSEN-SCHIRRA, S.; NEUMANN, S.; DAUT, P. (Ed.) **Caught in the Middle**: Language use and translation. A Festschrift for Erich Steiner on the Occasion of his 60th Birthday. Saarbrücken: Universitätsverlag des Saarlandes, 2014. p. 5-24.

ALVES, F.; GONÇALVES, J. L.; SZPAK. Some thoughts about the conceptual/procedural distinction in translation: a key-logging an eye-tracking study of processing effort. **MonTI Special Issue**: Minding translation, p. 152-175, 2014.

AMARAL, V. A. Broadening the notion of retranslation. **Cad. Trad.** [online]. v. 39, n. 1, p. 239-259, jan-abr. 2019. Doi: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2019v39n1p239>.

AUSTEN, J. **Emma**. Londres: John Murray, 1815.

- AUSTEN, J. **Emma**. Tradução de: Doris Goettems. São Paulo: Landmark, 2011.
- AUSTEN, J. **Emma**. Tradução de: Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- BAKER, M. Towards a methodology for investigating the style of literary translator. **Target**, v. 12, 2000. p. 241-266. doi:10.1075/targe.12.2.04bak.
- BENSIMON, P. Présentation. **Palimpsestes**, Paris, n. 4, p. IX-XIII, 1990.
- BERMAN, A. La retraduction comme espace de la traduction. **Palimpsestes**, [s.l.], n. 4, p. 1-7, 1 set. 1990. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/palimpsestes.596>. Disponível em: <http://journals.openedition.org/palimpsestes/596> Acesso em: 17 set. 2018.
- BERMAN, A. **Tradução e a letra ou o Albergue do longínquo**. Trad. de Marie-Helène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/ PGET, 2007.
- BLOOM, H. **The anxiety of influence: a theory of poetry**. New York: Oxford University Press, 1973.
- BOTTMANN, D. Irmãs Brontë, Katherine Mansfield e Virginia Woolf: **Um século de traduções no Brasil**. 2020. Disponível em: [https://www.academia.edu/42299479/Irm%C3%AAs\\_Bront%C3%AB\\_Katherine\\_Mansfield\\_e\\_Virginia\\_Woolf?auto=download](https://www.academia.edu/42299479/Irm%C3%AAs_Bront%C3%AB_Katherine_Mansfield_e_Virginia_Woolf?auto=download). Acesso em: 05/04/2020.
- BROWNLIE, S. Narrative theory and retranslation theory. **Across Languages and Culture**, v. 7, p. 140-170, 2006.
- CARL, M.; DRAGSTED, B. Inside the Monitor Model: Processes of Default and Challenged Translation Production. **Translation: Computation, Corpora, Cognition, Copenhagen**, v. 2, n. 1, p. 127-145, 2012.
- CASTRO, R. A. **Desenvolvimento, Implementação e Tese de Ferramentas Integradas para Análise Textual de Dados em Pesquisas Linguísticas**. 2016. 122f. Dissertação (Mestrado)- – Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: [http://www.poslin.letras.ufmg.br/diss\\_defesas\\_detalhes.php?aluno=1741](http://www.poslin.letras.ufmg.br/diss_defesas_detalhes.php?aluno=1741). Acesso em: 15 de mar. 2020.
- CATFORD, J. C. **A linguistic theory of translation**. Oxford: Oxford University, 1965.
- CATFORD, J. C. **Uma teoria linguística da tradução: um ensaio de linguística aplicada**. São Paulo: Cultrix, 1980.
- CHESTERMAN, A. A casual model for translation studies. In: OLOHAN, M. (Ed.). **Intercultural faultlines**. Manchester: St. Jerome, 2000. p. 15-27.
- CHEVREL, Y. Introduction: la retraduction – *und kein Ende*. In: KAHN, R.; SETH, C. **La retraduction**. Havre: Publications des Universités de Rouen et du Havre, 2010. p. 11-20.

CHI, M. T. H. Two approaches to the study of experts' characteristics. *In*: ERICSSON, K. A.; CHARNES, N.; FELTOVICH, P. J.; HOFFMAN, R. R. **The Cambridge handbook of expertise and expert performance**. Cambridge: CUP, 2006. p. 21-30.

DA SILVA, I. A. L. **Conhecimento Experto em Tradução**: aferição da durabilidade de tarefas tradutórias realizadas por sujeitos não-tradutores em condições empírico-experimentais. 273f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Belo Horizonte: FALE: Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

DA SILVA, I. A. L. **(Des)compactação de significados e esforço cognitivo no processo tradutório: um estudo da metáfora gramatical na construção do texto traduzido**. 277 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Belo Horizonte: FALE: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

DA SILVA, I. A. L. On a more robust approach to triangulating retrospective protocols. *In*: Ferreira, Aline; Schwieter, John W. (Org.). **Benjamins Translation Library**. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2015. p. 175-201.

DA SILVA, I. A. L. Translation, expert performance, and cognition. *In*: ALVES, F.; JAKOBSEN, A. L. **The Routledge handbook of translation and cognition**. New York: Routledge, 2020. Ebook.

DA SILVA, I. A. L.; LIPARINI CAMPOS, T. L. A pesquisa do processo tradutório: um olhar sobre o passado e para o futuro – uma entrevista com o prof. Dr. Arnt Lykke Jakobsen. **Revista Graphos**, ed. especial p. 242-269, maio 2018.

DA SILVA, I. A. L.; PAGANO, A. Cognitive effort and explicitation in Translation tasks. *In*: HANSEN-SCHIRRA, S.; CZULO, O.; HOFMAN, S. (Org.) **Empirical modelling of Translation and interpreting**. Berlin: Language Science Press, 2017. p. 155-175.

DASTJERDI, H. V.; MOHAMMADI, A. Revisiting retranslation hypothesis: a comparative analysis of stylistic features in the Persian retranslations of *Pride and Prejudice*. **Open Journal of Modern Linguistics**, v. 3, n. 3, p. 174-181, 2013.

DEANE, S. L. **Confronting the retranslation hypothesis**: flaubert and sand in the British literary system. 308 f. Tese (Doutorado) – University of Edinburgh, Edimburgo, 2011.

DEANE-COX, S. **Retranslation**: translation literature and reinterpretation. Bloomsbury: [s.e.], 2014.

DESMIT, I. (Re)translation revisited. **Meta: Journal des Traducteurs**, v. 54, n. 4, p. 669-683, 2009.

DRAGSTED, B. **Segmentation in translation and translation memory systems**: an empirical investigation of cognitive segmentation and effects of integrating a TM system into the translation process. 305 f. Tese (Doutorado), Copenhagen Business School. Copenhagen: Samfundslitteratur, 2004.

DUARTE, L. M. Alocação de esforço cognitivo em uma tarefa de (re)tradução: **estudo sobre desempenho no par linguístico francês-português**. 2016. 145 f. Dissertação (Mestrado) –

Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/b>.

DU-NOUR, M. Retranslations of children's books as evidence of changes of norms. **Target**, v. 7, n. 2, p. 327-346, 1995.

ERICSSON, K. A.; CHARNESS, N. Cognitive and developmental factors in expert performance. In: FELTOVICH, P.; FORD, K. M.; HOFFMAN, R. R. (Ed.). **Expertise in context: human and machine**. Cambridge: MIT Press, 1997. p. 3-47.

FIGUEREDO, G. P. **Uma descrição sistêmico-funcional da estrutura do grupo nominal em português orientada para os estudos linguísticos da tradução**. 2007. 292 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: [http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/MGSS-77ZJ7W/disserta\\_\\_o\\_giacomo\\_corrigida.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/MGSS-77ZJ7W/disserta__o_giacomo_corrigida.pdf?sequence=1). Acesso em: 21 set. 2017.

FONSECA, N. B. L. Pós-edição monolíngue: **uma análise de indicadores de dispêndio de esforço temporal, técnico e cognitivo**. 2016. 205 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

GAMBIER, Y. La retraduction, re tour et tour. **Meta: Journal des Traducteurs**, Montreal, v. 39, p. 413-417, 1994.

GAMBIER, Y. La retraduction: ambiguïtés et défis. In: MONTI, E.; SCHNYDER, P. (Org.) **Autour de la retraduction**. Paris: Orizons, p. 49-67, 2012.

GIANNOTTO, E. C. **Uso de rastreamento ocular na avaliação da experiência do teleusuário de TV interativa**. 290 f. 2009. Dissertação (Mestrado em Engenharia Elétrica) – Escola Politécnica, Universidade de São Paulo, 2009.

GIANNOTTO, E. C. **Uso de rastreamento ocular na avaliação da experiência do teleusuário de TV interativa**. 2009. 290 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Engenharia Elétrica, Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, São Paulo 2009. Disponível em: [www.teses.usp.br/teses/disponiveis/3/3141/tde-15042009-151212/.../dissertacao.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/3/3141/tde-15042009-151212/.../dissertacao.pdf). Acesso em: 21 set. 2018.

GONÇALVES, J. L. V. R. Pesquisas empírico experimentais em tradução: protocolos verbais. In: PAGANO, A. (Org.). **Metodologias de Pesquisa em Tradução**. Belo Horizonte: FALÉ – UFMG, 2001. p. 13-40. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/site/e-livros/Metodologia%20de%20Pesquisa%20em%20Tradu%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 21 set. 2018.

GOTELIPE, B.; ALVES, F. **Processos de revisão e sua interface com sistemas de memória de tradução**. 2007. 109f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

GÜLSÜM, C.; KARADAĞ, A. B. Retranslations of Faulkner's sanctuary in Turkish literature. **Advances in Language and Literary Studies**, v. 9, n. 3, p. 173-184, jun. 2018. <https://www.journals.aiac.org.au/index.php/all/article/view/4533/3504>.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An introduction to functional grammar**. 3. ed. London: Hodder Education, 2004.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Halliday's introduction to functional grammar**. 4. ed. Oxford: Routledge, 2014.

HOLMES, J. S. The name and nature of translation studies. *In*: VENUTI, L. **The translation studies reader**. New York: Routledge, 2004 [1972]. p. 66-80

HVELPLUND, K. T. **Allocation of cognitive resources in translation: an eye-tracking and key-logging study**. 2011. 276 f. Tese (Doutorado em International Language Studies and Computational Linguistics) – Department Of International Language Studies and Computational Linguistics, Copenhagen Business School, Copenhagen, 2011. Disponível em: [http://openarchive.cbs.dk/bitstream/handle/10398/8314/Kristian\\_T\\_Hvelplund\\_SL.pdf?sequence=1](http://openarchive.cbs.dk/bitstream/handle/10398/8314/Kristian_T_Hvelplund_SL.pdf?sequence=1) Acesso em: 17 set. 2018.

HVELPLUND, K. T. Eye tracking and the translation process: reflections on the analysis and interpretation of eye tracking data. **Minding Translation – MonTI**, Alicante, Special Issue 1, p. 201-223, 2014.

HVELPLUND, K. T. Four fundamental types of reading during translation. *In*: JAKOBSEN, A. L.; MESA-LAO, B. (Ed.). **Translation in transition**. Amsterdã: John Benjamins, 2015. p. 29-51.

HVELPLUND, K. T. Eye tracking and the process of dubbing translation. *In*: DÍAZ-CINTAS, J.; NIKOLI, K. (Ed.). **New pursuits in audiovisual translation**. London: Multilingual Matters, 2017. p. 1-13.

IVIR, V. Formal correspondence vs. translation equivalence revisited. *In*: EVEN-ZOHAR, I.; TOURY, G. (Ed.). **Theory of translation and intercultural relations**. Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and Semiotics, 1981. p. 51-59.

JAKOBSEN, A. L. Logging target text production with Translog. *In*: HANSEN, G. (Ed.). **Probing the process in translation: methods and results**. Copenhagen: Samfundslitteratur, 1999. p. 9-20.

JAKOBSEN, A. L. Translation drafting by professional translators and by translation students. *In*: HANSEN, G. (Ed.). **Empirical translation studies: process and product**. Copenhagen: Samfundslitteratur, 2002. p. 191-204

JAKOBSEN, A. L.; JENSEN, K. T. H. Eye movement behavior. **Copenhagen Studies in Language**, v. 36, p. 103-124, 2008.

JAKOBSEN, A. L.; SCHOU, L. Translog documentation. *In*: HANSEN, G. (Ed.). **Probing the process in translation: methods and results**. Copenhagen: Samfundslitteratur, 1999. p. 1-36.

JUST, M. A.; CARPENTER, P. A. A theory of reading: from eye fixations to comprehension. **Psychological Review**, v. 87, p. 329-354, 1980.

KITANOVSKA-KIMOVSKA, S. The retranslation hypothesis revisited: Shakespeare's Hamlet in Macedonian. **HORIZON S.A.**, v. 21. p. 201-211, 2017. Doi: 10.20544/HORIZONS.A.21.2.17.P17. 2017.

KOGLIN, A. **Efeitos cognitivos e esforço de processamento de metáforas em tarefas de pós-edição e de tradução humana**: uma investigação processual à luz da teoria da relevância. 2015. 182 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

KRINGS, H. P. **Was in den Köpfen von Übersetzern vorgeht**. Eine empirische Untersuchung zur Struktur des Übersetzungsprozesses an fortgeschrittenen Französischlernern. Tübingen: Narr, 1986.

KUJAMÄKI, P. Finnish Comet in German Skies: Translation, retranslation and norms. **Target**, v. 13, n. 1, p. 43-71, 2001.

KUJAMAKI, P. **Deutsche Stimmen der Sieben Bruder**: Ideologie, Poetik und Funktionen literarischer Übersetzung. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1998.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LEFEVERE, A. **Translation, rewriting, and the manipulation of literary fame**. London: Routledge, 1992.

MACHADO, I. T. **Processos de orientação inicial e em tempo real e sua interface com sistemas de memória de tradução**. 2007. 106f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

MALTA, G. **O processamento cognitivo em tarefas de (re)tradução: um estudo baseado em rastreamento ocular, registro de teclado e mouse e protocolos retrospectivos**. 2015. 251 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/b>.

MALTA, G. El concepto de (re)traducción bajo el abordaje procesual: Un estudio empírico-experimental basado en datos de registro de teclado y ratón. **Mutatis Mutandis**, v. 10, n. 2, p. 195-228, 2017.

MALTA, G.; FONTES, C. S.; DA SILVA, I. A. L. (Re)translation from a process-oriented approach. **Cad. Trad.** [online]. v. 39, n. 1, p. 191-215, 2019. Doi: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2019v39n1p191>.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. The environments of translation. *In*: STEINER, E.; YALLOP, C. (Ed.). **Exploring translation and multilingual text production**: beyond content. Berlin: Mouton de Gruyter, 2001. p. 41-124.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. Descriptive motifs and generalizations. *In*: CAFFAREL, A.; MARTIN, J.; MATTHIESSEN, C. (Ed.) **Lang usage typology**: a functional perspective. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2004.



MATTOS, T.; FALEIROS, A.. A noção de retradução nos estudos da tradução: um percurso teórico. **Letras raras**, v. 3, n. 2, 35-57, 2014. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/307/241>. Acesso em: 15 mar. 2020.

MONTI, E. La retraduction, un état des lieux. *In*: MONTI, E.; SCHNYDER, P. (Org.). **Autour de la retraduction**. Paris: Orizons, 2012. p. 9-29.

MUÑOZ-MARTÍN, R. Situating expertise in Translation. *In*: SCHWIETER, J. W.; FERREIRA, A. (Ed.), **The development of translation competence: Theories and methodologies from psycholinguistics and cognitive science**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2014. p. 2-56.

O'BRIEN, S. Pauses as indicators of cognitive effort in post-editing machine translation output. **Across languages and cultures**, v. 7, n. 1, p. 1-21, 2006.

O'BRIEN, S. Eye tracking in translation process research: methodological challenges and solutions. *In*: MEES, I. M.; ALVES, F.; GOPFERICH, S. (Ed.). **Methodology, technology and innovation in translation process research: a tribute to Arnt Lykke Jakobsen**. Copenhagen: Samfundslitteratur, 2009. p. 251-266.

O'BRIEN, Sharon. **Controlled language and readability**. Amsterdam: John Benjamins, 2010. p. 143-165. Doi: <http://dx.doi.org/10.1075/ata.xv.08obr>.

O'DRISCOLL, K. **Around the world in eighty changes: a diachronic study of the multiple causality of six complete translations (1873-2004), from French to English, of Jules Verne's novel**. 2009. Tese (Doutorado em Filosofia). School of Applied Language and Intercultural Studies (SALIS), Faculty of Humanities and Social Sciences, Dublin City University, Dublin, 2009.

PACTE. Exploratory tests in a study of translation competence. **Conference Interpretation and Translation**, v. 4, n. 2, p. 41-69, 2002.

PACTE. Investigating Translation Competence: Conceptual and Methodological Issues. **Meta: Journal des traducteurs**, [s.l.], v. 50, n. 2, p. 609-619, 2005a. Doi: <http://dx.doi.org/10.7202/011004ar>.

PACTE. Primeros resultados de un experimento sobre la Competencia Traductora. *In*: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA AIETI, 2. **Actas...** Madrid: Publicaciones de la Universidad Pontificia Comillas, 2005b. p. 573- 587. CD-ROM.

PACTE. Results of the validation of the PACTE translation competence model: translation project and dynamic translation index. *In*: O'BRIEN, S. (Ed.). **Cognitive Explorations of Translation**. Londres: Continuum, 2011. p. 30-53.

PAGANO, A.; DA SILVA, I. Text Segmentation and Task Representation as Indicators of Translator's Performance: Insights from Translation Process Research. *In*: INTERNATIONAL CONFERENCE ON TRANSLATION AND INTERPRETATION, 1., Bangkok **Proceedings....** Bangkok: Chulalongkorn University, 2010. p. 117-122.

PAGANO, A. S.; DA SILVA, I. A. L. Domain knowledge in translation task execution: insights from academic researchers performing as translators. *In*: WORLD CONGRESS

INTERNATIONAL FEDERATION OF TRANSLATORS, 18, 2008, Shanghai. **Proceedings...** Shanghai: Foreign Language Press, 2008. CD-ROM.

PALOPOSKI, O.; KOSKINEN, A. Reprocessing texts: the fine line between retranslating and revising. **Across Languages and Cultures**, v. 11, n. 1, p. 29-49, 2010.

PALOPOSKI, O.; KOSKINEN, A. Revisiting retranslation. *In*: HANSEN, G.; MALMKJAER, K.; GILE, D. **Claims, changes and challenges in translation studies**: selected contributions from the EST Congress. Amsterdã: John Benjamins, 2001. p. 27-38.

PAVLOVIĆ, N.; JENSEN, K. T. H. Eye tracking translation directionality. *In*: PYM, A.; PEREKRESTENKO, A. (Ed.). **Translation Research Projects 2**. Tarragona: Intercultural Studies Group, 2009. p. 93-109.

PYM, A. **Method in translation history**. Manchester: St. Jerome, 1998.

PYM, A. Redefining translation competence in an electronic age. In defense of a minimalist approach. **Meta: Journal des traducteurs**, v. 48, p. 481, 2003. Doi: 10.7202/008533ar.

RAND, W.; WILENSKY, U. Verification and validation through replication: a case study using Axelrod and Hammond's ethnocentrism model. *In*: NAACSOS, Notre Dame University, South Bend, 21-23 jun. 2006. **Proceedings...** South Bend: [s.l.], 2006. Disponível em: <https://ccl.northwestern.edu/2006/naacos2006.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2020.

RAYNER, K. Eye movements in reading and information processing: 20 years of research. **Psychological Bulletin**, v. 124, p. 372-422, 1998.

SEKINO, K. **Investigando processos de pós-edição e de tradução**: uma análise cognitivo-pragmática da relação esforço-efeito no par linguístico japonês-português. 2015. 194 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

SHREVE, G. M. The deliberate practice: translation and expertise. *In*: INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON NEW HORIZONS IN THEORETICAL TRANSLATION STUDIES, 2005, Hong Kong. **Proceedings...** Hong Kong: Chinese University of Hong Kong Press, 2006. p. 154-162.

SJØRUP, A. C. Cognitive Effort in metaphor translation: an eye-tracking study. *In*: O'BRIEN, S. (Ed.), **Cognitive explorations of translation**. London: Bloomsbury Academic, 2011. p. 197-214.

SJØRUP, A. C. **Cognitive effort in metaphor translation**: an eye-tracking and key-logging study. 2013. 264 f. Tese (Doutorado em Language And Culture), Copenhagen Business School, Copenhagen, 2013. Disponível em: [http://openarchive.cbs.dk/bitstream/handle/10398/8698/Annette\\_Camilla\\_Sj%C3%B8rup.pdf?sequence=1](http://openarchive.cbs.dk/bitstream/handle/10398/8698/Annette_Camilla_Sj%C3%B8rup.pdf?sequence=1). Acesso em: 21 set. 2018.

SKIBINSKA, E. La retraduction, manifestation de la subjectivité du traducteur. **Doletiana: Revista de traducció, literatura i arts**, Barcelona, n. 1, p. 1-10, 2007.

SUSAN-SARAJEVA, S. Multiple visa to travelling theory: retranslation of literary and cultural theories. **Target, International Journal of Translations studies**, v. 15, n. 1, p. 1-36, 2003.

TAHİR-GÜRÇAĞLAR, S. Retranslation. *In*: BAKER, M.; SALDANHA, G. **Routledge encyclopedia of translation studies**. 2. ed. Nova York: Routledge, 2009. p. 233-236.

TIRKKONEN-CONDIT, S. The monitor model revisited: evidence from process research. **Meta**, v. 50, n. 2, p. 405-414, 2005.

TYMOCZKO, M. Post-colonial writing and literary translation. *In*: BASSNETT, S.; TRIVEDI, H. (Ed.). **Post-colonial translation. Theory and practice**. London/NewYork: Routledge, 1999. p. 19-40.

VENUTI, L. Retranslations: the creation of value. **Bucknell Review**, v. 47, n. 1, p. 25-38, 2004.

WEINGARTEN, E.; CHEN, Q.; MCADAMS, M.; YI, J.; HEPLER, J.; ALBARRACÍN, D. "From primed concepts to action: A meta-analysis of the behavioral effects of incidentally presented words". **Psychological Bulletin**, v. 142, n. 5, p. 472-97, 2016.

WIDMAN, J. **A hipótese da retradução pelas modalidades tradutórias, nas traduções para a língua inglesa de A Paixão Segundo G.H.** 2016. 120f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

# ANEXOS

## Anexo A - Questionário de Perfil de Participantes

Questionário para levantamento do perfil acadêmico, linguístico e profissional do participante.

### \*Obrigatório

Nome completo\*

Sua resposta

### DADOS PESSOAIS

Sexo\*

- Feminino
- Masculino

E-mail\*

Sua resposta

Telefone para contato\*

Sua resposta

Ano de nascimento\*

Sua resposta

Você é\*

- Destro
- Canhoto
- Ambidestro

### 1- VISÃO

1.1 - Sua visão foi corrigida por cirurgia?

- Sim
- Não

1.2 - Você está usando alguma lente corretiva agora?

- Sim
- Não

1.3 - Você está usando óculos agora?

- Sim
- Não

1.4 - Qual é a cor aproximada dos seus olhos?

- Azul
- Castanho
- Preto
- Verde
- Cinza

## 2- PERFIL ACADÊMICO

2.1 - Você está matriculado em algum curso universitário?

- Sim
- Não (Passe para a pergunta 2.4)

2.2 - Em qual curso e habilitação?

Sua resposta

2.3 - Em qual instituição?

Sua resposta

2.4 - Tem bacharelado, licenciatura ou grau equivalente?

- Sim
- Não (Passe para a pergunta 2.7)

2.5 - Em qual(is) curso(s) e habilitação(ões)?

Sua resposta

2.6 - Em qual(is) instituição(ões)?

Sua resposta

2.7 - Você fez especialização(ões) ou está cursando?

- Sim
- Não (passe para a pergunta 2.10)

2.8 - Em qual(is) curso(s)?

Sua resposta

2.9 - Em qual(is) instituição(ões)?

Sua resposta

2.10 - Você tem mestrado ou está cursando?

- Sim
- Não (passe para a pergunta 2.13)

2.11 - Em qual(is) área(s)?

Sua resposta

2.12 - Em qual(s) instituição(ões)?

Sua resposta

2.13 - Você tem doutorado ou está cursando?

- Sim
- Não (passe para a pergunta 2.16)

2.14 - Em qual(is) área(s)?

Sua resposta

2.15 - Em qual(is) instituição(ões)?

Sua resposta

2.16 - Você está cursando ou já cursou alguma disciplina da área de tradução?

- Sim
- Não

### 3- PERFIL LINGUÍSTICO

3.1 - Qual é a sua L1?\*

L1: língua materna e/ou língua(s) adquirida(s) na infância e de uso regular

Sua resposta

3.2 - Qual é sua L2?\*

L2: Língua adquirida a partir da adolescência usada em contextos distintos com regularidade (trabalho, estudo, etc.)

Sua resposta

3.3 - Como você avalia seu nível de proficiência na sua L2?\*

Compreensão	Nenhuma proficiência	Proficiência Elementar	Proficiência profissional limitada	Proficiência profissional	Proficiência profissional plena	Proficiência nativa ou bilíngue
Auditiva	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Escrita	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fala	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Leitura	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

3.4 - Você possui certificado(s) de proficiência em alguma L2? Se sim, especifique:\*

Sua resposta

### 4- PERFIL PROFISSIONAL

4.1 - Você tem experiência no ensino de alguma L2?\*

- Sim
- Não

4.2 - Se sim, a quanto tempo?

Sua resposta

4.3 - Qual é a sua experiência em tradução?\*

- Nenhuma
- Menos de 1 ano
- De 1 a 2 anos
- De 2 a 4 anos
- De 4 a 6 anos
- De 6 a 10 anos
- Mais de 10 anos

4.4 - Com que frequência você faz traduções?

- Nenhuma
- Até 10 horas por semana
- De 10 a 20 horas por semana
- De 20 a 30 horas por semana
- De 30 a 40 horas por semana
- Mais de 40 horas por semana

4.5 - Que porcentagem de sua renda advém da prestação de serviços de tradução?

- Nenhuma
- Menos de 10%
- De 11% a 30%
- De 31% a 50%
- De 51% a 70%
- De 71% a 100%

4.6 - Que tipo de tradução você geralmente faz? Marque todas as opções aplicáveis.\*

- Nenhuma
- Tradução literária
- Tradução técnica
- Tradução acadêmica
- Tradução audiovisual
- Outro:

4.7 - Você ministra ou já ministrou disciplinas da área de tradução em algum nível? Marque todas as opções aplicáveis.\*

- Não
- Sim, na graduação
- Sim, na especialização
- Sim, no mestrado
- Sim, no doutorado



## **Anexo B – Roteiro de Perguntas do Protocolo Guiado**

### Sobre a tarefa

- 1- O que você achou da tarefa de traduzir um texto que já estava traduzido?
- 2- A visualização de todos os textos na tela do monitor foi tranquila? Alguma coisa atrapalhou ou confundiu você?

### Sobre os textos em sentido global

- 1- Em que partes do texto original as traduções ajudaram você a elaborar a nova tradução?
- 2- Em que partes você preferiu optar por uma nova alternativa não existente nas traduções?
- 3- Qual das duas traduções foi mais utilizada por você?

### Sobre aspectos pontuais do texto

- 1- Em “with a comfortable home and happy disposition”, você optou por interpretar “home” no sentido da casa ou da família da protagonista? Por que?
- 2- Como você resolveu a tradução de “the youngest of the two daughters of a most affectionate, indulgent father” tendo em vista que uma das traduções tinha “a menor” e a outra “a mais jovem” e, ainda, um dos tradutores optou por “**de um** pai” e a outra por “**do** mais afetuoso e indulgente dos pais”?
- 3- Como você traduziu “mistress of **his** house”? Por que você optou por essa tradução?
- 4- No original, “from a very early period” aparece no final da frase, mas nas traduções uma delas coloca esse trecho no início a oração e a outra no final. Por qual posição você optou? Por que?
- 5- No trecho final, como você traduziu “caresses”? por que você optou por essa tradução? E como você entende “indistinct remembrance”? Como você traduziu e porque optou por essa tradução?

### **Anexo C – Critérios para Padronização de Transcrições de Protocolos Retrospectivos**

1. Não colocar títulos no texto, como, por exemplo, “Protocolo Retrospectivo Guiado”.
2. Não deixar espaços entre linhas no texto da transcrição.
3. Utilizar aspas simples, não curvas.
4. Retirar sinais de pontuação, como, por exemplo, reticências.
5. Identificar os participantes como: <Entrevistador> e <Entrevistado> sempre entre parênteses angulares <>.
6. Não colocar etiquetas no meio do texto, sem espaço entre elas, como, por exemplo, "<i>diabetes</i>".
7. Não deixar espaços extras, como, por exemplo no seguinte trecho "<i>tira de teste</i>".
8. Colocar as indicações de “Pausa, Incompreensível, Risos, Interrupção, Sobreposição” etc... com a inicial maiúscula e entre parênteses angulares. Além disso, com espaços entre elas e as palavras do texto.
9. Não deixar resquícios de linguagem informal como, por exemplo, “né!, cê, tá, tô, pra, num, vê”, etc... substituí-los por: “não é!, você, está, estou, para, não, ver” etc...
10. Indicar onomatopeias como a seguir: “éh!, hã?, humrum, hamram, hum”, etc...
11. Colocar entre aspas simples os trechos contendo palavras e/ou trechos em outras línguas e citações em português.
12. Substituir trechos em outras línguas e citações em português por CITACAOINGLES ou CITACAOPORTUGUES, retirando as aspas simples, caso necessite processar no R.

(Critérios baseados em CASTRO, 2016)

## Anexo D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS  
LINGÜÍSTICOS - FALE LABORATÓRIO  
EXPERIMENTAL DE TRADUÇÃO - LETRA**

**Título da pesquisa: Fluxo de processamento e distribuição de atenção em tarefas retradutórias: um estudo conduzido com o auxílio de rastreamento ocular.**

Este termo de consentimento livre e esclarecido pode conter palavras que você não entenda. Peça ao(a) pesquisador(a) que explique as palavras ou informações não compreendidas completamente.

### 1. Do convite

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada **Fluxo de processamento e distribuição de atenção em tarefas retradutórias: um estudo conduzido com o auxílio de rastreamento ocular**. Se decidir participar desta pesquisa, é importante que leia as informações contidas neste documento a respeito do estudo e do seu papel nesta pesquisa. Sua participação não é obrigatória, e, a qualquer momento, você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação como(a) pesquisador(a) ou com a Universidade Federal de Minas Gerais. É preciso entender a natureza e os riscos da sua participação e dar o seu consentimento livre e esclarecido por escrito ao final deste documento. Você poderá fazer todas as perguntas que precisar para entender os objetivos da pesquisa, esclarecer dúvidas acerca dos riscos, dos benefícios e quaisquer outras questões. São lhe garantidos esclarecimentos, antes e durante o curso da pesquisa, sobre a metodologia. Você receberá uma cópia fidedigna deste termo na qual constam informações relativas à pesquisa bem como o telefone e endereço do(a) pesquisador(a) responsável (cf. seção 2), por meio dos quais poderá entrar em contato para dirimir quaisquer dúvidas do projeto e de sua participação.

### 2. Dos pesquisadores e patrocinadores envolvidos:

Esta pesquisa conta como fomento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processo número 307964/2011-6, e tem como pesquisador responsável o Prof. Dr. Fabio Alves, Professor Titular da Faculdade de Letras. Seu endereço é Av. Antônio Carlos, 6627 – Pampulha – CEP: 31270-901 – Belo Horizonte/MG – Telefone: +55 (31) 3499-6095.

Os pesquisadores participantes desta pesquisa são: Profa. Dra. Adriana Silvina Pagano, Karina Sarto Szpak (doutoranda), Norma B. de Lima Fonseca (doutoranda), Cristiane Silva Fontes (doutoranda), Luana Marino Duarte (mestranda), Cristiane Condé (graduanda), Vanessa Teixeira de Avelar (graduanda), Maria Cecília Faria (graduanda). Oportunamente, outros estudantes de graduação e pós graduação poderão se incorporar à equipe do projeto e terão seus dados devidamente informados ao COEP.

### 3. Do objetivo e da justificativa

Objetivo deste estudo é mapear o perfil de pós-editores com alto grau de desempenho, com vistas à caracterização desses perfis de sujeitos, observando-se, em particular, o papel do conhecimento de domínio. Os resultados desta pesquisa fornecerão subsídios para o avanço das discussões sobre representações da aquisição da competência em pós-edição e sua possível modelagem para efeitos de desenvolvimento de aplicações computacionais visando ao conhecimento experto.

### 4. Dos procedimentos de coleta

Se concordar em participar deste estudo, será solicitado o preenchimento de um questionário prospectivo abordando dados pessoais, acadêmicos e profissionais e a realização de tarefas de tradução e/ou pós-edição bilíngue ou monolíngue, cuja ordem de execução será determinada aleatoriamente. Nesse sentido, será solicitado que faça a tradução e/ou pós-edição de textos que tenham sido traduzidos por sistemas de tradução automática. Entende-se por pós-edição o processo de intervenção do tradutor humano em textos traduzidos automaticamente por computador, incluindo todas as intervenções feitas, como exclusões, acréscimos e substituições. Todas as traduções automáticas terão o português brasileiro como língua de chegada. As línguas de partida serão alemão, chinês, espanhol, inglês e japonês. Ao final de cada tarefa, serão feitas algumas perguntas sobre as atividades realizadas. O processo de pós-edição será rastreado por meio de *softwares* não invasivos que fornecerão informações sobre movimentos

oculares (Rastreador Ocular Tobii T60©) e movimentos de teclado e mouse (Translog II). Todo o material coletado será catalogado com número de referência, preservando-se a confidencialidade de seus dados pessoais, e será analisado de acordo com os fundamentos teóricos e os métodos de análise desta pesquisa.

#### 5. Dos desconfortos e riscos possíveis

A coleta de dados será realizada na sala 3051C, sede do Laboratório Experimental em Tradução (LETRA) da Faculdade de Letras da UFMG. O local garante condições de trabalho seguras e tranquilas. Não há quaisquer riscos à sua integridade física ou emocional. Salienta-se, no entanto, que esta pesquisa será realizada somente se você sentir em boas condições físicas e emocionais para realizar todas as atividades solicitadas. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP/UFMG) será informado de todos os fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo.

#### 6. Dos benefícios esperados

A pesquisa poderá ou não trazer-lhe benefícios com relação a tarefas de tradução e de pós-edição. Contudo, as informações obtidas por meio deste estudo serão relevantes para a compreensão do processo de tradução e de pós-edição.

#### 7. Dos custos e reembolsos para o participante

Não haverá nenhum gasto com sua participação. Sua participação é voluntária e espontânea.

#### 8. Da confidencialidade da pesquisa.

Será garantido sigilo absoluto para assegurar a privacidade de todos os sujeitos participantes quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. Entretanto, o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais pode precisar consultar seus registros, e somente sob requisição você poderá ser identificado. Contudo, você não será identificado quando o material de seu registro for utilizado, seja para propósitos de publicação científica ou educativa. Assim, ao assinar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, você autoriza as inspeções em seus registros.

#### 9. Da declaração de consentimento livre e esclarecido

Eu, .....,  
 RG ....., CPF ....., declaro que tive tempo suficiente para ler e entender as informações acima. Declaro também que fui devidamente informado(a) pelo(a) pesquisador(a) *Cristiane Silva Fontes* sobre os procedimentos que serão utilizados, os riscos e desconfortos, os benefícios, o custo/reembolso dos participantes, a confidencialidade da pesquisa. Confirmo que toda a linguagem técnica utilizada na descrição desta pesquisa foi satisfatoriamente explicada e que recebi respostas para todas as minhas dúvidas. Declaro ainda que me foi assegurado que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade ou a perda de benefícios. Confirmo ainda que recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Dou meu consentimento de espontânea vontade e sem reservas para participar

deste estudo. Assinatura do(a) participante: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Eu, *Cristiane Silva Fontes*, RGMG 11.532.044, CPF 053.080.606-14 atesto que expliquei cuidadosamente a natureza e o objetivo deste estudo, os possíveis riscos e benefícios da participação na pesquisa. Acredito que o(a) participante recebeu todas as informações necessárias, as quais foram fornecidas em uma linguagem adequada e compreensível, e que o(a) participante compreendeu tais explicações.

Assinatura do(a) pesquisador(a): \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Número registro CEP: 0255.0.203.000-05. Aprovado pelo COEP: parecer ETIC 532-06.

## Anexo E – Testes Estatísticos

### ALUNOS X PROFISSIONAIS

#### Distribuição da Atenção

##### - Número de Visitas por AOI

	p-valor	teste	significância	estatística t ou W	valor estatístico	nível de confiabilidade	alpha	z
AOI_TF	0,5291	teste-t	não	t	0,650602	0,95	0,05	1,96
AOI_TA	0,0459	teste-t	sim	t	2,206745	0,95	0,05	1,96
AOI_T1	0,7927	teste-wilcoxon	não	W	35	0,95	0,05	1,96
AOI_T2	0,8470	teste-t	não	t	0,19663	0,95	0,05	1,96

##### - Número de Visitas por MAOI

	p-valor	teste	significância	estatística t ou W	valor estatístico	nível de confiabilidade	alpha	z
MAOI_T1	0,9579	teste-wilcoxon	no	W	33	0,95	0,05	1,96
MAOI_T2	0,0867	teste-t	no	t	1,842957	0,95	0,05	1,96
MAOI_TA	0,0438	teste-t	yes	t	2,334248	0,95	0,05	1,96
MAOI_TF	0,7068	teste-t	no	t	-0,38393	0,95	0,05	1,96

#### Fluxo de processamento

##### - Transição do olhar por AOI

	p-valor	teste	significância	estatística t ou W	valor estatístico	nível de confiabilidade	alpha	z
TF-T1	0,0813107	teste-wilcoxon	não	W	49	0,95	0,05	1,96
TF-T2	0,1385464	teste-wilcoxon	não	W	46,5	0,95	0,05	1,96
TF-TA	0,2055070	teste-t	não	t	-1,33818857	0,95	0,05	1,96
T1-TF	0,6714505	teste-wilcoxon	não	W	27,5	0,95	0,05	1,96
T1-T2	0,1005109	teste-wilcoxon	não	W	48	0,95	0,05	1,96
T1-TA	0,9580602	teste-wilcoxon	não	W	31	0,95	0,05	1,96
T2-TF	0,1388407	teste-wilcoxon	não	W	46,5	0,95	0,05	1,96
T2-T1	0,2256559	teste-t	não	t	1,30340995	0,95	0,05	1,96
T2-TA	0,2059032	teste-wilcoxon	não	W	19,5	0,95	0,05	1,96
TA-TF	0,2142493	teste-t	não	t	-1,30621807	0,95	0,05	1,96
TA-T1	0,6737450	teste-wilcoxon	não	W	27,5	0,95	0,05	1,96
TA-T2	0,4521626	teste-t	não	t	0,77374739	0,95	0,05	1,96

**- Transição do olhar por MAOI**

	p-valor	teste	significância	Valor estatístico	estatística t ou W
MAOI_T1-MAOI_T1	0,821338	teste-t	não	-0,23072	t
MAOI_T1-MAOI_T2	0,065302	teste wilcoxon	não	14,5	W
MAOI_T1-MAOI_TA	0,065319	teste-t	não	2,060408	t
MAOI_T1-MAOI_TF	0,912328	teste-t	não	-0,11231	t
MAOI_T2-MAOI_T1	0,794233	teste-t	não	0,265908	t
MAOI_T2-MAOI_T2	0,049629	teste-t	sim	2,182838	t
MAOI_T2-MAOI_TA	0,049741	teste-t	sim	2,148442	t
MAOI_T2-MAOI_TF	0,483696	teste wilcoxon	não	25	W
MAOI_TA-MAOI_T1	0,328782	teste wilcoxon	não	41,5	W
MAOI_TA-MAOI_T2	0,063299	teste wilcoxon	não	50	W
MAOI_TA-MAOI_TA	0,034804	teste-t	sim	2,561199	t
MAOI_TA-MAOI_TF	0,872383	teste wilcoxon	não	34	W
MAOI_TF-MAOI_T1	0,278264	teste wilcoxon	não	21,5	W
MAOI_TF-MAOI_T2	0,523832	teste-t	não	0,65382	t
MAOI_TF-MAOI_TA	0,79078	teste wilcoxon	não	29	W
MAOI_TF-MAOI_TF	0,874551	teste wilcoxon	não	34	W

**Esforço Cognitivo****- Número de Fixações por AOI**

	p-valor	teste	significância	estatística t ou W	valor estatístico	nível de confiabilidade	alpha	z
TF	0,874826	teste wilcoxon	não	W	34	0,95	0,05	1,96
TA	0,0569326	teste-t	não	t	-2,1014281	0,95	0,05	1,96
T1	0,8161973	teste-t	não	t	0,2370379	0,95	0,05	1,96
T2	0,447177	teste-t	não	t	0,7825977	0,95	0,05	1,96

**- Número de fixações por MAOI**

	p-valor	teste	significância	estatística t ou W	valor estatístico	nível de confiabilidade	alpha	z
MAOI_TF	0,8424383	teste-t	não	t	0,2025012	0,95	0,05	1,96
MAOI_T1	0,0858504	teste-t	não	t	1,8535798	0,95	0,05	1,96
MAOI_T2	0	0	0	0	0	0,95	0,05	1,96
MAOI_TA	0	0	0	0	0	0,95	0,05	1,96

**- Duração média de fixações por AOI**

	p-valor	teste	significância	estatística t ou W	valor estatístico	nível de confiabilidade	alpha	z
AOI_TF	0,89058	teste-t	não	t	-0,1401	0,95	0,05	1,96
AOI_T1	0,58205	teste-t	não	t	0,563466	0,95	0,05	1,96
AOI_T2	0,30413	teste-t	não	t	-1,06776	0,95	0,05	1,96
AOI_TA	0,63548	teste-t	não	t	0,484954	0,95	0,05	1,96

**- Duração média das fixações nas MAOIs**

	p-valor	teste	significância	estatística t ou W	valor estatístico	nível de confiabilidade	alpha	z
MAOI_T1	0,489448	teste-t	não	t	0,71102	0,95	0,05	1,96
MAOI_T2	0,814142	teste-t	não	t	0,241713	0,95	0,05	1,96
MAOI_TA	0,330244	teste-t	não	t	1,012529	0,95	0,05	1,96
MAOI_TF	0,579114	teste-t	não	t	-0,56885	0,95	0,05	1,96

**- Tempo total das fixações por AOI**

	p-valor	teste	significância	estatística t ou W	valor estatístico	nível de confiabilidade	alpha	z
AOI_TF	0,419397	teste-t	não	t	0,832757	0,95	0,05	1,96
AOI_T1	0,125328	teste-t	não	t	1,660833	0,95	0,05	1,96
AOI_T2	0,161193	teste-t	não	t	1,519972	0,95	0,05	1,96
AOI_TA	0,023949	teste wilcoxon	sim	W	10	0,95	0,05	1,96

**- Tempo total das fixações por MAOI**

	p-valor	teste	significância	estatística t ou W	valor estatístico	nível de confiabilidade	alpha	z
MAOI_T1	0,99599	teste-t	não	t	0,005116	0,95	0,05	1,96
MAOI_T2	0,09576	teste-t	não	t	1,786127	0,95	0,05	1,96
MAOI_TA	0,00740	teste wilcoxon	sim	W	58	0,95	0,05	1,96
MAOI_TF	0,72945	teste-t	não	t	0,354316	0,95	0,05	1,96

## GRUPO 1 X GRUPO 2

### Distribuição da Atenção

#### -Número de visitas por AOI

	p-valor	teste	significância	estatística t ou W	valor estatístico	nível de confiabilidade	alpha	z
TF	0,310879	teste-t	não	t	1,052623	0,95	0,05	1,96
TA	0,288952	teste-t	não	t	1,111189	0,95	0,05	1,96
T1	0,958091	teste wilcoxon	não	W	31	0,95	0,05	1,96
T2	0,839145	teste-t	não	t	-0,20681	0,95	0,05	1,96

#### -Número de visitas por MAOI

	p-valor	teste	significância	estatística t ou W	valor estatístico	nível de confiabilidade	alpha	z
MAOI_T1	0,432632	teste-t	não	t	-0,80807	0,95	0,05	1,96
MAOI_T2	0,94118	teste-t	não	t	-0,07516	0,95	0,05	1,96
MAOI_TA	0,792896	teste wilcoxon	não	W	29	0,95	0,05	1,96
MAOI_TF	0,059575	teste-t	não	t	-2,05392	0,95	0,05	1,96

### Fluxo de processamento

#### - Transição do olhar por AOI

	p-valor	teste	significância	estatística t ou W	valor estatístico	nível de confiabilidade	alpha	z
TF-T1	0,45648	teste-t	não	t	-0,77608	0,95	0,05	1,96
TF-T2	0,761773	teste-t	não	t	0,309277	0,95	0,05	1,96
TF-TA	0,176004	teste-t	não	t	1,425413	0,95	0,05	1,96
T1-TF	0,374201	teste-t	não	t	0,920027	0,95	0,05	1,96
T1-T2	0,302871	teste-t	não	t	-1,09453	0,95	0,05	1,96
T1-TA	0,261106	teste-t	não	t	1,208968	0,95	0,05	1,96
T2-TF	0,943234	teste-t	não	t	0,072899	0,95	0,05	1,96
T2-T1	0,697213	teste-t	não	t	-0,39862	0,95	0,05	1,96

#### - Transição do olhar por MAOI

	p-valor	teste	significância	estatística t ou W	valor estatístico	nível de confiabilidade	alpha	z
MAOI_T1-MAOI_T1	0,23176	teste-t	não	t	-1,25493	0,95	0,05	1,96
MAOI_T1-MAOI_T2	0,88576	teste-t	não	t	-0,14631	0,95	0,05	1,96
MAOI_T1-MAOI_TA	0,40408	teste-t	não	t	0,864452	0,95	0,05	1,96
MAOI_T1-MAOI_TF	0,31806	teste-t	não	t	-1,04927	0,95	0,05	1,96
MAOI_T2-MAOI_T1	0,17986	teste-t	não	t	-1,41827	0,95	0,05	1,96
MAOI_T2-MAOI_T2	0,66961	teste-t	não	t	-0,43807	0,95	0,05	1,96
MAOI_T2-MAOI_TA	0,502405	teste-t	não	t	0,688895	0,95	0,05	1,96



MAOI_T2- MAOI_TF	0,10804	teste-t	não	t	-1,71679	0,95	0,05	1,96
---------------------	---------	---------	-----	---	----------	------	------	------

## Esforço Cognitivo

### - Número de Fixações por AOI

	p-valor	teste	significância	estatística t ou W	valor estatístico	nível de confiabilidade	alpha	z
TF	0,103308	teste wilcoxon	não	W	48	0,95	0,05	1,96
TA	0,678319	teste-t	não	t	0,424787	0,95	0,05	1,96
T1	0,923421	teste-t	não	t	0,098439	0,95	0,05	1,96
T2	1	teste wilcoxon	não	W	32	0,95	0,05	1,96

### - Número de fixações por MAOI

	p-valor	teste	significância	estatística t ou W	valor estatístico	nível de confiabilidade	alpha	z
MAOI_T F	0,06588	teste wilcoxon	não	W	14	0,95	0,05	1,96
MAOI_T 1	0,24590	teste wilcoxon	não	W	20,5	0,95	0,05	1,96
MAOI_T 2	0,59573	teste-t	não	t	-0,54372	0,95	0,05	1,96
MAOI_T A	0,75253	teste wilcoxon	não	W	28,5	0,95	0,05	1,96

### - Duração média de fixações por AOI

	p-valor	teste	significância	estatística t ou W	valor estatístico	nível de confiabilidade	alpha	z
TF	0,53759937	teste-t	não	t	0,631962	0,95	0,05	1,96
TA	0,16096159	teste-t	não	t	-1,48263	0,95	0,05	1,96
T1	0,69940225	teste-t	não	t	-0,39539	0,95	0,05	1,96
T2	0,74947239	teste-t	não	t	-0,32621	0,95	0,05	1,96

### - Duração média das fixações nas MAOIs

	p-valor	teste	significância	estatística t ou W	valor estatístico	nível de confiabilidade	alpha	z
MAOI_T1	0,923248	wilcoxon-test	não	W	37,5	0,95	0,05	1,96
MAOI_T2	0,735809	wilcoxon-test	não	W	32	0,95	0,05	1,96
MAOI_TA	0,042603	t-test	sim	t	-2,28698	0,95	0,05	1,96
MAOI_TF	0,045052	t-test	sim	t	-2,21926	0,95	0,05	1,96

### - Tempo total das fixações por AOI

	p-valor	teste	significância	estatística t ou W	valor estatístico	nível de confiabilidade	alpha	z
TF	0,040222	teste-t	sim	t	2,336791	0,95	0,05	1,96
TA	0,763945	teste-t	não	t	-0,30899	0,95	0,05	1,96
T1	0,116382	teste-t	não	t	-1,7085	0,95	0,05	1,96
T2	0,1915	teste-t	não	t	-1,40096	0,95	0,05	1,96

**Tempo total das fixações por MAOI**

	p-valor	teste	significância	estatística t ou W	valor estatístico	nível de confiabilidade	alpha	z
MAOI_T1	0,60844	teste-t	não	t	-0,52648	0,95	0,05	1,96
MAOI_T2	0,95385	teste wilcoxon	não	W	27	0,95	0,05	1,96
MAOI_TA	0,83875	teste-t	não	t	0,208081	0,95	0,05	1,96
MAOI_TF	0,90969	teste-t	não	t	-0,11606	0,95	0,05	1,96

# APÊNDICES

## Apêndice A – Transcrição dos Protocolos Livres

### A01

<Entrevistador> Agora, Rodrigo, eu vou <Interrupção/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Hum. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> mostrar todo o seu processo, está? <Sobreposição/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> <Sobreposição> OK. </Sobreposição> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Aí você vai me contando tudo que você acha que <Interrupção/>  
 Comentando todos os aspectos que você achar importantes. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Hamram. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Você pode <Incompreensível/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Ham. OK. Sem problema. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Incompreensível/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> <Risos/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Incompreensível/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Vamos lá, começa. Um segundo. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Incompreensível/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Hum. Hum? Está certo, isso? </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Está. É porque <Incompreensível/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Ah. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> E as outras servem de leitura também. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Ah, é verdade. Ah, é. OK. Aí começando com o nome, que eu deixei ele mesmo. E aí no início eu comecei mais <Interrupção/> Eu dei uma olhada primeiro no original e nas traduções eu fui copiando os pedaços que eu achei melhor em um e achei melhor no outro. Por exemplo, ali na parte de <Interrupção/> Aqui, olha. "Happy disposition" tinha opções, "bom caráter" e "disposição alegre", aí eu já escolhi "disposição alegre" porque eu achei que ficou mais próximo do original. Aí tinha aquela outra opção, "dons da existência" em vez de "bênçãos da existência". Aí eu já pensei, não, aqui deve ficar mais próximo ao significado ou "bênçãos". Ali tinha a escolha do "vivera" e do "tinha vivido". Eu escolhi "tinha vivido", que é mais próximo da nossa linguagem de hoje. E ali tem também "afligisse ou a zangasse" e "angústia ou irritação". Aí eu comecei primeiro colocando ali, aí eu peguei um pouco de cada uma ali, na verdade. Eu peguei ali o "afligisse" e peguei o "irritação" do outro lá. Novamente eu dei uma olhada ali. Um tinha "era a menor das duas filhas" ou "era a mais jovem das duas filhas". Como eu li o texto, se refere mais em relação à idade, em português "menor" pode ser tanto de idade quanto de tamanho, mesmo, aí eu preferi o "mais jovem". Ham, eu tinha errado ali. Ham. Aí então eu peguei ali também, aquela parte do "mais carinhoso", que eu até digitei errado ali, e agora que eu vi. E eu deixei o "indulgente". Novamente ali, "desde muito jovem" eu coloquei ali já também depois da vírgula e escolhi nesse momento "senhora da casa", pensando, tipo, criando uma hipótese de, por exemplo <Interrupção/> Porque, como não tinha a mãe, então ela é a única mulher da casa e então eu escolhi isso em vez de "ama de casa", que dá a entender a empregada. Hum. Cadê? Espera aí. É. Novamente a escolha ali do "morrera" por "tinha morrido", que, embora na tradução da esquerda tivesse <Interrupção/> Fazia <Interrupção/> Ah, é. Aí eu peguei da tradução da esquerda e aí eu já peguei o que eu estava olhando em relação <Interrupção/> Escolhi novamente ali, peguei a "vaga lembrança" e as "carícias". Aí, depois que eu peguei aquela parte, que eu fui escolhendo entre as traduções, eu voltei e fui revisando o que podia ter sido melhorado, por exemplo. E também corrigindo alguma coisa que eu tivesse visto. Aí eu fui trocando ali. O "a" ali, <Incompreensível/> "senhora de casa", "a senhora de casa". Ali o mesmo, por exemplo, para dar uma certa ênfase, "nem mesmo uma vaga lembrança". Hum,

deixa eu ver. Onde é que está? Eu acho que eu não falei. É. Aí eu <Interrupção/> A questão foi mais das escolhas que eu fiz, eu fui primeiro pegando o que eu achei melhor em cada um deles, e depois eu fui escolhendo aonde que poderia ser melhorado. Hum. Ah, aqui, em vez do "tinha" eu coloquei ali "restava", no sentido de que o tempo passou e as lembranças foram, então não restou, mesmo. Eu pensei mais nesse sentido, do que por essa escolha ali, apesar de não ter nenhuma <Interrupção/> "restava" em nenhuma das duas traduções, eu acho que se encaixava melhor aqui. Eu fiquei em dúvida no sentido de que, ah, essa obra, eu não sei, parece que é do século dezoito, dezessete, até antes se eu fazer igual a tradução da direita, que usa uns tempos verbais como o "tornara-se", "morrera". Mas a escolha que eu fiz foi mais próxima da tradução da esquerda, que foi a da linguagem mais próxima do hoje em dia, pensando na editora e nos leitores de hoje. Ah, o "na memória", para dar uma certa ênfase nas lembranças na memória. Também, de certa forma, para fazer uma certa coesão ali, apesar de que não é necessário, mesmo, ali. É possível utilizar mais por questão de ênfase, mesmo. <Incompreensível/> É, acho que eu não <Interrupção/> Ah, está. <Incompreensível/> É isso mesmo, então. Que eu já não fiz mais mudança nenhuma. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Mais alguma coisa que você gostaria de comentar? </Entrevistador>

<Entrevistado> Hum. </Entrevistado>

<Entrevistador> Ficou satisfeito com a sua tradução, Rodrigo? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu fiquei muito satisfeito que eu não vi o erro <Interrupção/> Muito o "carinho" ali, que eu esqueci. Fiquei muito insatisfeito que eu não vi isso para corrigir, na verdade. Mas <Interrupção/> </Entrevistado>

<Entrevistador> Se você precisasse mudar alguma coisa, seria só esse pedaço aqui. </Entrevistador>

<Entrevistado> É. Sim, a princípio, sim. Porque eu peguei o que eu achei melhor de uma tradução e da outra tradução, e tentei melhorar um pouquinho mais, porque eu não queria nem uma linguagem do século dezoito, porque eu acho que o leitor de hoje meio que não aceita bem, e nem usar alguns termos que eu acho que não estavam tão próximos do original, ali do texto em inglês. Por isso que eu fiz escolhas como "afligisse ou irritasse", em vez de "afligisse ou zangasse". E, de certa forma, eu usei menos nominalizações do que o texto da direita, talvez para deixar um pouco mais acessível, o texto. Porque, a gente sabe, que demora um pouco mais de tempo para processar, e dá um pouco mais de trabalho. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Ah, acho que é isso. Se eu fosse mudar, mesmo, é só o "carinho" para "carinhoso". </Entrevistado>

<Entrevistador> Certo. Obrigada. </Entrevistador>

## A02

<Entrevistado> Bom, a primeira que eu estava fazendo é lendo. Eu li o inglês e depois eu li as duas traduções, eu acho que foi nessa ordem. Eu estava vendo que tinha diferença de uma para a outra, pensando no que é que eu faria diferente. Basicamente. Essa parte foi só isso. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> <Incompreensível/> Achei esquisito o "handsome" para mulher, aí eu tive que voltar lá para ver se realmente era uma mulher. E aí eu vi que uma foi "bela" e a outra "bonita", então deve ser mulher, mesmo. <Risos/> </Entrevistado>

<Entrevistador> <Incompreensível/> </Entrevistador>

<Entrevistado> Está. Está OK. <Incompreensível/> Eu acho que a única palavra que eu tive dificuldade, na verdade, foi "handsome". "Or vex her", esse "vex" também eu fiquei em dúvida, mas aí com o contexto ficou legal. Acho que foi por isso que eu demorei um pouco

para começar. Eu estava pensando se eu <Incompreensível/> Então eu começo a digitar. Nesse ponto eu já tinha decidido que era "bonita", porque estava na dúvida do "handsome". Eu fiquei em dúvida também na questão da estruturação da frase da "casa", se eu colocava "casa" ou "residência". Eu não sei qual ficaria melhor pela estrutura. <Incompreensível/> O que eu estava pensando nesse momento era isso. É, eu preferi por "bênçãos", mesmo, por causa do "blessings", eu acho que é melhor que a outra opção que tinha. Aí tem "em mente <Incompreensível/> em um mundo", aí eu preferi pelo "no mundo" porque era mais específico o texto em si. Era "in the world", então "no mundo" ficaria melhor. Acho que "pouca angústia e irritação" também ficaria mais próximo do texto-fonte. Só a preposição, que eu prefiro "da" do que "de". Acho que foi mais literal em si. Acho que essa questão do "casamento" ficaria mais claro do que "bodas", acho que ninguém fala assim mais. "Bodas" remete mais a comemoração de casamento do que casamento em si. <Incompreensível/> essa questão da "mistress", eu acho que "responsável pela casa" ficaria mais fácil, mais atual do que algo como "governanta", assim, uma funcionária. Essa última frase deu trabalho, pela estrutura dela, que era simples, mas ao fazer uma estrutura semelhante da original eu tive que pensar um pouco. E também algo que seria mais próximo do <Interrupção/> Como a gente falaria hoje, então foi por isso que eu tive essa dúvida. Acho que "carícias" é mais tato, mais movimento. "Carinho" pode ser um pouco mais abstrato. "Carícia" é bem mais objetivo. Acho que por isso que eu usei "carícia". A ideia do movimento. Aí depois eu estava lendo o texto todo para saber se eu mudaria mais alguma coisa, se tinha passado algum erro. Só checando para ver o que é que eu tinha feito. Acabei tentando fazer uma alteração aqui no final. O que eu já tinha feito ficou melhor. Voltei na última frase, que eu não estava satisfeito com ela ainda. Estava tentando alguma das opções <Incompreensível/> Eu já tinha feito antes. Bom, na verdade eu alterei um pouquinho. Essa frase me deu um pouco de trabalho, a última frase. Mas eu achei que ficou natural, ficou uma forma como a gente falaria, mesmo, em português e não ficou nada anacrônico, do tipo o jeito como falavam antigamente, então acho que ficou mais atual. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Você gostaria de modificar algo, <Incompreensível/?>  
</Entrevistador>

<Entrevistado> Não. Fiquei satisfeito com o texto. </Entrevistado>

<Entrevistador> <Incompreensível/> Está satisfeito com a sua tradução. </Entrevistador>

<Entrevistado> Estou, sim. </Entrevistado>

<Entrevistador> Então está bom. Agora peço que você feche o olho novamente.  
</Entrevistador>

<Entrevistado> Hamram. </Entrevistado>

## A06

<Entrevistado> Está funcionando? </Entrevistado>

<Entrevistador> Está. </Entrevistado>

<Entrevistado> Eu acho que sim. </Entrevistado>

<Entrevistador> É que você está lendo. </Entrevistador>

<Entrevistado> Ah, sim. </Entrevistado>

<Entrevistador> Todo mundo <Incompreensível/> </Entrevistador>

<Entrevistado> <Risos/> É, só para falar um pouco enquanto não começa, é que eu já conhecia um pouco desses textos. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Tanto as duas traduções também, que eu ajudei uma pessoa aqui do laboratório a fazer análise, a meta funcional dos textos. Então eu já conhecia um pouco, assim. Não a fundo, não é!, porque é uma coisa bem simples, bem rápida. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Ham. Então eu comecei com, ao invés de citar várias características, assim, da Emma, não sei o quê, eu decidi transformar isso <Interrupção/> Colocar o verbinho ali, não é!, "era". Que eu acho que no português funciona melhor, que não tem tantos modificadores para um grupo nominal, assim. Então eu acabei separando em duas orações. Ou mais, também. </Entrevistado>

<Entrevistador> Pela sistêmica ou pela gramática tradicional? <Risos/> </Entrevistador>

<Entrevistado> <Risos/> É, essa parte ficou meio complicada que ela era a filha mais nova de duas do cara, tipo, no português também <Incompreensível/> é difícil. Ah não, é a parte anterior, então. <Risos/> É, essa oração aqui é mais tranquila, o complicado foi justamente essa: "era a mais jovem das duas filhas". Hum. Eu acabei optando por pegar essa parte das duas filhas <Interrupção/> Então se você fala que "ela era a filha mais nova e teve o casamento da filha mais velha em baixo, da irmã mais velha, não é!, espera-se, não é!, que o leitor entenda que eram duas irmãs filhas de um mesmo pai. Esse eu precisei reformular bastante, eu fiquei até um tempinho sem digitar. Eu até digitei errado ali: "era a nova das duas filhas", faltou o "mais nova". E o "indulgente" eu <Risos/> Eu nem sei o que é que é o "indulgente" direito. Eu decidi manter o "indulgente". E suspeito que os dois tradutores anteriores também não sabiam, não. </Entrevistado>

<Entrevistador> <Risos/> Mas eles não olham no dicionário, não é? </Entrevistador>

<Entrevistado> Ham, sei lá. </Entrevistado>

<Entrevistador> <Risos/> </Entrevistador>

<Entrevistado> Aí foi a parte que eu fiz, não é!, "a filha mais nova" e "irmã mais velha". E no caso ser "senhora da casa" também, ou então "fazer de ama", eu decidi por um caminho mais fácil, não é!, dizer que ela cuidava da casa. Ham. Aí no final eu dei mais uma revisada ali, <Incompreensível/> no texto, como é que ficou em português, e é só. Só isso. </Entrevistado>

<Entrevistador> Você está satisfeito com sua tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Sim. Estou satisfeito. </Entrevistado>

<Entrevistador> Você mudaria alguma coisa? </Entrevistador>

<Entrevistado> Ham, talvez a parte do "indulgente". <Risos/> Acho que se eu pudesse pegar um dicionário, talvez um corpus, e ver o que é que é um indulgente, como é que isso está funcionando no inglês e no português. Eu acho que eu mudaria o "indulgente", mas eu não sei se causa tanto problema assim. Ham, é, eu acho que é só isso, mesmo. </Entrevistado>

<Entrevistador> Hamram. </Entrevistador>

## A08

<Entrevistado> Vai ficar mostrando o que eu apaguei, meus erros, que legal. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> A princípio que queria saber de quando era essa obra porque eu acho que faz diferença se você falar bonita ou bela, <Interrupção/> assim como eu escolhi sagaz ao invés de inteligente, dá uma impressão mais rebuscada, talvez. <Interrupção/> Tanto é que eu nem queria usar rica, mas não lembrei nada que fosse mais parecida com rica. Aqui usei lar ao invés de casa, porque é a diferença de house e home. Porque na minha cabeça eu sempre tento colocar lar como aquele lugar que a gente conhece e não só um lugar fixo. "Happy disposition" foi difícil, eu não sei o que significa, as duas traduções não ajudaram. <Interrupção/> Disposição alegre? <Interrupção/> Essa tradução da esquerda é muito literal, não deve ser isso. Um bom caráter, eu achei tão estranho um bom caráter porque você está falando "with a comfortable home and happy disposition", <Interrupção/> sei lá, ficou parece que seria em relação à casa e não à ela. <Risos/> Eu coloquei 21 sem ser por extenso porque, <Incompreensível/> <Interrupção/> na verdade era economia mesmo. Eu errei aqui porque coloquei de duas irmãs ao invés de duas filhas, porque eu estava distraída. Nessa tradução da

esquerda colocaram tornara-se a senhora da casa desde muito jovem e a outra a ama da casa, mas eu preferi governanta, mas agora vejo que governanta não é o melhor. <Risos/>  
 <Entrevistador> Você gostaria de modificar algo? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Esse meu último pedacinho não ficou parecido com nenhuma das duas, eu posso ter omitido alguma informação que eu não sei se vai fazer diferença. </Entrevistado>

### A09

<Entrevistador> O primeiro é o seu processo de leitura. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Humrum. Nessa primeira parte eu fiquei em dúvida da tradução de "handsome", daí eu pensei em colocar "linda". Mas aí eu olhei as duas traduções, uma estava "bonita" e a outra "bela", daí eu escolhi por colocar "bonita". E em "happy disposition" eu achei meio estranho a escolha do "disposição alegre", daí eu achei melhor colocar a opção do primeiro texto, que era "bom caráter". Para a tradução de "best" eu achei que seria melhor "melhores" do que "maiores", então eu optei por "melhores bênçãos da existência". "Nearly twenty-one years" me dá a ideia mais de "quase" e não "perto", daí eu achei melhor colocar "quase vinte e um anos". E essa última parte da sentença eu optei por uma tradução minha. Está mais ou menos uma mistura dos dois textos mas eu achei que ficava melhor "que não a estressava ou causava irritação", daí eu optei por essa escolha. "Youngest", eu escolhi "mais nova", eu achei melhor do que "menor". Poderia ter colocado "jovem" também, mas foi uma escolha minha. E eu fiquei meio em dúvida nessa parte do "afetuoso e indulgente" na tradução, daí eu optei pela tradução no segundo texto. E nessa última parte eu meio que inverti a ordem da sentença porque eu achei que ficava melhor, também, do que no inglês, que está meio que dividindo ali o "had" e o "been". O verbo, não é? Daí eu achei melhor inverter as sentenças. Nessa última sentença eu ia colocar "tinha morrido", mas eu achei que ficou meio estranho, daí eu olhei para as traduções e achei melhor colocar "morrera". E eu optei pela tradução do segundo texto, que eu achei que ficou bem legal. Daí a releitura do texto. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> E acabou. <Risos/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Você ficou satisfeita com a sua tradução? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Sim, eu achei que ficou legal. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Teria alguma coisa que você queria mudar? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Ham. Ah, talvez uma tradução para <Interrupção/> Deixa eu ver qual a palavra. "Indulgente". Talvez tivesse uma outra <Interrupção/> Essa palavra não é muito usada, eu acho, em português, daí se tivesse uma outra tradução eu acho que ficaria melhor. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. Agora eu vou fazer um relato guiado, está? Aí vou pedir para você fechar os olhos novamente. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Está. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Incompreensível/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> <Risos/> </Entrevistado>

### A10

<Entrevistador> Agora você vai ver sua produção, está? <Incompreensível/> Aí você comenta os aspectos que você achar mais importantes. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Está. Já pode ir. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Incompreensível/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Éh! Bom, o texto em inglês estava bem fácil de ser compreendido, as duas traduções estão razoáveis. Eu só gostei mais do Emma "bonita" <Interrupção/> Éh!, "bela" ao invés de "bonita", "inteligente, rica", normal. "Com uma família acomodada" e "com uma



casa confortável", eu não tinha gostado de nenhuma das duas, por isso eu <Interrupção/> Agora eu não lembro mais o texto que eu coloquei. Mas eu fiz uma mudança nessa parte. E a tradução da direita: "parecia unir em sua pessoa os melhores dons da existência". Eu achei ela pior do que a outra parte da esquerda que eu acabei pegando: "parecia unir uma das maiores bênçãos da existência". "Vivera quase vinte anos" e "tinha vivido perto de vinte e alguns" eu não gostei de nenhum dos dois. Então <Interrupção/> Ah, agora que eu estou pensando. </Entrevistado>

<Entrevistador> Aqui você estava lendo, não é? </Entrevistador>

<Entrevistado> É. </Entrevistado>

<Entrevistador> <Incompreensível/> </Entrevistador>

<Entrevistado> Então é agora, não é!, que eu tenho que falar. A gente pode <Interrupção/> </Entrevistado>

<Entrevistador> Não, não. <Incompreensível/> <Interrupção/> </Entrevistador>

<Entrevistado> Não faz diferença, não? </Entrevistado>

<Entrevistador> Não. </Entrevistador>

<Entrevistado> Então eu espero o texto aparecer? É melhor, não é? </Entrevistado>

<Entrevistador> Ah, você que sabe. <Incompreensível/> Não tem problema, não. </Entrevistador>

<Entrevistado> Então eu acho que é melhor aqui, porque aí eu fico vendo o que <Incompreensível/> eu parei, pensando <Sobreposição/> </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Que bom. É mais para te guiar, mesmo. <Incompreensível/> </Entrevistador>

<Entrevistado> Isso. Então a gente estava aqui, "parecia reunir algumas das maiores bênçãos da existência". O texto da esquerda, eu acabei aproveitando ele quase todo, porque ele estava melhor, achei ele melhor do que o da direita. Aí eu fiquei um pouco agora na dúvida, como começar. Eu não gostei nem do "vivera quase" e "tinha vivido". Eu coloquei "vivera seus quase vinte e um anos sem que nada a afligisse ou zangasse". Eu ia colocar "aborrecimento", mas eu pensei, não, vou deixar o "zangasse" que já está pronto aqui do lado. Eu acabei usando a parte mais da direita. No início dessa outra parte eu também fiquei um pouco na dúvida de como começar, porque eu não gostei nem <Interrupção/> Também não gostei, achei "ela era a mais jovem das duas filhas" e "era a menor das duas filhas" <Interrupção/> Não. Eu coloquei "e era a mais nova de duas filhas". Porém, a parte da direita está melhor, "de um pai muito carinhoso e indulgente". Eu achei essa parte <Interrupção/> essa tradução boa, só que logo à frente "e como consequência das bodas" não fica legal. Eu coloquei simplesmente "como consequência do casamento de sua irmã". Eu coloquei um "sua", um pronome ali do lado da "irmã". "Tornara-se desde muito cedo a senhora da casa". É, acho que isso dá o sentido completo e simplifica, porque "desde muito tinha tido que fazer a ama de casa", isso não traduz. Não traduz bem. E "tornara-se a senhora da casa desde muito jovem" atende, mas eu prefiro mudar. "Sua mãe havia morrido", agora eu fiquei <Interrupção/> Nessa parte eu fiquei pensando <Interrupção/> Fiquei muito tentado a mudar o tempo verbal, porque "fazia já muito tempo que sua mãe tinha morrido" ou "sua mãe morrerá há tanto tempo", pensei que a construção "havia morrido" ia dar uma fluidez maior. Então "sua mãe havia morrido há tanto tempo que ela não tinha mais que uma vaga lembrança de seus carinhos". E nesse finalzinho eu usei mais o texto da esquerda. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Era mais ou menos isso? </Sobreposição/> </Entrevistado>

<Entrevistador> <Sobreposição> Você ficou </Sobreposição> Hamram. <Interrupção/> Você ficou satisfeito com a sua tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Sim. Sim. </Entrevistado>

<Entrevistador> Você gostaria de modificar alguma coisa? </Entrevistador>

<Entrevistado> Hum, não. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Obrigada. </Entrevistador>

#### A11

<Entrevistado> Bom. Essa parte eu troquei por "ótima disposição", a princípio porque eu achei estranho essa de "feliz disposição". </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. <Incompreensível/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Nessa parte eu troquei o "vex" por "angústia", que eu vi que o caso aqui tinha alguma coisa a ver com isso, embora não soubesse o real significado de "vex". </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Até aqui tudo bem. <Incompreensível/> Tudo bem aqui. E aqui como que é a repetição do termo. Então dessa palavra "her" eu decidi juntar tudo em uma frase só. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> É só isso. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. Muito bem. <Incompreensível/> </Entrevistador>

#### A14

<Entrevistado> Então nessa parte eu estava fazendo a leitura de todo o texto original e depois fui dando uma olhada nas traduções. Então eu mantive o nome, como nos outros textos, resolvi colocar linda, porque handsome a gente usa para homem, que dá o sentido de muito bonita, então resolvi colocar linda. Bom caráter do texto da direita, tentei fazer alguma modificação mas nada que se parecesse em inglês. Fiquei em dúvida entre deixar dons ou bênçãos, resolvi deixar bênçãos. Aqui had lived uhm no present perfect preferi deixar no passado e viveu quase 21 anos. Aqui tentei manter a tradução do texto da esquerda, e aqui eu já escolhi o texto da direita. Eu não quis manter ama de casa, eu coloquei desde muito jovem cuida da sua casa. Nesse final eu fiquei com um pouco de dúvida e como eu ia deixar né, aí primeiro eu escolhi a tradução da esquerda. Aí eu apaguei tudo e preferi deixar a tradução da direita. Depois eu fiz a leitura, né, do texto todo, e procurei outra alternativa fazia muito tempo que sua mãe tinha morrido, mas eu preferi deixar desse jeito mesmo. Não. Sim. </Entrevistado>

#### P01

<Entrevistador> <Incompreensível/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> <Incompreensível/> <Entrevistado>  
 <Entrevistador> Aí você tenta olhar o máximo para a tela, não precisa olhar para mim, não. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Está. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Você deu uma paradinha aí. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Pois é. Não, mas é porque aqui são as duas traduções que estavam antes, não é? </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Hamram. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Não é a minha, não, não é? </Entrevistado>  
 <Entrevistador> A sua é a que está <Incompreensível/> no meio. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Ah, não está aparecendo nada aqui. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Incompreensível/> <Sobreposição/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> <Sobreposição> Aqui? </Sobreposição> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> É, essa aí do meio, você que fez. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Mas está em branco. </Entrevistado>

<Entrevistador> <Incompreensível/> <Sobreposição/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> <Sobreposição> Ah, está. Está aparecendo Aí. </Sobreposição>  
 </Entrevistado>  
 <Entrevistador> É, isso. Por que que você parou aí? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Pois é, mas eu notei que <Interrupção/> Como é que eu vou avaliar se eu não lembro o que está escrito? Eu tenho que esperar aparecer tudo? </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Não, você pode ir comentando, as vezes você teve dificuldade em alguma coisa que você quer comentar. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Ah, está. Eu achei que era para fazer escrito. Fazer os comentários escritos, não? </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Não, você pode falar. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Ah, está. <Sobreposição/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Sobreposição> <Incompreensível/> </Sobreposição> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Agora que eu entendi. <Sobreposição/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Sobreposição> É. <Risos/> </Sobreposição> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> A princípio eu não fiquei muito satisfeita com esse termo "disposição", acho que poderia ter usado uma outra palavra. Se eu tivesse um dicionário que eu pudesse consultar, talvez eu teria recorrido ao dicionário, porque <Sobreposição/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Mas aí eu peguei o termo emprestado dessa primeira tradução. E quando fala "disposição alegre" pra mim fica uma coisa meio no ar, assim. Ah, "era a mais nova"  
 <Interrupção/> O pai tinha duas filhas, não é? Aí eu acabei não colocando que tinha duas. Coloquei "era a mais nova das filhas" e ainda dá a impressão de que tem mais do que duas, não é? Ficou faltando isso aí. Esse outro termo, também, "vex". Eu fiquei um pouquinho na dúvida, aí eu decidi me basear nas traduções que estavam aqui. Hum. <Incompreensível/>  
 Acho que é só isso. "of the most affectionate indulgent". Essa última frase, também, eu dei uma coladinha aqui dessa tradução da esquerda. Achei que ficou bom. Talvez também mudar aqui um pouquinho, quando fala do pai. <Incompreensível/> "de um pai muito amoroso e indulgente", porque no inglês ele está falando "most affectionate indulgent father", assim, então seria "o mais carinhoso e indulgente" de todos, não é!. Talvez eu tivesse que dar uma mexida aqui para poder passar essa impressão. Acho que é só isso. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Está. </Entrevistador>

## P02

<Entrevistador> Então agora eu vou apertar aqui. Tudo que você fez foi gravado, está?  
 <Sobreposição/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> <Sobreposição> OK. </Sobreposição> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Então eu vou mostrar aqui <Pausa/> na <Interrupção/> numa velocidade um pouquinho mais alta <Sobreposição/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> <Sobreposição> Humrum. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> O que que você fez, aí você vai olhando e comentando o que que você acha necessário, o que que você fez <Sobreposição/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Que decisão você tomou. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Humrum. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Por enquanto eu estou arrumando aí. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Humrum. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Incompreensível/>  
 <Entrevistado> Está. </Entrevistado>

<Entrevistador> É, esse ponto aí eu dei uma parada <Incompreensível/> Essa <Interrupção/> essa <Pausa/> éh! <Pausa/> "disposição alegre", "happy disposition" aqui eu <Pausa/> achei meio estranho, essa <Interrupção/> essa composição, e <Pausa/> resolvi mudar. <Pausa/> <Incompreensível/> <Pausa/> Esse <Interrupção/> esse "distress" é que me <Interrupção/> me provocou uma dúvida, também, na hora de traduzir. Eu acabei <Pausa/> copiando aqui da tradução do <Interrupção/> da direita. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. <Pausa/> <Incompreensível/> </Entrevistador>

<Entrevistado> <Incompreensível/> Posso ter <Pausa/> batido um errinho aqui também no final. </Entrevistado>

<Entrevistador> Sim. <Risos/> </Entrevistador>

<Entrevistado> Aí ficaram dois. </Entrevistado>

### P03

<Entrevistador> <Incompreensível/> processo de leitura. </Entrevistador>

<Entrevistado> <Risos/> </Entrevistado>

<Entrevistador> <Risos/> </Entrevistador>

<Entrevistado> A gente não acha que demora tanto lendo, não é? Mas demora. <Risos/> </Entrevistado>

<Entrevistador> É. <Incompreensível/> <Risos/> </Entrevistador>

<Entrevistado> Não, mas é porque a gente já sabe um pouquinho aí não acha está dando errado. A gente acha que não demora tanto lendo, mas demora muito lendo. </Entrevistado>

<Entrevistador> <Incompreensível/> </Entrevistador>

<Entrevistado> Ah, mas é <Interrupção/> <Incompreensível/> posso comentar, porque eu acho que eu demorei mais </Entrevistado>

<Entrevistador> Hum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Porque a de Jane Austen aí é um pouco complicada de trabalhar com ela, pelo menos eu acho porque ela compacta muito o significado. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Dentro de períodos bem longos. Então a gente fica na dúvida de como que lida com algumas coisas. Logo nesse primeiro período aí eu já estava pensando como que poderia mexer em alguma coisa e olhando como que cada tradutor tinha traduzido, as escolhas que eles tinham feito. Eu lembro que eu fiquei um tempão pensando nessa "seemed to unite some of the best blessings of existence". </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Porque esse "blessings of existence" a gente entende o significado mas é <Interrupção/> Pelo menos eu acho complicado de traduzir. E eu achei que nenhum dos dois tradutores deu uma melhor <Interrupção/> Vamos dizer, a melhor </Entrevistado>

<Entrevistador> Solução. </Entrevistador>

<Entrevistado> Uma solução. Porque "os melhores dons da existência" não faz muito sentido. Porque aí você tem que talvez explicitar alguma coisa, porque é os melhores dons que a pessoa pode ter, ela <Interrupção/> </Entrevistado>

<Entrevistador> Hum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Só que fica muito estranho em um texto literário. </Entrevistado>

<Entrevistador> É. </Entrevistador>

<Entrevistado> Então é um pouco difícil de pensar aqui, por exemplo, "inteligente e rica" eu parei, porque eu fiquei pensando em como que poderia ser essa parte: "with a comfortable home and happy disposition". Que também eu pensei que talvez fosse melhor, talvez que ela "possuía uma casa confortável e uma disposição alegre", mas não funciona justamente porque o período é longo. Dá para entender por que é que tem essa frase preposicionada aí no meio. Aí eu acabei optando por deixar igual estava nessa segunda tradução aqui, que é "com uma

casa confortável e uma disposição alegre". Aí agora aqui eu parei realmente porque eu fiquei pensando como que poderia traduzir essas "maiores bênçãos" sem repetir, sem ser "da existência". Eu acho que não seria esse seu significado. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu cheguei até a colocar <Incompreensível/> depois eu pensei. "Durante mais muito tempo". <Risos/> Só que eu olhei assim para os três por cento, quatro por cento pensando nisso. </Entrevistado>

<Entrevistador> E aí quando você ficava na dúvida você olhava para o texto original ou olhava para as traduções? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu olhava os três <Sobreposição/> </Entrevistado>

<Entrevistador> <Sobreposição> Hum. </Sobreposição> </Entrevistador>

<Entrevistado> O texto original e as duas traduções, e aí eu tentava pensar no texto original, o que é que isso estava querendo dizer. Que aí foi o que eu falei, "parecia várias bênçãos que existiam", porque aí ela reunia nela as bênçãos que <Interrupção/> Tudo que poderia ser bom, que ela era bonita, ela era inteligente, ela tinha uma casa confortável. Aí eu achei que poderia funcionar melhor do que "bênçãos da existência". </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> E ali depois eu fiquei um pouco na dúvida, do tempo verbal, porque uma tradução usa "tinha vivido" e a outra "vivera". Só que esse "vivera" fez ar de ser característica de textos literários e a gente não tem visto muito atualmente, então eu optei por "tinha vivido". E aí foi o tempo verbal que eu mantive no resto do texto todo. "Que não causasse", aqui eu fiquei na dúvida no "causasse" e a palavra que eu ia escolher, também. O que é que poderia ser melhor para "distress", se era "angústia", se era uma "aflição". Porque "distress" é meio complicado de traduzir, mas eu acabei optando por "angústia". Aqui nesse segundo período também eu comecei a ficar na dúvida: "ela era a mais nova das duas filhas", aí vem "of a most affectionate, indulgent father". Achei essa meio mais complicada de traduzir, aí eu optei, acho que, seguir o que estava nessa segunda tradução, mas aí depois eu achei que a primeira era melhor. Que o pai dela era "muito carinhoso e indulgente", que ele não era "o mais", ele era <Interrupção/> Era só a característica dele, que ele era carinhoso e indulgente. Aqui também, eu fiquei meio presa nessa parte aqui: "had been mistress of his house from a very early period", que também é um período muito longo, com várias orações encaixadas ali, aí eu fiquei tentando pensar qual era a melhor forma de organizar a oração. Nessa última oração eu também fiquei na dúvida na forma que organizava. Discutir <Interrupção/> Fiquei pensando se poderia ter deixado o "fazia muito tempo que sua mãe tinha morrido" e se deixava "sua mãe tinha morrido há muito tempo". Aí eu acabei optando por ter deixado "sua mãe tinha morrido há muito tempo". Eu acho que aqui, setenta e dois por cento, eu acabei, só que aí eu fiquei relendo, aí eu tirei o "ela" ali no início do segundo período. E, se eu não me engano, fiquei bastante tempo ainda pensando na questão do "of existence" lá em cima. <Incompreensível/> se estiver usando o Eye Tracking você vai ver a bolinha crescendo no "of existence". <Risos/> </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. <Risos/> </Entrevistador>

<Entrevistado> <Risos/> Eu acho que a única coisa que vai ter sobrado. Aí aqui nesse segundo eu mudei a ordem depois, que eu tinha colocado "tinha se tornado", como que é? </Entrevistado>

<Entrevistador> "Tinha tornado-se". </Entrevistador>

<Entrevistado> "Tinha tornado-se muito cedo a senhora da casa", eu deixei "tinha se tornado a senhora da casa muito cedo", eu achei que ficou melhor na hora que eu estava lendo, depois antes de terminar. Mas agora eu estou vendo um errinho aqui, que eu não sei se depois eu vi. "Sua mãe tinha morrido há muito tempo para que ele". Não sei se eu vi isso. Ah, eu vi. <Risos/> Acabei de ver que eu vi. <Incompreensível/> </Entrevistado>

<Entrevistador> É meio angustiante, não é? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> É, porque eu <Incompreensível/> <Sobreposição/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Sobreposição/> Ver o seu processo de novo. </Sobreposição/>  
 </Entrevistador>  
 <Entrevistado> É muito <Interrupção/> Gente do céu. E eu acho que, se eu não me engano, daqui para a frente eu fiquei só pensando no "of existence" lá, se era a melhor coisa  
 <Interrupção/> Era, ficou só isso, esse "of existence" e esse comezinho da "sua mãe", que eu fiquei pensando se seria essa a melhor opção. Na hora que você estiver analisando você vê aquela bola gigantesca <Sobreposição/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Sobreposição/> <Risos/> </Sobreposição/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> No "of existence". Não adianta nem você <Interrupção/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Eu já vou saber quem é o sujeito. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> É, já vai saber. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Incompreensível/> <Risos/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> <Risos/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Você está satisfeita com a sua tradução? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Estou. <Risos/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Você gostaria de modificar algo, mudar alguma coisa? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> No momento, não. Eu acho que, assim, sem acesso, sem consultar nada, eu só, olhando as duas traduções que existem, eu acho que é o melhor que eu poderia ter feito. Que eu acho também que ter as duas traduções também influencia um pouco a gente, porque, meio que a dúvida ou pensar na possibilidade é interrompida. Você poderia ter feito de uma outra forma se não tivesse tido acesso a duas opções. Não é nem só uma, são duas.  
 </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Te induz, não é? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Te induz. Te induz bastante. E o fato de você também pode juntar uma com a outra, porque você pega uma coisa que você gostou em uma, mas não gostou na outra, junta, então induz. Assim, facilita um pouco, mas te induz também, e também acho que te limita, porque aí você fica preso nessas duas opções e não consegue pensar em uma terceira.  
 </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Finalmente está acabando. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Risos/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Finalmente <Incompreensível/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Risos/> Pode fechar o olho. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Está joia. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Vou ter mais uma tarefa para você, mas agora as perguntas são guiadas.  
 </Entrevistador>

#### P04

<Entrevistador> Agora eu vou mostrar o processo, está? Então vai ser <Incompreensível/> leitura <Pausa/> até vinte minutos <Sobreposição/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> <Sobreposição/> Humrum. </Sobreposição/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> E eu estarei <Incompreensível/> comentando se está <Incompreensível/>  
 </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Humrum. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Incompreensível/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Ah está. <Risos/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Porque ela está arrumando aí. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Humrum. </Entrevistado>

<Entrevistador> <Incompreensível/>

<Entrevistado> É, provavelmente. <Pausa/> Hum. </Entrevistado> Éh! <Pausa/> Aqui eu acho que eu optei por "bela", que aqui eu acho que <Pausa/> tem mais a ver com <Pausa/> a linguagem literária, não sei. <Pausa/> E talvez para a descrição da pessoa o "bela" <Pausa/> se encaixa mais, hum <Pausa/> com os outros adjetivos. <Pausa/> Eu ia optar por "oriunda", aí eu <Interrupção/> eu <Pausa/> decidi por "vindo de um lar <Pausa/> feliz e <Pausa/> uma casa confortável". <Pausa/> Acho que eu optei pela "casa confortável" <Interrupção/> Essa questão da <Pausa/> família acomodada <Pausa/> não é!, "a comfortable home and happy disposition" acho que está mais nessa ideia de um lar feliz, uma casa confortável <Pausa/> ham <Pausa/> "para se reunirem em sua pessoa as maiores bênçãos". Acho que <Pausa/> a <Pausa/> primeira tradutora fez e <Interrupção/> Falando em bênçãos <Interrupção/> da existência <Pausa/> acho que fica uma tradução <Pausa/> aproximada de "seemed to unite some of the best blessings of existence". Aí eu mudei de "rica" para "abastada", que eu acho que se <Interrupção/> Está mais ligada à linguagem literária, também. <Pausa/> Ham, optei por esse ponto final, que <Pausa/> eu achei que a <Interrupção/> o ponto e vírgula <Pausa/> talvez ocorra mais em língua inglesa. Em língua portuguesa a gente quebraria essa frase. <Pausa/> E o "vivera", porque eu acho que está meio <Interrupção/> Esse passado está mais ligado à linguagem literária. "Vivera quase vinte e um anos <Pausa/> sem que nada a angustiasse ou a desagradasse". Acho que <Pausa/> vai na ideia da "angústia e irritação". <Pausa/> Acho que "irritação" parece muito de <Pausa/> menina mimada, não <Interrupção/> não descreve a personagem, então eu optei por "desagradasse". "Era a mais jovem de duas filhas do <Pausa/> pai mais carinhoso e indulgente". <Pausa/> "carinhoso" é uma <Interrupção/> uma <Interrupção/> A tradutora optou por "afetuoso". <Pausa/> Acho que "carinhoso" <Pausa/> está mais ligado a "pai". "Devido ao casamento de sua irmã", acho que "bodas de sua irmã" fica <Pausa/> uma linguagem muito rebuscada. <Pausa/> Talvez não <Interrupção/> não se aplique. <Pausa/> "Tornara-se a senhora de casa <Interrupção/> da casa desde muito jovem". Nesse trecho eu fiquei confusa, acho que depois eu voltei nele. <Pausa/> "Sua mãe morrera há tanto tempo". <Pausa/> Acho que para manter o tempo verbal, não é!, do <Interrupção/> Que eu acho que está mais ligado à linguagem literária. <Pausa/> "Ela não tinha mais que uma vaga lembrança de suas carícias". Acho que "carícias" <Pausa/> está mais ligado à lembrança da criança do que "carinhos" <Pausa/> não é!, acho que a criança se lembra mais do que <Pausa/> o adulto fez <Pausa/> do que <Interrupção/> Acho que "carícias" descreve melhor do que "carinhos". Aí eu mudei de "era a senhora da casa desde muito jovem" <Interrupção/> Que eu achei que esse "tornara-se <Pausa/> desde muito jovem" dá mais a ideia de que <Pausa/> aconteceu no passado, então "era a senhora da casa desde muito jovem" <Pausa/> ao invés de "tornara-se <Pausa/> desde muito jovem". <Pausa/> </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. <Pausa/> Você está satisfeita com a sua <Pausa/> tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Por ora, sim. <Pausa/> Talvez se eu olhar ela daqui a um tempo, não. <Risos/> </Entrevistado>

<Entrevistador> <Risos/> Você gostaria de modificar <Pausa/> algo? </Entrevistador>

<Entrevistado> No momento, não. </Entrevistado>

<Entrevistador> Feche os olhos novamente. </Entrevistador>

<Entrevistado> Humrum. </Entrevistado>

## P05

<Entrevistador> <Incompreensível/> Na hora que você estava com o olho fechado <Incompreensível/> Você vai ler e <Incompreensível/> </Entrevistador>

<Entrevistado> Está. Ah, provavelmente esse tempo que não está acontecendo nada era o tempo que eu estava lendo, não é? </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> O texto em inglês todo, só para eu ter uma noção de contexto, entendeu? </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Vamos ver o que que era. </Entrevistado>

<Entrevistador> Você leu só em inglês ou leu as traduções também? <Sobreposição/>

</Entrevistador>

<Entrevistado> <Sobreposição> Eu li </Sobreposição> <Interrupção/> No inicial eu li só o texto em inglês. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Para eu começar a fazer uma tradução minha. E aí quando eu tinha dúvida de vocabulário, tipo <Incompreensível/> "handsome" </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Que geralmente é usado para homem hoje, só que eu tinha visto ele num seriado, Vikings. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Aí eu falei assim, não, espera aí, esse "handsome" aqui, ele tem mais cara de <Interrupção/> Sei lá. Aí eu estava tentando procurar uma palavra. Aí quando eu estava com essa dúvida de vocabulário eu falei assim, ah, deixa eu ver o que é que eles usam. Ah, tem "bela" e "bonita". Não era nenhuma das duas que eu estava pensando, mas <Interrupção/> Está, eu não sei qual que eu vou usar aqui, então eu vou usar "bela", que eu acho mais literário, mais <Interrupção/> Sei lá. Mais cara de livro de literatura do que "bonita". Por isso que tem essas paradas também, eu fico assim, ah, deixa eu ver se eu consigo achar um sinônimo que fica mais legal. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Mas depois vai perceber que o texto começou a fluir mais rápido porque eu despreocuei, na verdade, com a tradução dos outros, sabe? </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> E foi mais pensando assim, ah, vou montar uma tradução minha cara. </Entrevistado>

<Entrevistador> Está. Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Então o texto, ele fluiu com mais <Interrupção/> Sei lá. Naturalidade, mesmo. Então, sabe, essas dúvidas, ah, o que é que eu vou usar aqui? </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Ah, é "feliz"? Como que eu vou traduzir esse <Interrupção/> Sei lá. "Happy disposition". </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> "Disposição alegre", eu nunca vi isso, eu nunca falei isso. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Mas eu também não acho que ele seja exatamente <Interrupção/> Como está aqui? "Família acomodada e um bom caráter". <Sobreposição/> </Entrevistado>

<Entrevistador> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu não sei se isso é "bom caráter". Ah, vou colocar aqui "bem disposta", que parece que é isso. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Que parece que vai dar um sentido <Interrupção/> Uma pessoa bem disposta. Ah, o que é ser bem disposta? "Bem disposta" é alegre, que está pronta para fazer alguma coisa, está disposta para fazer. <Incompreensível/> "Uma das melhores bênçãos que existia",



não. Aí eu decidi <Interrupção/> Não, não era para a existência de alguém, sabe? No sentido assim, <Sobreposição/> </Entrevistado>

<Entrevistador> <Sobreposição/> Humrum. </Sobreposição/> </Entrevistador>

<Entrevistado> Nossa, pessoa <Interrupção/> Se essa pessoa tivesse as bênçãos, nossa, que isso. </Entrevistado>

<Entrevistador> <Risos/> </Entrevistador>

<Entrevistado> Ia ficar muito bom, cara. </Entrevistado>

<Entrevistador> <Risos/> </Entrevistador>

<Entrevistado> Estou zoando. "Nada te" <Interrupção/> Eu não queria usar a palavra "afligia". <Sobreposição/> </Entrevistado>

<Entrevistador> <Sobreposição/> Humrum. </Sobreposição/> </Entrevistador>

<Entrevistado> Mas o <Interrupção/> "Afligisse", não é? </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> É. Mas eu não queria usar essa palavra, mas eu não consegui pensar em uma outra. Não sei. Aí eu vi só o "vex" <Sobreposição/> </Entrevistado>

<Entrevistador> <Sobreposição/> Humrum. </Sobreposição/> </Entrevistador>

<Entrevistado> Aí falei assim, ah, "vex" é "irritar", "encher o saco". Vou pôr assim, "nada que a afligisse ou irritasse". </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> É, aí eu fiquei nessa dúvida, não é!. Tipo assim, nossa, qual que é esse tempo verbal? Éh!, passado mais-que-perfeito <Interrupção/> pretérito mais-que-perfeito. Falei assim, ah, cara <Interrupção/> Está. Tem a maior cara de <Interrupção/> <Risos/> </Entrevistado>

<Entrevistador> <Risos/> </Entrevistador>

<Entrevistado> Sei lá, de Machado de Assis, aquele português clássico, assim, meio antigo. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Aí eu falei assim, ah, não, não. Eu estou traduzindo para quem? Aí que eu comecei a pensar, aí você vai ver que o texto já fluiu com mais rapidez. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> <Incompreensível/> Espera aí, eu estou traduzindo para quem? Ah, parece que isso aqui é um romance, sei lá. E eu acho que quem vai ler é jovem. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Então deixa eu por uma linguagem mais jovem, assim, também. Aí você vai perceber que o texto fluiu com mais rapidez. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Falei assim, ah, "tinha vivido por volta de vinte anos em um mundo onde quase nada a afligisse ou irritasse". Aí nas traduções estava assim: "era a menor das duas filhas de um pai muito carinhoso e indulgente". </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Aí eu falei assim, ah, está, era a mais jovem. Aí eu fiquei nessa dúvida. Ah, não, acho que "a mais jovem" é legal. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu falei assim, não, espera aí, mas "caçula" é a mais jovem. Deixa eu usar um vocabulário diferente das duas traduções. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Só para <Interrupção/> "Entre as duas filhas de um pai" <Interrupção/> Aí deixa eu ver. "Of a most affectionate, indulgent father". Eu acho que eu coloquei "carinhoso" mesmo. E "indulgente". "Indulgente" eu só repeti, porque eu não sabia uma outra palavra para "indulgent". Aí essa parte </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Do "porém" em diante. Que fala do casamento da irmã, não é!. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Aí está lá: "em consequência". Eu ia usar "consequência" porque eu li em inglês, não é! </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> "And had in consequence of her sister's marriage". Só que eu já estava pensando em uma tradução minha, mesmo para um jovem. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Assim, para um adolescente de quinze, dezesseis anos. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Aí eu falei assim, ah, vou usar uma linguagem um pouco mais simples, que foi minha escolha, mesmo. <Sobreposição/> </Entrevistado>

<Entrevistador> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> </Entrevistador>

<Entrevistado> <Incompreensível/> Só porque é para esse público que eu estou traduzindo a partir de agora, é uma decisão minha. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Então o texto ficou um pouco mais <Interrupção/> Eu acho que a minha tradução, ela ficou um pouco mais pobre. Em termos de escolha. Escolha lexical, mesmo. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Mas eu acho que a ideia foi prevalecida, não é!. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Aí eu vi lá: "sua mãe morrera". Ah não, que "morrera". <Risos/> A mãe morreu, ela faleceu. <Risos/> </Entrevistado>

<Entrevistador> Hamram. </Entrevistador>

<Entrevistado> Quando ela era muito pequena, eu até coloquei. "Que ela tinha morrido para que ela conservasse algo mais que uma" <Sobreposição/> </Entrevistado>

<Entrevistador> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> </Entrevistador>

<Entrevistado> Aí eu falei, mano, eu acho que está confuso </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> para entender a ideia. Que no inglês acho que ficou mais claro a mensagem, aí eu tentei clarear essa mensagem em português também. "A sua mãe faleceu quando era muito pequena, e por isso as lembranças eram". Eu acho que eu corrigi depois. "Lembranças de suas carícias eram". Eu corrigi, "muito rasas". Aí eu fiquei assim, nossa, mas "lembranças rasas"? Não. </Entrevistado>

<Entrevistador> <Risos/> </Entrevistador>

<Entrevistado> Podia ser assim: "lembranças muito detalhadas", "lembranças profundas". </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Aí eu pensei no antônimo, não é!, eu falei assim, ah, eu acho que vou colocar "rasas". Acho que não, acho que lembranças são "vagas". Aí que eu decidi mudar para "vagas". </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> "Carícias" era muito <Interrupção/> Aí eu fiquei pensando, tentando mexer no texto um pouco. Aí eu falei assim, ah, será que o texto vai ficar muito pobre? Ah, vai ficar pobre mas é meu. <Risos/> </Entrevistado>

<Entrevistador> <Risos/> </Entrevistador>

<Entrevistado> É isso mesmo, aí foi <Interrupção/> "Carícias" era muito raso.  
 </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Incompreensível/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Humrum. É, até essa parte foi só para eu ler tudo, não é! <Sobreposição/>  
 </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Para ver se tinha alguma coisa. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Você ficou satisfeito com a sua tradução? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Fiquei. Fiquei. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Tem mais alguma coisa, assim, que você gostaria de comentar?  
 </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Deixa eu ver. Ah, o que eu achei, assim, difícil, na verdade, foi não saber para quem que eu estava traduzindo. <Sobreposição/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Aí quando eu consegui </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Visualizar o público </Entrevistador>  
 <Entrevistado> É. Visualizar o público aí a tradução saiu com mais <Sobreposição/> rapidez.  
 </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Mas eu fiquei assim, nossa, eu estou traduzindo para quem? Ah, para adolescente. Então eu pensei em adolescente e aí por isso que o texto ficou um pouco mais pobre. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Do que os outros, assim, quando eu faço a leitura das outras duas traduções <Sobreposição/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Eu acho que o meu texto ficou assim <Interrupção/> Ah, esse aqui é um mais popular. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Mas eu pensei, assim, também, que passando na cabeça muito rápido, foi essas traduções de Bíblia </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Que <Incompreensível/> Ah, Bíblia é para o jovem. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Aí ao invés de usar aquele linguajar muito rebuscado </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Assim, ele simplifica e passa a mesma mensagem. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Se o seu público fosse adulto, por exemplo, você acha que você teria feito escolhas lexicais diferentes? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Sim. Provavelmente. Tipo, <Interrupção/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Incompreensível/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> É. Eu acho que não colocaria "caçula". </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Eu colocaria <Interrupção/> Talvez "ela era a mais jovem de duas filhas".  
 </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Ah. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Você optaria por "a mais jovem" ao invés de "menor" <Sobreposição/>  
 <Incompreensível/> </Entrevistador>

<Entrevistado> <Sobreposição> É. </Sobreposição> É, "menor" eu não sei. Não gostei.  
 </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Ela "era a mais jovem das duas filhas", eu acho que essa tradução  
 <Interrupção/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> E o tempo verbal, você manteria qual, assim? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Tempo verbal eu colocaria o mais-que-perfeito. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Só para dar uma cara de <Interrupção/> nossa <Interrupção/> Eu acho que  
 adulto julga mais o texto. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Hamram. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Assim, ao invés de ficar <Interrupção/> Nossa, que legal, li, a mensagem  
 está aí. Eu acho que eu fico assim, nossa, olha. Viu? A gente usava isso aqui, olha. Esse  
 tempo verbal, acho que <Interrupção/> Ele vê um texto assim, como um texto mais rico,  
 sabe? <Sobreposição/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Aí eu tentaria manter uma dessas coisas. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Certo. </Entrevistador>

#### P07

<Entrevistado> O que que você vai colocar no <Interrupção/> éh! <Incompreensível/>  
 </Entrevistado>  
 <Entrevistador> É <Incompreensível/> Você pode começar. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Hum. <Pausa/> Então <Pausa/> O que <Pausa/> logo de início me pareceu  
 o texto <Interrupção/> Hum <Pausa/> Na segunda tela me pareceu muito <Pausa/> português  
 de Portugal. <Pausa/> Então, assim <Pausa/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> A da segunda é a direita? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> É, essa daqui, olha. "Bom caráter", "família acomodada", então esse "família  
 acomodada" foi o que me <Interrupção/> Achei mais estranho, assim. O que, para mim, não  
 parecia português <Pausa/> do Brasil. Pode <Interrupção/> Posso estar enganada, mas  
 <Pausa/> éh! <Pausa/> Mas talvez possa ser também por causa da linguagem do texto  
 literário, que pede um tipo de linguagem diferente, também. <Pausa/> Então <Pausa/> eu  
 <Pausa/> particularmente gostei da <Interrupção/> da <Interrupção/> da esquerda, não é  
 isso? <Incompreensível/> Eu <Interrupção/> Achei ela melhor, tanto que, assim, de início  
 <Pausa/> até por causa da leitura dela, me influenciava a ponto de <Interrupção/> Assim  
 <Interrupção/> Fiz uma cópia <Pausa/> praticamente fiel dela. <Pausa/> Mas depois  
 <Pausa/> não é!, lendo <Interrupção/> Desde o início eu já estava com aquilo na cabeça.  
 Não, vou mudar depois. Vou mudar depois. Então depois que eu digitei <Pausa/> a  
 <Interrupção/> Porque eu já via a minha digitada <Pausa/> foi que eu me senti mais  
 <Interrupção/> com mais liberdade de fazer as mudanças que eu já estavam <Interrupção/>  
 que já estavam na minha mente. <Pausa/> Então <Pausa/> esse primeiro parágrafo, por  
 exemplo, achei muito extenso. <Pausa/> Éh!, assim, sem nenhum ponto, não é!,  
 intermediário, então eu quis fazer sentenças mais curtas, e <Interrupção/> E seria alguns  
 verbos, <Pausa/> também. Igual por exemplo, "já mudei" para "morava na casa confortável"  
 <Pausa/> Colocar o verbo mesmo, em vez de colocar "como uma casa confortável". <Pausa/>  
 E o dono da casa era o pai, não é!, não era ela, ela só morava lá. <Pausa/> Ham <Pausa/>  
 Mas <Pausa/> teve um pedaço que <Pausa/> depois me <Interrupção/> Depois de terminar  
 <Pausa/> a <Interrupção/> a tradução que pensei em mudar. Aqui, essa parte aqui. Que para  
 mim pareceu <Interrupção/> Estava em uma linguagem mais <Interrupção/> Mais antiga, sei  
 lá. <Pausa/> Mais literária, vamos dizer, não é! <Pausa/> Que eu queria trazer mais para o

<Interrupção/> para a linguagem mais atual. <Pausa/> Então "a lhe causar" <Interrupção/>  
 Aí <Pausa/> pensei em algo mais <Interrupção/> Depois eu pensei em algo mais <Pausa/>  
 da nossa atualidade, sei lá. <Pausa/> "o stress", alguma coisa assim. <Pausa/> Éh! <Pausa/>  
 Teve um trecho que, para mim <Interrupção/> Eu posso considerar como <Interrupção/> Foi  
 difícil <Pausa/> Foi esse <Interrupção/> que ele <Interrupção/> Que ela fala do pai, das  
 características do pai. <Pausa/> Esse "most" <Pausa/> aí você está comparando  
 <Interrupção/> Está comparando com outras pessoas, mas no texto-fonte não tinha. <Pausa/>  
 Entre todos, por exemplo, é mais entre todos. Aí então <Interrupção/> Inseri isso no  
 <Interrupção/> no <Interrupção/> no meu texto alvo. <Pausa/> Que eu achei necessário.  
 <Pausa/> Hum. <Interrupção/> Éh!, "senhora da casa" e "ama de casa", eu pensei, que a  
 gente fala mais em "dona da casa", não é! <Pausa/> Então <Pausa/> por isso que <Pausa/>  
 preferi essa construção. <Pausa/> E é isso. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Só isso, não é? <Pausa/> Você Éh!, você ficou satisfeita com a sua tradução?  
 </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Hum. <Risos/> Não. Pela própria inexperiência com <Interrupção/> Com  
 esse tipo de texto. <Incompreensível/> Não, assim. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Risos/> Você gostaria de modificar algo? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Então, <Incompreensível/> Essa parte mesmo que eu estou te falando, é uma  
 questão de <Pausa/> se <Pausa/> eu preferi <Interrupção/> Usar uma linguagem <Pausa/>  
 um pouco mais atual, eu acho que eu deveria ter mudado esse "lhe causar", "lhe causaram"  
 que é <Interrupção/> Foi a minha opção final. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> E até <Pausa/> o próprio <Pausa/> "angústia ou irritação", usar uma palavra  
 mais <Pausa/> do nosso tempo, não é!, sei lá. <Pausa/> "Stress", a palavra stress vem  
 <Interrupção/> Vem à mente, mas eu poderia usar outra também. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. <Pausa/> Agora </Entrevistador>

## P08

<Entrevistado> A hora que você falar que está valendo. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Isso, está valendo. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Está valendo? <Pausa/> Bom, essa primeira parte eu li o texto <Pausa/> em  
 inglês, lá em cima. <Pausa/> Aí li, direitinho <Interrupção/> Aí <Pausa/> eu fui indo, assim,  
 <Pausa/> aí eu cheguei no <Pausa/> nessa <Interrupção/> depois da <Interrupção/> depois  
 de "disposition" eu fiquei meio na dúvida, aí eu voltei atrás para ler o que que é que estava  
 dizendo. <Pausa/> Aí, continuei, e tal, <Pausa/> li direitinho, <Incompreensível/> <Pausa/>  
 Está, aí essa primeira parte eu li o <Pausa/> o texto. Acho que é essa parte que está  
 aparecendo aí. <Pausa/> Aí <Pausa/> Fiquei pensando, e tal, o que que eu ia fazer. <Pausa/>  
 Então essa parte eu ainda estou pensando, não é!, porque eu não comecei a escrever aqui  
 ainda. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Fui lendo, <Pausa/> e tal. <Pausa/> Fazendo <Interrupção/> Entendendo o  
 que que estava escrito, não é!, direitinho, e tudo. <Pausa/> E <Pausa/> é isso, essa primeira  
 parte. <Pausa/> Até eu começar a escrever. <Pausa/> Aí eu comecei a ler <Interrupção/> ler  
 uma linha, assim, dos lados, nesse que é mais em cima, assim. <Pausa/> Eu acho. <Risos/>  
 <Pausa/> Aí <Interrupção/> Ah, deixa eu fazer um comentário. Eu li <Interrupção/> Essa  
 fala assim: "Emma Woodhouse, handsome" Aí eu fiquei pensando, esse texto deve ser mais  
 antigo, porque <Interrupção/> Não sei, acho que esse "handsome" é um negócio que a gente  
 hoje em dia usa mais <Pausa/> para o sexo masculino do que para o sexo feminino. <Pausa/>  
 E Emma é um nome feminino, então <Interrupção/> Bom, aí eu comecei a <Pausa/> escrever,  
 não é!, a fazer a <Pausa/> tradução. <Pausa/> Aí <Pausa/> eu li aqui dos lados e pensei assim,

nossa, bela, bonita <Interrupção/> Como é que é? <Risos/> Aquela coisa que falou da <Interrupção/> da mulher do Temer? <Pausa/> Éh!, <Interrupção/> bela <Pausa/> não sei o que do lar. <Risos/> Aqui, achando graça. <Pausa/> Aí a primeira que eles colocaram, um <Pausa/> um <Pausa/> um verbo aí, não é!, esse "era bonita, inteligente <Pausa/> e <Pausa/> e rica". <Pausa/> Fiquei <Interrupção/> fiquei meio na dúvida nessa vírgula antes do "e <Pausa/> rica" aí, não é!, se coloquei. <Pausa/> De todo jeito. <Pausa/> Aí <Pausa/> a hora que chegou essa hora de continuar, <Pausa/> eu falei assim, mas se ela era, eu vou ter que <Interrupção/> falar outro <Interrupção/> outro verbo, porque ela não era uma <Interrupção/> uma casa <Pausa/> confortável, sei lá <Pausa/> o que que eu coloquei aí. <Pausa/> Aí eu coloquei outro verbo, "vivía". <Pausa/> Aí eu ia <Interrupção/> Eu fiquei pensando se colocava "um lar" <Pausa/> ou "uma casa". Aí eu li dos lados para ver <Pausa/> que que as outras traduções colocaram, aí um tinha "família", o outro tinha "casa", mas eu achei que estava falando da casa. <Pausa/> Aí, eu voltei atrás do negócio do verbo. Aí eu falei, vou tirar os verbos. <Pausa/> Aí <Pausa/> coloquei mais ou menos acompanhando o que que eles <Interrupção/> que que as outras traduções colocaram. <Pausa/> Aí, em vez de "confortável", eu achei que era mais tipo "aconchegante", essa casa aí, porque <Pausa/> sei lá, acho que vai para <Interrupção/> além do <Pausa/> do físico, assim, acho que <Pausa/> esse "confortável" aí <Interrupção/> ela não é só <Interrupção/> Porque está falando das características da <Interrupção/> da <Interrupção/> da pessoa, não é!, da <Pausa/> da <Pausa/> Emma. Então, éh!, achei que <Pausa/> "casa aconchegante" compreendia mais do que só "confortável". Então <Pausa/> depois <Interrupção/> Aí depois tinha esse negócio dessa "happy disposition". <Pausa/> E eu fiquei sem saber o que que era essa "disposition". Como não tem dicionário, olhei de um lado, e fala: "disposição alegre". Do outro lado, fala: "bom caráter". Achei que era "bom caráter". <Pausa/> Aí, coloquei "bom caráter" porque <Pausa/> achei que tinha mais a ver. <Pausa/> Acho que "disposição" é <Pausa/> outra coisa em português, sei lá. <Pausa/> Aí coloquei nessa <Interrupção/> mais ou menos na mesma ordem que estava no inglês. Éh! <Pausa/> Aí <Pausa/> Foi mais ou menos seguindo o que que os <Interrupção/> os outros tradutores fizeram. <Pausa/> Aí essa <Pausa/> "the best blessings" fiquei na dúvida se colocava "bênção", mas acho que acabei botando "dons" <Pausa/> se eu não me engano. Acho que foi "dons" mesmo. <Pausa/> Aí, está vendo? Aí eu <Interrupção/> Eu ia colocar <Interrupção/> Aí, está vendo? Eu mudei o "as", porque eu ia colocar "bênçãos", aí depois <Incompreensível/> mudei para "dons". E eu achei essa "existência" muito <Pausa/> demais, aí eu coloquei "vida". <Pausa/> Aí, fui seguindo o que está lá no texto do <Interrupção/> fonte, não é! <Pausa/> Aí o que que eu botei? Esse "ela" aqui, eu já não lembro, deixa eu ver. <Pausa/> Ah, tá, porque aí vai falar dessa segunda parte: "and had lived". Aí eu coloquei "vivera", porque eu achei mais interessante do que <Pausa/> eu copieei de um desses tradutores aqui. Porque o outro "tinha vivido", achei que "vivera" ficou mais <Pausa/> literário. <Pausa/> Aí <Pausa/> éh! <Pausa/> "quase vinte e um anos" achei <Interrupção/> não. <Pausa/> "perto de vinte e um anos" não gostei. O outro é <Incompreensível/> "aproximadamente". <Pausa/> Aí <Pausa/> em vez <Interrupção/> aí fala aqui em inglês <Pausa/> "in the world". Aí <Interrupção/> pensei em "universo", assim, <Pausa/> como uma coisa mais <Pausa/> geral. <Pausa/> Aí fala assim: "with very little distress". Aí <Pausa/> em uma das traduções está: "com muito pouco", e na outra está: "com <Interrupção/> sem quase nada". <Pausa/> Aí eu <Pausa/> achei melhor <Interrupção/> botar o <Pausa/> "pouquíssimo", assim, achei mais <Interrupção/> Porque aí esse "very little", é tipo intensidade, não é! <Pausa/> Intensidade para baixo. <Pausa/> Éh! <Pausa/> "com pouquíssima <Interrupção/> Aí em vez de "distress" eu quis botar <Interrupção/> "estresse", porque <Pausa/> <Interrupção/> é uma palavra, assim, que <Pausa/> está mais <Pausa/> atualizada, digamos, do que "afligida" e "angústia". Apesar de o texto ser, não é!, mais <Interrupção/> Eu acho que eu entrei em contradição, mas enfim. <Pausa/> Éh!

<Pausa/> Aí eu coloquei: "no universo que <Interrupção/> lhe causava <Pausa/> pouquíssimo estresse", e aí esse aí eu fiquei na dúvida, esse <Pausa/> "vex her". <Pausa/> Então não sei exatamente o que que é. Aí <Pausa/> eu fiquei olhando para um lado e para o outro. Um falou <Pausa/> "angústia, irritação", outro <Pausa/> "zangasse". <Pausa/> Aí eu acho que eu coloquei <Pausa/> "quase não a irritasse", alguma coisa assim. <Pausa/> Deixa eu ver o que que foi. <Pausa/> "que não lhe <Interrupção/> que lhe causava pouquíssimo estresse e que quase não lhe irritava", está? Eu coloquei esse "lhe" aí para <Pausa/> ficar mais literário. <Risos/> <Pausa/> Ai, ai. <Pausa/> Aí deu <Interrupção/> Aí a hora que eu acabei eu li tudo <Pausa/> que eu tinha escrito. Aí eu mudei umas coisas, está vendo? Aí eu coloquei lá: <Pausa/> Éh!, "Emma <Incompreensível/> vivendo em uma casa". Aí eu falei, ih, "vivendo". <Pausa/> Aí tirei o "vivendo". <Pausa/> Não agradei. <Pausa/> Achei que não <Pausa/> estava bom. <Pausa/> Aí <Pausa/> voltei com "com uma casa" <Pausa/> e resolvi mudar <Interrupção/> Ah, aí que eu mudei a ordem. <Pausa/> Que aí eu <Interrupção/> Porque "bom caráter" tem mais a ver com as características pessoais dela <Pausa/> do que a casa. <Pausa/> Aí eu acho <Pausa/> que eu <Pausa/> tentei fazer um "control <Pausa/> xis" e um "control <Pausa/> vê" lá na frente <Pausa/> e aí eu botei o verbo <Pausa/> "tinha bom caráter <Pausa/> e com uma casa", mas aí <Interrupção/> Está vendo que <Interrupção/> Aí não ia funcionar <Pausa/> com <Pausa/> "tinha bom caráter com uma casa", aí eu botei um outro verbo, <Pausa/> coloquei "vivia em uma casa aconchegante". <Pausa/> Aí <Pausa/> essa hora eu fiquei, mas <Pausa/> esse trem está muito esquisito. Aí resolvi botar um ponto final, quer ver? <Pausa/> Na primeira oração, já que tinha <Interrupção/> já que tinha uma oração, não é! <Pausa/> Fiquei pensando aqui, que eu ia fazer <Interrupção/> que eu ia fazer, porque tem um ponto final aí. <Pausa/> Aí <Pausa/> "ela parecia reunir toda a sua vida <Incompreensível/>". <Pausa/> E botei um ponto final em vez de ponto e vírgula, porque ponto e vírgula em português eu acho <Pausa/> meio estranho <Pausa/> para este tipo de texto. <Pausa/> Acho que ele é mais quando a gente está listando coisas. <Pausa/> Não sei. <Pausa/> Aí também botei "ela", porque <Pausa/> achei que ficava mais <Pausa/> interessante. <Risos/> Aí, depois, em vez de "universo", mudei para "mundo", olha lá. <Pausa/> Porque <Pausa/> "vivia em um mundo" <Incompreensível/> Sei lá, voltei atrás. <Pausa/> Achei "mundo" melhor. <Pausa/> Não sei por que, mais não. Aí comecei o segundo <Pausa/> parágrafo, <Pausa/> li lá de novo, acho. <Pausa/> E aí <Pausa/> éh! <Pausa/> fala assim <Pausa/> que ela era mais <Interrupção/> "the youngest of two daughters of most affectionate and indulgent father". Nas duas traduções <Interrupção/> Então uma fala "duas filhas", na outra <Interrupção/> Não, as duas falam "filhas". <Pausa/> Eu não sei, porque eu ia botar "irmãs". <Pausa/> Não eu <Interrupção/> Pois é, eu comecei a botar "irmãs". Mas depois eu falei, gente, mas como assim irmãs, de um pai? <Pausa/> Pai não tem irmã. <Pausa/> Quer dizer, pode ter, mas não <Interrupção/> Ela não podia ser <Pausa/> irmã do pai, não é!, ela <Interrupção/> Aí <Pausa/> arrumei para <Interrupção/> para "filha", eu acho. <Pausa/> Aí, olha, ela era <Incompreensível/> "mais nova de <Interrupção/> das <Interrupção/> das duas filhas", está vendo? <Incompreensível/> Calma, aí. <Pai> "de um pai muito carinhoso e indulgente". Esse "indulgente" eu fiquei meio na dúvida, porque <Interrupção/> Não sei bem o que isso quer dizer, mas copieei aqui da <Interrupção/> da tradução que já estava pronta. <Pausa/> Éh! <Pausa/> Aí <Interrupção/> Aí tem essa parte: "in consequence of her sister's marriage" <Interrupção/> Não. "and had, in consequence of her sister's marriage, been mistress of his house from a very early period". Aí essa parte eu fiquei meio agarrada, porque olha só. <Pausa/> Coloquei lá: "e se tornara, desde que sua irmã se casou, <Pausa/> a dona de casa, a senhora", fiquei olhando aqui o que que o pessoal <Interrupção/> que que os outros <Interrupção/> tradutores colocaram. <Pausa/> Um colocou "a senhora" e a outra colocou "a ama". "ama de casa", achei <Pausa/> nada a ver. <Pausa/> Aí eu coloquei "a senhora da casa". <Pausa/> Mas depois você vai ver que eu mudei

para <Pausa/> "dona da casa". <Pausa/> Aí <Pausa/> ficou assim, olha: "e se tornara, desde que sua mãe <Interrupção/> sua irmã se casou, a senhora da casa muito cedo". Mas não acho que deu o mesmo efeito do que estava lá no <Pausa/> inglês. <Pausa/> Aí eu continuei, mas eu vou mudar essa parte aí se <Interrupção/> se você vai ver. <Pausa/> Aí continuei lá, com a mãe <Pausa/> que já tinha falecido, e <Interrupção/> Como eu achei "falecido" aí em vez de "morrido". Achei mais <Pausa/> bonitinho. <Pausa/> Sei lá. <Pausa/> Aí também fiquei nessa coisa do <Pausa/> "há bastante tempo" <Pausa/> que tipo <Interrupção/> que <Pausa/> éh! <Interrupção/> Como é que é? "too long ago for her to have more than an indistinct remembrance of her caress". <Pausa/> Essa parte, eu também fiquei meio agarrada aí, como é que eu ia colocar <Pausa/> que era tanto tempo que ela já <Pausa/> tinha uma lembrança bem vaga. <Pausa/> Aí, olha, coloquei: "tinha falecido há tanto tempo que ela tinha pouco mais que uma lembrança <Pausa/> instintiva", sei lá. <Pausa/> Aí <Pausa/> fiquei olhando aqui que esse "caress" ia ficar melhor. Aí tinha "carinho" de um lado e "carícias" do outro. Eu acho que é "carinho". <Pausa/> Acho que mãe com filho é mais carinho do que carícias. <Pausa/> Acho que "carícias" não é muito <Interrupção/> Aí eu coloquei "carinho materno", para não falar <Pausa/> éh! <Pausa/> "her", para não ficar <Pausa/> "dela", e aí ficar meio confuso <Pausa/> se "dela" era a mãe, ou se era a <Interrupção/> a moça, <Pausa/> aí coloquei "materno" porque eu achei que resolvia. <Pausa/> Mas aí eu mudei ele depois, olha, o negócio da irmã. Quer ver? Olha. <Pausa/> Aí eu li tudo <Pausa/> provavelmente, porque eu estou parada aqui, é porque eu devo ter lido. Acho que eu li mesmo. <Pausa/> Aí eu fiquei na dúvida com o tal do negócio da irmã. <Pausa/> Quer ver? <Pausa/> É, acho que foi. <Pausa/> Ah, aí, está vendo? Aí eu arrumei o negócio da irmã. Aí eu coloquei: "se <Interrupção/> se tornara". Eu ia colocar: "desde muito cedo", só que aí já tinha o "desde que sua irmã se casou", "desde muito cedo" ia ficar ruim. <Pausa/> Só, que aí depois eu voltei lá no texto em inglês, <Pausa/> e aí a surpresa <Pausa/> é esse <Interrupção/> Sei lá, surpresa entre aspas, é esse que <Interrupção/> esse <Interrupção/> "a very early period" vem depois que fala que a mãe <Interrupção/> a irmã casou. <Pausa/> Então achei que tinha que manter isso <Interrupção/> essa ordem em português. Aí coloquei: "e se tornara, desde que sua irmã se casou, muito cedo, a <Interrupção/> a dona da casa". Só que esse "muito cedo" também está meio deslocado. <Pausa/> Aí acho que eu botei uma vírgula. <Pausa/> Ah, aí, viu? Porque aí ele fica: "desde que sua irmã se casou, muito cedo, a dona da casa". <Pausa/> Se bem que isso podia ter sido no final, não é? <Pausa/> "a dona da casa, muito <Interrupção/>" Não, é. <Pausa/> Acho que eu pensei nisso e deixei aí mesmo. <Pausa/> E eu fiz uma mudança aí na mãe que agora eu já não lembro o que que é. <Pausa/> Ah, é de "tinha falecido" para "havia falecido". <Pausa/> É. <Pausa/> Aí achei mudar para <Pausa/> "havia falecido". <Pausa/> Acabou. </Entrevistado>

<Entrevistador> OK. <Pausa/> Prontinho. </Entrevistador>

## P09

<Entrevistador> Você pode falar o que que você estava pensando nessa hora, o que que você fez? </Entrevistador>

<Entrevistado> Bem, até nesse momento eu parei porque "handsome" geralmente quando eu vejo com maior frequência é utilizado para homens e não para mulher, para mulher seria mais o "beautiful" e não o contrário, então <Pausa/> parei aí nesse ponto. <Pausa/> Aqui, continua em "clever", também eu lembrei que é mais opções, então eu optei por "esperto" em vez de "inteligente". <Pausa/> Aqui nesse ponto também foi a questão de "home", que embora em português isto é o "lar", também eu percebi que a maior frequência é utilizar como "casa" mesmo no sentido de "home" em inglês. <Pausa/> E "happy disposition" <Pausa/> aí eu fiquei em dúvida em relação a se eu utilizaria esse <Pausa/> "happy" <Pausa/> que quando se está disposto você já é de certa forma já implica que você está feliz, então eu só coloquei



"bem disposta" para deixar bem claro que <Pausa/> se tratava da, da forma com que ela estava. <Pausa/> Aqui esse trecho foi com relação a "blessings" <Pausa/> que aí tem algumas opções de tradução e eu estava em dúvida se eu utilizava <Pausa/> "bênçãos" ou "dons", como <Pausa/> a uma das traduções. <Incompreensível/> Acabei optando por <Pausa/> "bênçãos", e aí veio aquele com, aquele <Pausa/> éh! <Pausa/> "of existence", que <Pausa/> éh! <Pausa/> eu transformei em <Pausa/> em epíteto <Pausa/> ou em, éh! <Pausa/> em <Pausa/> em classificador. "Bênçãos existente", ao invés de "existente" eu quis escrever "existentes". <Pausa/> Hum. <Pausa/> Aqui nesse ponto <Pausa/> depois eu coloco. <Pausa/> Vou ver, aqui nesse ponto eu fiquei pensando com relação a "had lived" porque em português <Incompreensível/> tem algumas formas <Pausa/> de realizar esse, éh! <Pausa/> esse tempo <Pausa/> aí eu fiquei pensando que seria mais, éh! <Pausa/> talvez mais fluida para o texto. <Pausa/> OK, quando chegam nessa parte do <Pausa/> éh!, "to distress and to vex her" <Pausa/> éh!, o que acontece que <Pausa/> éh! <Pausa/> é difícil manter <Pausa/> eu achei um pouco difícil manter com, com o processo <Pausa/> e acabei optando no final por utilizar as nominalizações. <Pausa/> Na parte da revisão. <Pausa/> Ah sim, acho que foi por conta disso. Éh!, o uso do pronome. Porque no caso para "fingir" ficou o, a segunda pessoa <Pausa/> e quando chegam no "vexar" foi para a terceira, então <Pausa/> eu acabei optando, e, como nas outras <Pausa/> escolhas eu já tinha feito a terceira, eu acabei optando por <Pausa/> manter a terceira. <Pausa/> Ah, aqui, com relação a "affectionate", eu fiquei <Pausa/> pensando se eu utilizaria realmente "afetuoso", ou se eu utilizaria algum outro <Pausa/> éh!, adjetivo para <Pausa/> para realizar esse "affectionate", aí acabei optando por "afetuoso" mesmo. Quando eu olhei alguns <Incompreensível/> em uma das traduções estava "afetuoso" e aí eu acabei optando por este. <Pausa/> Isso, aí aqui vem um fato que <Pausa/> eu <Pausa/> mantive <Pausa/> éh! <Pausa/> que com relação ao uso do <Pausa/> "her sisters" e depois "his house" <Pausa/> éh!, a opção foi utilizar os dois com <Pausa/> a <Pausa/> utilizar como "sua" <Pausa/> ham, "de sua irmã", acho que tinha <Pausa/> acho que tinha isso "de sua irmã" <Pausa/> claramente "de sua irmã" e de depois fica <Pausa/> éh!, mais à frente aparece "his house" <Pausa/> éh! <Pausa/> e aí <Pausa/> eu acabei optando por <Pausa/> utilizar simplesmente <Pausa/> "da sua cara" <Interrupção/> ah, acho que foi assim, "da casa", "dona da casa", que já implica que a casa também <Interrupção/> que ela também era <Pausa/> parte da casa e que a casa era <Pausa/> não necessariamente pertencia a ela. <Pausa/> Ah sim, fiquei em dúvida também com relação ao uso de "mistress", se eu <Pausa/> utilizaria <Pausa/> alguma outra coisa além da, da "dona da casa" <Pausa/> "a dona da casa" ou "a senhora da casa", eu fiquei em dúvida então eu pensei em optar pela "a senhora da casa". <Pausa/> Até pensando em termos do tipo textual e talvez da época em que <Pausa/> este <Pausa/> éh!, romance retrata. <Pausa/> OK, quando chega aqui neste, <Pausa/> neste final <Pausa/> o que acontece é que nós temos <Pausa/> éh! <Pausa/> temos opções também para "hand eyed", que é "remoída por remoer" [??] <Pausa/> éh! <Pausa/> e vem esse <Pausa/> final que é uma oração <Pausa/> não finita no final <Pausa/> que <Pausa/> éh! <Pausa/> tem algumas possibilidades <Pausa/> de se realizar em português <Pausa/> então acabei optando pela possibilidade, aí eu fiquei <Pausa/> em dúvida em qual, éh!, eu utilizaria e acabei optando pela que eu achei que fosse mais fluida, também. <Pausa/> E o que acontece é, ali é o final, que tem, você tem "have more than an indistinct remembrance" [??] <Pausa/> e eu <Pausa/> acabei <Pausa/> éh! <Pausa/> optando por uma coisa inicial, que foi "lembrar-se" <Pausa/> transformar em processo, "lembrar-se muito claramente", e depois eu voltei <Pausa/> e utilizei o "tinha" <Pausa/> éh! <Pausa/> ham, "para que tivesse", na verdade, "para que tivesse uma lembrança" <Incompreensível/> continuei <Pausa/> <Interrupção/> com "lembrança", e <Pausa/> éh! <Pausa/> "more than an indistinct" <Pausa/> acabei <Pausa/> éh! <Pausa/> por conta da, da, da colocação eu acabei utilizando <Pausa/> éh! <Pausa/> "uma lembrança muito clara" ou "não lembrar-se

muito claramente". <Pausa/> Acho que basicamente foi isso, depois na hora da revisão <Pausa/> eu fiz essas mudanças. <Pausa/> O que mais? <Pausa/> Acho que é basicamente isso. <Pausa/> Depois eu <Pausa/> reli o texto-fonte <Pausa/> para <Pausa/> ver se estava coerente. <Pausa/> Acho que só isso, e fiz as mudanças que eu já havia comentado. </Entrevistado>

<Entrevistador> OK. </Entrevistador>

## Apêndice B – Transcrição dos Protocolos Guiados

### A01

<Entrevistador> Agora pode abrir os olhos. </Entrevistador>

<Entrevistado> Humrum. </Entrevistado>

<Entrevistador> Então me fala. Sobre a tarefa. </Entrevistador>

<Entrevistado> Hum. </Entrevistado>

<Entrevistador> O que você achou da tarefa de traduzir um texto que já estava traduzido? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu achei bem diferente do que eu já tinha feito antes, porque, quando você não tem o texto traduzido antes, você tem que pensar em todas as escolhas lexicais, em todas as estruturas gramaticais. Principalmente as escolhas lexicais. Aqui você tem opções para escolher, e/ou você pode escolher não usar nenhuma das duas e colocar uma terceira. Então o que eu fiz primeiro foi tentar aproveitar o que eu achei de bom nas duas, e depois fazer modificações para melhorar, e, se possível, <Incompreensível/> tradução que é melhor que as outras. Melhor no sentido de mais compreensível, mais para o público alvo, nesse sentido. </Entrevistado>

<Entrevistador> OK. A visualização de todos os textos na tela do monitor foi tranquila? Alguma coisa atrapalhou ou confundiu você? </Entrevistador>

<Entrevistado> A disposição dos textos. Não, acho que foi tranquila, porque eu tinha o da esquerda e o da direita e eu podia transitar livremente, inclusive em relação ao original. </Entrevistado>

<Entrevistador> Em que partes do texto original as traduções ajudaram você a elaborar a nova tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Ham. Digamos que não é partes, principalmente nos adjetivos, por exemplo, "bela", "inteligente", "rica", "jovem". Porque eu tinha sempre mais de uma opção para escolher. No caso <Interrupção/> Em relação à estrutura gramatical, mesmo, eu também tinha escolha de usar, por exemplo, "afligir", "angustiar", pensando se eu podia <Interrupção/> E também, nesse caso, se podia nominalizar, se eu iria nominalizar, se eu não iria. E ali, em relação a "ama de casa", "senhora de casa", nesse caso eu já tive que voltar lá no original para dar uma olhada em como é que estava lá. Aí eu acabei optando por uma delas, pensando na obra em si. Nem tanto na gramática, a gramática não ia fazer tanta diferença. Só a escolha, mesmo. </Entrevistado>

<Entrevistador> Em que partes você preferiu optar por uma nova alternativa não existente nas traduções? </Entrevistador>

<Entrevistado> Ham. Em algumas partes, deixa eu ver aqui. Hum. Ali, na parte do "afligisse ou lhe irritasse". Porque na da esquerda tinha "afligisse ou a zangasse" e, na direita, "angústia ou irritação". Então eu peguei um pouco de uma e um pouco da outra. Agora, o que não apareceu em nenhuma das duas <Interrupção/> Na verdade, foi mais a parte final, que é ali, olha. Que no inglês tinha "her mother had died too long ago for her to have more than an indistinct remembrance of her caresses", enquanto que na da esquerda falava "sua mãe tinha morrido para que ela conservasse algo mais que uma lembrança confusa de suas carícias" e na da direita falava "a mãe morrera há tanto tempo que ela não tinha mais que uma vaga lembrança de seus carinhos". Então, a início, eu tinha primeiro copiado o que eu achei melhor e depois eu coloquei "que já não lhe restava memória ou mesmo uma vaga lembrança de suas carícias", então eu tentei juntar as duas e colocando algo mais, nesse sentido do "restava" ou "nem mesmo" para dar uma certa ênfase em alguns aspectos do texto, mesmo. </Entrevistado>

<Entrevistador> Qual das duas traduções foi mais utilizada por você? </Entrevistador>

<Entrevistado> Acredito que a da esquerda. </Entrevistado>

<Entrevistador> Por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> Porque eu achei a linguagem dela mais próxima dos dias de hoje. Eu pessoalmente leio obras que usam pretérito mais-que-perfeito, "tornara-se", do que não é <Interrupção/> Isso me demanda mais esforço, acho que me cansa mais, e eu gosto mais <Interrupção/> E eu tenho preferência por obras que usam outras coisas, por exemplo, "tinha vivido", um vocabulário mais próximo da gente. É claro que depende muito da obra, e tudo, mas quando eu vou traduzir esse tipo de obra que, mais próxima do vocabulário de hoje, me influencia mais. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Em "with a comfortable home and happy disposition", você optou por interpretar "home" no sentido da casa ou da família da protagonista e por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> Hum. Eu pensei em um sentido <Interrupção/> Quando eu pensei, eu imaginei que seria em relação à casa, mesmo. Porque primeiro falou das qualidades da Emma, e depois falou do ambiente onde ela vivia. No sentido de, então <Interrupção/> Quer dizer, ela era rica, ela era bonita, mas <Interrupção/> Ela tinha uma casa confortável. Quer dizer, ela não passava por desconfortos, nesse sentido, e aí ela era uma pessoa sempre alegre. Então tudo isso juntava para formar o retrato dela aqui. Então eu preferi optar pela casa mesmo, embora eu podia ter colocado "lar", nesse sentido de falar da família, por exemplo. </Entrevistado>

<Entrevistador> Como você resolveu a tradução de "the youngest of two daughters of a most affectionate, indulgent father", tendo em vista que uma das traduções tinha "a menor" e a outra "a mais jovem"? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu optei pela "mais jovem". Justamente pelo fato de que o "menor" em português pode se referir tanto à idade quanto à questão do tamanho em si. Então, no caso, para explicitar mais essa questão, e também para trazer o fato de que tinha uma filha mais jovem e tinha uma filha mais velha. Então a velha casou e só sobrou a outra filha, então justamente para deixar esses fatos mais evidentes aí. </Entrevistado>

<Entrevistador> Como você traduziu "and had lived nearly twenty-one years", sendo que uma das traduções apresentou "tinha vivido perto de 21 anos" e a outra "vivera quase vinte e um anos"? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu resolvi como "e tinha vivido quase vinte e um anos". Porque, primeiro, em relação ao tempo verbal, que optei pelo "tinha vivido", que é mais próximo do que a gente <Interrupção/> Do que é usado hoje em dia do que há muitos anos atrás, então talvez fosse facilitar para o leitor. O "quase" eu optei porque é mais frequente em português usar o "quase", ao menos na linguagem falada, do jeito que na literatura ela meio que reflete a linguagem falada em alguns aspectos. Então ficaria mais próximo. E também porque o "perto de", apesar de que é usado, é mais próximo do inglês, aí eu preferi chegar um pouco mais próximo do português nesse ponto. </Entrevistado>

<Entrevistador> Ainda a esse trecho, um dos tradutores optou por "de um pai" e a outra "do mais afetuoso e indulgente dos pais". Qual foi a sua escolha? </Entrevistador>

<Entrevistado> Minha escolha foi "de um pai". Porque no que eu coloquei ficou "de um pai muito carinhoso e indulgente". Eu mantive o "indulgente" porque ele era mais próximo, mesmo, do que o original queria dizer. E esse "de um pai" no sentido para <Interrupção/> Porque antes tinha a estrutura "a mais jovem das duas filhas", no sentido de <Interrupção/> Primeiro, eu estou especificando quem é <Interrupção/> Eu estou especificando em relação à Emma. Especificando, assim, eu estou caracterizando ela, mesmo. E "de um pai" no sentido de que há vários pais mas um deles <Interrupção/> Mas esse em específico era muito carinhoso e indulgente. Não necessariamente era o mais. </Entrevistado>

<Entrevistador> Como você traduziu "mistress of his house"? Por que você optou por essa tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu optei pelo "a senhora da casa", tendo como opção "ama de casa" e "senhora da casa", porque, primeiro, que a mãe já tinha morrido, então a família consistia de um pai e duas filhas, e a filha mais velha já se casado e se mudado. Então só tinha ela. Então, como essa obra parece ser do século dezoito, dezessete, que as mulheres normalmente cuidavam da casa, então na prática ela era tanto a senhora da casa, no sentido de que era a mulher da casa, quanto a pessoa que limpava a casa, não necessariamente só uma empregada como talvez "ama de casa" pode sugerir em alguns casos. </Entrevistado>

<Entrevistador> No original, "from a very early period" aparece no final da frase. Mas nas traduções uma delas coloca esse trecho no início da oração e a outra no final. Qual posição você optou e por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> Deixa eu ver. "Desde muito jovem", aqui. <Incompreensível/> Original. "Faz muito tempo". "From a very early period". Hum. Eu optei por colocar no meio da oração, depois de uma vírgula, depois do "devido ao casamento da sua irmã", para dar uma certa ênfase em relação a isso. Em relação ao fato de ela ter se tornado a senhora da casa. Porque, nesse caso, eu acho que ficou mais explícito. Porque esse é um aspecto muito importante do texto, já que, no caso, ela era jovem, só que mesmo <Interrupção/> Só que desde nova ela já cumpria essa função. <Incompreensível/> Talvez <Interrupção/> Se colocasse no fim, não teria tanta ênfase quanto poderia ter. </Entrevistado>

<Entrevistador> No trecho final, como você traduziu "caresses"? Por que você optou por essa tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu optei por "carícias", porque, dentre as opções, "carícias" e "carinhos", eu acredito que quando o contexto tem a questão, então, da mãe, "carícias" fica, então, algo mais próximo, mais afetuosos do que "carinhos". "Carícias", de certa forma, tem um aspecto mais físico do que "carinhos", então <Interrupção/> Apesar de que não deixa de ter o afetuosos, mesmo. Então acaba que junta esses dois aspectos aí. </Entrevistado>

<Entrevistador> Obrigada, Rodrigo. </Entrevistador>

## A02

<Entrevistador> Então. O que você achou da tarefa de traduzir um texto que já estava traduzido? </Entrevistador>

<Entrevistado> Interessante. Eu acho <Interrupção/> Não sei, qual que é a tempo, se é anacrônico ou não, mas eu acho que sempre a tradução <Interrupção/> Eu consigo fazer algo mais atual. Eu achei que ficou legal, as estruturas que eu escolhi. Acho que estariam mais, sei lá, naturais hoje. </Entrevistado>

<Entrevistador> A visualização de todos os textos na tela do monitor foi tranquila? Alguma coisa atrapalhou ou confundiu você? </Entrevistador>

<Entrevistado> Não. Foi tranquila. A disposição estava OK. </Entrevistado>

<Entrevistador> Está. Agora sobre os textos em sentido global: Em que partes do texto original as traduções ajudaram você a elaborar uma nova tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Bom, a palavra "handsome", por exemplo, eu não usaria para mulher. Aí eu olhei a tradução para saber se realmente era uma mulher. Acho que a tradução foi útil para identificar o sentido do texto. Nessa última frase, que eu tive mais trabalho, eu li as duas versões várias vezes. Eu fiz uma diferente das duas, mas com a leitura delas eu tive mais uma ideia do que fazer. Acho que <Interrupção/> Toda vez que eu tinha dificuldade eu lia o original e lia a tradução também para saber como eles resolveram o problema, mesmo que eu tenha resolvido de forma diferente. </Entrevistado>

<Entrevistador> Elas te ajudaram mais no sentido gramatical ou o vocabulário? </Entrevistador>

<Entrevistado> Vocabulário, no caso do "handsome" e no caso do "vex her", que eu fiquei em dúvida e isso ajudou. E as estruturas também, porque no caso da estrutura da frase final eu tive que olhar as outras duas versões para saber se batia com o que eu fiz. </Entrevistado>

<Entrevistador> Em que partes você preferiu optar por uma nova alternativa não existente nas traduções? </Entrevistador>

<Entrevistado> Bom. Na parte da "casa", "uma casa confortável", "uma confortável casa", eu acho que eu fiz uma inversão, porque parece <Interrupção/> Sei lá, sempre quando você faz uma inversão parece mais livre do que na forma direta. Mas eu tive poucas opções diferentes, eu acho. Algumas, se não existiam no primeiro texto, existiam no segundo. Eu usei mais o segundo do que o primeiro como referência. Parece que tem mais a ver com o que eu faria. Mas, sei lá, eu fiz uma diferença, por exemplo, no caso da <Interrupção/> "tinha vinte e poucos anos" <Interrupção/> "Quase nada a afligisse ou zangasse", eu também tive uma dúvida aí, e eu acabei usando "angústia ou irritação", que existia na segunda opção. Então eu tentei buscar sempre <Interrupção/> Selecionar o que achava de interessante nas duas opções e quando nenhuma das duas me satisfazia eu colocava a minha própria versão. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Qual das duas traduções foi mais utilizada por você? Me fala se é a da direita ou a da esquerda. </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu usei muita coisa da direita. </Entrevistado>

<Entrevistador> Por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> Porque eu achei que estava mais próxima de como eu traduziria. Achei que estava mais, não sei, natural, mais fluido, o texto. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Agora sobre aspectos pontuais do texto. Em "with a comfortable home and happy disposition", você optou por interpretar "home" no sentido da casa ou da família da protagonista? Por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> É. <Incompreensível/> Não era necessariamente "house", é "home". Mas como essa "disposition" eu fiquei em dúvida se colocaria "residência" ou "casa". Eu não sei exatamente por que eu pus "casa". Como as duas <Interrupção/> Na primeira, ela tem um caráter mais, vamos dizer, psicológico do que físico, não está falando sobre a casa especificamente, está falando de uma família acomodada, bem acomodada. Eu não achei que seria exatamente isso que estaria escrito lá em cima. Essa questão de "home", de "comfortable home", eu achei que colocaria uma "casa confortável", mas não necessariamente em questão física, mas também emocional. Eu achei que seria mais interessante colocar "casa confortável", eu acho que remete mais ao lugar do que uma família acomodada. Isso não <Interrupção/> Eu acho que fica muito abstrato, não tem um referente muito forte. Por isso eu preferi colocar "casa" como referente. </Entrevistado>

<Entrevistador> Como você resolveu a tradução de "the youngest of two daughters of a most affectionate, indulgent father", tendo em vista que uma das traduções tinha "a menor" e a outra "a mais jovem"? </Entrevistador>

<Entrevistado> Olha, eu não acho que "youngest" fosse "menor", então para mim era "a mais jovem". Eu acho que eu usei como referência o texto-fonte, e para mim a tradução seria realmente "a mais jovem" e não "a menor". </Entrevistado>

<Entrevistador> Ainda referente a esse trecho, um dos tradutores optou por "de um pai" e a outra por "do mais afetuoso e indulgente dos pais". Qual foi a sua escolha? Por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> Deixa eu me orientar aqui. </Entrevistado>

<Entrevistador> Está. </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu também fiz essa do "mais afetuoso e indulgente dos pais" porque é o que eu encontro no texto original. Para mim, eu acho que é como o autor do texto original quis dizer. Eu acho que fica mais próximo do original do que da segunda opção. Então eu acho que essa opção ficaria mais interessante, porque eu me oriento sempre pelo que eu acho que o autor

original tenha feito, então eu acho que ele tentou fazer uma frase semelhante a essa.  
</Entrevistado>

<Entrevistador> Está bom. Como você traduziu "and had lived nearly twenty-one years" sendo que uma das traduções apresentou "tinha vivido perto de 21 anos" e a outra "vivera quase vinte e um anos"? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu usei o "vivera" também pela estrutura gramatical. Eu tentei manter essa ideia de um sujeito só e complementando do que <Interrupção/> Eu poderia ter colocado "tinha vivido", aí eu ia ter que acrescentar outros pronomes. Eu achei que não teria necessidade, então eu mantive o "vivera" para manter a estrutura gramatical. </Entrevistado>

<Entrevistador> Como você traduziu "mistress of his house"? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu coloquei "responsável pela casa". </Entrevistado>

<Entrevistador> Por que você optou por essa tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Porque eu acho que ela fica mais moderna do que se você colocar como na opção que ela fala <Interrupção/> Deixa eu lembrar, achar aqui. "Ama". "Ama da casa" é muito anacrônico, eu não acho que se falaria assim hoje. E acho que "responsável pela casa", ela é bem moderna, bem atual, eu acho que ficaria mais legal em uma versão nova desse texto.  
</Entrevistado>

<Entrevistador> No original, "from a very early period" aparece no final da frase.  
</Entrevistador>

<Entrevistado> Humrum. </Entrevistado>

<Entrevistador> Mas nas traduções, uma delas coloca esse trecho no início da oração e a outra no final. Por qual opção você optou? Por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> Optei pelo final, porque é como estava no original. Eu achei que não teria necessidade de mudar essa ordem. Eu acho que ela teria um efeito interessante se ficasse da forma com que está. </Entrevistado>

<Entrevistador> No trecho final, como você traduziu "caresses"? Por que você optou por essa tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu coloquei "carícias", porque eu acho que ela é uma palavra que ela remete mais ao tato, ao físico. Se colocasse "carinhos", o carinho, ele é mais abstrato, não necessariamente um toque. Eu acho que essa palavra, "caresses", eu acho que ela tem um pouco de toque. Então eu acho que a palavra "carícias" em português, ela remete a isso, remete a algo mais tátil. </Entrevistado>

<Entrevistador> Obrigada, Paulo. </Entrevistador>

<Entrevistado> Por nada. </Entrevistado>

## A06

<Entrevistador> Artur. O que você achou da tarefa de traduzir um texto que já estava traduzido?  
</Entrevistador>

<Entrevistado> Eu acho que um pouco pela instrução inicial, que era para traduzir uma coisa novamente, assim, então eu achei tranquilo, mas também com essa necessidade de fazer algo diferente das duas traduções anteriores. Então é uma tarefa tranquila, mas tem talvez essa necessidade de você recriar algo. Acho que é isso. </Entrevistado>

<Entrevistador> A visualização de todos os textos na tela do monitor foi tranquila?  
</Entrevistador>

<Entrevistado> Foi. Acho que está bem organizado. </Entrevistado>

<Entrevistador> Alguma coisa atrapalhou ou confundiu você? </Entrevistador>

<Entrevistado> Não, nada. </Entrevistado>

<Entrevistador> Sobre os textos no sentido global: em que partes do texto original as traduções ajudaram você a elaborar a nova tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu acho que na parte desses adjetivos, que no inglês está "affectionate, indulgent father" e como é que eu poderia traduzir isso para o português. Eu acho que as traduções ajudaram um pouco, não é!, "o pai carinhoso e indulgente", o outro é "afetuoso e indulgente". É, talvez também no finalzinho do primeiro período ali, "with very little to distress or vex her", que no português você tem que fazer uma mudança um pouco maior. Então as traduções também ajudaram a pensar em como é que eu poderia traduzir isso para o português.  
</Entrevistado>

<Entrevistador> Em que partes você preferiu optar por uma nova alternativa não existente nas traduções? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu acho que nesse primeiro período todo, não é!, do "Emma Woodhouse" até o "distress or vex her" porque eu acho que ficaram muitos modificadores do "Emma Woodhouse" no português, e não sei se isso é tão comum assim. Então eu optei por usar uma construção mais simplificada. E com isso eu dividi, na verdade foi em três orações. É. Eu acho que isso talvez seja a maior mudança. Ah, e também a parte da "filha mais nova". Que nas duas traduções estava "era a mais jovem das duas filhas", "era a menor das duas filhas". E eu espero que o leitor entenda que, se eu falo de uma filha mais nova e uma irmã mais velha, todas elas são filhas do mesmo pai. Acho que essas foram as maiores mudanças que eu fiz.  
</Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. E qual das duas traduções foi mais utilizada por você? Fala direita ou esquerda, está? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu acho que a da direita, creio eu. </Entrevistado>

<Entrevistador> Por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu tentei fazer uma tradução um pouco mais focada no mercado mais atual, e tal. E eu acho que o que se observa nessa tradução da direita é algo mais próximo disso. Então, por exemplo, "tornara-se a senhora da casa desde muito jovem", e isso aí não traz um apelo muito grande a um público que vem muito de rede social, e tal, enquanto o "tinha tido que fazer de ama da casa" eu acho que aproxima um pouco mais. Além de coisas como "bênçãos da existência". É, acho que seria isso mesmo. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Algumas das próximas perguntas você já respondeu.  
</Entrevistador>

<Entrevistado> Humrum. </Entrevistado>

<Entrevistador> Mas eu preciso que você responda novamente. </Entrevistador>

<Entrevistado> Está joia. </Entrevistado>

<Entrevistador> Em "with a comfortable home and happy disposition", você optou por interpretar "home" no sentido da casa ou da família da protagonista? </Entrevistador>

<Entrevistado> "With a comfortable home". Preferi falar em uma "casa confortável", mesmo.  
</Entrevistado>

<Entrevistador> Por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> Não sei, eu tinha que optar por uma das coisas. Eu optei pela casa. Porque logo antes falou que ela era "rica, inteligente". Não está falando muito de uma família, é mais focada na mulher, na Emma. Então eu acho que traduzir como "família" tiraria um pouco o foco dela.  
</Entrevistado>

<Entrevistador> Como você resolveu a tradução de "the youngest of the two daughters of a most affectionate, indulgent father", tendo em vista que uma das traduções tinha "a menor" e a outra "a mais jovem"? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu, na verdade, mudei tudo. Falei que ela é "a filha mais nova" e, mais adiante, na referência ao casamento da irmã, é que eu falo de uma "irmã mais velha". Então não teria essa coisa das "duas filhas". Mas eu optei pela "filha mais nova", então seria diferente das outras duas opções. </Entrevistado>



<Entrevistador> Humrum. Ainda referente a esse trecho, uma das tradutoras optou por "de um pai" e a outra por "do mais afetuoso e indulgente dos pais". Qual foi a sua escolha? </Entrevistador>

<Entrevistado> "De um pai" também. </Entrevistado>

<Entrevistador> Por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> Creio que por ser a primeira vez que fala alguma coisa relacionada ao pai. E por ser um pai mais genérico e não ser muito tratado ao longo desses dois períodos, preferi usar "de um pai", mesmo, ao invés de "mais afetuoso dos pais". </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu acho que isso traz uma questão mais genérica para o pai. </Entrevistado>

<Entrevistador> Tudo bem. Como você traduziu "mistress of his house"? </Entrevistador>

</Entrevistado> Humrum. </Entrevistado>

<Entrevistador> E por que você optou por essa tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu preferi falar que ela "cuidava da casa". É, eu preferi transformar isso em um verbo do que usar esses substantivos, "ser ama da casa", "a senhora da casa". É, eu preferi usar um verbo que mostrasse a função dela na casa, que era "cuidar". </Entrevistado>

<Entrevistador> No original: "from a very early period" aparece no final da frase, mas nas traduções uma delas coloca esse trecho no início da oração e a outra no final. Por qual opção você optou? Por quê? "From a very early period". </Entrevistador>

<Entrevistado> Humrum. Eu preferi colocar isso no começo. Por quê? "Era a filha mais nova de um pai <Incompreensível/> e desde cedo". Ah, eu creio que seja a posição mais comum desse tipo de circunstância no português. Uma circunstância de tempo, você coloca ela no começo da oração. </Entrevistado>

<Entrevistador> No trecho final, como você traduziu "caresses"? </Entrevistador>

<Entrevistado> Como "carinho" no singular. </Entrevistado>

<Entrevistador> Por que você optou por essa tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Como a gente está falando aqui de carinho no sentido mais geral, e não especificando muito que carinhos são esses, eu tentei seguir um pouco aquela visão de você falar do carinho de mãe e o carinho da família, e não atitudes em si, mas algo mais genérico. E no português quando você fala de algo muito genérico você coloca no singular, mesmo. Eu preferi colocar assim: "de seu carinho". Por isso. </Entrevistado>

<Entrevistador> Mais alguma coisa? </Entrevistador>

<Entrevistado> Não. </Entrevistado>

<Entrevistador> Muito obrigada, Artur. Acabou. </Entrevistador>

<Entrevistado> Muito de nada. </Entrevistado>

## A08

<Entrevistador> O que você achou da tarefa de traduzir um texto que já estava traduzido? </Entrevistador>

<Entrevistado> Não cheira nem fede, desculpa a expressão. Como que não podia ter acesso a nenhuma outra fonte, nem internet nem dicionário, dá para dar essa referência. Em relação as traduções foi isso. </Entrevistado>

<Entrevistador> A visualização de todos os textos na tela do monitor foi tranquila? Alguma coisa incomodou? Atrapalhou você? </Entrevistador> <Entrevistado> Não. </Entrevistado>

<Entrevistador> Os textos no sentido global: em que partes do texto original as traduções ajudaram você a elaborar uma nova tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Em algumas palavras que eu não conhecia, ou que eu estava em dúvida do contexto. Vex ou distress, apesar de assistir muitas séries, os significados não me vieram a mente. </Entrevistado>

<Entrevistador> Em que partes você decidiu optar por uma nova alternativa não existente nas traduções? </Entrevistador>

<Entrevistado> Na maioria na verdade, eu usei o resto como base. </Entrevistado>

<Entrevistador> Qual das duas traduções, a da direita ou da esquerda, foi mais utilizada por você? </Entrevistador>

<Entrevistado> As duas, porque elas usam palavras diferentes. Pude escolher, foi uma escolha. </Entrevistado>

<Entrevistador> Agora sobre aspectos pontuais do texto. Em "with a comfortable home and happy disposition", você optou por interpretar "home" no sentido da casa ou da família da protagonista? </Entrevistador> Nenhum nem outro, na verdade casa. Resolvi combinar casa e família, usei o lar. </Entrevistado>

<Entrevistador> Como você resolveu a tradução de "the youngest of the two daughters of a most affectionate indulgent father", tendo em vista que uma das traduções tinha "a menor" e a outra "a mais jovem"? </Entrevistador>

<Entrevistado> A mais jovem. Por quê? Uhhnm. A menor da impressão de tamanho e mais jovem dá impressão ahnm dá mais sentido. </Entrevistado>

<Entrevistador> Ainda referente a esse trecho, uma das tradutoras optou por "um pai" e a outra "do mais afetuoso e indulgente dos pais"? Qual foi a sua escolha e por que? </Entrevistador>

<Entrevistado> Do mais. Por conta do original, of a most affectionate. Usei com quase vinte um anos. </Entrevistado>

<<Entrevistador> Como você traduziu "mistress of his house". Por que você optou por essa tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Quando eu fiz a leitura da primeira vez, eu não estava confortável com senhora ou ama de casa, por isso optei por governanta. Quando revisei, achei que ama seria um sentido melhor. </Entrevistado>

<Entrevistador> No original: "from a very early period" aparece no final da frase, mas nas traduções uma delas coloca o trecho no início da oração e a outra no final. Qual tradução você optou e por que? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu optei com deixar no final, como no original, na verdade essa minha escolha foi feita ahh fugiu a palavra. Da ordem do original, da estrutura. </Entrevistado>

<Entrevistador> No trecho final, como você traduziu "caresses", por que você optou por essa tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu não conhecia essa palavra, agora que eu to lendo na verdade. Carinho e carícias, eu escolhi por carinho. Porque carícias dá o sentido de ser muito físico, carinho não precisa ser tão físico, de mão na cabeça, carinho é mais no geral. </Entrevistado>

## A09

<Entrevistador> Hamram. <Incompreensível/> Algumas das perguntas você acabou respondendo no final <Incompreensível/> está? </Entrevistador>

<Entrevistado> Humrum. </Entrevistado>

<Entrevistador> Eu vou precisar que você me responda novamente. </Entrevistador>

<Entrevistado> Está. </Entrevistado>

<Entrevistador> O que você achou da tarefa de traduzir um texto que já estava traduzido? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu achei mais fácil, porque você pode colocar a sua tradução mas você tem opções também para você escolher. Então é meio que um guia, assim, na hora da tradução. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. A visualização de todos os textos na tela do monitor foi tranquila? </Entrevistador>

<Entrevistado> Não entendi. </Entrevistado>

<Entrevistador> A visualização <Sobreposição/> de todos os textos <Interrupção/>  
 </Entrevistador>  
 <Entrevistado> <Sobreposição> Ah. </Sobreposição> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Sim, sim. Foi tranquila. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Alguma coisa atrapalhou ou confundiu você? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Não, nada. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Em que partes do texto original as traduções ajudaram você a elaborar a nova tradução? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Em quais partes? </Entrevistado>  
 <Entrevistador> É. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Ah, geralmente nas expressões que eu não sabia a tradução. Aí, por exemplo, "happy disposition", eu não saberia o que colocar, e nem "vex". Mais as palavras, assim, que eu não sei a tradução para o português. É, ajudou bastante. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. Em que partes você preferiu optar por uma nova alternativa não existente nas traduções? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Acho que na penúltima sentença, eu achei melhor reorganizar a ordem. Eu achei que ficou melhor no português. E é igual eu tinha falado, o "had" ficou longe ali do "been", eu achei que não tinha ficado muito legal, daí eu optei pela minha tradução. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Qual das duas traduções, a da esquerda ou da direita, foi mais utilizada por você? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Ah, eu acho que foi uma mistura das duas. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. Por quê? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Ham. Ah, devido às expressões, mesmo. Misturou, assim, por exemplo, "happy disposition", eu achei melhor o da direita. Da esquerda, desculpa. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> E, por outro lado, teve uma outra parte que eu não estou lembrada. Na última, "sua mãe morrerá", eu achei que ficou melhor. Acho que foi uma mistura das duas. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. Em "with a comfortable home and happy disposition", você optou por interpretar "home" no sentido da casa ou da família da protagonista? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Da casa. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Por quê? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Ham. Não sei. <Risos/> Eu acho que "home", para mim", tem, sei lá, um sentido mais de casa do que de família. Não sei. Para mim, eu traduziria "casa confortável" também. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Apesar de "família acomodada" <Interrupção/> Talvez seja o adjetivo "acomodada", que "família acomodada" talvez não tenha ficado muito legal, assim. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. Como você resolveu a tradução de "the youngest of two daughters of a most affectionate, indulgent father" tendo em vista que uma das traduções tinha "a menor" e a outra "a mais jovem"? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> <Risos/> Eu escolho pela minha própria tradução, que ficou "a mais nova". Eu não sei se em <Interrupção/> Parece <Interrupção/> Eu tenho impressão de que em português a gente usa: "ele é o mais novo", "ela é a mais nova". E o resto da sentença eu utilizei a da direita. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. Ainda referente a esse trecho, um dos tradutores optou por "de um pai" e o outro por "do mais afetuoso e indulgente dos pais". Qual foi a sua escolha? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> "Do mais afetuoso e indulgente dos pais". </Entrevistado>

<Entrevistador> Por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> Por causa do "most". O "most", ele me dá essa ideia de "o mais", assim, dentre todos ele é o mais. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Como você traduziu "and had lived nearly twenty-one years", sendo que uma das traduções apresentou "tinha vivido perto de 21 anos" e a outra "vivera quase vinte e um anos"? Com relação a esse tempo verbal, mesmo. Como você traduziu essa parte? </Entrevistador>

<Entrevistado> "Tinha vivido". </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Então, <Incompreensível/> no texto da direita, não é? </Entrevistador>

<Entrevistado> Isso. </Entrevistado>

<Entrevistador> OK. Como você traduziu "mistress of his house"? </Entrevistador>

<Entrevistado> Nossa. É "a senhora da casa". </Entrevistado>

<Entrevistador> Por quê? Por que você optou por essa tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu optei mais pela tradução da direita. E pelo "mistress of his house", apesar de eu não ter traduzido, seria mais da casa, em geral. Mas o "mistress" me dá essa ideia de senhora. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. No original, "from a very early period" aparece no final da frase. Mas, nas traduções, uma delas coloca esse trecho no início da oração e a outra no final. Por qual posição você optou? </Entrevistador>

<Entrevistado> Por colocar no início. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> Ah, eu acho que em português geralmente a gente coloca os advérbios no início da frase. Então, sei lá, "naturalmente", "geralmente". E daí eu optei por colocar no início. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. No trecho final, como você traduziu "caresses"? </Entrevistador>

<Entrevistado> "Carinhos". </Entrevistado>

<Entrevistador> Por que você optou por essa tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Porque "carícias" me parece meio velho, meio old, assim, acho que a gente não usa muito "carícias" em português. Mais "carinhos". </Entrevistado>

<Entrevistador> Está. Muito obrigada <Incompreensível/> </Entrevistador>

<Entrevistado> Ham? </Entrevistado>

<Entrevistador> Muito obrigada. </Entrevistador>

<Entrevistado> Ah, de nada. </Entrevistado>

## A10

<Entrevistador> O que você achou da tarefa de traduzir um texto que já estava traduzido? </Entrevistador>

<Entrevistado> As duas traduções disponíveis estavam razoáveis. Eu acredito que a da esquerda mais satisfatória do que a da direita, mas ainda assim eu achava que poderia fazer um pouco diferente. Então os dois textos ajudaram muito, assim, em termos de raciocínio, eu não precisei fazer a tradução do início. Mas serviram como base, como apoio e permitiram também que eu pudesse fazer uma comparação. Mesmo que eu não fiquei com <Interrupção/> Apesar de que eu acabei usando. "Bonita" e "bela", eu preferi o "bela". Não precisei nem raciocinar muito. Então as duas traduções acabaram auxiliaram, sim, no processo, porque eu pude analisar e escolher ainda dentro das opções. Ou algo dentro das opções ou alguma coisa diferente do que estava aí. Pronto. </Entrevistador>

<Entrevistador> A visualização de todos os textos na tela do monitor foi tranquila? </Entrevistador>

<Entrevistado>

<Entrevistado> Foi. Foi tranquila. </Entrevistado>

<Entrevistador> Alguma coisa incomodou? Atrapalhou você? </Entrevistador>

<Entrevistado> Não, não. Eu só não estava acostumado a olhar em cima, direita e esquerda. Normalmente a gente está não em três pontos de referência ao mesmo tempo, mas não teve dificuldade nenhuma. </Entrevistador>

<Entrevistador> Humrum. Agora sobre os textos no sentido global: em que partes do texto original as traduções ajudaram você a elaborar a nova tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Espera aí, repete, por favor? </Entrevistado>

<Entrevistador> Em que partes do texto original as traduções ajudaram você a elaborar a nova tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Hum. A primeira frase inteira, ela <Interrupção/> As duas ajudaram, assim, não que eu tive qualquer dificuldade de interpretar, de entender logo na leitura do inglês. Só que logo de cara eu percebi que as duas traduções estavam bem parecidas, elas simplificaram. De certa maneira isso simplifica um pouco o processo, assim. Porém, como eu tinha dito já, o "vivera", ao mesmo tempo nenhuma das duas, também, ofereceu uma solução que eu achasse satisfatória em alguns momentos, por exemplo "vivera quase 21 anos" da esquerda e "tinha vivido perto de vinte e um anos" da direita, eu não achei nenhuma das duas boas. Então nesse ponto elas não ajudaram em nada. Assim, não atrapalharam mas também não ajudaram. Eu acabei descartando elas. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> O "a mais jovem das duas filhas" <Interrupção/> Ah, essa parte do "mais" do "of the most affectionate, indulgent father". Essa parte eu acho que a tradução da <Interrupção/> Mais para ter entendido também o sentido sem nenhum problema. A tradução da direita já proporcionou uma ajuda que era exatamente essa ideia que eu estava fazendo o processo de tradução na minha cabeça e eu já bati o olho e falei, não, é exatamente isso que eu quero, que eu acho que é a ideia melhor. "Um pai muito carinhoso e indulgente" ao invés de "o mais afetuoso e indulgente dos pais". Apesar de que a outra construção também serve. E o finalzinho: "ela não tinha mais que uma vaga lembrança dos seus carinhos" ou "algo que uma confusa lembrança de seus carícias". As duas traduções me ajudaram um pouco, mais a da esquerda. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Em que partes você preferiu optar por uma nova alternativa não existente nas traduções? </Entrevistador>

<Entrevistado> Então, a parte da idade da filha. "Era a mais jovem das duas filhas". "Era a menor das duas filhas", eu não gostei de nenhuma das duas. O início do "her mother had died too long ago", que "sua mãe morrera há tanto tempo" e o "fazia muito tempo que sua mãe tinha morrido", eu não gostei de nenhuma das duas, eu preferi começar do zero. "Parecia reunir" "e vivera seus quase vinte e um anos". Esse, logo na primeira parte do "vivera quase". Logo na primeira parte eu resolvi colocar um ponto. "Blessings of existence", então "parecia reunir algumas das maiores bênçãos da existência", ao invés do ponto e vírgula que estava no texto e as duas traduções mantiveram eu resolvi colocar um ponto, ali, final, para começar uma nova frase e já mudando também o que eu não gostei das duas traduções. Eu coloquei: "Vivera seus quase vinte e um anos" ao invés do que estava nas outras traduções. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Qual das duas traduções foi mais utilizada por você? Na <Incompreensível/> Direita ou esquerda? </Entrevistador>

<Entrevistado> A da esquerda. </Entrevistado>

<Entrevistador> Por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> Foi a da esquerda? </Entrevistado>

<Entrevistador> Hum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Porque a da <Interrupção/> <Incompreensível/> Eu falei esquerda mas eu estou na dúvida. </Entrevistado>

<Entrevistador> Hum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Porque a tradução da esquerda me ajudou tanto no começo, principalmente no trecho: "parecia reunir algumas das maiores bênçãos da existência" e o finalzinho: "uma vaga lembrança dos seus carinhos". Mas no meio do texto quem me ajudou mais foi a da <Interrupção/> Quer dizer, só a parte no meio, a da direita foi mais útil. Eu achei que a parte do "pai muito carinhoso e indulgente". Eu também acabei optando pelo "bela" ao invés do "bonita", que está na direita do que na esquerda. Mas "afligisse ou zangasse" eu também peguei a parte da direita. Agora eu estou na dúvida. Talvez a da esquerda <Interrupção/> eu acho que a da esquerda tenha sido mais útil porque é a primeira que eu olho. Assim, eu tentei nesse mais olhar para a esquerda do que para a direita. Pelo próprio ordenamento da sintaxe da frase, assim, de esquerda para a direita. Então eu posso ter ficado com a impressão de que a da esquerda foi melhor, tenha ajudado mais <Interrupção/> Não melhor, não é!, tenha ajudado mais. Mas a bem da verdade a da direita ajudou bem também. Eu não sei dizer qual das duas. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Sobre aspectos pontuais do texto agora. Em "with a comfortable home and happy disposition", você optou por interpretar "home" no sentido da casa ou da família da protagonista? </Entrevistador>

<Entrevistado> No sentido da casa. </Entrevistado>

<Entrevistador> Por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> Porque a casa é o lugar da família e a família dela é reduzida. Ela e o pai. Assim, então eu pensei, a primeira palavra que veio na cabeça foi assim, ela se tornou a princesa, a senhora, a rainha, senhora da casa. Então, não bem a família, eu achei que mais "casa" representou melhor o sentido do universo dela, a relação dela com o pai dela. </Entrevistador>

<Entrevistador> Humrum. Como você resolveu a tradução de "the youngest of the two daughters of a most affectionate, indulgent father", tendo em vista que uma das traduções tinha "a menor" e a outra "a mais jovem"? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu optei por "era a mais nova de duas filhas de um pai". "Era a mais jovem das duas filhas" funciona. Assim, eu acho que funciona melhor do que "era a menor das duas filhas", mas eu optei por colocar "era a mais nova das duas filhas". Aí nesse caso, na sequência, eu optei pela sugestão da tradução da direita, "de um pai muito carinhoso e indulgente". Então eu optei por uma tradução própria mas o restante, essa segunda metade da frase, eu utilizei a tradução da direita. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Eu vou fazer de novo essa mesma pergunta. </Entrevistador>

<Entrevistado> Está. </Entrevistado>

<Entrevistador> Que você acabou de responder. Ainda referente a esse trecho, um dos tradutores optou por "de um pai" e o outro por "do mais afetuoso e indulgente dos pais". Então você poderia responder novamente? Qual foi a sua escolha e por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> Acho que é questão de estilo. A escolha foi mais de estilo porque eu acho que complica um pouco a frase, assim, "do mais afetuoso e indulgente dos pais". Assim, dá pra entender qual que é o sentido, mas "um pai muito carinhoso e indulgente" simplifica um pouco a leitura, assim. Apesar de que não dá o mesmo efeito que "o mais afetuoso e indulgente dos pais", que talvez tenha sido a intenção da autora. Ou autor. </Entrevistador>

<Entrevistador> Humrum. Como que você traduziu "and had lived nearly twenty-one years" sendo que uma das traduções apresentou "tinha vivido perto de 21 anos" e a outra "vivera quase vinte e um anos"? Em relação ao tempo verbal, mesmo. </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu optei pela tradução da esquerda, eu só fiz um ajuste de "vivera quase 21 anos". Como se tratava dela, é uma referência à idade dela, eu achei que ficaria bom o "vivera seus quase vinte e um anos". Mas eu achei que o "vivera" dá mais sentido de <Interrupção/> Se bem que os dois são, mas o "tinha" <Interrupção/> "Tinha vivido". O "tinha vivido" dá uma ideia mais de, assim, ela tinha vivido e acabou, assim. Não sei, assim, acabou, ela está morta. Isso já não acontece mais, essa história já não acontece mais. O "vivera", por mais que esteja com o sentido fechado já no passado, dá menos uma ideia de fim na história, assim. A gente

está falando da personagem, que ela tem vinte e um anos no momento, e que ela viveu esses vinte e um anos na casa. O "tinha vivido" dá uma ideia de que ela viveu e isso já acabou e já não tem mais sequência, ao contrário do "vivera", que ainda dá a ideia de permanência.

</Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Como você traduziu "mistress of his house"? </Entrevistador>

<Entrevistado> Bom. Na minha cabeça a primeira palavra que veio foi algo do tipo assim "a princesa". Como vinha falando do pai muito indulgente, a primeira falava que veio foi "ela se tornou quase a princesa da casa", "a rainha da casa" nesse sentido de "a querida da casa", não como quem comanda a casa. Aí, olhando as duas traduções, eu acabei optando pela da esquerda, por usar "senhora da casa", porque afinal de contas imaginei também que o pai trabalha e ela é que tem que tomar conta da casa. Então ela é tanto a querida da casa como também quem tem que comandar a casa. Então eu acabei usando a tradução da esquerda. "Senhora da casa".

</Entrevistado>

<Entrevistador> Você optou por isso, então, porque você achou que você <Interrupção/> Por que você optou por essa tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Porque o primeiro sentido que veio na minha cabeça foi da "princesa" "da queridinha da casa". Mas depois eu pensei melhor que, não, realmente é quem comanda, quem governa a casa. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Então quem tem que tomar as decisões da casa. Então por mais que ela tenha sido mimada ela tem que comandar, tem que cuidar da casa. Então o "senhora da casa" eu achei que caía bem. </Entrevistado>

<Entrevistador> Hamram. Então, no original: "from a very early period" aparece no final da frase, mas nas traduções uma delas coloca esse trecho no início da oração e a outra no final. Por qual posição você optou? Por quê "From a very early period". </Entrevistador>

<Entrevistado> Humrum. A da esquerda é "tornara-se a senhora da casa desde muito jovem" e a outra "desde muito jovem tinha que fazer". "Tornara-se". Na verdade <Incompreensível/> "desde muito jovem". É, eu acabei puxando <Interrupção/> É, esse "desde muito cedo" <Interrupção/> É, eu acabei optando por "desde muito cedo", nem "desde muito jovem". Eu acho <Interrupção/> Eu acabei optando <Interrupção/> Esse sintagma adverbial, ele eu acho que dava mais efeito no início da frase do que no final. Então se eu colocasse que ela "tornara-se desde muito cedo a senhora da casa" dá uma ênfase maior do que "tornara-se a senhora da casa desde muito cedo". Mais uma questão mesmo de colocação. E eu acabei mudando, "desde muito jovem" está nas duas opções e eu optei por "desde muito cedo". Isso. <Sobreposição/> </Entrevistado>

<Entrevistador> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> </Entrevistador>

<Entrevistado> Responde? </Entrevistado>

<Entrevistador> Hamram. Você optou também por colocar no final da frase, não é? </Entrevistador>

<Entrevistado> Hum. Não. </Entrevistado>

<Entrevistador> Não? </Entrevistador>

<Entrevistado> Porque, olha, "em consequência do casamento de sua irmã". </Entrevistado>

<Entrevistador> "Tornara-se" <Interrupção/> </Entrevistador>

<Entrevistado> Está. Uma está falando "bodas de sua irmã" <Sobreposição/> </Entrevistado>

<Entrevistador> <Sobreposição> <Incompreensível/> É. </Sobreposição> </Entrevistador>

<Entrevistado> E eu acabei puxando ela para a frente. </Entrevistado>

<Entrevistador> Hamram. </Entrevistador>

<Entrevistado> Logo para próximo do "tornara-se" e da vírgula. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Hum, está. <Sobreposição/> </Entrevistador>

<Entrevistado> <Sobreposição> É. </Sobreposição> </Entrevistado>

<Entrevistador> No trecho final, como você traduziu "caresses", por que você optou por essa tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> A tradução da esquerda acabou orientando um pouco a minha opção. Ela serviu como opção. É. </Entrevistado>

<Entrevistador> <Incompreensível/> </Entrevistador>

<Entrevistado> Ao ler o trecho e entender o sentido, a tradução da esquerda já proporcionou logo de cara uma opção que eu acabei vendo que fazia sentido e fiquei nela. Mas eu poderia ter feito algo diferente, sim. Mas, de qualquer maneira, talvez por comparar a esquerda com a direita, "uma vaga lembrança de seus carinhos" e "uma confusa lembrança de suas carícias", assim, ficou mais evidente que a da esquerda era a melhor e acabei utilizando ela, mas eu poderia ter feito algo diferente, também. "Uma lembrança indistinta de seus carinhos" também não fica bom. "Uma vaga lembrança da sua" <Interrupção/> É. É. É um trecho que causou algum problema para mim e eu optei pela tradução da esquerda. Ela simplificou. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Mesmo que eu não esteja ainda satisfeito com ela, mas é uma solução. </Entrevistado>

<Entrevistador> Muito obrigada. </Entrevistador>

<Entrevistado> De nada. </Entrevistado>

## A11

<Entrevistador> Sobre a tarefa: o que você achou da tarefa de traduzir um texto que já estava traduzido? </Entrevistador>

<Entrevistado> É, é um pouco estranho ou até sem graça, porque uma vez que você tem o texto você fica sem um pouquinho de liberdade para fazer, você acaba ficando <Interrupção/> Você acaba sendo influenciado um pouco por eles. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Mas você acha que é influenciar de forma é positiva? Isso te ajuda ou te atrapalha? </Entrevistador>

<Entrevistado> Esse processo pode ser bom, bom como referência. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. A visualização de todos os textos na tela do monitor foi tranquila? </Entrevistador>

<Entrevistado> Foi, foi bem tranquila. </Entrevistado>

<Entrevistador> Alguma coisa atrapalhou ou confundiu você? </Entrevistador>

<Entrevistado> Não. </Entrevistado>

<Entrevistador> Não? </Entrevistador>

<Entrevistado> Não. </Entrevistado>

<Entrevistador> Em que partes do texto original as traduções ajudaram você a elaborar uma nova tradução? Aí algumas partes, algumas perguntas eu vou até repetir que você já falou, Ronaldo, <Sobreposição/> </Entrevistador>

<Entrevistado> <Sobreposição> Hum. </Sobreposição> </Entrevistado>

<Entrevistador> mas eu preciso que você me responda, está? </Entrevistador>

<Entrevistado> Está. </Entrevistado>

<Entrevistador> Então, em que partes do texto original as traduções ajudaram você a elaborar a nova tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> No texto original o que me ajudou foi nas palavras que eu não sabia o significado de imediato. No caso da palavra "vex", por exemplo, e a palavras "caresses". </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Em que partes você preferiu por optar por uma nova alternativa não existente nas traduções? </Entrevistador>



<Entrevistado> Basicamente foram os trechos em que eu já conhecia, pelo menos já conhecia o <Interrupção/> Eu já conhecia a sentença como um todo, já conhece a conjugação. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. <Sobreposição/> </Entrevistador>

<Entrevistado> <Sobreposição> <Incompreensível/> </Entrevistado>

<Entrevistador> Qual das duas traduções foi mais utilizada por você, a da direita ou a da esquerda? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu usei mais a da direita. </Entrevistado>

<Entrevistador> Da direita. Por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> Porque no fim ela parecia um pouco mais com o meu próprio jeito mesmo de fazer a tradução. </Entrevistado>

<Entrevistador> Hum, entendi. Sobre aspectos pontuais do texto. Em "with a comfortable home and happy disposition", você optou por interpretar "home" no sentido da casa ou da família da protagonista? Por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu acabei <Interrupção/> Não, assim, eu optei por isso só por mero formalismo. Na hora que eu fiz eu nem preocupeí muito em <Interrupção/> </Entrevistado>

<Entrevistador> Foi mais automático? <Sobreposição/> </Entrevistador>

<Entrevistado> <Sobreposição> Em pensar. </Sobreposição> Foi muito automático isso. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Como você resolveu a tradução de "the youngest of the two daughters of a most affectionate indulgent father", tendo em vista que uma das traduções tinha "a menor" e a outra "a mais jovem"? </Entrevistador>

<Entrevistado> Bom, eu fiz essa pelo significado de "youngest" que é "a mais jovem". </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Ainda referente a esse trecho, um dos tradutores optou por "de um pai" e o outro por "do mais afetuoso e indulgente dos pais". Qual foi sua escolha? </Entrevistador>

<Entrevistado> A minha escolha acabou sendo a da esquerda. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> Porque foi para manter <Interrupção/> por conta da interrupção. Não, espera aí. Eu fiz essa também já é muito automático. </Entrevistado>

<Entrevistador> Ah, entendi. Como você traduziu "mistress of his house"? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu traduzi por "senhora de sua casa". </Entrevistado>

<Entrevistador> Por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> Porque eu <Interrupção/> Bom, pelo menos até onde eu sei "mistress" pode ser significa "senhora". Foi mesmo por conta do significado literal da frase do original. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. No original, "from a very early period" aparece no final da frase. Nas traduções uma delas coloca esse trecho no início da oração e a outra no final. Por qual posição você optou? <Entrevistador>

<Entrevistado> Eu optei pelo final. </Entrevistado>

<Entrevistador> Por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> É para dar <Interrupção/> É para <Interrupção/> talvez para enfatizar o fato, o fato de ela ter se tornado a senhora da casa desse período, embora no início também não afete <Interrupção/> Parece não afetar. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. No trecho final, como você traduziu "caresses"? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu traduzi por "carinho". </Entrevistado>

<Entrevistador> Por que você optou por essa tradução? <Sobreposição/> </Entrevistador>

<Entrevistado> <Sobreposição> Esse </Sobreposição> </Entrevistado>

<Entrevistado> Eu acabei optando pela tradução da direita até por não conhecer o significado da palavra. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. Mais alguma coisa? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Só isso. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Você ficou satisfeito com a sua tradução? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> É, não vamos dizer, assim, que foi uma maravilha no resultado final, não, mas eu não achei muito decepcionante, não. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Você mudaria alguma coisa? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Talvez, não é! Não, a não ser que eu descobrisse <Interrupção/> A não ser que eu soubesse o significado de alguma outra palavra que me fizesse fazer <Interrupção/> Me fizesse mudar significado e talvez ter que alterar o resto. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. Muito obrigada, Ronaldo. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Eu que agradeço. </Entrevistado>

#### A14

<Entrevistador> O que você achou da tarefa de traduzir um texto que já estava traduzido? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> É eu achei interessante. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> A visualização de todos os textos na tela do monitor foi tranquila? Alguma coisa incomodou? Atrapalhou você? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Foi. Não. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Os textos no sentido global: em que partes do texto original as traduções ajudaram você a elaborar uma nova tradução? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> E, só um minutinho, happy disposition, que eu não sabia como traduzir, eu preferi a tradução da direita. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Em que partes você decidiu optar por uma nova alternativa não existente nas traduções? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Deixa eu conferir, bom caráter, esse vex her, eu não sabia o que era vex, então eu optei a tradução da direita, só. No primeiro adjetivo, handsome eu traduzi por linda, e viveu né que era had lived, tava tinha vivido e vivera, eu preferi viveu. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Como você resolveu a tradução de "the youngest of the two daughters of a most affectionate indulgent father", tendo em vista que uma das traduções tinha "a menor" e a outra "a mais jovem"? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> A mais jovem, porque youngest se refere a mais jovem, a menor também poderia ser, eu prefiro a mais nova, porque menor pode se referir a tamanho. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Ainda referente a esse trecho, uma das tradutoras optou por "um pai" e a outra "do mais afetuoso e indulgente dos pais"? Qual foi a sua escolha e por que? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> "De um pai muito carinhoso e indulgente". Eu achei que fosse a tradução mais adequada. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> como que você traduziu "had lived nearly twenty-one years" sendo que uma das traduções colocou "tinha vivido perto de 21 anos" e a outra "vivera quase vinte e um anos"? Com relação ao tempo verbal. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Eu optei por deixar no passado, viveu, porque não temos o present perfect porque é difícil traduzir esse tempo, preferi usar o passa, porque tinha vivido eu não gosto muito desde tempo. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Como você traduziu "mistress of his house". Por que você optou por essa tradução? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Eu omiti esse mistress, eu interpretei mais pela função, não é. </Entrevistado>

<Entrevistador> No original: "from a very early period" aparece no final da frase, mas nas traduções uma delas coloca o trecho no início da oração e a outra no final. Qual tradução você optou e por que? <Entrevistador>

<Entrevistado> Eu optei por deixar no início, né, desde muito jovem, eu preferi o texto da direita e eu achei que tinha ficado muito bom. </Entrevistado>

<Entrevistador> No trecho final, como você traduziu "caresses", por que você optou por essa tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> "Carícias". Recorri ao texto da direita e também traduziria como "carícias". </Entrevistado>

## P01

<Entrevistador> Bom. Então, o que você achou da tarefa de traduzir um texto que já estava traduzido? </Entrevistador>

<Entrevistado> Olha, pode ser meio uma faca de dois gumes, Porque você pode ser influenciado de uma forma positiva ou de uma forma negativa. Você pode ser conduzido ao erro ou ao acerto. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> De certa forma a gente perde um pouco da independência, digamos assim. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. A visualização de todos os textos na tela do monitor foi tranquila? </Entrevistador>

<Entrevistado> Foi. </Entrevistado>

<Entrevistador> Alguma coisa te atrapalhou, confundiu? </Entrevistador>

<Entrevistado> Não, não. Eu acho que essa visualização foi bem boa. </Entrevistado>

<Entrevistador> Em que partes do texto original as traduções ajudaram você a elaborar a nova tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Bom. No final do primeiro parágrafo. Mais em termos de vocabulário, nem tanto de estruturação da frase. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Mas as vezes eu fiquei em alguma dúvida com algumas palavras, como eu já falei, no "disposition", no "vex". Aqui já no segundo parágrafo, também no iniciozinho, "she was the youngest of two daughters", aí eu dei uma olhada nas traduções só para ver como que eu poderia estruturar no português, porque eu senti que teria que modificar um pouquinho a estrutura, para ficar com cara de português, mesmo. Acho que teve um outro pedacinho também. Ah, aqui no "mistress" também, eu dei uma olhadinha para ver como que eles tinham traduzido a palavra "mistress". E também na última frase eu olhei também para ver a estruturação. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Como que eu poderia estruturar no português. </Entrevistado>

<Entrevistador> Em que partes você preferiu optar por uma nova alternativa não existente nas traduções já feitas? </Entrevistador>

<Entrevistado> Hum, deixa eu ver. Aqui nesse pedacinho: "Parecia reunir algumas das maiores bênçãos da vida", nos dois eles usando "existência", eu preferi usar "vida". </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Também eu usei a palavra "sem passar praticamente nada que a afligisse ou irritasse", eu mudei um pouquinho. Se bem que eu aproveitei um pedaço <Interrupção/> Aqui, o "afligisse" da segunda tradução, da direita. E usei o "praticamente". O que mais? Também aqui eu modifiquei um pouquinho: "havia assumido o papel da governanta da casa do pai". </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Incluí aí "o papel de". E na última frase eu preferi aproveitar um pouquinho da tradução da esquerda. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Qual das duas traduções você utilizou mais? </Entrevistador>

<Entrevistado> A da esquerda, essa primeira. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. <Incompreensível/> Sobre algumas questões pontuais do texto, está? </Entrevistador>

<Entrevistado> Humrum. </Entrevistado>

<Entrevistador> Em "with a comfortable home and happy disposition" </Entrevistador>

<Entrevistado> Hum. </Entrevistado>

<Entrevistador> você optou por interpretar "home" de que forma? Isso levando em consideração que em uma das traduções estava "casa" e a outra "família". Pelo que você optou? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu preferi "casa". </Entrevistado>

<Entrevistador> Por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> Bom, porque eu acho que "home" está mais <Interrupção/> Poderia ser "casa" mas no sentido de lar. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Agora, "família", não sei. Eu acho que não está errado, não, mas eu prefiro "casa". </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Poderia ter usado também "um lar confortável", aí eu acho que abrangeria os dois. <Sobreposição/> </Entrevistado>

<Entrevistador> <Sobreposição/> Humrum. </Sobreposição/> </Entrevistador>

<Entrevistado> "Casa" e "família". Lá na hora eu nem pensei nessa possibilidade, não. </Entrevistado>

<Entrevistador> E como que você resolveu a tradução de "the youngest of two daughters of a most affectionate, indulgent father", tendo em vista que uma das traduções tinha "a menor" e a outra "a mais jovem"? E ainda um dos tradutores optou por "de um pai" e o outro por "do pai mais afetuoso e indulgente". </Entrevistador>

<Entrevistado> Pois é. No caso da "was the youngest of two daughters" eu usei "era a mais nova das duas filhas". </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Não usei nem um nem outro. <Sobreposição/> </Entrevistado>

<Entrevistador> <Sobreposição/> Humrum. </Sobreposição/> </Entrevistador>

<Entrevistado> Coloquei uma terceira opção. "Of a most affectionate, indulgent father", nesse caso eu aproveitei a tradução da direita: "de um pai muito amoroso e indulgente". </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Porque no inglês ele fala "of a most". Se fosse "of the most". </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Talvez tenha sido por isso também que eu tenha usado o "muito", "de um pai muito". </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Porque se fosse "do pai" <Interrupção/> Aí teria que ser "o mais", "do pai mais afetuoso". É. </Entrevistado>

<Entrevistador> E você optou por colocar "as duas filhas" </Entrevistador>

<Entrevistado> É. </Entrevistado>

<Entrevistador> No primeiro você tinha colocado "era a mais nova das filhas", e depois <Sobreposição/> você incluiu "das duas filhas". </Entrevistador>

<Entrevistado> <Sobreposição> Isso. </Sobreposição> "Das duas filhas". Porque <Interrupção/> </Entrevistado>

<Entrevistador> Por que você colocou esse "duas filhas"? Você acha que as traduções te influenciaram ou foi do original, mesmo? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu acho que foram as três coisas. As duas traduções e depois eu vi que era o original também. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Ele fala de duas filhas. </Entrevistado>

<Entrevistador> Está. Como que você traduziu "mistress of his house"? </Entrevistador>

<Entrevistado> "A governanta da casa do pai". <Sobreposição/> </Entrevistado>

<Entrevistador> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> Em uma das traduções está "ama de casa" e "a senhora da casa". Você optou por "governanta". Por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> Para falar a verdade, eu não sei. Porque quando <Interrupção/> Deixa eu ver. "Mistress of his house". Apesar de que "governanta" dá uma impressão de que é uma pessoa fora da família. Mas eu pensei mais por causa da função que ela ia exercer dentro de casa. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> De tomar conta da casa, mesmo. A que assume essa função seria a governanta. Se bem que <Interrupção/> Não sei. Não sei de que época que é esse romance, mas me pareceu que esse termo se encaixaria. Apesar de que se fosse uma coisa mais recente talvez eu poderia usar "a dona da casa". </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Assumir o papel de dona da casa. </Entrevistado>

<Entrevistador> No original, </Entrevistador>

<Entrevistado> Hum. </Entrevistado>

<Entrevistador> "from a very early period" aparece no final da frase, não é!. </Entrevistador>

<Entrevistado> Hamram. </Entrevistado>

<Entrevistador> Mas nas traduções uma delas coloca esse trecho no início da oração e a outra no final. O que é que você fez? </Entrevistador>

<Entrevistado> <Incompreensível/> Onde é que está isso? Ah, esta, achei. <Sobreposição/> </Entrevistado>

<Entrevistador> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> </Entrevistador>

<Entrevistado> "Been the mistress of his house from a very early period". "Desde muito jovem". Olha, eu prefiro desse jeito que eu fiz, deixar o "desde muito jovem" para o final porque me parece que fica assim, em uma ordem mais direta, porque <Interrupção/> "Desde muito jovem tinha que fazer" <Interrupção/> Sei lá, talvez eu tivesse que colocar vírgula e quebrar a frase. A frase ficaria quebrada com muita vírgula. Eu preferi assim porque eu acho que flui mais fácil. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. E no trecho final, </Entrevistador>

<Entrevistado> Hum. </Entrevistado>

<Entrevistador> Como que você traduziu "caresses"? </Entrevistador>

<Entrevistado> Ah, eu coloquei "carinho". </Entrevistado>

<Entrevistador> Por que você optou por essa tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu fui um pouco por essa primeira tradução aqui, da esquerda. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu usei "carinho" em um sentido geral. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Não sei se tem necessidade de usar o termo no plural, eu acho que se você usa "carinho" já no singular você já engloba tudo. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. E como que você entende essa partezinha quando ele fala: "indistinct remembrance"? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Seria uma lembrança não muito clara. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Aí também acho que a primeira opção que eu coloquei foi essa, "uma lembrança não muito clara", alguma coisa assim. Aí depois eu vi aqui "vaga lembrança" e eu falei, opa, vou aproveitar, porque eu acho que passa bem a mensagem. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Que é o que a gente fala, mesmo, em português. <Incompreensível/>  
 </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Você ficou satisfeita com a sua tradução? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Ah, eu acho que dá para melhorar um pouquinho algumas partes aqui. Esse negócio da "disposição", por exemplo, eu acho que daria para melhorar. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Ah, sei lá, também se tivesse um pouco mais de tempo aí tem que parar, olhar, pensar, </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Pesquisar. Eu tenho o costume de consultar praticamente tudo na internet, então eu sempre <Interrupção/> Como aqui não pode, então <Interrupção/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Risos/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Aí não dá. <Sobreposição/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Sobreposição> Se sentiu um pouco </Sobreposição> limitada? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> É. <Risos/> Bom, era isso, mesmo, assim. Também tem um fato de ser um texto diferente. </Entrevistado>

## P02

<Entrevistador> Está. Então, a primeira pergunta: O que você achou da tarefa de traduzir um texto que já estava traduzido? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Que que eu achei? <Sobreposição/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Em que sentido, assim? </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Ah, se você se sentiu bem <Sobreposição/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> <Sobreposição> Não, assim </Sobreposição> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Se você acha que foi tranquilo, se te incomodou um pouco. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Não, incomodar, não incomodou. O que incomodou, assim, um pouquinho, foi o fato de eu não poder pesquisar </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> e ter que contar com uma das duas opções, <Sobreposição/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> porque às vezes você não concorda <Sobreposição/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> com alguma delas, não é? <Sobreposição/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Sobreposição> Sim. </Sobreposição> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> e isso aí acaba <Interrupção/> você tem um jeito de traduzir, não é? <Sobreposição/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Quando você muda isso um pouquinho dá um certo desconforto, mas fora isso foi tranquilo, assim. </Entrevistado>

<Entrevistador> <Incompreensível/> A visualização dos textos na tela do monitor foi tranquila?  
 </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Foi. Mas eu te confesso que eu fiquei mais tendente a olhar para o da direita do que para da esquerda. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Está. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Não sei porquê. <Risos/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> OK. Em que partes do texto original </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Hum. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> as traduções ajudaram você a elaborar uma nova tradução? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Partes do texto original. Não é? <Sobreposição/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Na segunda frase, ali no finalzinho, onde tem o "distress or vex her"  
 </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> e também esse "indulgent father" <Sobreposição/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> que eu não sei o que significa. Nem em português eu não sei o que é indulgente.  
 </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Risos/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Aí eu fiquei na dúvida, eu falei, todos os dois colocaram, eu vou colocar também. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Aí colocou também. <Pausa/> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> É. E teve uma parte aqui que eu havia começado a frase com "tinha"  
 </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Hamram. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> e depois mudei para "havia" para ficar coerente com a de cima que eu fiz a mesma coisa. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> E também baseado no texto aqui do lado direito.  
 <Entrevistador> E <Interrupção/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> E foi só isso. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. Em que partes você preferiu optar por uma nova alternativa que não existia nas traduções? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Na <Interrupção/> Deixa eu ver aqui. <Pausa/> A "Happy disposition"  
 </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> porque eu não entendi, eu não achei que <Interrupção/> Não ficou legal essa "disposição alegre" </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Eu não conheço, não é! Tem uma outra parte aqui também. Ah, no finalzinho aqui. Na última frase, não é! "her mother had died a long ago" e no finalzinho "of her caresses" eu coloquei "nos carinhos dela, da mãe dela" em vez de "dos seus carinhos", não é!  
 </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> porque para não deixar ambiguidade aí. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> <Incompreensível/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Você já comentou comigo que você preferia o texto da direita, você tem noção por quê? Ou não? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Eu acho que, não sei se pela posição da tela, </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Assim, pelo fato de <Interrupção/> Não sei se o fato de eu ser destro se tem alguma coisa a ver ou não, </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Mas eu achei que o texto estava mais <Interrupção/> Como é que eu posso <Interrupção/> Com uma fluência melhor, <Sobreposição/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> assim, na leitura, não é! </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> dava um ritmo melhor para o texto. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Então algumas coisas que eu copiei, eu copiei de cá para ficar melhor, porque eu achei que ficou melhor. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Agora vou fazer umas perguntinhas sobre alguns pontos do texto, não é!  
 <Sobreposição/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> <Sobreposição> Sim. </Sobreposição> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Então tem aquele pedacinho ali que fala assim: "with a comfortable home and happy disposition". <Sobreposição/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> <Sobreposição> Sim. </Sobreposição> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Você já até comentou um pouco sobre ela. <Sobreposição/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> <Sobreposição> Sim. </Sobreposição> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Você optou por interpretar "home" no sentido de casa ou de família, como está no texto aí? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Eu entendi como "lar". <Sobreposição/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> </Entrevistado>  
 <Entrevistado> Mas eu olhei aqui do lado aqui, na tradução da direita, não é! <Sobreposição/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> e vi "casa" e eu acabei sendo induzido a colocar "casa". Eu pensei primeiro no "lar". </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Hamram. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Nem tanto pela família, nem tanto pelo imóvel, <Sobreposição/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> mas pelo ambiente, não é! </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> mas eu confesso que fui <Pausa/> levado a colocar "casa" por causa da tradução da direita aqui. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Está. E como que você resolveu a tradução de "the youngest of the two daughters of a most affectionate indulgent father", tendo em vista que uma das traduções tinha "a menor" e a outra "a mais jovem de um pai" e na outra tradução fala "do pai mais afetuoso"? <Sobreposição/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> <Sobreposição> É, eu <Interrupção/> Ham </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Como que você? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> A parte do "the youngest" eu não tive dúvida, é "a mais jovem" <Sobreposição/> não é! das duas filhas". </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> E aí, assim, eu sempre uso essa construção de quando você está falando de um pai específico </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Hamram. </Entrevistador>



<Entrevistado> Não é!, eu coloco o numeral.

<Entrevistador> Hamram. </Entrevistador>

<Entrevistado> Em vez de colocar "o pai", não é!, ou "do pai". </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Então, eu coloquei o numeral porque estava falando de um pai específico que era das duas moças. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. E como que você traduziu "mistress of his house"? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu copiei aqui a tradução da direita, da "senhora da casa" <Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> porque eu tive uma duvidazinha no "mistress", não é! na tradução do "mistress". </Entrevistado>

<Entrevistador> Sim. </Entrevistador>

<Entrevistado> E aí eu optei pela versão aqui da direita. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. No original, não é! </Sobreposição/> </Entrevistador>

<Entrevistado> <Sobreposição/> Humrum. </Sobreposição/> </Entrevistador>

<Entrevistador> está escrito assim: "from a very early period" <Sobreposição/> não é! </Entrevistador>

<Entrevistado> <Sobreposição/> Humrum. </Sobreposição/> </Entrevistado>

<Entrevistador> aparece no final da frase. Não é? </Entrevistador>

<Entrevistado> Sim. </Entrevistado>

<Entrevistador> mas nas traduções uma delas coloca o trecho no início da oração e a outra no final. E o que você fez? </Entrevistador>

<Entrevistado> Isso aí eu nem observei. Que uma coloca no início e a outra no final. Eu li primeiro a frase, </Entrevistado>

<Entrevistador> Hamram. </Entrevistador>

<Entrevistado> e, como eu havia copiado essa parte do "mistress of his house", não é! </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> da tradução da direita aqui, depois eu vi lá em cima, "from a very early period" <Sobreposição/> </Entrevistado>

<Entrevistador> <Sobreposição/> Humrum. </Sobreposição/> </Entrevistador>

<Entrevistado> eu imaginei que já era, assim, "desde muito cedo", não é!

<Entrevistador> <Sobreposição/> Humrum. </Sobreposição/> </Entrevistador>

<Entrevistado> E aí eu coloquei. Na verdade eu nem olhei a da esquerda aqui <Sobreposição/> nessa parte. </Entrevistado>

<Entrevistador> <Sobreposição/> Humrum. </Sobreposição/> </Entrevistador>

<Entrevistado> E eu coloquei <Interrupção/> Deixa eu ver. <Sobreposição/>

<Entrevistador> <Sobreposição/> <Incompreensível/> </Sobreposição/> </Entrevistador>

<Entrevistado> "Desde muito jovem".

<Entrevistador> "Desde de muito jovem" você optou por "desde muito cedo". </Entrevistador>

<Entrevistado> É, "desde muito cedo". <Sobreposição/>

<Entrevistador> <Sobreposição/> <Incompreensível/> </Sobreposição/> </Entrevistador>

<Entrevistado> É porque ele está dizendo aqui, o texto original, um período muito <Interrupção/> Ele está falando de um período, não é! </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum </Entrevistador>

<Entrevistado> E, assim, um período, eu imaginei que seria da vida dela. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Então por isso que eu coloquei "desde muito cedo" porque ela era jovem, </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistador> e aí como se trata de um período inicial da vida dela, então "desde muito"  
 <Interrupção/> <Entrevistado>  
 <Entrevistador> No trecho final como você traduziu "caresses"? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Eu traduzi "carinhos" mesmo, meio que induzido pelo texto aqui da direita.  
 </Entrevistado>  
 </Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> mas eu fiquei mais <Interrupção/> A minha primeira ideia foi "carinhos"  
 mesmo. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Mas aí como eu estava mais olhando para o da direita e eu vi que ele tinha  
 usado também, aí eu optei. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Incompreensível/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> É. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> E como que você entende o "indistinct remembrance"? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Eu te confesso que eu fiquei na dúvida também do "indistinct". </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Não é! "Remembrance" eu sabia que seria as "lembranças", não é!  
 <Sobreposição/> as memórias"  
 <Entrevistador> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> alguma coisa assim, mas colocar "memória" para os carinhos não ia ficar legal.  
 </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Então eu optei por "lembrança". Agora o "indistinct" aqui eu copieei a vaga  
 também <Sobreposição/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Sobreposição> <Incompreensível/> </Sobreposição> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> induzido pelo texto da direita aqui. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Eu não sei <Sobreposição/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Sobreposição> <Incompreensível/> </Sobreposição> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Eu não sei qual é a tradução, assim <Interrupção/> Qual que seria uma boa  
 tradução. Se eu pudesse pesquisar eu teria achado uma opção melhor, não é!, mas  
 <Entrevistador> Hamram. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Como eu não achei que <Interrupção/> Não sei. A gente acaba sendo levado  
 pelo falso cognato, não é? </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> "Lembrança indistinta" não ia ficar legal também aqui. <Sobreposição/>  
 </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Eu nem sei se é isso mesmo, então </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> optei por copiar o texto da direita aqui para ficar mais fácil. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. Você ficou satisfeito com a sua tradução? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Para o teste aqui eu fiquei, mas se eu fosse fazer para entregar para alguém eu  
 ia dar uma pesquisada. <Risos/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Risos/> Prefere pesquisar, não é? <Risos/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Hamram. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Você tem mais alguma coisa para comentar? Que você gostaria de  
 <Sobreposição/> </Entrevistador>

<Entrevistado> <Sobreposição> Éh! </Sobreposição> Não, assim. Nessa pesquisa que eu te falei <Sobreposição/> que talvez faria se eu tivesse que fazer uma outra revisão, </Entrevistado>

<Entrevistador> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> </Entrevistador>

<Entrevistado> talvez eu mudasse essa parte aqui: "havia vivido quase 21 anos com muito pouco para angustiá-la ou irritá-la", eu acho que essa repetição do "la" aí não ficou legal. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Talvez eu mudasse isso aí de alguma forma, talvez mudando a frase, ou </Entrevistado>

<Entrevistador> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> </Entrevistador>

<Entrevistado> Enfim, trocando ou invertendo a ordem de alguns termos aqui para ver se melhorava um pouco. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Bom, era isso mesmo. <Risos/> Obrigada, Luciano. Você foi até muito rápido. </Entrevistador>

### P03

<Entrevistador> Pode abrir. </Entrevistador>

<Entrevistado> Está joia. </Entrevistado>

<Entrevistador> O que você achou da tarefa de traduzir um texto que já estava traduzido? </Entrevistador>

<Entrevistado> Hum. Eu achei que em alguns aspectos é mais fácil. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Porque algumas decisões são mais fáceis de serem tomadas, e em alguns aspectos é um pouco complicado porque te limita um pouco. Porque talvez você <Interrupção/> Porque a gente talvez conseguiria pensar em uma solução para algum problema ou alguma dúvida de uma forma mais rápida ou mais tranquila sem ter sido induzida pelas opções dos dois, de não só um, mas de dois tradutores. E também é um pouco frustrante, às vezes na hora de você <Interrupção/> Enxerga um problema e você vê que os dois tradutores usaram o mesmo recurso e aí você não concorda e fica tentando achar uma solução e não consegue achar, também. Então em alguns aspectos ajuda mas em outros <Interrupção/> Não diria <Interrupção/> Atrapalha, e te induz, e talvez te inibe de pensar em uma outra solução que você pensaria se não tivesse acesso. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. A visualização de todos os textos na tela do monitor foi tranquila? Alguma coisa atrapalhou ou confundiu você? </Entrevistador>

<Entrevistado> Não, foi bem tranquilo. Ficou bem legal. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Em que partes do texto original as traduções ajudaram você a elaborar a nova tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu acho que na parte dos adjetivos. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu não tive problema nenhum, e o fato de já tê-los aqui foi tranquilo. Acho que sim, acho que os adjetivos, até a escolha do tempo verbal, a gente vê que tem duas opções de tempo verbais aqui, eu acho que até mostra qual que é a primeira e qual que é a segunda tradução. Eu acho que ajudou também. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Em que partes você preferiu por optar por uma nova alternativa não existente nas traduções? </Entrevistador>

<Entrevistado> Essa é. <Risos/> A primeira foi no pedaço aqui do primeiro período, que é o "seemed to unite some of the best blessings of existence". Esse "of existence" ambos os tradutores traduziram como "da existência", só que eu não achei que fosse esse o sentido, parece que ela reunia as melhores qualidades que uma pessoa poderia ter durante a sua existência,

alguma coisa assim. Teria que ser explicitado, por mais que ficaria um pouco difícil de fazer, principalmente ficaria estranho porque é um texto literário. Eu acabei optando por colocar o "que existia", que ela "reunia as melhores características que existiam". Não fiquei muito satisfeita, mas eu achei que encaixava melhor do que "da existência". E eu acho que depois, no segundo período, eu coloquei que ela era "a mais nova das duas filhas", porque o primeiro coloca que ela era "a menor". "Menor" parece um pouco de altura, não sei. E "mais jovem" eu achei um pouco estranho porque eu acho que geralmente quando a gente fala de filho a gente sempre fala que é o mais novo ou é o mais velho, não o mais jovem e o mais velho. Aí eu optei por colocar por "mais nova". Eu acho que em termos de mudança foi só isso. </Entrevistado>

<Entrevistador> Hamrum. Qual das duas traduções foi mais utilizada por você? Aí eu gostaria que você me indicasse como direita ou esquerda, está? </Entrevistador>

<Entrevistado> Ah, está. É porque eu estou usando primeira e segunda. Primeira e segunda, primeiro quando eu falo primeira, você depois na hora que você estiver ouvindo <Risos/> </Entrevistado>

<Entrevistador> <Risos/> </Entrevistador>

<Entrevistado> Primeiro quando eu falo primeira é o da esquerda e o segundo é o da direita. </Entrevistado>

<Entrevistador> Está bom. </Entrevistador>

<Entrevistado> Que eu usei mais? Eu acho que eu usei uma mistura das duas. Eu acho que eu segui mais, em termos dos adjetivos e algumas escolhas lexicais, a da direita, mas o tempo verbal eu usei o da esquerda, que é o "tinha vivido", "tinha morrido", "tinha tido", porque eu acho que ele é o que está mais sendo utilizado ultimamente do que esse "vivera", "morrera", que eu acho que caiu um pouco, assim, hoje em dia. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Agora sobre aspectos pontuais do texto, está? </Entrevistador>

<Entrevistado> Está joia. </Entrevistado>

<Entrevistador> Em "with a comfortable home and happy disposition", você optou por interpretar "home" no sentido da casa ou da família da protagonista? </Entrevistador>

<Entrevistado> No sentido da casa. </Entrevistado>

<Entrevistador> Por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu não sei se o fato de eu conhecer um pouco a história, </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Mas eu acho que também o que vem antes ajuda a gente a interpretar como o sentido de casa, que ela era rica, então ela levava uma vida confortável. É mais nesse sentido de que ela levava uma vida confortável e tinha uma disposição alegre do que a família dela era acomodada. Até estranhei na hora que eu li a primeira tradução, que fala "com uma família acomodada", porque não era bem isso. A casa dela era confortável, ali está descrevendo a Emma, então não tem muito com relação à família dela, ela era bonita, ela era inteligente, ela era rica, ela tinha uma casa confortável, e tudo. Então eu acho que "casa" é o que mais se encaixa. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Como você resolveu a tradução de "the youngest of two daughters of a most affectionate, indulgent father", tendo em vista que uma das traduções tinha "a menor" e a outra "a mais jovem"? </Entrevistador>

<Entrevistado> Essa eu respondi, não é? </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu coloquei <Interrupção/> Eu acabei optando por "a mais nova das duas filhas", aí eu mudei, porque como eu até falei na outra, eu acho que quando a gente fala "a menor das duas filhas" dá uma ideia de estatura, de altura, e "mais jovem" não encaixa muito quando a gente fala que as duas filhas ou os filhos de alguém, é sempre o mais novo e o mais velho. Aí eu optei por "mais nova". </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Ainda referente a esse trecho, um dos tradutores optou por "de um pai" e o outro por "do mais afetuoso e indulgente dos pais". Qual foi sua escolha? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu optei por "de um pai". Eu até no início tinha colocado "do mais afetuoso e indulgente", mas aí depois eu achei que "de um pai muito carinhoso e indulgente" encaixava melhor. </Entrevistado>

<Entrevistador> Por quê? Como assim? </Entrevistador>

<Entrevistado> Porque, eu não sei. É engraçado na hora de a gente pensar no "mais afetuoso" </Entrevistado>

<Entrevistador> <Risos/> </Entrevistador>

<Entrevistado> Porque ali, no caso, estava descrevendo o pai dela, e, no caso, ele era carinhoso e indulgente, essa era a característica dele. Quando você fala "do mais afetuoso e indulgente dos pais" parece que você está comparando ele a outros pais, e não era bem isso o caso. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Como você traduziu "and had lived nearly twenty-one years", sendo que uma das traduções apresentou "tinha vivido perto de 21 anos" e a outra "vivera quase vinte e um anos"? Em relação a esse tempo verbal, novamente. </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu coloquei "tinha vivido quase vinte e um anos". Eu acabei escolhendo o tempo verbal do "tinha vivido", porque é igual eu falei, eu acho que esse "vivera", apesar de ser característico de textos literários, hoje em dia o uso está caindo. Pelo menos o que eu observo, assim, no texto literário, é meio como <Interrupção/> Pelo menos textos atuais, textos literários atuais, ele não aparece mais com tanta frequência. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Como você traduziu "mistress of his house"? </Entrevistador>

<Entrevistado> Ah, eu coloquei "a senhora da casa". </Entrevistado>

<Entrevistador> Por que você optou por essa tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Não é um conceito que existe muito hoje em dia, mas normalmente é "a dona casa", "a senhora da casa", não é? </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Então "a ama da casa" é um pouco estranho, na tradução da esquerda, me chamou um pouco a atenção. E normalmente eu ainda falo assim, quem é a dona da casa, quem é a senhora da casa? Então eu acho que "a senhora da casa" funcionava bem. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. No original, "from a very early period" aparece no final da frase. Mas nas traduções uma delas coloca esse trecho no início da oração e a outra no final. Por qual posição você optou? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu coloquei no final. Eu tinha colocado no início, depois eu coloquei no final, que eu achava que, na hora que eu estava lendo <Incompreensível/> eu achei que funcionou melhor <Sobreposição/> do que no final. </Entrevistado>

<Entrevistador> <Sobreposição/> Humrum. </Sobreposição/> Hamram. No trecho final, como você traduziu "caresses"? </Entrevistador>

<Entrevistado> "Carinho". </Entrevistado>

<Entrevistador> Por que você optou por essa tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Porque eu acho que era com relação à mãe dela, normalmente mãe faz carinho. </Entrevistado>

<Entrevistador> Hamram. <Risos/> Entendi. Está bom. Muito obrigada, Kícila. </Entrevistador>

<Entrevistado> De nada. </Entrevistado>

#### P04

<Entrevistador> O que você achou da tarefa de traduzir um texto que já estava traduzido? </Entrevistador>

<Entrevistado> Mais fácil, não é!. Quando você tem <Pausa/> duas traduções de <Interrupção/> do texto que você está traduzindo parece que a tarefa fica mais fácil. Você não tem que pensar no <Pausa/> tanto na tradução. Você tem que pensar <Pausa/> mais <Pausa/> em equivalências do que <Pausa/> você buscar o equivalente na <Interrupção/> Você tem mais que comparar do que <Interrupção/> do que ficar buscando a tradução. </Entrevistado>

<Entrevistador> A visualização de todos os textos na tela do monitor foi tranquila? </Entrevistador>

<Entrevistado> Sim. </Entrevistado>

<Entrevistador> Alguma coisa atrapalhou ou confundiu você? </Entrevistador>

<Entrevistado> Não. </Entrevistado>

<Entrevistador> Em que partes do texto original as traduções ajudaram você a elaborar uma nova tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Ham, no <Pausa/> "Happy disposition", <Pausa/> hum <Pausa/> "little to distress or vex her", <Pausa/> hum <Pausa/> <Incompreensível/> "indistinct remembrance of her caresses". </Entrevistado>

<Entrevistador> Em que partes você preferiu optar por uma nova alternativa não existente nas traduções? </Entrevistador>

<Entrevistado> Ah <Pausa/> na questão do "rica" <Pausa/> por "abastada" <Pausa/> e "vinda de um lar feliz e casa confortável", <Pausa/> "angustiasse ou desagradasse", também no <Pausa/> "distress or vex her" <Incompreensível/> Acho que essas partes, só. </Entrevistado>

<Entrevistador> Qual das duas traduções foi mais utilizada por você? <Sobreposição/> </Entrevistador>

<Entrevistado> <Sobreposição/> Acho que a <Interrupção/> </Sobreposição/> </Entrevistado>

<Entrevistador> Por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> A primeira, <Pausa/> porque eu achei que ela <Pausa/> utilizou mais <Pausa/> uma linguagem que, <Pausa/> aparentemente está mais ligada à linguagem literária. </Entrevistado>

<Entrevistador> A da direita ou a da esquerda? </Entrevistador>

<Entrevistado> A da esquerda. </Entrevistado>

<Entrevistador> Em "with a comfortable home and happy disposition", você optou por interpretar "home" <Pausa/> no sentido da casa ou da família da <Interrupção/> protagonista? Por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> "Home" parece mais a casa porque "comfortable", não é!, no sentido de confortável parece mais do que o ambiente. </Entrevistado>

<Entrevistador> Como você resolveu a tradução de "the youngest of the two daughters of a most affectionate indulgent father", tendo em vista que uma das traduções tinha "a menor" e a outra "a mais jovem"? </Entrevistador>

<Entrevistado> Ah <Pausa/> acho que eu nem cheguei a ler a da <Pausa/> "a menor", então acho que eu fui direto para "a mais jovem", "era a mais jovem de duas filhas". </Entrevistado>

<Entrevistador> Como você <Interrupção/> Ainda <Pausa/> referente a este trecho, uma das tradutoras optou por "um pai" e a outra "do mais afetuoso e indulgente dos pais"? Qual foi a sua <Pausa/> éh! <Pausa/> escolha? </Entrevistador>

<Entrevistado> Ah, "Do pai mais <Interrupção/> mais carinhoso e indulgente". </Entrevistado>

<Entrevistador> Como você traduziu "had lived nearly twenty-one years" sendo que uma das traduções apresentou: "tinha vivido perto de vinte e um anos" e a outra "vivera quase vinte e um anos"? </Entrevistador>

<Entrevistado> Hum, eu optei por "vivera quase vinte e um anos". </Entrevistado>

<Entrevistador> Por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> Ham, porque <Pausa/> a outra é "perto", não é!, "perto de vinte e um anos". <Pausa/> Ah, não sei, eu acho que o "quase" está mais próximo de <Interrupção/> de tempo do que "perto". </Entrevistado>

<Entrevistador> E como você traduziu "mistress of his house"? Por que optou <Pausa/> por essa tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Hum <Pausa/> "A senhora da casa", no sentido de <Pausa/> que ela <Pausa/> era responsável <Pausa/> por manter a ordem. "Era a senhora da casa desde muito jovem". <Pausa/> "Tinha que se fazer a ama da casa". "ama da casa", <Pausa/> Não sei. "Ama da casa" parece mais <Pausa/> que ela fazia trabalhos <Pausa/> éh" <Pausa/> de serviço de casa, <Pausa/> não parece que é o caso. </Entrevistado>

<Entrevistador> No original: "from a very early period" aparece no final da frase, mas nas traduções uma delas coloca esse trecho no início da oração e a outra no final. Em qual posição você optou? Por quê? <Entrevistador>

<Entrevistado> Ah, "from a very early period". <Pausa/> "Desde muito jovem". <Pausa/> Ah, optei pelo final. <Pausa/> Hum. <Pausa/> Ah, não sei porque, talvez pela <Interrupção/> pelo próprio texto <Pausa/> original. <Pausa/> Pela <Interrupção/> pela sequência, mas poderia ser antes. "Desde muito jovem ela era a senhora da casa". <Pausa/> Humrum. </Entrevistado>

<Entrevistador> No trecho final, como você traduziu "caresses"? Por que optou por essa tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> "Caresses" por "carícias", <Pausa/> por que eu acho que "carícias" está mais ligado às lembranças da criança <Pausa/> do que carinho. </Entrevistado>

<Entrevistador> Está. Obrigada, Flávia. </Entrevistador>

<Entrevistado> De nada. </Entrevistado>

## P05

<Entrevistador> Então, assim. De forma geral. <Incompreensível/> O que você achou da tarefa de traduzir um texto que já estava traduzido? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu achei que ela auxiliou. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu acho que ela auxilia.

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Mas ela também te limita, não é!. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> No texto. </Entrevistado>

<Entrevistador> Sim. </Entrevistador>

<Entrevistado> Às vezes eu queria dar uma floreada naquele texto. Ai eu falei, ah, não. Já está traduzido assim. </Entrevistado>

<Entrevistador> Hamram. </Entrevistador>

<Entrevistado> É bom manter, mais ou menos. Mas <Interrupção/> </Entrevistado>

<Entrevistador> A visualização dos textos na tela foi tranquila? </Entrevistador>

<Entrevistado> Foi. Muito bom, achei muito legal. </Entrevistado>

<Entrevistador> Atrapalhou? </Entrevistador>

<Entrevistado> Não, em nada. </Entrevistado>

<Entrevistador> Em que partes do texto original as traduções te ajudaram a elaborar uma nova tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Deixa eu ver. Ah, por exemplo <Interrupção/> Nessa última parte </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> "her mother had died too long ago for her to have more than an indistinct remembrance of her caresses". Eu particularmente, não achei que a outras traduções  
 </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> elas passavam a mensagem exata da tradução em inglês. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Do texto original, na verdade. Então eu preferi ir lá nesse texto sem pensar muito nas traduções que já tinham sido feitas. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Falei assim, não, eu vou aqui direto. Não sei se eu respondi, não.  
 <Entrevistado>

<Entrevistador> Sim. Isso mesmo. Você acha que foi só nesse trechinho aí que  
 <Sobreposição/> </Entrevistador>

<Entrevistado> <Sobreposição> É. Essa </Sobreposição> parte <Interrupção/>  
 </Entrevistado>

<Entrevistador> Que as opções te ajudaram pensando em uma coisa <Sobreposição/>  
 diferente? </Entrevistador>

<Entrevistado> <Sobreposição> É. </Sobreposição> E também nessas escolhas lexicais  
 mesmo. Tipo "handsome". </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu não pensei "handsome" "bela" ou "bonita". </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu pensei mais uma pessoa, assim que era útil, corajosa. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> "Adequaste". </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Mais para esse sentido do que a beleza física em si. </Entrevistado>

<Entrevistador> Certo. </Entrevistador>

<Entrevistado> Mas eu fiquei assim, ah, qual palavra que eu vou usar aqui? Ah, vai "bela".  
 </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Essa "bela" você pode entender como várias coisas, também, no geral, mesmo.  
 E tem palavras como "very little to distress or vex her". </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Ai nessas partes eu fiquei assim, está, eu já conhecia as palavras.  
 </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> E eu pensei assim, não, vou usar uma palavra que eu já conheço e depois eu  
 vou olhar para ver quais foram as traduções que eles usaram. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Quais foram as palavras. Basicamente essas partes, assim. </Entrevistado>

<Entrevistador> Em quais você preferiu por optar por uma nova alternativa?  
 <Incompreensível/> </Entrevistador>

<Entrevistado> Foi a última parte, não é!. A parte do "her mother". </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> E quando eu usei o "caçula", não é!, no "she was the youngest of the two  
 daughters". Falei assim, ah, não. Não vou usar nem essa "era a menor" nem vou usar "era a  
 mais jovem". O "era a mais jovem" era uma das opções que eu tinha, porem que queria usar um  
 vocabulário que não tinha sido usado. Então falei assim, não, vou usar o meu. </Entrevistado>



<Entrevistador> Certo. Qual das duas traduções você acha que você utilizou mais, a da direita ou a da esquerda? </Entrevistador>

<Entrevistado> Provavelmente a da direita.

<Entrevistador> A da direita? </Entrevistador>

<Entrevistado> Sim. No início eu usei da esquerda porque eu achei que era um texto mais formal. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Só que eu falei assim, eu acho que está um pouco mais rebuscado do que o da direita. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Porém, depois, quando eu tive essa mudança de alvo, não e!, de público-alvo, aí eu usei um texto um pouco mais informal, que eu achei que era o da direita. Então eu usei ele mais. </Entrevistado>

<Entrevistador> Você achou o da direita informal? </Entrevistador>

<Entrevistado> Não informal, mas um pouco menos rebuscado. </Entrevistado>

<Entrevistador> <Incompreensível/> </Entrevistador>

<Entrevistado> É, eu não sei. </Entrevistado>

<Entrevistador> <Risos/> </Entrevistador>

<Entrevistador> Está. Bom, algumas coisas você já comentou, mas eu preciso perguntar <Sobreposição/> de novo, está? </Entrevistador>

<Entrevistado> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> </Entrevistado>

<Entrevistador> Sobre aspectos pontuais do texto. Naquele trechinho ali, que fala "with a comfortable home and happy disposition", você optou por escolher para a sua tradução a palavra "home" no sentido <Incompreensível/> da casa ou da família da protagonista? </Entrevistador>

<Entrevistado> Como família. </Entrevistado>

<Entrevistador> Por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> Porque eu acho que não está falando da casa em si.

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Está falando </Entrevistado>

<Entrevistador> Dela. </Entrevistador>

<Entrevistado> Dela e da relação dela com a irmã ou com o pai. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Da família em si. Falei assim, "with a comfortable home". E eu acho que foi um pré-julgamento, assim, entendeu? </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> De <Interrupção/> Falei assim, ah, isso não seria uma das bênçãos. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Da casa, ter uma casa confortável, sei lá. Eu acho que é mais uma família unida, ter uma família mais estruturada. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Todo mundo é feliz e está junto, e se ajuda. Aí eu acho que isso seria mais uma "comfortable home" do que uma "casa confortável" em si. </Entrevistado>

<Entrevistador> Certo. Bom, naquele trecho ali, "the youngest of the two daughters", não é! </Entrevistador>

<Entrevistado> Humrum. </Entrevistado>

<Entrevistado> Eu escolhi de um pai. </Entrevistado>

<Entrevistador> Você já falou bastante sobre ele, mas aí tem um trechinho ali que fala "of a most affectionate, indulgent father". Uma das traduções optou por "de um pai", não é! </Entrevistador>

<Entrevistado> Humrum. </Entrevistado>

<Entrevistador> E a outra por "do pai mais afetuoso", não é!. Qual foi a sua escolha? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu escolhi "de um pai". </Entrevistado>

<Entrevistador> <Incompreensível/> "De um pai" <Incompreensível/> </Entrevistador>

<Entrevistado> Sim. Na verdade, foi porque <Interrupção/> Deixa eu tentar explicar <Sobreposição/> por que que eu escolhi isso. <Risos/> </Entrevistado>

<Entrevistador> <Sobreposição> <Risos/> </Sobreposição> </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu pus assim "ela era a caçula entre duas filhas de um pai carinhoso e indulgente". </Entrevistado>

<Entrevistador> E a outra <Sobreposição/> </Entrevistador>

<Entrevistado> <Sobreposição> É porque <Sobreposição> </Entrevistado>

<Entrevistador> "mais afetuoso e indulgente dos pais". <Incompreensível/> </Entrevistador>

<Entrevistado> É. Ham, não sei exatamente por que. Eu acho que é só por ser uma descrição geral, mesmo, <Sobreposição/> não sei.<Entrevistado>

<Entrevistador> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu estou descrevendo quem que ela era. Ela era a caçula de duas filhas. Duas filhas de quem? De um pai super carinhoso, de um pai indulgente. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistador> E como você tem ali, "mistress of his house". Você optou por qual tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu escolhi "a senhora da casa". </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Por quê? <Risos/> </Entrevistador>

<Entrevistado> Olha, na verdade eu tinha <Interrupção/> Assim, eu conhecia a palavra "mistress" como "amante". </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Não é! Aí eu falei assim, nossa. "Been mistress of his house". Aí eu falei assim, ah, "mistress", sei lá, tem cara de "a outra". </Entrevistado>

<Entrevistador> <Risos/> </Entrevistador>

<Entrevistado> De "a outra mulher", "a outra senhora". </Entrevistado>

<Entrevistador> <Risos/> </Entrevistador>

<Entrevistado> Já que a mãe tinha morrido, ela seria a outra mulher da casa, a mulher da <Interrupção/> Assim, a senhora da casa. Seria a escolha dela. A escolha do pai, sei lá. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> <Incompreensível/> É essa a ideia. </Entrevistado>

<Entrevistador> Faz sentido. Tem um<Interrupção/> Você já comentou, mas lá, voltando um pouquinho no começo do texto, <Incompreensível/> "and had lived nearly twenty-one years". Aí, um dos textos optou por "vivera quase vinte" e o outro "tinha vivido. Você optou por? </Entrevistador>

<Entrevistado> Por <Sobreposição/> "tinha vivido". </Sobreposição> </Entrevistado>

<Entrevistador> <Sobreposição/> "tinha vivido". </Sobreposição> </Entrevistador>

<Entrevistador> Aí, por quê? <Incompreensível/> Da linguagem? </Entrevistador>

<Entrevistado> Na verdade foi só para eu tirar a formalidade <Sobreposição/> do texto. </Entrevistado>

<Entrevistador> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu não sei se isso é certo, mas os perfeitos e mais-que-perfeitos <Sobreposição/> dos pretéritos, eles são muito formais. </Entrevistado>

<Entrevistador> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> </Entrevistador>

<Entrevistado> E aí, eu falei assim, ah, não, eu vou tirar só porque <Interrupção/> Ai eu já estava pensando em para quem que eu estava traduzindo. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu falei assim, ah, vou tirar. </Entrevistado>

<Entrevistador> Naquele outro trecho ali estava assim, "from a very early period", que aparece no final da frase, uma das traduções coloca ela no começo e a outra no final. Você colocou em qual posição? </Entrevistador>

<Entrevistado> Deixa eu ver aonde que está. </Entrevistado>

<Entrevistador> "From a very early period" está no final no original, não é? </Entrevistador>

<Entrevistado> Humrum. </Entrevistado>

<Entrevistador> Uma coloca no final e a outra coloca no começo. </Entrevistador>

<Entrevistado> É, eu coloquei no final. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> "Passou a ser a senhora da casa desde muito jovem". É porque eu acho que é um texto mais direto. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Ele fica sem muita vírgula, assim. <Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu acho que se eu tivesse que inverter, ele teria que <Interrupção/> Teria, não, mas ele <Interrupção/> Se fosse uma explicativa, assim, teria que ser entre vírgulas. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Aí eu fiquei pensando assim, ah, melhor eu escrever um texto mais direto. Por causa desse público-alvo também. Assim, "Porém, devido ao casamento de sua filha", vírgula, "desde muito jovem", vírgula, <Sobreposição/> </Entrevistado>

<Entrevistador> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> </Entrevistador>

<Entrevistado> "Passou a ser". Eu não queria esse <Interrupção/> Por essa explicativa ali. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Sendo que eu posso jogar ela lá para o final e ser um texto mais direto, sabe? </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> E ali tem <Interrupção/> Você já comentou, não é!, sobre o "caresses" <Incompreensível/> Se quiser falar de novo. E tem o "indistinct remembrance", não é!. Como você traduziu esse trechinho? </Entrevistador>

<Entrevistado> Eu traduzi como "lembranças muito vagas". Na verdade é porque "indistinct remembrance" parece que é um tipo de lembrança que você não tem muita distinção, mesmo. Sei lá. Como é que era exatamente? </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Não lembro, eu era muito pequeno, mas eu lembro de alguma coisa, eu tenho umas lembranças vagas. Aí eu pensei <Sobreposição/> por esse lado. </Entrevistado>

<Entrevistador> <Sobreposição> Humrum. </Sobreposição> </Entrevistador>

<Entrevistado> Então é isso. Tem mais alguma coisa que você gostaria de comentar? </Entrevistador>

<Entrevistado> Que trabalho legal. <Sobreposição/> Quero participar mais. </Entrevistado>

<Entrevistador> <sobreposição> <Risos/> É. </sobreposição> </Entrevistador>

<Entrevistado> Muito legal, mesmo. </Entrevistado>

## P07

<Entrevistador> <Incompreensível/> </Entrevistador>

<Entrevistado> Humrum. </Entrevistado>

<Entrevistador> <Incompreensível/> </Entrevistador>

<Entrevistado> Humrum. <Pausa/> Pode colocar mais rápido, porque eu demorei. </Entrevistado>

<Entrevistador> É. <Pausa/> Então, sobre a tarefa. </Entrevistador>

<Entrevistado> Posso abrir o olho? <Sobreposição/> </Entrevistado>

<Entrevistador> <Sobreposição> <Incompreensível/> </Sobreposição> Pode abrir o olho. </Entrevistador>

<Entrevistado> Humrum. </Entrevistado>

<Entrevistador> O que você achou da tarefa de traduzir um texto que já estava traduzido, Norma? </Entrevistador>

<Entrevistado> Ai, eu <Interrupção/> Eu acho que há uma tendência de <Interrupção/> de <Interrupção/> de seguir um <Interrupção/> um deles, <Pausa/> independente se você gostou ou não, assim. <Pausa/> Acho que fica na mente as escolhas da <Interrupção/> do que você leu, entendeu? </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. <Pausa/> A visualização de todos os textos na tela do monitor foi tranquila? </Entrevistador>

<Entrevistado> Humrum, foi. </Entrevistado>

<Entrevistador> Alguma coisa atrapalhou ou confundiu você? </Entrevistador>

<Entrevistado> Hum. <Pausa/> Só quando <Pausa/> mudava de uma linha para outra e não ficava igual, assim, <Pausa/> para a minha tradução, entendeu? </Entrevistado>

<Entrevistador> Hamram. </Entrevistador>

<Entrevistado> Então, porque aqui você vê que o alinhamento <Pausa/> tem menos palavras <Pausa/> em cada linha. O meu tem mais. </Entrevistado>

<Entrevistador> Entendi. </Entrevistador>

<Entrevistado> Então, só <Interrupção/> Só isso aí que <Pausa/> causava confusão <Pausa/> na hora de <Interrupção/> de <Interrupção/> modificar a minha <Pausa/> depois que eu terminei, entendeu? </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Na hora de revisar. </Entrevistado>

<Entrevistador> Agora sobre os textos em um sentido global. <Pausa/> Em que partes do texto original as traduções ajudaram você a elaborar a nova tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Hum. <Pausa/> Eu acho que essa <Interrupção/> essa <Interrupção/> Ah, eu acho que <Pausa/> principalmente a <Interrupção/> a <Interrupção/> a tradução da esquerda <Pausa/> esse trecho que fala que ela "tinha, já com quase vinte anos, no mundo poucas coisas lhe causavam", assim, eu acho que <Pausa/> eu tirei apesar de ter tirado <Pausa/> a palavra "viver", eu acho que a construção <Pausa/> do que tinha no português me ajudou. <Pausa/> Humrum. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. <Pausa/> Em que partes você preferiu optar por uma nova alternativa não existente nas traduções? </Entrevistador>

<Entrevistado> Ham <Pausa/> A escolha do <Interrupção/> do "morar", por exemplo. <Pausa/> É, eu acho que <Pausa/> o <Interrupção/> Estava muito grande, e aí eu preferi dividir <Pausa/> o primeiro parágrafo em sentenças menores. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Então aí eu incluí o "morando", <Interrupção/> Excluí o verbo "viver". <Pausa/> Hum <Pausa/> Em vez de utilizar <Pausa/> o "disposição alegre" ou o "bom caráter", que ele utilizou <Interrupção/> que as <Pausa/> traduções usaram eu preferi colocar "muita energia". <Pausa/> Então <Pausa/> "disposição alegre" <Pausa/> parece <Pausa/> coisa muito literal para mim, então <Pausa/> o "bom caráter" também foge do <Interrupção/> Se <Interrupção/> se eu não estou enganada, foge do <Interrupção/> do sentido, não é!, de

<Pausa/> "happy disposition". <Pausa/> Então eu pensei em uma coisa que <Pausa/> para mim, quando eu penso em uma pessoa com disposição alegre, é o quê? É uma pessoa com <Interrupção/> com muita energia. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. <Pausa/> Éh! <Pausa/> Qual das duas traduções foi mais utilizada por você, assim, a da esquerda ou a da direita? Por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> A da esquerda. Eu acho que estava <Interrupção/> Estava mais próxima do português nosso. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. <Pausa/> Agora sobre aspectos pontuais do texto. <Pausa/> Em "with a comfortable home and happy disposition", você optou por interpretar "home" no sentido da casa ou da família da protagonista? </Entrevistador>

<Entrevistado> Hum. <Pausa/> Eu acho que <Pausa/> como <Interrupção/> da <Interrupção/> como "home" como no sentido de "lar". </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. </Entrevistador>

<Entrevistado> Que é <Pausa/> por causa da escolha, não é!, o "comfortable", você não fala disso como <Incompreensível/> Eu acho que não. Eu acho que parece uma coisa mais física. </Entrevistado>

<Entrevistador> Éh! <Pausa/> Como você resolveu a tradução de "the youngest of the two daughters of a most affectionate indulgent father", tendo em vista que uma das traduções tinha "a menor" e a outra "a mais jovem"? </Entrevistador>

<Entrevistado> É "a mais jovem", porque <Pausa/> pode ser que <Risos/> <Interrupção/> Menor refere-se a tamanho, não é!, e não <Pausa/> a idade. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. Ainda referente a este trecho, um dos tradutores optou por "de um pai" e o outro por "do mais afetuoso e indulgente dos pais". Qual foi a sua escolha? Por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> Hum <Pausa/> Hum <Pausa/> Na realidade é <Interrupção/> o sentido que eu peguei, <Incompreensível/> foi o trecho que, para mim, na minha opinião, não causou <Pausa/> mais dispêndio <Interrupção/> Tanto de tempo como de esforço, foi <Interrupção/> Foi esse trecho. <Pausa/> Porque <Pausa/> para mim <Pausa/> a ideia era de um pai muito carinhoso e indulgente, mas o autor, no texto-fonte, queria passar essa ideia de que <Pausa/> não era simplesmente um pai muito afetuoso, ele era <Interrupção/> ele era o mais <Pausa/> entre <Interrupção/> no monte <Interrupção/> em um monte de gente, só que isso não estava no texto-fonte. <Pausa/> Então eu <Pausa/> expressei isso em palavras <Pausa/> comparando com outros pais. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. <Pausa/> Éh! <Pausa/> Como você traduziu "and had lived nearly twenty-one years" sendo que uma das traduções apresentou "tinha vivido perto de vinte e um anos" e a outra "vivera quase vinte e um anos"? Em relação a esse tempo verbal mesmo. </Entrevistador>

<Entrevistado> Hum. <Pausa/> Eu <Pausa/> simplesmente tirei o verbo. <Pausa/> O "vivera", ou <Interrupção/> "tinha vivido", eu não utilizei. </Entrevistado>

<Entrevistador> Éh!, como você traduziu "mistress of his house"? Por que você optou por essa tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Hum. <Pausa/> Então. <Pausa/> Acho <Interrupção/> A gente <Interrupção/> É comum falar <Interrupção/> Hoje em dia falar: essa é a dona da casa, não é! Então <Pausa/> não é!, eu acho <Interrupção/> Foi <Interrupção/> Foi <Interrupção/> Foi <Pausa/> por influência da <Interrupção/> da <Interrupção/> da própria língua mesmo, para mim soava mais natural, assim, mais <Interrupção/> mais <Interrupção/> Uma língua <Interrupção/> Uma linguagem mais atualizada. </Entrevistado>

<Entrevistador> Humrum. <Pausa/> Éh! <Pausa/> No original: "from a very early period" aparece no final da frase, mas nas traduções uma delas coloca esse trecho no início da oração e a outra no final. Por qual posição você optou? Por quê? <Entrevistador>

<Entrevistado> Hum. <Pausa/> Eu coloquei no meio. <Risos/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Por quê? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Então, <Pausa/> eu queria contrapor com a <Interrupção/> com a <Interrupção/> Com a frase <Interrupção/> Com a sentença anterior. <Pausa/> De que o <Interrupção/> Ela era a mais jovem, <Pausa/> mas que ela teve que se tornar a dona da casa <Interrupção/> Porque a casa <Interrupção/> A irmã se <Interrupção/> se <Pausa/> casou. Então, o "muito nova" <Pausa/> foi a consequência de <Interrupção/> disso. <Pausa/> Da ligação que eu fiz com a sentença anterior. <Pausa/> por isso que ficou nessa posição. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. <Pausa/> No trecho final, como você traduziu "caresses"? Por que você optou por essa tradução? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Então, eu acho que <Pausa/> eu <Interrupção/> "carinho" <Pausa/> é mais uma coisa de <Interrupção/> de <Interrupção/> de <Pausa/> mais materno, fraterno, não é uma <Interrupção/> Uma coisa de um relacionamento mais homem e mulher, por exemplo. "Carícia", a palavra "carícia" me lembra isso, assim. Eu acho que carinho é mais <Pausa/> de uma coisa de mãe e filha, assim. O que é o caso, não é! </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Humrum. <Pausa/> Norma, muito obrigada. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Humrum. <Pausa/> De nada. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> <Risos/> <Incompreensível/> Então eu tenho que te pedir uma coisa. </Entrevistador>

## P08

<Entrevistador> Isso. A partir de agora <Pausa/> éh! <Pausa/> nós vamos fazer um relato guiado, eu vou te fazer algumas perguntas <Pausa/> sobre a tarefa </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Calma aí. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> E aí você <Pausa/> me responde <Pausa/> não é!, o que você achar. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Está. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Então primeiro sobre a tarefa. O que você achou da tarefa de traduzir um texto que já estava traduzido? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Ah, achei <Pausa/> ah, não sei o que que eu achei, não. Éh!, achei <Pausa/> mais tranquilo, porque <Pausa/> eu podia <Pausa/> usar as coisas que eu penso, não é!, e o que, as soluções que já foram <Pausa/> éh!, feitas, não é!, já foram realizadas, então achei <Pausa/> mais tranquilo, apesar que tem coisa que eu ainda fiquei meio na dúvida. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> E a visualização de todos os textos na tela do monitor foi tranquila? Alguma coisa te atrapalhou, te confundiu? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Não. Não me confundiu, não, tá bom <Pausa/> Só <Pausa/> coisa que, ah <Pausa/> não está muito centralizado, mas isso <Pausa/> é tranquilo, achei <Pausa/> tudo tranqüilão. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Agora sobre os textos no sentido global. </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Hum. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Em que parte do texto original, e das traduções, ajudaram você a elaborar <Sobreposição/> uma nova tradução? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> <Sobreposição> Hum. </Sobreposição>  
 <Entrevistado> Espera aí. Em que parte do texto original? </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Isso, e das traduções. <Pausa/> Se você tendo o texto original e as traduções <Sobreposição/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Ah, está. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Em que parte que elas te ajudaram a elaborar uma outra tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Sim. Éh! <Pausa/> Por exemplo, <Pausa/> Várias partes. Primeiro, é se <Pausa/> o "happy disposition", porque como eu não podia consultar nada <Pausa/> eu fiquei <Interrupção/> eu não achei que eu sabia <Incompreensível/> não sei se eu sei que que é isso. E aí tendo as duas traduções, junto com o texto-fonte, <Pausa/> eu <Pausa/> pude <Interrupção/> chegar em uma conclusão <Pausa/> aí no meio do caminho, não é!, eu até copieei de um dos, dos textos. Éh! <Pausa/> Outra coisa <Pausa/> é esse "blessings of existence" também. Que aí um fala "bênção", porque "blessings" na minha cabeça vem logo "bênçãos", mas <Pausa/> depois ele <Pausa/> no outro texto, <Pausa/> no outro traduzido tem <Pausa/> "dons", e eu achei que, que combina com o que o texto em inglês quer dizer. Também essa outra parte, o "little to distress and vex her" <Pausa/> eu também <Interrupção/> olhei para os textos <Interrupção/> traduzidos para poder ver o que que <Interrupção/> que que os tradutores pensaram, não é!, colocaram, para poder, eu pensar o que que eu ia colocar. <Pausa/> Éh!, esse "indulgent father" também. Com certeza foi uma ordem que eu fiquei na dúvida e aí foi bom <Pausa/> para poder consultar, e os dois colocaram "indulgente" e aí <Pausa/> eu fiquei meio sem saber o que que punha. Quer dizer, eu fiquei meio <Interrupção/> sem saber, não, coloquei exatamente o que eles colocaram. <Pausa/> Éh! <Pausa/> Apesar das, da pontuação <Pausa/> nos dois textos traduzidos <Pausa/> seguirem o, o texto original, <Pausa/> eu fiz umas modificações, porque achei <Pausa/> aí isso eu fiz da minha cabeça. <Pausa/> Éh! <Pausa/> Mas aí, então, voltando lá, desculpa, eu saí da pergunta. <Pausa/> Éh! <Pausa/> Ah, esse negócio. Engraçado, eu agora eu estou pensando aqui, esse negócio da irmã, eu não li direito aqui <Pausa/> o que é que a solução dos tradutores, não. Só essa última parte que fala <Pausa/> "senhora da casa" e "ama da casa", o, o que eles resolveram eu não prestei atenção, não. Oh! <Pausa/> Éh! <Pausa/> Não, ajudou assim, no geral assim, <Pausa/> foi bom para poder ver o que é que os outros tradutores pensaram <Pausa/> em contraste com o que eu pensei e o que o texto-fonte disse. Eu achei <Pausa/> ótimo. </Entrevistado>

<Entrevistador> E qual das duas traduções foi mais utilizada por você? </Entrevistador>

<Entrevistado> Hum, acho que eu fiz uma mistura. <Pausa/> Deixa eu ver. <Pausa/> Eu peguei muitas coisas da <Pausa/> esquerda <Pausa/> da tradução da esquerda <Pausa/> e algumas da direita, mas eu acho que eu peguei mais da esquerda. <Pausa/> <Sobreposição/> </Entrevistado>

<Entrevistador> <Sobreposição/> E sobre as <Interrupção/> </Sobreposição/> </Entrevistador>

<Entrevistado> Acabei olhando aqui. </Entrevistado>

<Entrevistador> E sobre aspectos pontuais do texto. <Pausa/> Em "with a comfortable home and happy disposition" <Sobreposição/> </Entrevistador>

<Entrevistado> <Sobreposição/> Hamram. </Sobreposição/> </Entrevistado>

<Entrevistador> Você optou por interpretar "home" no sentido de "casa" <Pausa/> ou da família da protagonista, e por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> Ah, pois é, <Risos/> então. <Pausa/> Eu <Pausa/> resolvi <Interrupção/> eu vi que tinha "família" de um lado e "casa" do outro. <Pausa/> E "home" <Pausa/> é meio que o lar, não é!, eu ia até colocar lá, e aí depois eu <Pausa/> não coloquei. Eu acho que, na gravação, eu fiquei um tempo parada nessa parte. Eu acho. <Pausa/> Então, aí <Pausa/> como em português, quando a gente fala "a minha casa" <Pausa/> pode se referir <Pausa/> tanto ao meu lar quanto ao meu <Pausa/> edifício onde eu moro <Pausa/> eu <Pausa/> coloquei "casa". Mas <Pausa/> eu <Interrupção/> mas o que eu quis colocar do "comfortable" lá, que <Interrupção/> que o que eu quis, talvez, ir para o lado da família que estava aqui nessa da direita, foi o "aconchegante". Porque <Pausa/> éh!, "família acomodada" <Pausa/> <Incompreensível/> esse "acomodada" para mim não, não dá esse sentido de "comfortable", não. E "casa confortável" parece que é o lugar físico. Aí eu coloquei "aconchegante" porque é uma coisa que é físico, e <Pausa/> digamos, do sentimento. E aí eu acho que chegou no "home". <Pausa/> Eu <Pausa/> consegui explicar bem? Deu pra entender? <Interrupção/> </Entrevistado>

<Entrevistador> <Sobreposição> Humrum. Sim. </Sobreposição> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> <Incompreensível/> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> E como você resolveu a tradução <Pausa/> de "the youngest of two daughters of the most affectionate and indulgent father? <Sobreposição/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> <Sobreposição> <Risos/> </Sobreposição> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Tendo em vista uma das traduções tinha "a menor", e a outra "a mais jovem". <Pausa/> E ainda um dos tradutores optou por "de um pai", e a outra "do mais afetuoso e indulgente dos pais"? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Ah, é mesmo. Está vendo? Eu não prestei atenção nessa coisa. <Pausa/> Eu resolvi não usar nenhum dos dois, eu fui para "a mais nova das, das duas filhas". <Pausa/> Porque <Pausa/> "the youngest", não achei que "menor" <Pausa/> <Incompreensível/> nem "mais jovem". Achei que <Pausa/> "mais nova" resolvia. <Pausa/> Éh!, agora, o <Pausa/> "of most affectionate and indulgent father" <Pausa/> éh! <Pausa/> cadê o que eu coloquei? "de um pai" <Interrupção/> Eu coloquei "de um pai muito carinhoso e indulgente". Não "do mais afetuoso". Sabe por que, que eu não coloquei? Eu acho que até esse aqui <Pausa/> dá mais. <Pausa/> Éh! <Pausa/> do da esquerda. Espera aí. "a mais jovem das duas filhas do mais afetuoso e indulgente dos pais". <Pausa/> "de um pai muito carinhoso". <Pausa/> Éh! <Pausa/> Hã? <Pausa/> Não sei. <Pausa/> Eu <Pausa/> resolvi ir para o da direita, que falava o <Pausa/> "um pai". <Pausa/> E aí eu coloquei "muito carinhoso e indulgente", mas <Pausa/> se bem que esse da esquerda está bem <Pausa/> éh!, não sei. Eu resolvi ir <Pausa/> no meio do caminho dos dois. <Risos/> <Pausa/> Não, mais para o da direita, na verdade, não é!, porque <Pausa/> eu coloquei "um pai muito carinhoso e indulgente". É <Interrupção/> Sabe por quê? Esse negócio "afetuoso e indulgente dos pais" <Pausa/> ficou com cara de <Pausa/> texto traduzido <Risos/> Apesar de que é uma tradução, não é!, queria que ficasse <Pausa/> mais próxima do português do que <Pausa/> do inglês. Sei lá. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Éh!, como você traduziu "mistress of his house"? <Sobreposição/> </Entrevistador>  
 <Entrevistado> <Sobreposição> Ah. </Sobreposição> </Entrevistado>  
 <Entrevistador> Por que você optou por essa tradução? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Achei <Interrupção/> Achei <Interrupção/> não achei difícil de entender <Pausa/> mas achei <Pausa/> complicado, essa é uma parte em que eu fiquei agarrada, porque <Pausa/> de um lado fala <Pausa/> do <Pausa/> uma das traduções fala <Pausa/> éh! <Pausa/> Nossa, agora que eu estou prestando atenção. Eu só li a palavra, eu não li o, a <Interrupção/> o <Pausa/> a oração toda. Porque a da direita fala assim: "desde muito jovem tinha tido de fazer de ama de casa". Meio esquisito, agora que eu estou lendo, eu achei meio esquisito. E do lado esquerdo fala assim: "tornara-se a senhora da casa desde muito jovem". A princípio eu fui por esse <Pausa/> éh!, de "tornar-se a senhora da casa". <Pausa/> Só <Pausa/> que "a senhora da casa" eu achei meio esquisito e <Pausa/> pensei <Pausa/> "dona de casa". <Pausa/> Então "dona da casa", e aí <Pausa/> resolvi com isso. Mas eu estava mais para esse caminho da esquerda aqui do que <Interrupção/> dessa "ama da casa" aqui. "tinha de fazer de ama de casa". Sei lá, aí eu coloquei "que se tornara a dona da casa". <Pausa/> Sei lá. </Entrevistado>  
 <Entrevistador> E no original "from a very early period" aparece no final da frase. Mas, nas traduções, uma delas coloca esse trecho no início da oração e a outra no final. Por qual posição você optou e por quê? </Entrevistador>  
 <Entrevistado> Eu botei <Pausa/> no meio. <Risos/> Porque <Pausa/> eu acho que o da <Interrupção/> o da <Interrupção/> Aqui começa <Pausa/> com "desde muito jovem tinha de ser a ama da casa". Eu achei que perde um pouco o <Pausa/> a surpresa, a ordem, que eu acho que é interessante, a ordem da, da oração que fala "and had". Porque, porque em inglês ela podia colocar assim: "and had been mistress of her house from a very early period in consequence of her sister's marriage" mas ele, o, o <Pausa/> o escritor aqui, ele resolveu



colocar esse "in consequence of her sister's marriage" <Pausa/> intercalado na oração, então eu achei que isso era importante. <Pausa/> E no final, para colocar no final igual está no da esquerda, espera aí, "devido ao casamento da irmã, tornou-se <Pausa/> desde muito jovem". <Pausa/> Éh! <Pausa/> eu <Interrupção/> eu coloquei <Interrupção/> eu dei uma intercalada para <Interrupção/> não é exatamente o mesmo efeito <Pausa/> mas é <Pausa/> mas é que eu queria colocar <Pausa/> o "desde que sua irmã se casou" também intercalado igual está em inglês. <Pausa/> Porque eu coloquei: "se tornara", aí eu intercalei: "desde que sua irmã se casou". Aí eu coloquei o "muito cedo" antes de "a dona da casa" porque eu achei que no final ia <Interrupção/> ficou esquisito. <Pausa/> Mas eu não sei explicar por quê. </Entrevistado>

<Entrevistador> E, no trecho final, como você traduziu "caresses? Por que você optou por essa tradução? E como você entende "indistinct remembrance"? Como você traduziu e por que optou por essa tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Então vamos para o "caress" primeiro. O "caresses" <Pausa/> éh!, estava lá: "her caresses". Esse "her caresses" acho que está se referindo à mãe. "her mother had died <Incompreensível/>" <Pausa/> Aí primeiro, o "her" <Pausa/> é o "the other", aí depois <Pausa/> "her" <Pausa/> é a <Pausa/> Emma. <Pausa/> E essa <Pausa/> "of her caress" <Pausa/> é o da mãe. É o <Pausa/> carinho da mãe. Aí <Pausa/> no <Interrupção/> Em uma das traduções está falando "de suas carícias e dos seus carinhos". Eu <Pausa/> nem sei se está falando <Interrupção/> se está falando da, da Emma, para mim, está falando da mãe. <Pausa/> Aí <Pausa/> eu fui para o "carinho", copiei de um lado <Pausa/> e <Pausa/> coloquei "materno" porque aí, eu acho que não dava dúvida de que era da mãe, e não era da <Pausa/> Emma <Pausa/> porque, éh!, "dela" podia ser das duas, não é!, podia dar uma <Interrupção/> uma <Pausa/> confusão. Aí, assim, "an indistinct remembrance", não sei se é assim que fala <Interrupção/> Aí de um lado fala "vaga lembrança" e "confusa lembrança". <Pausa/> Aí <Interrupção/> Olha, eu traduzi errado. <Risos/> Porque "indistinta" <Pausa/> achei que não <Interrupção/> Eu coloquei "lembrança instintiva", como se fosse uma coisa, assim, que ela <Pausa/> está lá dentro, mas <Interrupção/> Não, acho que não está errada não, sabe por quê? Porque "instintiva" é uma coisa que está lá e você não sabe bem de onde que vem, <Pausa/> e eu acho que é esse "indistinto" aí <Pausa/> esse "indistinct". <Pausa/> Porque não é <Interrupção/> Pode ser "vago", porque ela não <Pausa/> não tem muito tempo, não é!, aquela mulher morreu tem muito tempo. <Pausa/> Agora, "confusa" <Pausa/> Não sei, talvez lendo o resto do texto <Pausa/> pode ser <Pausa/> que tenha algum elemento aí que <Pausa/> que vá para esse "confuso", mas com o que tem aqui <Pausa/> eu achei <Interrupção/> Pensando bem, esse "instintiva" foi isso, assim, é uma coisa <Interrupção/> foi isso que eu pensei <Pausa/> agora. <Pausa/> Eu acho. <Risos/> Foi uma coisa, assim, está lá dentro da pessoa, ela não sabe nem direito de onde que vem mas está lá, ela <Interrupção/> é uma coisa que <Pausa/> está dentro dela e ela acessa <Pausa/> não sabe como. É isso. </Entrevistado>

<Entrevistador> Ótimo, muito obrigada. </Entrevistador>

<Entrevistado> De nada. </Entrevistado>

<Entrevistador> <Incompreensível/> </Entrevistador>

## P09

<Entrevistador> Bom. <Pausa/> Éh! <Pausa/> No relato guiado eu vou fazer primeiro umas perguntas <Pausa/> sobre a tarefa. </Entrevistador>

<Entrevistado> Sim. </Entrevistado>

<Entrevistador> O que que você achou da tarefa de traduzir um texto que já estava traduzido? </Entrevistador>

<Entrevistado> Bem, acho que foi <Pausa/> tranquilo. <Pausa/> Éh! <Pausa/> Por dois motivos. Primeiro que <Pausa/> o texto não é <Interrupção/> Não tem nenhuma <Interrupção/> um tom difícil de traduzir <Pausa/> e <Pausa/> éh! <Pausa/> é interessante porque você pode

ir em determinados pontos em que você tem <Pausa/> éh! <Pausa/> muitas opções, já que você tem algumas dúvidas. Você pode <Pausa/> consultar o outro, e <Pausa/> éh! <Pausa/> decidir se você vai utilizar um ou outro, ou <Pausa/> uma deles seria opção. </Entrevistado>

<Entrevistador> E a visualização de todos os textos na tela do monitor foi tranquila? Teve alguma coisa que te atrapalhou ou confundiu? </Entrevistador>

<Entrevistado> Não. <Pausa/> Acho que não. <Pausa/> Acho que porque, assim como <Pausa/> éh! <Pausa/> basicamente <Pausa/> fiquei concentrado mais no texto-fonte e <Pausa/> utilizava <Pausa/> os <Interrupção/> os textos traduzidos somente para consulta, eu acho que não <Interrupção/> não atrapalhou, não. </Entrevistado>

<Entrevistador> E <Pausa/> os textos no sentido global. <Pausa/> Em que parte do texto original <Pausa/> e das traduções, ajudaram você a lembrar uma nova tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Bem. <Pausa/> Éh! <Pausa/> Que ajudaram a lembrar uma nova tradução. <Pausa/> Eu acho que <Interrupção/> É como eu falei, eu olhei para "happy disposition" e vi que de um lado estava "de bom caráter" e do outro estava "disposição alegre" e não concordei com nenhum dos dois e coloquei <Interrupção/> acabei colocando "bem disposta". <Pausa/> Ah. Ok. </Entrevistado>

<Entrevistador> E em que parte, se você preferiu optar por uma nova alternativa, e não a existente na tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Ah, aqui, na parte de <Interrupção/> Essa que eu falei, de <Interrupção/> a da aflição e a da vexação. <Pausa/> Éh! <Pausa/> Que ele colocou <Pausa/> éh! <Interrupção/> para não <Interrupção/> "com muito pouca aflição e vexação". É isso é que eu <Pausa/> decidi transformar o processo. Tirar <Pausa/> éh! <Pausa/> o processo e utilizar a nominalização, que eu acho que <Pausa/> cumpre com o mesmo <Interrupção/> com a mesma função, com o mesmo <Pausa/> objetivo do <Interrupção/> do <Interrupção/> do texto. </Entrevistado>

<Entrevistador> E qual das duas traduções foi mais utilizada por você? </Entrevistador>

<Entrevistado> A <Pausa/> da direita. <Pausa/> Da, da <Interrupção/> éh!, a da direita de quem olha para a tela. <Pausa/> </Entrevistado>

<Entrevistador> E <Pausa/> alguns aspectos pontuais do texto. <Sobreposição/> </Entrevistador>

<Entrevistado> <Sobreposição> Hum. </Sobreposição> </Entrevistado>

<Entrevistador> Em "with a comfortable home and happy disposition", você optou por interpretar "home" no sentido de casa <Pausa/> ou da família da <Interrupção/> protagonista, e por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> Isso, aí eu coloquei "casa", como eu tive <Interrupção/> éh! <Pausa/> havia <Pausa/> comentado <Pausa/> que <Pausa/> éh! <Pausa/> "casa" em <Interrupção/> em português <Pausa/> e em muitos <Interrupção/> dos contextos que são utilizados em inglês "home", <Pausa/> ele <Pausa/> é utilizado <Pausa/> éh! <Pausa/> em vez de utilizar o "lar". <Pausa/> E então <Pausa/> éh! <Interrupção/> Porque acho que também <Pausa/> tem isso, a questão do "home", <Pausa/> ele <Pausa/> em inglês, ele já engloba <Interrupção/> ele não está no sempre na casa no sentido físico, <Pausa/> e em português a gente também utiliza o "casa" <Interrupção/> nesse sentido mais abstrato, não necessariamente é o <Pausa/> sentido físico. </Entrevistado>

<Entrevistador> E como você resolveu a tradução <Pausa/> de "the youngest of the two daughters of the most affectionate, indulgent father"? Tendo em vista que uma das traduções tinha "a menor", <Pausa/> e a outra "a mais jovem". E ainda, um dos tradutores optou por: "um pai" <Interrupção/> "de um pai" <Pausa/> e a outra: "do mais afetuoso e indulgente dos pais". </Entrevistador>

<Entrevistado> Pois é. <Pausa/> Aí <Incompreensível/> parado nessa <Interrupção/> Então, automaticamente <Interrupção/> Pois é. Éh! <Pausa/> A <Interrupção/> O "youngest", tudo

bem, porque eu acho que <Pausa/> éh! <Pausa/> vem dessa questão de <Pausa/> éh! <Pausa/> não sei. <Pausa/> Tinha a opção de dizer "a mais nova", mas <Pausa/> também acho que "a mais jovem" <Pausa/> já <Pausa/> éh! <Pausa/> é muito <Interrupção/> já é de uso muito frequente em português para se referir que é "a mais nova". <Pausa/> Em termos de idade. <Pausa/> E <Pausa/> éh! <Pausa/> quando chegou na parte do <Pausa/> "most affectionate", eu só vi um "most" e já deduzi que era <Pausa/> "the most <Pausa/> affectionate", eu não tinha <Interrupção/> prestado atenção ao <Interrupção/> ao "most". Então eu <Interrupção/> eu optei pela <Interrupção/> pela <Interrupção/> por essa escolha <Pausa/> de "the most", e eu utilizei "o mais" <Incompreensível/> Éh! <Pausa/> "do mais", é. <Pausa/> "do pai mais afetuoso". </Entrevistado>

<Entrevistador> E como você traduziu <Pausa/> "mistress of his house"? E por que você optou por essa tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Isso, aí é que <Interrupção/> Éh!, bem, porque aí poderia ser "se tornado <Pausa/>a <Interrupção/> a dona, a dama da casa, a senhora da casa". E aí eu fiquei pensando, por exemplo, que "senhora" dá um <Interrupção/> um sentido muito mais de responsabilidade. <Pausa/> E <Pausa/> éh! <Interrupção/> E também eu acho que é um <Interrupção/> Colocar "senhora". "era a senhora da casa", num sentido também que não é só necessariamente que ela estava <Pausa/> tomando conta da casa, mas que ela <Pausa/> era <Pausa/> éh! <Pausa/> ali, a figura <Pausa/> éh! <Pausa/> feminina <Pausa/> da casa, <Pausa/> e tudo mais nesse sentido. </Entrevistado>

<Entrevistador> No original, "from a very early period", aparece no final da frase. Mas nas traduções uma delas coloca esse trecho no início da oração e a outra no final. <Pausa/> Por qual posição você optou, e por quê? </Entrevistador>

<Entrevistado> Éh! <Pausa/> pela <Interrupção/> pela última, a default. <Pausa/> Éh! <Pausa/> a default não, não é! Pela última <Pausa/> que é <Pausa/> colocar no final. <Pausa/> Éh! <Pausa/> O que acontece? <Pausa/> Éh! <Pausa/> Isso, geralmente eu <Pausa/> éh! <Pausa/> mantenho as <Pausa/> posições <Pausa/> temáticas dos <Interrupção/> do texto-fonte. Porque eu só faço alguma mudança se for um <Interrupção/> um <Interrupção/> um uso <Pausa/> que seja muito <Pausa/> mas muito mais frequente em português <Pausa/> éh! <Pausa/> em termos <Pausa/> éh! <Pausa/> éh! <Pausa/> do tipo textual, e nesse tipo textual eu acho que cabe tanto em português <Interrupção/> também pode vir tanto no início quanto no final, não há <Pausa/> éh! <Pausa/> éh! <Pausa/> uma regra fixa em relação a isso, então eu acabo optando sempre <Pausa/> em utilizar <Pausa/> mais a <Interrupção/> a <Interrupção/> os temas do <Interrupção/> do texto-fonte. </Entrevistado>

<Entrevistador> E <Pausa/> no trecho final, como você traduziu "caresses"? E por que você optou por essa tradução? E como você entende o "indistinct remembrance"? E como você traduziu e optou por essa tradução? </Entrevistador>

<Entrevistado> Isso. <Pausa/> Éh! <Pausa/> Com relação ao "caresses" <Interrupção/> Pois é. <Pausa/> Está vendo? Isso aqui eu li rápido, eu entendi "careness". <Pausa/> Éh! <Pausa/> éh! <Pausa/> Primeiro é isso, eu tinha <Pausa/> lido como "careness", eu não tinha nem prestado atenção que era "caresses". <Pausa/> Éh! <Pausa/> Aí eu traduzi como "carinho", então <Pausa/> basicamente <Pausa/> éh! <Pausa/> éh! <Pausa/> seria essa relação afetuosa em <Interrupção/> em termos <Pausa/> da mãe e da <Interrupção/> e de ela <Pausa/> ter essa lembrança da mãe. Com relação a "indistinct remembrance", eu <Pausa/> tinha <Pausa/> colocado, primeiramente <Pausa/> éh! <Interrupção/> tinha transformado em processo <Pausa/> que lembrasse muito claramente <Pausa/> porque <Interrupção/> "more than an indistinct remembrance" <Pausa/> éh! <Pausa/> acho que não é uma colocação <Interrupção/> "mais do que uma lembrança <Interrupção/>" Não é uma colocação, porque <Pausa/> éh! <Pausa/> eu <Interrupção/> eu vejo com muita frequência em português, mesmo em textos literários. <Pausa/> Então, <Pausa/> éh! <Pausa/> é só <Interrupção/> O "indistinct

remembrance" é <Pausa/> com relação à clareza com que ela <Pausa/> éh! <Pausa/> tinha essa lembrança ou não. <Pausa/> Éh! <Pausa/> Então eu acabei optando por utilizar <Pausa/> éh! <Pausa/> a que <Pausa/> tivesse <Pausa/> éh! <Pausa/> uma lembrança muito clara.

</Entrevistado>

<Entrevistador> Ótimo. <Sobreposição/> </Entrevistador>

<Entrevistado> <Sobreposição> Esse é o final. </Sobreposição> </Entrevistado>

<Entrevistador> Isso aí. <Pausa/> Muito obrigada, viu? <Pausa/> Pela sua participação.

</Entrevistador>

<Entrevistado> De nada. </Entrevistado>